



PRÉ-HISTÓRIA do Rio Grande do Sul

**ARQUEOLOGIA
DO
RIO GRANDE DO SUL, BRASIL**

ISSN - 0103-5630

DOCUMENTOS 05

2ª edição

2006

**Instituto Anchietao de Pesquisas - UNISINOS
São Leopoldo, RS, Brasil**

Editor responsável: Pedro Ignácio Schmitz

Diagramação e Arte Final: Fúlvio Vinícius Arnt

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS



50 anos

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| Apresentação da nova edição..... | 07 |
| Prefácio da Primeira Edição: Uma pré-história para o Rio Grande do Sul - Pedro Ignácio Schmitz | 11 |
| 1. O mundo da caça, da pesca e da coleta - Pedro Ignácio Schmitz | 13 |
| 2. Migrantes da Amazônia: a tradição Tupiguarani. Pedro Ignácio Schmitz | 31 |
| 3. Os primitivos engenheiros do Planalto e suas estruturas subterrâneas: a tradição Taquara - Pedro Ignácio Schmitz e Ítala Irene Basile Becker | 65 |
| 4. Os aterros dos campos do Sul: a tradição Vieira - Pedro Ignácio Schmitz, Guilherme Naue e Ítala Irene Basile Becker | 101 |
| 5. O que sobrou dos índios pré-históricos do Rio Grande do Sul - Ítala Irene Basile Becker | 125 |
| 6. Alimentos usados pelo homem pré-histórico – André Luiz Jacobus ... | 149 |

Apresentação da nova edição

Com o esgotamento da tiragem anterior de Pré-história do Rio Grande do Sul, impressa em 1991 como Documentos 5, optou-se por uma nova edição, modificando a apresentação, mas conservando os conteúdos e as ilustrações anteriores.

Quinze anos é um período suficientemente longo para um livro de arqueologia se tornar obsoleto, se houver continuidade e intensidade de pesquisa na área e na temática abordadas.

Por isso, antes de reimprimi-lo, o texto foi lido cuidadosamente pelo editor, que se deu conta de que a informação básica da edição de 1991 não havia sido seriamente ultrapassada, apesar de haver um bom número de pesquisas novas, muitas ainda em execução, ou concluídas mas inéditas, algumas publicadas, outras apresentadas como dissertações de Mestrado ou teses de Doutorado.

Para que o leitor se dê conta e possa recorrer às novas contribuições, publicadas em livros ou revistas de fácil acesso, fazemos o registro das mais importantes.

Sobre o Mundo da Caça, da Pesca e da Coleta existem várias contribuições novas. Pedro Augusto Mentz Ribeiro e Catarina T. Ribeiro (1993) publicaram uma pesquisa feita em abrigo rochoso de Montenegro, no vale do rio Caí, de uma ocupação pré-histórica de mais de 9.000 anos. Adriana Schmidt Dias (2004) estudou os abrigos rochosos do alto vale do rio dos Sinos, onde registrou uma ocupação humana, que se inicia em idade semelhante à do abrigo anterior e continua por vários milênios. Mentz Ribeiro e outros (2002) publicaram a ocorrência de zoólitos no litoral central e meridional do Rio Grande do Sul.

A população Guarani e seus ancestrais tiveram um número ainda maior de contribuições. O médio e alto rio Jacuí foi objeto de várias dessas pesquisas. Pedro Ignácio Schmitz, Jairo Henrique Rogge e Fúlvio Vinícius Arnt (2000) publicaram o levantamento feito na área de construção da barragem Dona Francisca. Pedro Augusto Mentz Ribeiro (1996) repetiu o levantamento em anos posteriores. Por fim Sérgio Klampt (2006) fez um terceiro levantamento da mesma área, com escavações maiores, que usou em sua tese de doutorado, para detalhar melhor o sistema de assentamento. Jairo Henrique Rogge (1996) usou informações do primeiro desses levantamentos, mais informações sobre dois sítios escavados no vale do rio Pardo, para entender a adaptação do Guarani ao ambiente subtropical nos vales dos rios Jacuí e Pardo. Sobre a ocupação do rio Pardo, Pedro Augusto Mentz Ribeiro fez sua tese de doutorado, da qual, em 1993, publicou um resumo. Jairo Henrique Rogge (2005) dedicou sua tese de doutorado ao estudo das

fronteiras entre os grupos ceramistas das tradições Tupiguarani, Taquara e Vieira, no território do Rio Grande do Sul. Finalmente, André L. R. Soares (1997) discutiu a organização social e a arqueologia do Guarani.

Os primitivos engenheiros, responsáveis pelas “casas subterrâneas” do planalto meridional, vêm sendo, novamente, objeto de intensos estudos por várias instituições de pesquisa. Pedro Ignácio Schmitz (2002) editou os relatórios das pesquisas mais recentes. Posteriormente Saul Eduardo Seiguer Milder (2005) organizou uma publicação ampliada desses relatos. Marcus Vinicius Beber (2005) publicou a sua tese sobre o sistema de assentamento dos grupos ceramistas do Planalto Sul-brasileiro. E Jefferson L. Z. Dias (2005), para testar a continuidade entre os ocupantes das casas subterrâneas e os índios Kaingang, comparou os dados conseguidos pelos arqueólogos com as informações etnográficas do século XIX sobre estes índios.

Mesmo os aterros dos campos do Sul, conhecidos como “cerritos”, tiveram uma nova contribuição. Pedro Ignácio Schmitz, Maribel Girelli e André Osorio Rosa (1997), publicaram, finalmente, as pesquisas feitas pelo Instituto Anchieta de Pesquisas em Santa Vitória do Palmar, na década de 1960/70.

Sobre as populações indígenas históricas também houve contribuições interessantes. Luis Fernando Laroque (2000) publicou sua dissertação de Mestrado sobre as lideranças Kaingang do século XIX. Ítala Irene Basile Becker (2002) editou, em português, o texto que antes existia em espanhol, sobre o índio Charrua e Minuano.

No momento em que é lançada esta nova edição da Pré-história do Rio Grande do Sul, em todas as grandes áreas abrangidas pelo livro, continuam as pesquisas. Pedro Ignácio Schmitz (2006) coordena um volume sobre novas pesquisas arqueológicas do Instituto Anchieta de Pesquisas no Litoral Meridional do Brasil, abrangendo pescadores pré-cerâmicos, populações da tradição Taquara/Itararé, da tradição Tupiguarani e da tradição Vieira. Adriana Schmidt Dias e Pedro Ignácio Schmitz, independentemente, continuam pesquisando ocupações antigas do vale do rio Caí. A equipe do Instituto Anchieta vem aprofundando o estudo das “casas subterrâneas” do planalto meridional. Várias dissertações de mestrado retomam o povoamento das populações da tradição Tupiguarani, no Litoral Meridional, no vale do rio Pardo, no vale do rio Uruguai. E continuam os estudos sobre os Kaingang e os Guarani históricos do Estado.

Com isso cresce a perspectiva de que, logo, teremos de escrever uma história realmente nova do povoamento e da história das populações indígenas do Rio Grande do Sul.

As obras citadas

BASILE BECKER, I.I. 2002. *Os índios Charrua e Minuano na Antiga Banda Oriental do Uruguai*. São Leopoldo, Editora UNISINOS.

BEBER, M.V. 2005. O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do Planalto Sul-brasileiro: o caso da Tradição Taquara/Itararé. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 10, p. 5-125. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS.

DIAS, A.S. 2004. Sistema de assentamento de caçadores coletores no alto vale do rio dos Sinos, Rio Grande do Sul. *Revista do CEPA*, vol. 28, n. 39, p. 7-48. Santa Cruz do Sul, Editora da UNISC.

DIAS, J.L.Z. 2005. A tradição Taquara e sua ligação com o índio Kaingang. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 10, p. 126-158. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS.

KLAMPT, S. 2006. Uma contribuição para o sistema de assentamento de um grupo horticultor da tradição cerâmica Tupiguarani. *Gnosis*, série Conhecimento 29. Santa Cruz do Sul, UNISC.

LAROQUE, L.F. da S. 2000. Lideranças Kaingang no Brasil Meridional (1808-1889). *Pesquisas, Antropologia* 56. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS.

MENTZ RIBEIRO, P.A.M. 1993. *Pré-história do vale do Rio Pardo. A história dos primeiros habitantes*. Santa Cruz do Sul, Gráfica Kirst Ltda.

MENTZ RIBEIRO, P.A.M. & RIBEIRO, C.T. 1999. *Escavações arqueológicas no sítio RS-TQ-58, Montenegro, RS, Brasil*. Rio Grande, Editora da FURG.

MENTZ RIBEIRO, P.A.M., PENHA, M.A.P., FREITAS, S.E. & PESTANA, M.B. 2002. *A ocorrência de zoólitos no litoral centro e sul do Rio Grande do Sul*. Rio Grande, Editora da FURG.

MILDER, S.E.S. (org.) 2005. *Casas subterrâneas*. Anais do I Colóquio sobre sítios construídos. Santa Maria, LEPA, UFSM.

ROGGE, J.H. 1996. Adaptação na floresta subtropical: a tradição Tupiguarani no médio Rio Jacuí e no Rio Pardo. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 6, p. 7-156. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS.

ROGGE, J.H. 2005. Fenômenos de fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. *Pesquisas, Antropologia* 62. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/Unisinós.

SCHMITZ, P.I. (ed.) 2002. Casas subterrâneas nas terras altas do Sul do Brasil. *Pesquisas, Antropologia* 58. São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas/Unisinos.

SCHMITZ, P.I. (coord.) 2006. A ocupação pré-histórica do Litoral Meridional do Brasil. *Pesquisas, Antropologia* 63. São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas/UNISINOS.

SCHMITZ, P.I., GIRELLI, M. & ROSA, A.O. 1997. Pesquisas arqueológicas em Santa Vitória do Palmar, RS. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 7. São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas/Unisinos.

SCHMITZ, P.I., ROGGE, J.H. & ARNT, F.V. 2000. Sítios arqueológicos do Médio Jacuí, RS. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 08. São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas/Unisinos.

SOARES, A.L.R. 1997. *Guarani: organização social e arqueologia*. Porto Alegre, coleção Arqueologia n. 4.

São Leopoldo, 22 de abril de 2006.

Pedro Ignácio Schmitz
Editor.

Prefácio da Primeira Edição

UMA PRÉ-HISTÓRIA PARA O RIO GRANDE DO SUL

Há muitos livros sobre a história do Rio Grande do Sul. Eles costumam iniciar seus relatos com a dominação européia do território, mostrando os conflitos ao longo de uma fronteira móvel, a instalação de etnias brancas sucessivas, a organização econômica, política e social dessas populações, que organizaram sua vida e seu estado à imagem do Velho Mundo.

As etnias indígenas, especialmente sua longa história e soluções locais aparecem muito desfocadas.

Vários anos faz que os arqueólogos gaúchos prepararam um livro de pré-história, que uma editora se propôs imprimir, mas não o fez.

Hoje há muitas informações para essa história pré-colonial. De 1965 a 1972 meia-dúzia de arqueólogos prospectou o Rio Grande do Sul de norte a sul e de leste a oeste. De 1972 para esta data a pesquisa foi menos intensa porque diversos desses arqueólogos se voltaram para outros estados brasileiros, onde continuam o trabalho. Quem sintetiza os conhecimentos acumulados não pode esquecer o nome dos pioneiros, chefes de equipe: no Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, Eurico Th. Miller; no Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas de Santa Cruz do Sul, Pedro Augusto Mentz Ribeiro; no Instituto Anchieta de Pesquisas, Pedro Ignácio Schmitz e Ítala Irene Basile Becker; na PUC/RS, o Irmão Guilherme Naue e Arno Alvarez Kern; na UFRGS, José Proenza Brochado. A quase totalidade de suas pesquisas se deteve na prospecção, buscando identificar as culturas, ver a sua adaptação ecológica e sua distribuição espacial e temporal. Escavações de grandes superfícies ficaram como obrigação para a nova geração.

Dos capítulos reunidos neste volume, cinco foram escritos para o livro de Pré-história do Rio Grande do Sul: 2, 3, 4, 5 e 6. O capítulo 2 fala dos migrantes da Amazônia, a tradição Tupiguarani; o capítulo 3, dos primitivos engenheiros do Planalto e suas estruturas subterrâneas, a tradição Taquara; o capítulo 4, dos aterros dos campos do sul, a tradição Vieira; e o capítulo 5, dos índios que sobraram após a conquista européia. Todos estes capítulos tratam das populações que plantavam e produziam cerâmica. 6 é um apêndice que apresenta os principais alimentos usados pelo homem na pré-história. Para substituir os capítulos que tratavam das populações que viviam da caça, da pesca e da coleta, escritos por outros colegas, foi organizado, para fins desta

Pedro Ignácio Schmitz

publicação, o capítulo intitulado O Mundo da Caça, da Pesca e da Coleta, que passou a ser o primeiro.

Procuramos evitar os termos técnicos, oferecendo uma leitura, tanto quanto possível, sem tropeços.

Ainda esperamos oferecer à população do Estado do Rio Grande do Sul e do Brasil um texto adequado.

São Leopoldo, 31 de dezembro de 1990.

Pedro Ignácio Schmitz

O MUNDO DA CAÇA, DA PESCA E DA COLETA

Pedro Ignácio Schmitz*

1. *Os primeiros dez milênios*

O Rio Grande do Sul foi povoado muito antes do que a maior parte das pessoas imagina.

O ambiente seco e frio da última glaciação, com ventos gelados varrendo paisagens de pouca vegetação, foi o cenário dos primeiros humanos que, uns 10.000 anos a.C., acamparam à beira do rio Uruguai e nos abrigos rochosos do vale do Caí.

Este povoamento não é um fato isolado. A América do Sul inteira recebe, neste tempo, o seu povoamento definitivo. São populações que, saindo da Ásia, atravessaram o estreito de Behring, peregrinaram pela América do Norte e Central e, depois de muitas gerações, chegaram aqui.

Se antes desse momento temos humanos em alguns pontos do subcontinente, como no Nordeste do Brasil, ou no Centro-Sul do Chile, as pesquisas deverão confirmar.

Mais de 600 gerações humanas sucederam-se de então para cá, no Estado. Isto é bastante frente às 13 gerações contadas desde a ocupação portuguesa do território, mas é pouco em comparação das 90.000 gerações humanas do Velho Mundo.

Neste primeiro capítulo esboçaremos a história das populações mais antigas, que viviam de caça, pesca e coleta e não conheciam cultivos.

As populações dos dez primeiros milênios tinham pouco domínio sobre a natureza porque suas culturas e sua tecnologia eram, ainda, pouco desenvolvidas. Viviam dentro da natureza e aproveitavam o que ela brindava graciosamente, interferindo muito pouco em seu sistema. Por isso estão muito dependentes da distribuição desses recursos e sujeitos às mudanças que se processaram nos últimos 10.000 a 12.000 anos.

Olhando o ambiente de nossos dias podemos dar-nos conta, mais facilmente, dessas transformações.

Hoje, o clima é temperado úmido. As chuvas estão distribuídas durante todo o ano, com certo predomínio nas estações do outono-inverno, as precipitações são mais abundantes nas porções de terreno de relevo acentuado, onde podem alcançar 2.000 mm anuais, são menos abundantes nas áreas menos acidentadas, onde podem não passar de 1.250 mm. Em

* Instituto Anchieta de Pesquisas, UNISINOS, Bolsista do CNPq.

termos gerais, e sem uma estação realmente seca, esta é ainda muita chuva e permite o desenvolvimento de uma densa vegetação de crescimento ininterrupto.

As temperaturas médias são inferiores a 22° C; as médias mínimas baixam até 10° C, no planalto; a amplitude térmica anual e diária é alta.

A combinação de clima, solo, relevo e história produziram uma distribuição típica da vegetação: campos desenvolvem-se nos terrenos ondulados do sul, oeste e noroeste; florestas mistas com pinheiros ocupam a maior parte dos terrenos altos do norte e nordeste; florestas subtropicais de folhas predominantemente caducas ocupam a borda do planalto e acompanham o rio Uruguai como a maior parte de seus afluentes; ao longo do litoral ainda constatamos uma vegetação típica. (Mapa 1)

Cada um desses ambientes oferece ao homem que vive de caça, pesca e coleta, recursos diferentes, de origem vegetal, animal e mineral. Os locais que reúnem maior quantidade e variedade desses recursos eram mais úteis e aí se encontram mais concentrados e mais duradouros os sítios arqueológicos. Locais de recursos uniformes, mesmo se abundantes, e locais de poucos recursos costumam ter poucos sítios; quando existem, costumam ser passageiros. A longo prazo cada um dos grandes ambientes imprimiu seu caráter às culturas que dentro dele se formaram.

Quando os primeiros povoadores chegaram, o ambiente seria bastante diferente do atual. A temperatura média seria alguns graus mais baixa; a precipitação inferior. Os rios teriam pouca água e a paisagem teria uma fisionomia de forte aridez. A floresta subtropical de folhas predominantemente caducas, dependente de calor, só ocuparia pequenas franjas ao longo do rio Uruguai e na encosta do planalto; a floresta de pinheiros, adaptada ao frio, seria mais compacta e desceria bastante na borda do planalto; vegetações herbáceas e arbustivas, de tipo estepe e savana, dominariam as áreas baixas que seriam bastante maiores porque a plataforma continental estaria exposta em grandes extensões por causa do baixo nível das águas do mar.

Neste ambiente, além dos animais hoje existentes, viviam outros, de estatura e peso muito maiores, que estavam adaptados ao clima frio e às paisagens abertas de ervas altas, como as preguiças terrestres, os tatus imensos, os hipopótamos, os elefantes, os camélidos e também os cavalos, que são originários da América, para citar apenas alguns. (ver capítulo 6)

Ao redor de 9.000 a.C. a glaciação mundial terminava e a temperatura ia-se elevando, mas não na mesma proporção, levando a um longo período ainda mais seco, que deveria produzir uma crise na vegetação, acompanhada da extinção dos animais agigantados.

Nichos conhecidos como importantes para o homem, que já vivia nesse espaço, eram as confluências dos arroios no rio Uruguai, onde se juntaria a savana aberta com a estreita mata ciliar e os animais encontrariam a água que escassearia nos terrenos abertos. Também eram importantes pequenos

abrigos rochosos na borda baixa do planalto, limite entre a savana e a mata da encosta. Nesses dois nichos estão localizados todos os sítios antigos conhecidos no Estado. (Mapa 2)

Ao redor de 6.000 anos a.C. a umidade começou a aumentar junto com a temperatura, chegando ambas a níveis máximos entre 4.000 e 2.000 a.C., quando deveriam ter sido bastante maiores que hoje. Os rios aumentaram consideravelmente seu volume de águas, o mar, que vinha subindo desde o final da glaciação, subiu alguns metros acima do nível atual, a floresta subtropical de folhas predominantemente caducas invadiu os campos e os pinheirais e tendeu a ocupar o espaço de agora.

Nichos favoráveis para o homem seriam os numerosos abrigos rochosos do nordeste do Estado, onde teriam refúgio contra as chuvas e a disponibilidade dos bens nascidos nos campos, na mata e no pinheiral; pequenos vales encaixados na borda do planalto poderiam oferecer condições semelhantes (tradição Umbu). Nas altas matas que se adensam ao longo das margens mesmas do Uruguai, recursos de outra natureza deveriam tornar-se disponíveis porque aí grupos humanos aparecem e se multiplicam (tradição Humaitá). Junto das lagoas litorâneas, onde os moluscos se reproduzem nas águas aquecidas e os peixes marinhos vêm crescer e se multiplicar, cria-se outro nicho muito rico que junta os recursos marinhos, lacustres e florestais da encosta (tradição de coletores e pescadores litorâneos). (Mapa 3)

Durante os dois mil anos seguintes a temperatura e a precipitação teriam um descenso que as deixaria abaixo das médias atuais, mas esta mudança não deveria ser trágica para o mundo animal e humano, embora apareça como um marco de transição para as culturas humanas. Ao menos um novo nicho aparece com a descida da água das lagoas e dos banhados das cabeceiras de certos rios no centro sul do Estado, criando imensas áreas alagadiças, onde animais terrestres, voláteis e aquáticos estariam acessíveis em grande quantidade; também abundante material para construir cabanas para se abrigar do frio e da chuva. Esse novo ambiente vai oferecer ricas alternativas para caçadores da tradição Umbu.

Finalmente, com o começo da era cristã, a temperatura e a precipitação se aproximariam das que conhecemos hoje. Esta última modificação marca a introdução dos cultivos e da cerâmica no Estado, levando a uma vida mais sedentária e a um visível aumento populacional. A nova tecnologia e o novo modo de vida tinham surgido anteriormente em outras áreas do continente (como o México, o Peru e a Amazônia) e são introduzidos no estado de formas diferentes: nas áreas de mato se estabelece um grupo de cultivadores escapados da Amazônia (tradição cerâmica Tupiguarani); nos pinheirais do planalto surge uma população ainda fortemente caçadora e coletora, mas que também planta e inova do ponto de vista do assentamento, construindo casas subterrâneas (tradição cerâmica Taquara); nos campos, as

populações tornam-se mais estáveis e no fim provavelmente usam algumas plantas cultivadas (tradição cerâmica Vieira).

Para a evolução climática pode-se ver Ab'Saber (1977).

2. Caçadores, pescadores e coletores das áreas abertas: a tradição Umbu

A pesquisa sobre os povoadores mais antigos foi realizada por Eurico Th. Miller (1976), no sudoeste do Rio Grande do Sul, na margem do rio Uruguai e seus afluentes, onde encontrou acampamentos datados desde 10.700 a 6.600 a.C. Os mais antigos receberam a denominação arqueológica de fase Ibicuí, os demais, de fase Uruguai.

Schmitz e equipe escavaram, em Ivoti, um pequeno abrigo rochoso, cujas camadas mais antigas são contemporâneas desses achados.

No lugar denominado Batinga, no município de Maratá, Pedro Augusto Mentz Ribeiro (com. pes. 1989), também num abrigo rochoso, encontrou material muito rico da mesma idade.

Para este período só temos, por enquanto, estas informações.

A fase Ibicuí, representada pelos dois acampamentos mais antigos, sobre afluentes do rio Uruguai, no sudoeste do estado, vem acompanhada de animais pleistocênicos extintos; entre os instrumentos abandonados, lascados por percussão, encontram-se raspadores e talhadores, mas ainda nenhuma ponta-de-projétil bem definida. Ela corresponde ao período seco do final da glaciação, em que o rio tem pouca água e corre num leito reduzido; os materiais saem das barrancas por baixo do nível atual das águas e estão acessíveis só em período de seca extraordinária.

A fase Uruguai, para a qual se conhecem mais de duas dezenas de acampamentos sobre o rio Uruguai, certamente é a continuação da fase Ibicuí, separada pelo arqueólogo porque algum instrumento é diferente. Ainda pertence ao período seco posterior à glaciação, mas o rio já tem um pouco mais de água. Os sítios encontram-se geralmente na confluência de arroios e sangas com o Uruguai e na frente de corredeiras, onde os alimentos e os seixos para produzir instrumentos costumam ser abundantes. Os artefatos mais característicos são pontas-de-projétil lascadas em pedra, ao lado de raspadores, facas e percutores. O carvão que serviu para datar numerosos sítios provém das fogueiras que eram acesas no meio do acampamento e que se encontram rodeadas de restos de lascamento e instrumentos abandonados. Não há restos de choupanas: talvez ainda não soubessem construir. Os acampamentos correspondem a grupos reduzidos de pessoas e seriam pouco duradouros. Os grandes animais do período frio deveriam estar em extinção e a caça deveria concentrar-se em animais de tamanho médio e pequeno, semelhantes aos de hoje.

A escavação realizada por Schmitz e equipe, no abrigo de Ivoti, não chegou a produzir resultados diferentes, mas o abrigo de Batinga nos informa

que, ao lado de caça de médio e pequeno porte, o grupo recolhia numerosos caramujos terrestres que constituíam parte de sua alimentação. Estes abrigos são acampamentos temporários típicos de pequenos bandos que caçam na área.

Os poucos sítios estudados até agora deixam bem claro que, entre 10.000 e 6.000 anos, a população é extremamente rarefeita e vive em pequenos grupos familiares que vagam pelo território, acampando à beira de córregos ou em abrigos rochosos da borda do planalto. Ainda não se encontrou nenhum de seus esqueletos, mas só os restos conservados de seus instrumentos e, às vezes, de suas precárias refeições.

Neste tempo outros pequenos bandos, com instrumental semelhante, vagavam pelas áreas de vegetação aberta do sul do Brasil, do Uruguai e da Argentina. Mas nos cerrados do Brasil Central e no Nordeste, bandos um pouco mais densos e com instrumentos também diferentes já deixavam marcas muito mais precisas de sua passagem, em abrigos, grutas e acampamentos a céu aberto, onde são abundantes os restos de comida e esqueletos e as pinturas e gravuras cobrem paredes inteiras.

Na medida em que a umidade e a vegetação arbórea aumentam, encontramos as populações da tradição Umbu mais concentradas nos abrigos rochosos e ao longo dos rios da borda do planalto no Nordeste e Centro do Estado, na proximidade dos campos, dos pinheirais e talvez dentro de uma franja de mata subtropical que deveria estar se expandindo rapidamente.

Os sítios são geralmente maiores e mostram maior tempo de ocupação. Talvez houvesse, ainda, pequenos grupos, vagando em campos abertos durante certas estações, mas os restos destes acampamentos são difíceis de achar.

O instrumento em pedra torna-se mais variado, apresentando ainda furadores, quebradores de frutos, talhadores, lâminas polidas de machado e bolas de boleadeira. A matéria-prima para a produção desses instrumentos provém de seixos do rio, blocos ou afloramentos rochosos e é trabalhada, de acordo com sua natureza, por lascamento, picoteamento ou polimento. Calcedônia, arenito, quartzo e quartzito são trabalhados por percussão; basalto, diorito e outras rochas semelhantes geralmente por picoteamento ou polimento. (Figura 1)

Em osso, sub-produto da caça, preparam furadores, espátulas, anzóis, agulhas e pingentes de dentes perfurados; carapaças de moluscos servem para fazer contas de colar.

Os restos de alimentos, encontrados principalmente nos abrigos rochosos, nos dizem que faziam uma caça generalizada, onde aparecem a anta, o veado, o porco-do-mato, a cutia, o coati, a paca, o bugio, a jaguatirica, o tatu, o ratão do banhado e outros ratos, a preá, cágados e lagartos. Geralmente encontram-se também ossos de peixe. Às vezes cascas de ovo de ema. Em alguns abrigos são abundantes as conchas de caramujos terrestres

ou de água doce. As frutas estão pouco representadas, o que não quer dizer que não seriam muito usadas. Os restos mostram que a alimentação era conseguida com a apropriação de produtos naturalmente disponíveis, sem acréscimo notável resultante da engenhosidade humana. Esta falta de controle da produção obrigava os grupos a manterem-se pequenos, móveis e dispersos pelo território.

Alguns esqueletos foram recuperados de sepultamentos em abrigos rochosos. Ainda não foram estudados do ponto de vista de sua biologia. Os falecidos eram enterrados no chão mesmo dos acampamentos. O ritual de sepultamento era simples: uma vez aberta uma cova, na mesma eram colocadas lajes de arenito à guisa de assoalho, com uma extremidade mais elevada à maneira de travesseiro. Sobre o assoalho e o travesseiro era posta uma camada fina de carvões que recebia o corpo envolto em folhas de árvores e que era coberto com terra ou lajes. O corpo era depositado estendido de costas ou todo dobrado; só raramente os adultos eram acompanhados de algumas contas de colar; as crianças com mais frequência (Miller, 1969).

Nas paredes de alguns abrigos existem gravuras, simples rabiscos irregulares, geralmente preenchidos com pigmentos escuros, para destacá-los do fundo rochoso.

Quando o clima novamente se torna mais frio e a chuva menos intensa, um nicho muito rico, que se vai criando ao longo das lagoas litorâneas e nos grandes banhados das cabeceiras dos rios do Centro e Sul do Estado, vai ser intensamente explorado. Ali a caça, o peixe e as frutas são mais abundantes que em qualquer outra parte ocupada pela tradição Umbu, além de ser abundante o material para construir choupanas, que já neste tempo deveriam levantar para abrigo das chuvas, dos animais e do frio. Os sítios arqueológicos típicos são aterros, ou cerritos, na borda e dentro das áreas alagadiças, multiplicados às centenas desde aproximadamente 500 a.C. Logo essa população vai adotar a cerâmica da tradição Vieira e talvez alguns cultivos. O modo de vida dessas populações é descrito no capítulo que trata da tradição Vieira.

Sítios da tradição Umbu só excepcionalmente são encontrados na mata, que é território da tradição Humaitá, ou no litoral, onde se encontram os sambaquis.

Pesquisas sobre a tradição Umbu foram realizadas principalmente por E.Th. Miller, P.A. Mentz Ribeiro e P.I. Schmitz. Arno A. Kern (1981) e P.I. Schmitz (1984, 1985 e 1987) reuniram essas informações em sínteses mais ou menos desenvolvidas, onde pode ser encontrada a bibliografia e as datas de carbono radioativo.

3. Caçadores, pescadores e coletores das florestas: a tradição Humaitá

Nas matas do Sul do Brasil e partes da Argentina e do Paraguai desenvolveu-se uma cultura diferente. É possível que seus fundadores sejam da mesma população que os caçadores das áreas abertas, mas até agora não se encontrou material para fazer a comparação.

Os acampamentos mais antigos, que recuam até 6.000 anos a.C. estão profundamente enterrados nos barrancos do Alto Uruguai e do Alto Paraná; dessa área, nos milênios seguintes, a floresta e a tradição Humaitá expandiram-se paralelamente; elas são mais recentes quanto mais periférica a esses locais é sua posição.

Os recursos que atraíam esses homens e tornavam sua vida possível, em parte estão na água dos rios, onde pescavam e recolhiam moluscos, em parte na floresta, onde caçavam animais de toda espécie (anta, veado, capivara, porco-do-mato, macaco, gato-do-mato, lontra, ratão do banhado, tatu, lagarto) e recolhiam caramujos terrestres e frutas; a maior parte dos sítios está tão perto de pinheirais que, em alguns dias de caminhada, teriam acesso a eles.

Os acampamentos seriam temporários e reuniriam pequenos grupos que voltariam tanto mais vezes ao mesmo local, quanto mais abundantes ou concentrados estivessem os recursos.

Os instrumentos abandonados nesses acampamentos compõem-se principalmente de grandes enxós, raspadores, talhadores e cunhas lascadas, que seriam usados para abrir clareiras na floresta e trabalhar madeira. Picões, facas, furadores e simples lascas completam os restos. Quase nunca aparecem instrumentos polidos, como poderiam ser lâminas polidas de machados, instrumentos lascados com a mesma forma e a mesma função substituíam os polidos e talvez fossem mais eficientes que aqueles. (Figura 2)

A matéria-prima para fazer esses instrumentos costuma ser o basalto, o diabásio, o riolito ou o arenito silicificado, fáceis de recolher nas corredeiras dos rios sob a forma de seixos, ou nas encostas onde afloravam como grandes blocos. Mais raramente aparece a calcedônia e o quartzo, com que se produziam artefatos pequenos.

Os artefatos costumam ser bem maiores que os da tradição Umbu e bem diferentes, destacando-se especialmente a ausência de pontas de dardos ou flechas em pedra, as quais são os artefatos mais característicos daquela tradição. Provavelmente na tradição Humaitá seriam feitas de madeira.

Num abrigo rochoso estudado na Argentina foram encontrados numerosos anzóis feitos de osso, que dão uma idéia da importância que a pesca teria para o grupo.

Nas paredes de alguns abrigos do vale do Jacuí foram deixadas gravações com a forma de pisadas de animais (de gatos, veados e aves) e símbolos sexuais masculinos e femininos.

Nos acampamentos a céu aberto, que hoje aparecem como manchas de terra escurecidas com carvão, instrumentos e restos de lascamento, ainda não foi possível recuperar ou identificar restos de choupanas, que se supõe as famílias levantavam como proteção contra intempéries e animais.

Como a tradição Umbu se mantinha nas áreas de vegetação aberta, assim a população da tradição Humaitá se restringia à floresta. É possível que em certas áreas da borda do planalto, no centro do Estado, grupos humanos das duas tradições estivessem muito próximos, se encontrassem e talvez se miscigenassem, como sugere a justaposição dos instrumentos das duas tradições nos mesmos acampamentos.

A tradição Humaitá permaneceu em sua área original, vivendo sempre em pequenos bandos dispersos pelo território, até o primeiro milênio d.C., quando sua área é invadida e rapidamente ocupada por migrantes da Amazônia, conhecidos em nossa história como Guaranis. O que aconteceu com a população da tradição Humaitá? Conhecendo o modo de vida dos invasores, cultivadores eficientes de floresta e canibais, podemos supor que o lento extermínio seria o destino das populações nativas. Refugiar-se nos campos não seria fácil porque eles estavam ocupados e a tecnologia que conheciam era inadequada para sua exploração; sair das áreas quentes da beira dos rios para ocupar os planaltos frios dos pinheirais oferecia dois obstáculos: a adaptação climática não seria fácil e a área estava povoada por um grupo bem adaptado, a tradição Taquara.

A tradição Humaitá não é exclusiva do Rio Grande do Sul. Ela se estendia igualmente pelas florestas subtropicais que acompanham o Alto Uruguai e o Alto Paraná, aparecendo com as mesmas características em Santa Catarina, no Paraná, em São Paulo e Misiones argentinas e paraguaias.

Há poucos trabalhos extensivos e nenhum trabalho aprofundado sobre a tradição Humaitá, embora todos os arqueólogos do Estado, em um momento ou outro, tenham lidado com ela. Sínteses abrangentes são encontradas em Kern (1981) e Schmitz (1984 e 1987).

4. Coletores, pescadores e caçadores do litoral: os Sambaquis

Houve muitos sambaquis ao longo do litoral do Rio Grande do Sul, desde São José do Norte até Torres, mas não temos grandes conhecimentos sobre eles porque nunca se realizaram pesquisas e publicações adequadas.

Embora sobre alguns restos, a maior parte foi destruída para fazer cal, para aterrar estradas ou mesmo para buscar restos arqueológicos. Jussara Louzada já desde muitos anos se dedica ao seu estudo, mas ainda não publicou os resultados. Arno A. Kern (1989) publicou uma síntese para o litoral norte.

Como se trata de populações que não viveram só em nosso Estado, pelo contrário, seu modo de vida foi mais expressivo e mais estudado em

outros estados brasileiros (SC, PR, SP, RJ), usaremos este conhecimento geral para apresentar o grupo.

Os sambaquis mais antigos encontram-se entre o Paraná e São Paulo, onde alcançam 4.000 anos a.C. Em direção ao norte e em direção ao sul desse ponto, os sítios tornam-se mais recentes, podendo se esperar que os primeiros sambaquis de Torres tenham surgido uns dois mil anos a.C.

Como esta adaptação litorânea nasceu e quem são os fundadores, ninguém ainda descobriu.

Os sambaquis são acúmulos de conchas, ossos de peixes e outros resíduos de atividade humana, resultantes da ocupação do litoral marítimo por bandos especializados em sua exploração. São os resíduos mais volumosos produzidos por qualquer população pré-histórica brasileira. Podem formar morros de 30 metros de altura, ao longo de lagoas, lagunas, mangues, pântanos ou baías, onde os alimentos eram ricos, mas dificilmente são encontrados ao longo de praias retilíneas, onde o conjunto de alimentos é consideravelmente pobre. (Figura 3)

Os alimentos disponíveis em grande quantidade durante o ano todo são moluscos, crustáceos, peixes do mar que entram nas águas salobras para desovar ou crescer; temos ainda a caça de mamíferos nas áreas vizinhas dos corpos de água e na encosta do planalto ou da Serra do Mar; as numerosas aves marinhas; e os frutos de variadas palmeiras e árvores de restinga e da Floresta Atlântica. O litoral lagunar foi, durante os milênios anteriores à introdução da agricultura, o ambiente que mais recursos e mais estáveis ofereceu ao homem.

Apesar de numerosas pesquisas não está claro se os sambaquis surgiram da mera sobreposição de ocupações em conseqüência do lixo acumulado ao redor das choupanas, ou se houve acúmulo intencional para fugir do ambiente infestado do banhado ou para destacar uma área de sepulturas.

Eles costumam assentar sobre uma pequena elevação que pode ser um cordão litorâneo ou um afloramento rochoso, na proximidade de um corpo de água que brinde alimentos, água potável e um meio desimpedido para locomover-se para outras fontes de recursos.

Escavações mais extensas dão idéia de ao menos algumas estruturas: poucas vezes foi possível destacar pisos que mostrariam o tamanho e a forma das choupanas; as maiores têm 7m de diâmetro; alguma vez são elípticas. Deveriam ter sido construídas com folhas ou ramos, ofereceriam pouco espaço, mas defenderiam contra as intempéries e os mosquitos.

Mais que os fundos das cabanas, aparecem os lugares de preparação dos alimentos que se podem apresentar como um conjunto de pequenos blocos de rocha em meio a manchas de carvão, ou como pequenas fossas preenchidas com pedras ou argila, nas quais se assava o alimento; elas vêm

geralmente cheias de conchas de moluscos, pinças de crustáceos, espinhos de ouriço do mar, ossos de peixes e coquinhos calcinados.

Mais comuns são as sepulturas. Ao longo do litoral havia duas maneiras de sepultar os mortos: completamente dobrados, provavelmente envoltos em esteiras como os fardos mortuários peruanos; ou estendidos, de bruços ou de costas, provavelmente também envoltos. A cova podia ser um simples buraco no meio das conchas, ou dos ossos de peixes; ela podia ter um revestimento de conchas, de areia branca ou de argila. Frequentemente se fazia um revestimento de ossos de baleia e, ao menos num caso, o morto estava num sarcófago de argila endurecida, com desenhos vermelhos na tampa. Frequentemente o morto vinha coberto de ocre. Objetos de uso pessoal são muitas vezes encontrados sobre o esqueleto; podem ser colares de conchas ou dentes, pingentes em osso ou pedra, pontas de flecha em osso, seixos, lâminas de machado ou esculturas em pedra. (Figura 4)

A disposição dos sepultamentos dá pistas para o número, a colocação e o deslocamento das choupanas; algumas vezes as sepulturas formam verdadeiros cemitérios familiares, outras, parecem distribuídas irregularmente na superfície.

Em sambaquis muito grandes, compostos principalmente de conchas, os sepultamentos parecem formar a menor parte dos restos; em sambaquis rasos os sepultamentos são muito evidentes. Não temos uma idéia clara se há sambaquis realmente pequenos, levantados por poucos indivíduos. Os arqueólogos dão uma média de 50 a 100 indivíduos como responsáveis por todos os restos de um sítio médio; para sítios grandes ou muito grandes o total da população, proveniente de numerosas gerações sucessivas, poderia chegar a 600 indivíduos. Isto daria, em qualquer um dos casos, uma ocupação simultânea de poucas famílias no topo e arredores do sambaqui, unidas provavelmente por laços de parentesco biológico ou social, típico dos pequenos bandos de caçadores e coletores.

Olhando para o número de sambaquis, formados no litoral sul e sudeste do Brasil, poderíamos ser tentados a pensar numa grande densidade populacional, muito diferente dos números acima. Mas, considerando que se trata de uma sucessão de ocupações durante 4.500 anos e que os sítios individualmente não costumam passar de 300 anos, os arqueólogos chegaram à conclusão de que eram poucos os sítios habitados simultaneamente.

Os instrumentos que os habitantes do sambaqui necessitavam seriam relativamente simples. Muitos deveriam ter sido em material perecível, dos quais nada se recuperou. Dos que eram pedra sobram lascas de quartzo e diabásio, que serviam para cortar; seixos com marcas de golpes nas extremidades, usados para quebrar ou esmagar; ou nas faces, usados como suportes; blocos planos com superfícies deprimidas, usadas para esmagar, moer ou polir; pesos de rede ou de anzol; lâminas polidas ou semipolidas de machados para cortar e trabalhar madeira, pequenas peças fusiformes bem

acabadas, geralmente interpretadas como adorno; pratos, bastões e pequenas esculturas finamente esculpidas. Sobre blocos de diabásio junto da praia se encontram sulcos ou depressões circulares ou elípticas que parecem lugares de preparação desses instrumentos.

Ossos resultantes da caça e da pesca, proporcionavam matéria-prima para fazer agudas pontas-de-flecha, anzóis, furadores, agulhas ou objetos de adorno. Dentes de animais terrestres e marinhos eram usados para fazer adornos e instrumentos.

Conchas proporcionavam material para colares e os mais resistentes, como as de ostras, podiam ser transformadas em facas ou raspadores.

Entre os artefatos ainda não recuperados certamente estavam redes para a pesca, cestos, esteiras, cordas, trançados, armas e canoas, além das estruturas do acampamento com cabanas, giraus, cercas, estendedores e bancos.

No meio de uma tecnologia tão simples, de artefatos desprezíveis, chama atenção o bem-acabado de sua escultura em pedra. Devemos supor que havia uma arte, igualmente bem acabada, em material perecível, como poderiam ser máscaras, cocares e outros adornos corporais.

O que se preservou são pequenas esculturas em pedra e osso de baleia, que representam diversos animais e apresentam uma cavidade ventral ou lateral que, à primeira vista, sugeriria função de almofariz. As peças datadas, mais antigas, são de 2.000 anos a.C. O maior número delas foi encontrado em Santa Catarina e norte do Rio Grande do Sul, mas elas ocorrem num raio muito maior.

O tamanho varia de 7 a 77 cm e o peso de 40 a 5.000 gramas. Elas representam aves, peixes, cetáceos, quadrúpedes e raros antropomorfos.

A população dos sambaquis formava uma sociedade igualitária, com bandos distanciados entre si, ocupando os ambientes propícios. Precisavam pouca tecnologia para viver.

Mas que também viviam pouco. Alvim e Uchoa (1976) estudaram a idade no momento da morte dos 87 indivíduos exumados no sambaqui de Piaçaguera, SP: 35,63% morreram como crianças, 2,29% como jovens e 62,06% como adultos. A mortalidade infantil se dava, com maior incidência, na faixa de 6 a 12 meses. Nos adultos femininos a morte ocorria mais frequentemente entre 20 e 30 anos; nos adultos masculinos entre 20 e 40 anos.

Dão-nos também uma idéia de sua aparência: estatura baixa, tendendo a estatura média (estatura média dos indivíduos masculinos, 1,61 m; dos femininos entre 1,54 e 1,52 m); esqueletos robustos com as impressões das inserções musculares fortemente marcadas; dimorfismo sexual acentuado. Crânios grandes, face longa, ou média; nariz largo; mandíbula alta e robusta, mesognata. Gozava de bons dentes, com raríssimas cáries, outras afecções dentárias ou perdas de dentes.

Embora haja bastante semelhança no aspecto físico e cultural dos homens do sambaqui de todo o litoral, certamente eram vários grupos que disputavam o espaço. Estavam isolados das populações do interior pela barreira da Serra do Mar, enquanto na região inteira todos se dedicavam à caça, à pesca e à coleta. Esta barreira se tornaria fraca com o advento dos cultivos; estes chegaram primeiro aos habitantes do interior.

Uma grande parte dos sambaquis pré-cerâmicos estão, por isso, cobertos por restos de povos ceramistas. Primeiro, talvez 800 d.C., foram os ceramistas das casas subterrâneas do Planalto (tradição Taquara/Casa de Pedra/Itararé) que invadiram o litoral e aí se fixaram; temos indícios que, em alguns lugares, se misturaram com populações anteriores, mantendo uma boa adaptação litorânea. Depois o Guarani (no Sul) e o Tupi (no Sudeste) colonizaram o mesmo litoral, voltados para as terras cultiváveis e não tanto para os recursos do mar; o que aconteceu então com os sambaquianos, ainda não foi estudado. De qualquer forma, nas áreas dessa invasão, os sambaquianos desapareceram.

Há numerosos trabalhos sobre os sambaquis da costa brasileira e três sínteses: a mais completa é de Prous (1976), as duas outras são de Schmitz (1984 e 1987).

Bibliografia citada

AB'SABER, A.N. 1977 Espaços ocupados pela expansão dos climas secos na América do Sul, por ocasião dos períodos glaciais quaternários. *Paleoclimas* 3, São Paulo.

ALVIM, M.C. & UCHÔA, D.P. 1976. *Contribuições ao estudo das populações dos sambaquis. Os construtores do sambaqui de Piaçaguera*. Instituto de Pré-História, USP, São Paulo. Série Sambaqui de Piaçaguera nº1.

KERN, A.A. 1981. *Le préceramique du Plateau Sud-Brésilien*. Études en Sciences Sociales, Paris.

MILLER, E.Th. 1969. Resultados preliminares das escavações no sítio pré-cerâmico RS-LN-1: Cerrito Dalpiaz (abrigo-sob-rocha). *Iheringia, Antropologia* 1: 43-112. Porto Alegre.

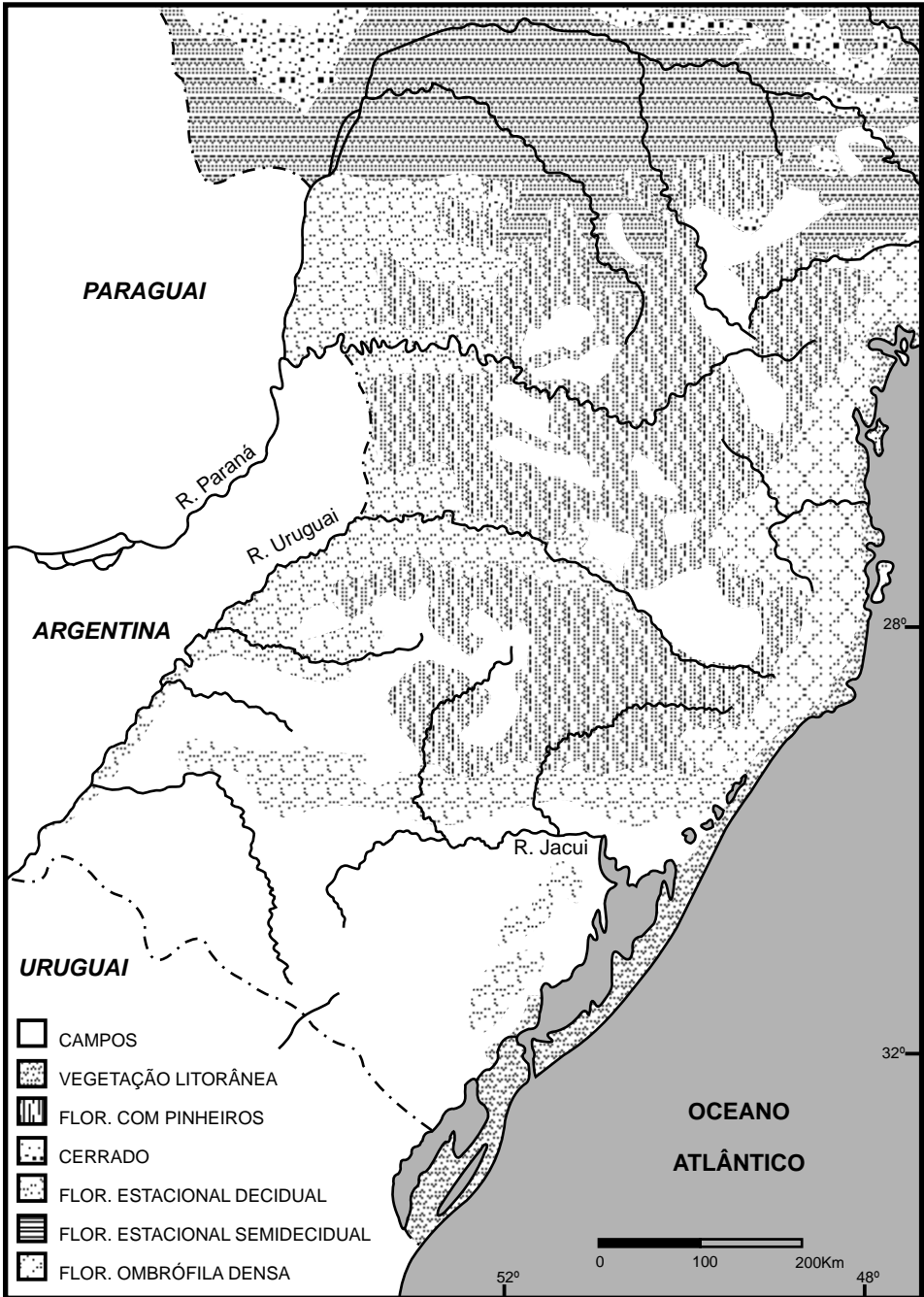
_____. 1987. Pesquisas arqueológicas paleoindígenas no Brasil Ocidental. *Estúdios Atacameños* 8: 37-61. Antofagasta.

PROUS, A. 1976. Les sculptures zoomorphes du Sud Brésilien et de l'Uruguay. *Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud* 5, Paris.

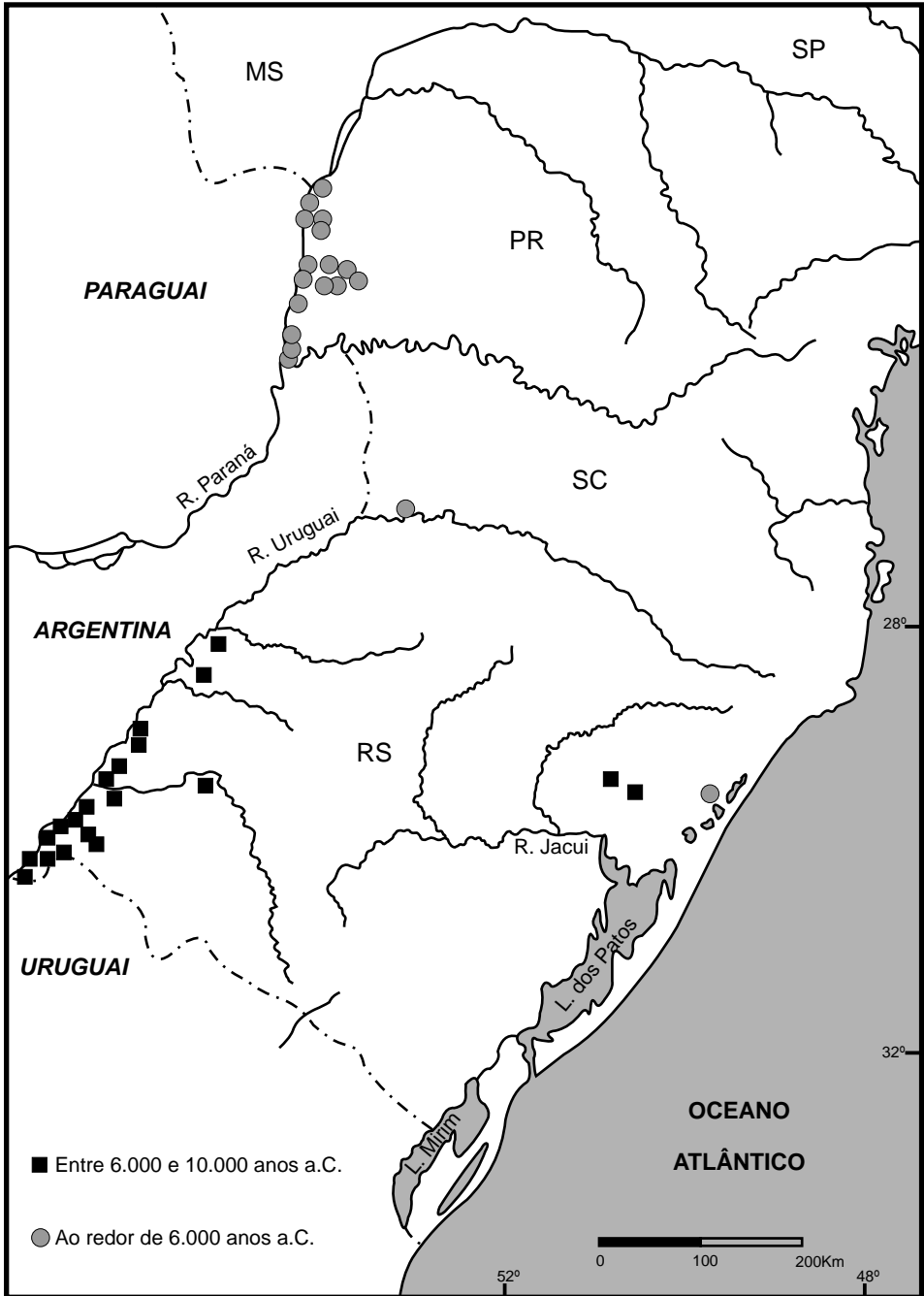
SCHMITZ, P.I. 1984. *Caçadores e coletores da Pré-História do Brasil*. Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, São Leopoldo.

_____. 1985. Estratégias usadas no estudo dos caçadores do Sul do Brasil. Alguns comentários. *Pesquisas, Antropologia* 40: 75-97, São Leopoldo

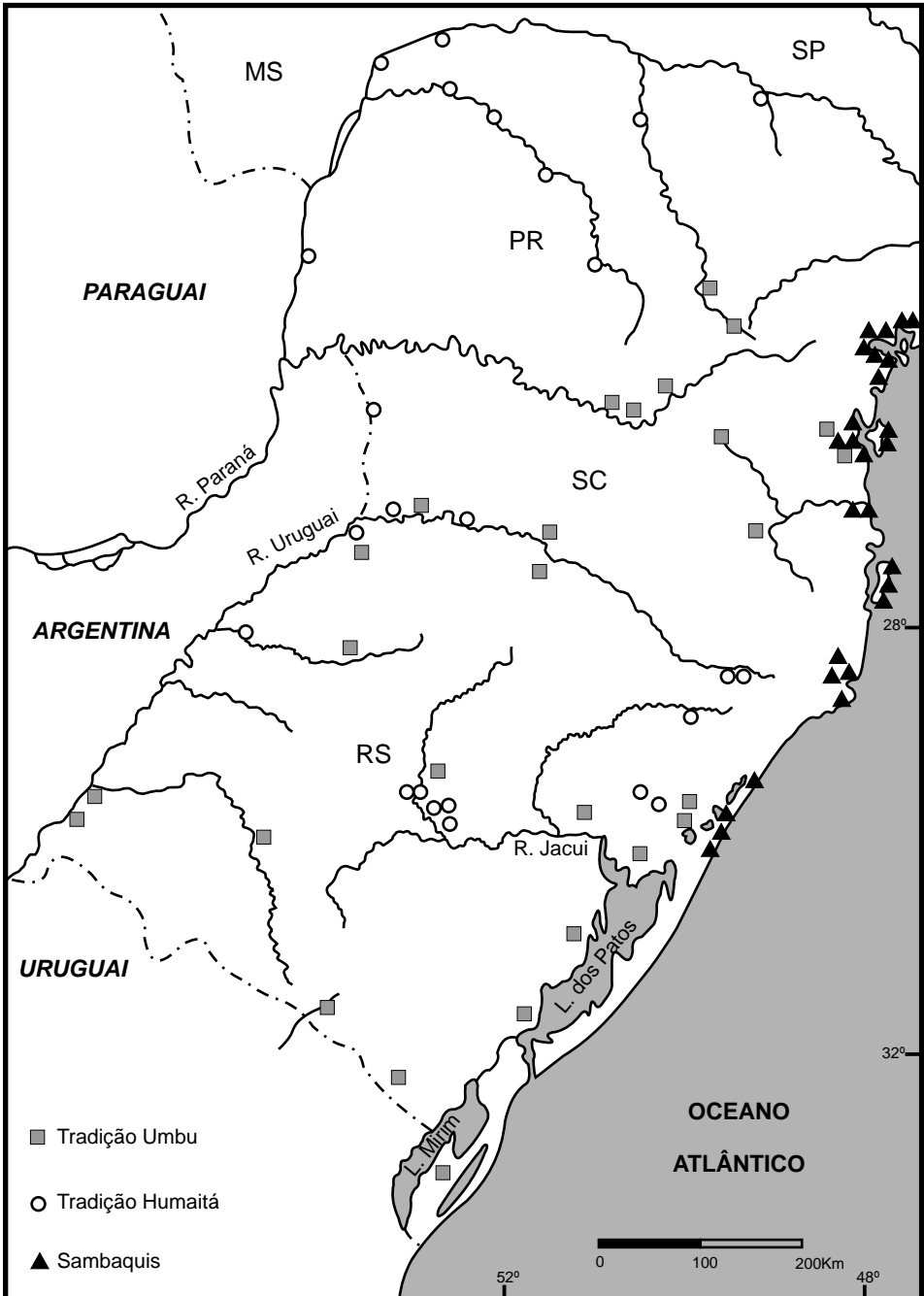
_____. 1987. Prehistoric hunters and gatherers of Brazil. *Journal of World Prehistory* 1(1): 53-126. New York and London.



Mapa 1: Domínios fitogeográficos do Sul do Brasil



Mapa 2: Sítios mais antigos do Sul do Brasil.



Mapa 3: Áreas arqueológicas do Sul do Brasil datadas entre 4.000 anos a.C. e 500 anos d.C.: tradições Umu, Humaitá e sambaquis.

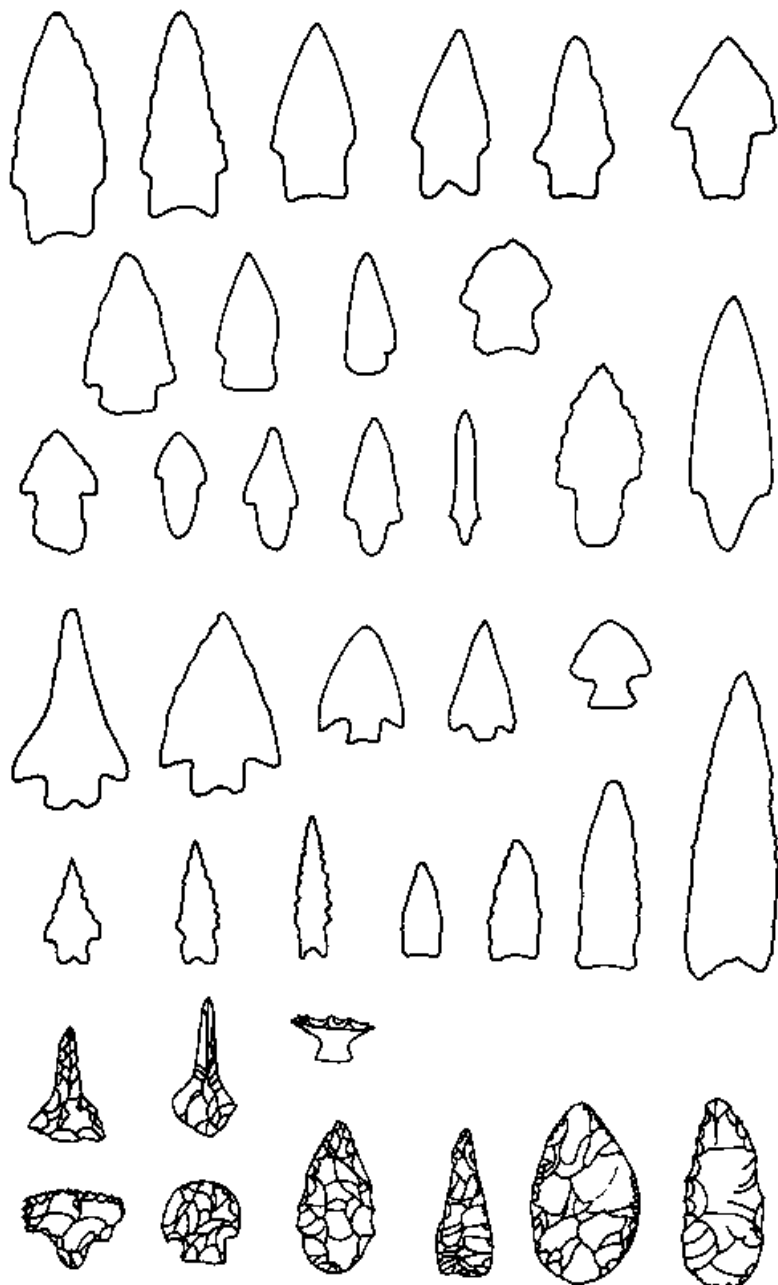


Figura 1: Formas comuns de pontas de projétil, furadores, pequenos raspadores pedunculados e pequenas folhas bifaciais da tradição Umbu, segundo vários autores.

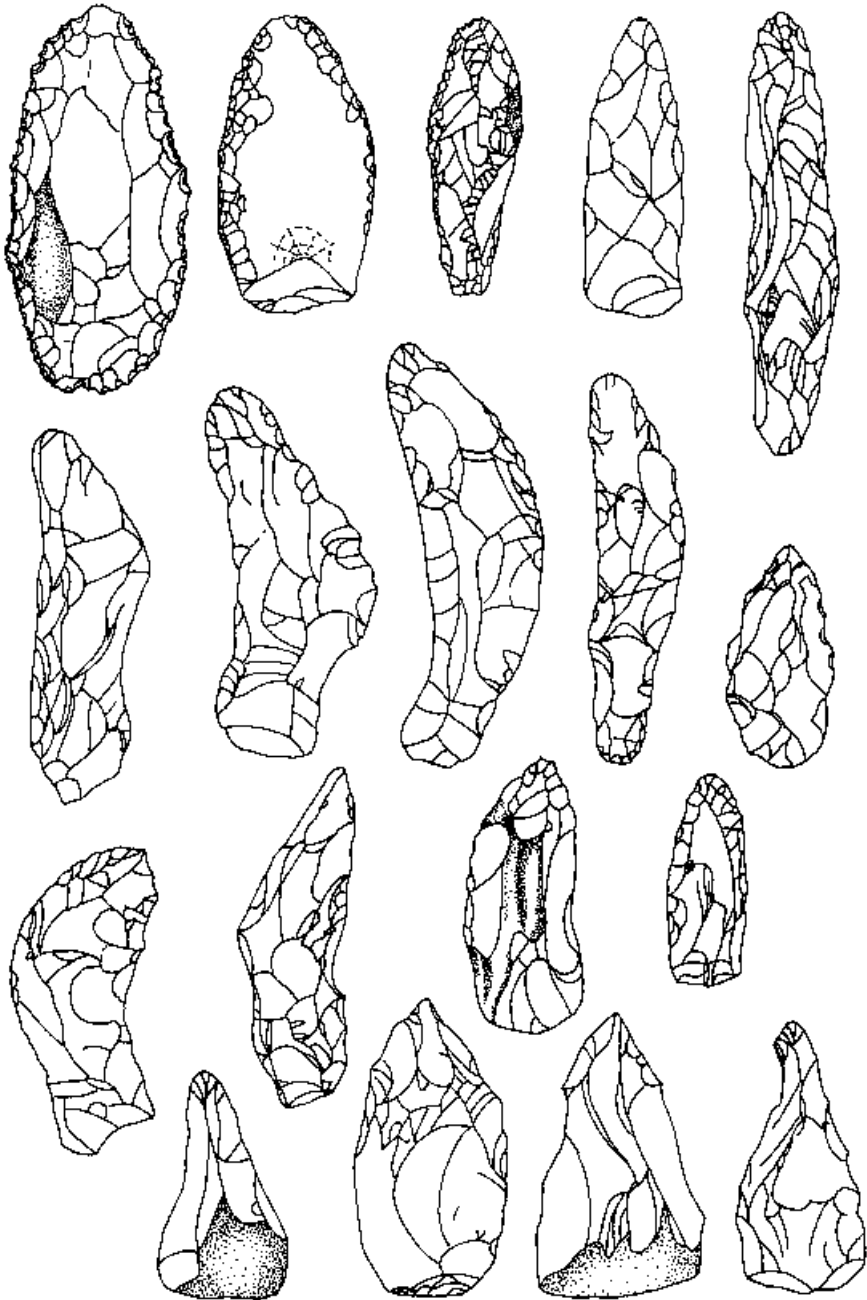


Figura 2: Formas comuns de artefatos líticos da tradição Humaitá, segundo vários autores.



Figura 3: Sambaqui da Carniça, um dos grandes sambaquis da região de Laguna, SC.

MIGRANTES DA AMAZÔNIA:

A Tradição Tupiguarani

Pedro Ignácio Schmitz*

1. *As aldeias na mata*

A arqueologia dos Guaranis é mais fácil de escrever que a de qualquer outro grupo pré-histórico do Rio Grande do Sul, porque conhecemos a sua economia, os seus costumes, a sua história colonial e o território que ocupavam. Se alguém pode levantar dúvidas sobre a conexão dos outros indígenas históricos com relação aos seus predecessores, como os Guaianás (Kaingang) com a tradição Taquara, os Minuanos com a tradição Vieira, esta dúvida não cabe absolutamente quando ligamos os Guaranis históricos com a tradição cerâmica chamada Tupiguarani. Há uma ligação inegável entre os Guaranis históricos e os reconstituídos através da arqueologia. Os pontos onde a conexão se torna incontrovertível são as reduções do primeiro período missionário espanhol (1626-1636), três das quais foram estudadas: Jesus Maria no município de Candelária, São Miguel no município de São Pedro do Sul e Candelária do Caazapámini no Município de São Luiz Gonzaga.

Quando os colonizadores deram nomes locais diferentes, como guaranis, tapes, carijós, arachãs, etc. aos grupos que falavam guarani apenas identificavam locais diferentes onde os índios viviam, como nós quando falamos do homem da Campanha, da Serra ou do Litoral.

No grupo guarani não é fácil, nem interessante separar os dados históricos dos arqueológicos, devido à sua íntima conexão, mas será preciso manejá-los simultaneamente, buscando uma antropologia e uma história dos agricultores do mato em todas as etapas da sua evolução. De certa forma todas são hoje arqueológicas. Isto é tanto mais necessário quanto a maior parte dos trabalhos arqueológicos estava endereçada menos aos aspectos da reconstituição da cultura que à história dessas populações. A reconstituição da cultura deverá ser necessariamente o trabalho de uma segunda etapa, na qual dados sobre o abastecimento, a estrutura da casa e da aldeia, a territorialidade, os rituais de sepultamento, a tecnologia e muitos outros terão de ser rigorosamente observados e elaborados.

* Instituto Anchieta de Pesquisas, UNISINOS, Bolsista do CNPq.

Ao redor de 200.000 pessoas falariam guarani no Rio Grande do Sul ao tempo da colonização européia. Estavam distribuídas por todas as áreas de mata subtropical, que se estende ao longo do rio Uruguai e seus afluentes, ao longo do rio Jacuí e seus tributários, ao longo da costa marítima e suas lagoas.

Pelo norte faziam fronteira com grupos genericamente denominados Guaianás, ocupantes das matas com pinheiros, acima dos 300m de altitude, e pelo sul tinham como vizinhos Charruas e minuanos, ocupantes dos campos.

A maior parte das informações sobre seu modo de vida provem do missionário Antonio Ruiz de Montoya, S.J. e não se referem especificamente ao Rio Grande do Sul, mas ao grupo em geral (Montoya, 1876, 1892).

Sua economia e sua cultura se encaixavam perfeitamente no que os antropólogos estão acostumados a denominar “horticultores de floresta tropical”, como existe ainda hoje na Amazônia.

Baseavam sua economia em pequenas roças ou hortas, abertas nas matas através de “queimadas”. Não tinham animais domésticos, o que os obrigava a conseguir as proteínas através da caça, da pesca e da coleta.

Viviam concentrados em aldeias de casas coletivas, construídas com troncos e palha, numa clareira da mata. Eram consideradas aldeias pequenas as que tivessem de 200 a 300 habitantes, mas não sabemos qual seria o critério para considerar uma aldeia “grande”; certamente não mais que mil. Estes povoados com 3, 4 ou 6 casas, distariam 2, 3 ou 4 léguas uns dos outros, estando os maiores ao longo dos cursos de água e os menores nas encostas mais afastadas ou nas “serras”. As aldeias estavam ligadas por caminhos largos que iam do interior ao litoral.

A população tinha os seus líderes locais, convencionalmente chamados “caciques”. A maior parte dirigia um pequeno grupo de famílias, geralmente aparentadas, que se concentravam dentro de uma casa, mas alguns exerciam influências mais amplas e conseguiam adesão de líderes espalhados sobre um território muito amplo. Os caciques eram representantes de uma “nobreza” tradicional, com tendência a manter a posição na mesma família e se casavam com mulheres pertencentes à mesma nobreza. Não precisariam trabalhar porque os seguidores os sustentavam. Tinham grande número de mulheres e muitos filhos, além de criadas. O cacique se dirigia aos seus liderados nos momentos em que exigia decisões coletivas, numa retórica desenvolvida e com voz bem forte. Esta era uma característica de todas as lideranças do grupo, não só dos caciques. A política local, na falta de uma estrutura estatal, deveria ser instável, exigindo intensa atividade e controle por parte dos numerosos líderes. A situação ficou ainda mais crítica ao tempo da Colonização, quando brancos com interesses divergentes pleiteavam favores e os índios se dividiam, uns a favor, outros contra, o novo modo de vida trazido pelo espanhol e pelo português.

Os caciques podiam ser ao mesmo tempo líderes políticos, filosóficos, religiosos e curadores, mas geralmente estas últimas funções eram

desempenhadas por indivíduos diferentes, os pajés. Estes, no papel de guias religiosos e intelectuais de seu povo, eram inimigos do missionário, que, nas reduções, viria a ocupar o seu lugar. Eram temidos enquanto vivos e, alguns, venerados depois da morte. Eram os senhores das danças religiosas, nas quais eram auxiliados por seus discípulos, chamados “dançadores” (hierokyharas). A dança era o lugar onde tomavam corpo as mais importantes funções rituais, onde os homens se diziam e faziam divinos, onde se cantavam as palavras inspiradas, se proferiam ameaças cataclísmicas, especialmente quando chegaram as invasões coloniais que pretendiam destruir a identidade guarani.

Provavelmente os pajés orientavam os indivíduos nas suas doenças e males, buscando soluções no canto das aves, chupando os locais doloridos ou extraíndo deles objetos simbolizadores do mal. Provavelmente também estavam ligados à perpetuação e reinterpretação dos mitos, nos quais se veiculavam as verdades fundamentais do seu modo de ser e de viver. Entre estes se coloca a narração de uma grande enchente, que lembrava aos missionários a história do dilúvio bíblico. Falava-se numa terra sem males, para onde em determinadas circunstâncias poderiam ser transportados sem morrer e onde seriam felizes indefinidamente. Também lembravam civilizadores antigos, que os missionários interpretavam como sendo São Tomé. Na religião se falava num grande Deus ao qual, entretanto, não prestavam um culto semelhante aos cultos cristãos.

Sobre as verdadeiras crenças praticamente nada sabemos por que dificilmente as transmitiriam aos colonizadores e elas absolutamente não interessavam ao missionário vindo expressamente para as substituir, implantando uma nova religião. Por isso suas bebedeiras rituais, para celebração dos antepassados, escandalizaram os missionários, que as aboliram, introduzindo em substituição a infusão de folhas de erva mate, aspirada antes para levar os pajés ao transe.

Entre as credences ligadas à provocação da morte, que para eles, não era um fenômeno natural, mas sobrenatural, estava o coaxar dos sapos e a magia dos “enterradores”, indivíduos que escondiam objetos no chão das casas com a intenção de prejudicar os seus moradores.

A família era poliginica e o número de mulheres era o indicador do status de um homem. Os casamentos dificilmente duravam por toda a vida e as mulheres podiam ser trocadas de acordo com novos interesses ou circunstâncias mudadas. Os casamentos preferenciais eram com as sobrinhas, filhas das irmãs. O sistema de parentesco regulava as relações entre as famílias e os indivíduos, sendo a posição do homem dominante sobre a mulher, que era subalterna e de pouco destaque.

Dentro da família reinava grande solidariedade e responsabilidade. Assim pode ser interpretado o costume de o homem, depois do nascimento do filho, manter resguardo por duas semanas para o bem da criança e como sinal

externo de aceitação da paternidade. A mulher, pela morte do marido, se infligia grandes penas, chegando a ficar aleijada por se jogar da altura ou furar a carne do próprio corpo com hastes pontiagudas.

A economia se baseava nos cultivos de milho, aipim, abóbora, batata doce, amendoim, feijão, cará, fumo, algodão e outras plantas tropicais, sob os cuidados das mulheres; e na caça e pesca, sob a responsabilidade dos homens. A coleta podia brindar frutos, fungos, raízes, folhas e uma quantidade apreciável de moluscos fluviais. A mata oferecia materiais para construção, cestaria, tecelagem, plumária, armas, móveis e canoas. Barro era muito importante para a confecção de numerosos vasilhames, e pedras eram necessárias para preparação de instrumentos e armas.

Uma forma de dar vazão ao número crescente de indivíduos e à exaustão do solo era a busca de novos rios cobertos de matas, uma “terra sem males”, onde a vida poderia ser reproduzida sem grandes preocupações.

Todas as terras colonizadas mantinham entre si uma ligação estreita através dos casamentos, do parentesco, de troca de produtos, de festas, viagens e de uma espécie de cantores e discursadores, que percorriam livremente todas as comunidades, mesmo em tempos de conflito. Aos viajantes que retornavam ao lar e aos hóspedes que os visitassem recebiam-nos com prantos rituais. “Entretanto o hóspede em casa, tomava assento e junto dele o que o recebia. Apresentavam-se logo as mulheres e, rodeando o hóspede, sem terem dito qualquer palavra, levantavam um grande alarido e contavam nesse choro, os parentes do que veio, as mortes ocorridas, as façanhas e feitos de bravura..., bem como a sorte boa ou má que lhes ocorreu. Os homens cobriam o rosto com a mão, ostentavam tristeza ou choravam em coro com as mulheres. Com palavras ditas em voz baixa iam aplaudindo as endeixas ou canções lastimosas, que as mulheres em pranto recitavam. Quanto mais importante era a pessoa, maior o choro...” (Montoya, 1982).

Apesar de perdidos no meio da mata, estes aldeões não estavam livres do conflito e da guerra. Esta era constante com os vizinhos do norte, com os quais contendiam pelo mesmo espaço, e provavelmente freqüente com os vizinhos do sul, também interessados na borda do mato. Porém mais freqüentemente era interna, um cacique ou grupo contra outro, por razões as mais variadas, devido à falta de uma estrutura política superior, capaz de mediar as pretensões e exacerbações individuais. Os ataques eram feitos de preferência ao clarear do dia, quando os adversários estavam desatentos ou dormiam.

“Ao amanhecer se ouviu em todo o povoado grande ruído e estrondo, preparação de guerra, tambores, flautas e outros instrumentos, sendo que na praça do povo se juntaram 300 guerreiros com as armas compostas de escudos, espadas, arcos e flechas em quantidade, bem como vistosos, pelo fato de todas estarem bastante pintadas de cores e adornadas de plumaria vária. Em suas cabeças portavam eles coroas de plumas muito aparatasas.

Mas, mais que todos, esmerava-se o cacique, o qual envergava um rico vestido, todo feito de plumas de colorido variegado, entretecidas com artifício muito lindo. Tinha ele na cabeça uma coroa de plumas e achava-se armado com uma espada e rodela e escudo. Iam em ambos os seus lados dois mocetões, cada um com um arco e um grande feixe de flechas para o próprio cacique. Este, capitaneando a todo esta gente, encaminhou-se para o embarque. Em seguida saíram todos do porto com muita galhardia, somido de tambores e flautas.” (Montoya, 1982).

Os prisioneiros ou quaisquer outros adversários não eram incorporados como escravos, mas devorados em rituais muito elaborados.

Os mortos do próprio grupo costumavam ser enterrados num cemitério próximo à aldeia. A tradição mais comum era colocar o cadáver, ou os ossos descarnados, num grande vasilhame de barro, coberto por um outro menor. Segundo os guaranis, a alma acompanhava o corpo, mas separada, podendo ficar no espaço deixado entre o cadáver e a tampa.

A língua guarani era falada no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Paraná, no Mato Grosso do Sul, no Paraguai e na Argentina por uma população que, ao tempo da conquista, devia alcançar entre 600.000 e 800.000 indivíduos, talvez até mais. Era muito semelhante ao Tupi falado do Paraná para o norte por um povo de cultura também semelhante. Mas ao mesmo grupo lingüístico pertenciam ainda outras línguas espalhadas pela Amazônia. O grupo lingüístico Tupi-Guarani era, ao tempo da Conquista, uma das populações mais numerosas e importantes do leste do Brasil.

2. Da Amazônia ao Prata

Usando índices de variação temporal das línguas dentro de um tronco lingüístico (método conhecido como glotocronologia) e baseado no pressuposto de que o lugar de origem do tronco é aquele em que coexiste o maior número de famílias lingüísticas aparentadas, Migliazza (1982) estabeleceu o local de origem do tronco Tupi (ao qual pertencem os Guaranis) entre os rios Jiparaná e Aripuanã, tributários da margem direita do rio Madeira. Estima-se que este tronco possa ter tido sua origem ao redor de 5.000 anos atrás. (Ver mapa 1)

O ambiente, na borda meridional da Amazônia, onde se estipula o seu começo, seria de florestas entrecortadas de cerrado, que ofereciam bons recursos para a caça e a coleta. Nem cultivos, nem cerâmica pertenceriam então ao seu patrimônio cultural.

Durante os 2.000 anos seguintes, durante os quais a população cresceu e se expandiu até o Alto Madeira, no oeste, até o Guaporé, no Sul, até o Alto Xingu, no leste, a proto-língua Tupi se teria diversificado, dando origem a todas as famílias do tronco Tupi hoje conhecidas. Nesse tempo devem ter chegado até eles os primeiros cultivos e provavelmente os conhecimentos da fabricação de cerâmica. Os grupos que diversificaram a sua língua nos

primeiros 2.000 anos estão localizados mais perto do ponto de origem, como se pode ver no mapa, no mesmo ambiente de matas e cerrados em que encontramos a proto-língua inicial, mas talvez em locais mais adequados para os seus primeiros cultivos. Ao redor do tempo de Cristo começariam migrações maiores, principalmente dos ascendentes da família conhecida como Tupi-Guarani, buscando outras matas, onde o seu sistema de colonização pudesse expandir. Nesse tempo deve ter-se fixado o primeiro grupo Tupi-Guarani nas florestas subtropicais, que estão ao longo do Alto Paraná e do Alto Uruguai, em áreas que podem corresponder ao sul do Brasil, ao Paraguai e ao nordeste da Argentina.¹

Esta mata deveria ser similar à que deixavam na borda da Amazônia, mas maior e mais rica, e se não estava desocupada, porque nela se encontravam instalados os coletores e caçadores da tradição Humaitá, era-o tão frouxamente e por populações tecnologicamente tão inferiores, que não seria difícil aos novos chegados irem tomando conta.

O Tupi-Guarani já era nesse tempo um pequeno agricultor eficiente na exploração da floresta e um grande ceramista. A sua saída da borda da Amazônia poderia ser devida ao mero crescimento demográfico na área de origem, onde passariam a faltar terras cultiváveis, levando à criação de novas colônias em matas mais afastadas. Mas poderia ser impulsionada por uma seca, prolongada durante décadas, talvez até séculos, que tornaria as condições ali existentes difíceis para uma população em crescimento baseado na agricultura de coivara. Esta seca é bastante conhecida e está datada por C¹⁴.

Passados alguns séculos de sua instalação nas matas do Sul, nos damos conta de duas populações: uma do Parapanema para o norte e ao longo da costa leste brasileira, que fala Tupi; a outra, no Paraguai, nos três estados meridionais do Brasil e em partes do nordeste argentino, falando Guarani.

A diferença entre as duas populações não é só lingüística, mas tecnológica e ecológica. Os Tupis, em terras mais quentes, vão cultivar predominantemente a mandioca amarga e adaptar seus artefatos cerâmicos para a produção de beiju e farinha. Os Guaranis, em terras geralmente mais frias, vão cultivar o milho, o aipim, o feijão, a batata doce, as abóboras, para cujo preparo necessitam outras formas de artefatos cerâmicos, que vão distingui-los de seus irmãos de mais ao norte.

¹ O modelo alternativo mais importante encontra-se em Lathrap (1970), seguido por Brochado (1984), no qual o centro de dispersão estaria no médio curso do Amazonas, subindo os futuros Guaranis o rio Madeira, e descendo os futuros Tupinambás o Amazonas e deslocando-se pelo Nordeste até atingir o litoral do Sudeste.

Os arqueólogos, baseados nas diferenças existentes nos recipientes cerâmicos em termos de decoração, forma e fabricação, denominaram o ramo Tupi de subtradição Pintada, e o ramo Guarani de subtradição Corrugada. No primeiro, a quase totalidade dos recipientes são pintados, ao passo que no segundo a impressão da polpa do dedo (corrugado), da borda da unha, ou de objetos pontudos constituem a decoração mais comum das vasilhas. As próprias formas dos vasilhames se diversificam, mantendo, porém, certas características estruturais e decorativas, que reclamam a unidade original. A tradição cultural que reúne os dois ramos de agricultores é denominada pelos arqueólogos de tradição tecnológica Tupiguarani para separá-la das tradições tecnológicas de outros agricultores da mesma área, como a Aratu na Bahia e em Goiás, a Sapucaí em Minas Gerais, a Taquara no planalto do Rio Grande do Sul, que apresentam outras características econômicas, tecnológicas e culturais.

3. A ocupação das matas do Rio Grande do Sul

As primeiras aldeias da tradição Tupiguarani no Rio Grande do Sul estão ao longo da grande inflexão do rio Uruguai, no noroeste do estado. Estima-se que as mais antigas remontam ao tempo do Nascimento de Jesus Cristo ou um pouco depois. São poucas, espalhadas e afastadas do rio, abrigando uma população ainda muito reduzida.

Os seus recipientes cerâmicos são fundos e conformados como os da subtradição Corrugada, mas são pintados como os da subtradição Pintada. As decorações corrugadas ainda estão praticamente ausentes, começando a desenvolver-se apenas alguns séculos mais tarde. Ao redor de 700 a 800 d.C. realmente a subtradição Corrugada está plenamente desenvolvida no Alto Uruguai e no Médio Jacuí e mostra um grande vigor colonizatório.

Além do povoamento no noroeste do estado já temos neste período antigo uma aldeia no vale alto do Jacuí, mostrando que desde cedo esses horticultores saíram em busca de outras matas para cultivar.

Na medida em que a subtradição se consolida, há uma grande expansão colonizadora, em decorrência de considerável aumento demográfico. Entre os séculos IX e X começamos a perceber núcleos em todos os vales cobertos de matas e ao longo das lagoas do litoral.

As novas colônias, estabelecidas geralmente nas várzeas do curso médio, sobem os rios até o ponto em que o vale desaparece no meio dos penhascos da "serra". As terras ocupadas com mais intensidade são as aluviais ao longo das corredeiras, mas depois se encontram pequenas aldeias até nas encostas íngremes até 300 ou 400m de altitude.

Ao tempo da colonização européia, no século XVI e XVII, todas as áreas de mata subtropical ao longo da costa, na borda do planalto, na serra do Sudeste e ao longo dos rios, estava ocupada pelos agricultores guaranis. Já

não havia possibilidade de novas expansões e a população deveria se defrontar com um sério impasse, provavelmente não consciente, mas registrado pelos missionários espanhóis, que escreveram não existir nas matas um só lugar de terra suficientemente conservado para organizar uma missão. A crise não se tornou mais aguda porque todo o sistema foi modificado através da incorporação do índio nas economias e nas culturas de Espanha ou de Portugal.

4. As aldeias

O Guarani era um agricultor da mata subtropical, como depois seria o imigrante alemão.

Esta mata se havia desenvolvido desde uns 5.000 a 6.000 anos antes, quando a região, após um período frio e seco, estivera sujeita a temperaturas mais elevadas e a maior quantidade de chuvas do que hoje e do que ao tempo do estabelecimento dos Guaranis.

A mata se desenvolveu somente em determinadas condições e cobria uma parte reduzida do território. (Ver mapa 2) De modo geral era a encosta baixa, quente e úmida do planalto, seguindo o curso médio dos rios nele encaixados, especialmente o Jacuí e o Uruguai. Também cobria uma parte da serra do Sudeste. As áreas aplanadas baixas, incluindo o curso inferior desses rios, não eram favoráveis a seu desenvolvimento, por estarem cobertas de campos, como não o era o planalto e a sua alta encosta, a terra dos pinheirais, da mata mista e de campos elevados.

A mata se mantinha num clima úmido, temperado, sem estação seca e com verão quente, com temperaturas medias anuais de 18° a 22° C, com grande amplitude térmica durante o ano, havendo no inverno 3 a 10 dias de geada e no verão temperaturas extremas que podiam alcançar 40° C. As precipitações, mais abundantes no inverno, atingem de 1.250 a 2.000mm anuais.

As aldeias eram levantadas em clareiras abertas nesta mata. Ao redor se faziam as roças para os necessários cultivos. No começo deveriam estar em meio a uma mata virgem, mas aos poucos as capoeiras se tornariam cada vez maiores e mais incômodas.

O aldeamento era concentrado, reunindo a população de toda uma área.

Mas estas aldeias não permaneciam no mesmo lugar por muito tempo, tanto pelo material com que eram construídas, como pelo tipo de economia. As camadas arqueológicas encontradas nos locais das antigas moradias raramente chegam a 30 ou 40 cm de espessura.

No primeiro tempo da colonização as aldeias estavam, de preferência, longe dos rios, no limite da mata com o campo, ou em locais onde a mata e o campo estavam entremeados. A população no tempo deveria ser pequena, e

as aldeias muito distantes umas das outras. As terras provavelmente não eram as melhores, mas adequadas e o lugar abundava em caça, era de difícil locomoção e estava afastado dos caçadores e coletores da margem do rio.

Mas logo, na primeira grande expansão, correspondente ao clímax da cultura, as aldeias se transferiram para as várzeas, onde as terras são mais férteis e mais profundas, havia bastante caça, pesca e moluscos comestíveis, podendo a locomoção ser feita por água. A população já era suficiente para competir com os índios caçadores e coletores, que podiam ser enxotados, destruídos ou incorporados. As aldeias, com isso, se tornariam maiores e mais duradouras.

Depois de preenchidos os espaços das terras aluviais ao longo de todos os rios e das lagoas, começa o povoamento de áreas cada vez menos adequadas, nas encostas ou lombas, longe dos rios, com solos pobres provenientes da decomposição do arenito Botucatu e do granito. Aí não há peixe, nem moluscos, e a comunicação é mais difícil. As aldeias só podem ser pequenas, pobres e pouco duradouras.

Uma povoação era composta de varias choupanas, aproximadamente iguais no material, no tamanho e na organização, dispostas com certa regularidade ao redor de um espaço aberto, distando algumas dezenas de metros umas das outras. Assim cada uma das moradias concedia acesso direto à "praça" central, às roças e ao mato. A disposição igualitária ao redor da praça exprime a igualdade das casas e a falta de hierarquia econômica, social e política.

Na aldeia escavada pelo Museu do Colégio Mauá, perto da cidade de Candelária (Schmitz e outros, 1990) há pelo menos três casas: na casa menor existe só uma área de cozinha; nas duas grandes existem duas áreas de cozinha; cada uma das áreas de cozinha deveria reunir diversas famílias aparentadas. Estima-se que a casa pequena teria entre 10 e 12 moradores; as duas maiores, poderiam ter, cada uma, de 20 a 24.

Nos momentos de pleno desenvolvimento, quando as aldeias são grandes, as casas têm forma elipsoidal e tem espaço para abrigar numerosas famílias cada uma. Nos momentos de estrangulamento, quando as aldeias reduzem o seu tamanho, as casas também são menores, assumindo forma subcircular, e não têm espaço para abrigar mais que uma ou duas famílias.

Não havendo animais domésticos, nem carros, nem grandes colheitas, só há necessidade mesmo das habitações, dentro das quais se desenvolveriam as atividades, se preparariam e guardariam os instrumentos e se depositariam as colheitas eventuais.

Aparentemente não havia nem um lugar único para depositar o lixo, aparecendo dentro da habitação não só os restos de alimentos, mas também os recipientes quebrados e os instrumentos em desuso. Em algumas aldeias se nota que os instrumentos de pedra eram confeccionados a certa distância das

moradias, evitando assim que as lascas resultantes cortassem os pés dos moradores.

Os mortos eram acomodados em velhas urnas e depositados num cemitério próximo das casas.

As aldeias das várzeas não tinham problemas com abastecimento de água para o banho e as necessidades da casa. Geralmente estavam sobre o dique marginal do rio, onde as enchentes dificilmente alcançariam. As corredeiras, junto às quais se localizavam, têm abundantes moluscos, são bons pesqueiros e acumulam seixos de material variado, necessário para a confecção de instrumentos. Nas barrancas se pode retirar argila adequada à fabricação do vasilhame. Vantagens semelhantes podiam ser conseguidas na beira das grandes lagoas.

As aldeias das encostas, mesmo as que se fixavam na beira de um córrego, teriam dificuldade de conseguir certos bens e facilmente se podiam tornar dependentes dos moradores do vale.

Esgotados os recursos num lugar, a aldeia era reconstituída numa área próxima, de qualidades semelhantes. Aparentemente as mesmas populações se estabeleciam dentro do espaço de alguns quilômetros, com o que as roças abandonadas poderiam ser ainda visitadas. Quando observamos o deslocamento, através dos séculos, de uma mesma aldeia, como illustrei no mapa 3, nos damos conta de que o grupo necessitava manter o controle sobre uma área bem grande, dentro da qual pudesse circular e conseguir todos os recursos para a perpetuação do seu modo de vida.

O número de sítios arqueológicos, ou de antigos lugares de aldeias, é tanto maior quanto maior a mata, melhor o solo e mais antigo o povoamento; áreas de matas pequenas, solos pobres e de povoamento mais recente têm número reduzido de jazidas.

5. Instrumentos e utensílios

Muito variado deveria ser o material em uso numa aldeia em pleno funcionamento, como se pode ver pela descrição dos missionários. Extremamente pobre é o que o arqueólogo recuperou até hoje; primeiro porque a maior parte das armas, instrumentos, utensílios, enfeites e demais objetos eram confeccionados com materiais perecíveis; segundo porque até agora só uma aldeia foi (parcialmente) escavada e os seus materiais publicados (Schmitz e outros, 1990). Os restos de que dispomos provêm, em sua maior parte, de achados superficiais ou sondagens pequenas, suficientes para conseguir dados cronológicos, mas inadequados tanto para o estudo da estrutura do povoamento, como da cultura material e da tecnologia geral.

Os elementos recuperados mais importantes se referem à cerâmica, necessária para buscar, guardar e servir água, para preparar e distribuir bebidas fermentadas de milho e mandioca, para armazenar produtos e

cozinhar alimentos. Os recipientes maiores, depois de velhos e inúteis, serviriam ainda para enterrar os mortos, que eram cobertos por painéis e acompanhados de tigelas com alimentos e bebidas.

A cerâmica era feita pelas mulheres, que usariam barro naturalmente adequado ou acrescentariam areia, grânulos diversos ou cacos velhos bem triturados ao barro excessivamente plástico.

Havia necessidade para os afazeres da casa de recipientes com tamanhos e formas diferentes (ver capa do volume): a fermentação e conservação de bebidas para as festas coletivas exigiam grandes talhas de pescoço estreitado, que podiam atingir 1 metro de bojo e altura; para cozinhar eram mais úteis painéis de boca expandida que podiam alcançar até 30 cm de bojo; e para servir alimentos e bebidas havia necessidade de um grande número de pequenas tigelas.

Estas peças eram decoradas com padrões característicos dos Guaranis: as utilitárias, de todo dia, tinham a superfície externa coberta com impressões regulares da polpa do dedo, da borda da unha, da ponta de um estilete, ou eram lisas; um outro conjunto, melhor trabalhado, era pintado, às vezes com um vermelho uniforme, mas geralmente com desenhos geométricos variados em vermelho ou preto sobre uma base branca. (Figuras 1, 2, 3 e 4; também Schmitz e outros, 1990). Especialmente a pintura dava um aspecto agradável ao vasilhame e mostrava que o grupo tinha vencido a mera subsistência e investia algum tempo em arte.

As painéis não eram muito duradouras porque queimadas em fogo aberto, na falta de um forno controlado.

O barro também era usado para fazer contas simples de colares e cachimbos para inalação de fumo, cultivado desde muito tempo.

Artefatos de pedra são extremamente raros. Nos arredores das antigas aldeias podem ser encontradas cunhas polidas ou lascadas, que usariam como laminas de machado e enxós para a derrubada do mato e o trabalho da madeira. Em algumas áreas do Estado se encontram numerosas lascas de calcedônia ou ágata, que sem nenhum retoque são extremamente cortantes e apresentam evidentes sinais de utilização para cortar ou furar materiais moles como carne ou couro. Nas aldeias antigas são bastante freqüentes tembetás de quartzo polido, em forma de T, que os homens usariam numa perfuração do lábio inferior como símbolo de sua virilidade. Geralmente vêm acompanhados de pequenos fragmentos de arenito com desgaste em forma de canaletas, ligadas à produção dos tembetás. Os homens também usavam sobre o peito, presas ao pescoço por um cordel, pequenas plaquetas de pedra polida de forma oblonga ou semicircular. (Figura 5)

Como adornos, poderiam servir ainda dentes de animais, macacos, onças, capivaras, ou colares feitos com rodélas de casca de caramujos.

6. A economia

A produção, como se falou, tinha dois pés: o cultivo para os carboidratos e a caça e a pesca para as proteínas.

O cultivo era feito com uma tecnologia primitiva com as seguintes etapas: o corte do mato, a queimada, o cultivo nesta roça sem remover os troncos e sem afofar o chão, a colheita, enquanto o inço não cobria os cultivos, o abandono do terreno inçado para cortar novo trecho de mato. O ciclo fechava-se em apenas 3 anos.

Uma parte das colheitas era perecível e teria de ser consumida imediatamente após a colheita, mas o milho, os feijões, a mandioca transformada em farinha ou beiju prestar-se-iam ao armazenamento para enfrentar más colheitas ou o crescimento e especialização da população. Na realidade a produção era tão pequena que não dava para cobrir o ano, nem muito menos para distribuí-la equitativamente por todas as estações. Assim, diz J. Rodrigues (1940) que os guaranis históricos do litoral de Santa Catarina "tem o ano repartido em quatro partes, isto é, três meses comem milho, outros três favas e abóboras, outros três alguma mandioca e outros três comem farinha de uma certa palmerinha, que é assaz de fome e miséria."

As colheitas de que se fala não eram totalmente garantidas, pois estavam ameaçadas pela irregularidade climática da região e, se um ano a produção poderia ser excelente, no ano seguinte uma seca, chuva excessiva, ou geada extemporânea, poderiam reduzi-la tragicamente.

Parece que o Guaraní racionalizava o uso da terra de modo a conseguir colheitas de produtos diferentes em diferentes estações do ano, como se pode deduzir da observação acima, de que comiam milho numa (primavera-começo de verão?), favas e abóboras noutra (verão-começo do outono?), mandioca numa terceira (outono-começo do inverno?), ficando uma estação (inverno-começo da primavera?) pouco abastecida, em que recorriam à colheita de produtos do mato, como certa palmeira (provavelmente palmito).

Nos escritos de Montoya o pinhão é colocado como importante, quer em sua forma natural, quer transformado em farinha e pão.

O abastecimento de proteínas, indispensáveis para o desenvolvimento de um povo, foi, entretanto, o desafio maior. Na falta de animais domésticos, esta população teve de se voltar para a caça de animais dispersos pelo mato ou para os escassos peixes dos rios, das lagoas e do mar. Dentro das casas da aldeia de Candelária foram encontrados abundantes restos ósseos, entre os quais predominava absolutamente o veado, mas aparece o bugio, o gambá, o porco-do-mato, a anta e a cutia, o tapiti, a capivara, o mico, a paca, a preá, a jaguatirica, o mão-pelada, o ratão-do-banhado, o ouriço e o zorrinho, mas poucos peixes e répteis.

Os alemães colonizaram o mato através de um povoamento disperso espalhando as casas por todo o mato: isto era possível porque toda família

tinha condições de produzir por si mesma a maior parte dos recursos necessários à sobrevivência. Os Guaranis, pelo contrario, colonizaram o mato, concentrando-se em pequenas aldeias porque, além da produção familiar, havia grande necessidade de atividades coletivas. Nessas aldeias não havia estratificação ou especializações, mas apenas uma complementação natural dos resultados do trabalho feminino e masculino.

Na produção de alimentos os homens cortavam o mato e se encarregavam das proteínas, ao passo que as mulheres faziam o plantio e a colheita e se encarregavam das lidas domesticas. O resultado da atividade feminina era mais seguro que o da masculina, porque baseada no cultivo, havendo geralmente suficientes carboidratos; ao passo que a atividade econômica masculina, porque baseada na caça e na pesca de animais dispersos, produzia resultados muito mais aleatórios. A atividade masculina adquiria uma certa eficiência apenas quando coletiva, reunindo os esforços de vários homens e por isso a vida em aldeias tinha grandes vantagens sobre a vida em casas dispersas.

Essas aldeias eram construídas coletivamente por toda a população em mudança.

A produção de artigos para as casas e as aldeias, não era, entretanto, coletiva, correspondendo a cada família produzir os objetos de seu uso. Os homens produziam armas, instrumentos, canoas e plumaria, ao passo que as mulheres confeccionavam todo o vasilhame e toda a tecelagem.

A convivência na aldeia e um complexo sistema de parentesco, ligando as famílias estabelecidas em pontos muito distantes, eram o principio fundamental de uma extensa rede de colaboração e trocas, visando a um aproveitamento seguro dos recursos naturais e humanos da área inteira. Artigos excedentes podiam ser produzidos ou simplesmente usados para conseguir mercadorias desejáveis, não disponíveis no próprio local. Por exemplo, os índios de Tramandaí levavam para os seus parentes de Laguna, peles, algodão em rama ou manufaturado, arcos e flechas, em troca de conchas marinhas. (Rodrigues, 1940)

Apesar de não ter uma estrutura política unificadora, a colonização guarani apresenta concentrações marcadas por maior solidariedade e maior unidade. É interessante notar que os moradores do mesmo vale compartilham certas características culturais, que os separam dos moradores do outro vale; num nível mais alto, toda a colonização da bacia do Jacuí comparte certas características que a diferencia da colonização da bacia do Uruguai, ou do litoral atlântico. Em tempos históricos, os moradores da costa do Rio Grande do Sul eram amigos dos moradores da costa de Santa Catarina, os quais consideravam parentes e com eles mantinham razoável intercambio. Assim, apesar da falta de mecanismos políticos formais, a população guarani do sul do Brasil mantinha laços de solidariedade, que a unia aos membros da mesma

cultura e a opunha aos caçadores dos campos do sul e aos coletores-caçadores do planalto, contra os quais mantinha lutas permanentes.

Esta população, ao tempo do Descobrimento, tinha-se expandido sobre todas as áreas adequadas a sua tecnologia sem mudar sua estrutura e seu modo de vida e sem criar qualquer centro que pudesse desembocar numa civilização. Mas não possuía tecnologia suficiente para colonizar outras áreas próximas, como a floresta higrófila da Serra do Mar, as matas de araucária, ou os campos da Campanha ou do Planalto, razão por que se viu obrigada a estacionar dentro dos seus limites ecológicos.

7. Empecilhos para o desenvolvimento

Por que os Guaranis não chegaram a um nível de vida mais alto?

Tentarei apontar alguns fatores.

A distancia dos centros mais desenvolvidos nos Andes e na costa do Pacífico certamente é decisiva. Embora alguns povos tenham criado civilizações a partir de recursos próprios, a fecundação por elementos mais desenvolvidos quase sempre foi necessária. Embora no patrimônio original dos Guaranis haja notórios elementos andinos (as plantas, a cerâmica etc.), depois de instalados nos matos do sul do Brasil não parecem ter recebido novas contribuições dignas de menção, ficando entregues à sua própria criatividade.

Esta criatividade foi limitada por deficiências ou ausências importantes. Talvez a deficiência mais importante fosse a de produtores de abundantes proteínas, como rebanhos domésticos ou selvagens ou grandes cardumes de peixes, como os de que podiam dispor as culturas andinas. Com isso os Guaranis ficaram restringidos a buscar a proteína na caça esparsa e no peixe ralo dos rios, das lagoas e do mar, o que lhes exigia um investimento considerável de terras, de tempo e de gente, sem resultado garantido e sem possibilidade de aumentar a produção. Se tentassem aumentar a produção, estendendo os territórios de caça, as terras seriam mais rapidamente esgotadas e a aldeia teria de mover em menor tempo; um maior investimento de tempo e gente subtrairia, além disso, forças produtivas de outras atividades, gerando desequilíbrio, ou aceleraria por mais um lado o esgotamento, se em ambas as frentes se aumentasse a produção. Temos, pois, aí um dos fatores limitativos do desenvolvimento, que o Guarani teve de respeitar.

Enquanto as aldeias se mantinham ao longo dos rios, das lagoas e do mar, com vistas à exploração da escassa pesca e construindo os núcleos afastados, de modo a não esgotar a caça das matas, a população pôde sobreviver com as proteínas disponíveis. Mas quando a população cresceu e foi obrigada a se afastar dos cursos de água, a subir encostas, a devassar o mato inteiro sem deixar refúgios para a caça, certamente a falta de proteína se tornou crônica. A solução não era fácil: os Tupis paulistas organizavam grandes pescarias no mar e nos rios para produção de peixe seco. Embora J.

Rodrigues (1940) conte que os carijós de Laguna atacavam todos os meses os Guaianás do planalto próximo para fazerem presas que pudessem comer, não era esta a solução.

Proteínas também podem ser conseguidas de plantas, especialmente feijões, do que se valeram as altas culturas americanas para suprir, parcialmente, as suas deficiências. Os Guaranis usavam variados feijões, mas não parecem ter colocado neles a solução do problema, enquanto podiam resolvê-la de outra forma.

Mesmo conseguindo vencer com meios locais a falta de proteínas, um segundo obstáculo ao desenvolvimento desafiava o colonizador do mato na sua tecnologia agrícola. O Guarani é um exclusivo cultivador de mato subtropical. Este mato cresce em pequenas várzeas e na encosta do Planalto; os terrenos das várzeas são férteis, mas de pouca extensão, ao passo que os terrenos das encostas têm fertilidade reduzida e se esgotam rapidamente. As grandes áreas aluviais do Estado (coma as várzeas do Baixo Jacuí, do Ibicuí, do Uruguai e outras), por não serem recobertas por matos, não se prestavam ao cultivo com a tecnologia guarani.

Mesmo sendo restritas em extensões e capacidade de exploração, estas terras poderiam produzir colheitas maiores e mais duradouras se regularmente tratadas com amanho, rotação de culturas, correção de acidez e adubação, como outros povos neolíticos do Novo e do Velho Mundo aprenderam a tratar as suas terras. Mas revolver as terras de mato sem animais de tração é praticamente impossível, fazer rotação de culturas sem amanho da terra também não é fácil. Corrigir a acidez do solo e adubar com quê? A acidez do solo pode ser corrigida quando existe calcário, como em muitas regiões européias, onde bastava abrir uma cova no campo e espalhar na superfície o calcário do subsolo. Os adubos tradicionais são excrementos de animais domésticos ou de aves, ou peixes; as enchentes também podem fertilizar o solo. Os Guaranis não dispunham de nenhum calcário e de nenhuma forma de adubo; nem mesmo as enchentes são um meio efetivo nas pequenas várzeas dos vales médios dos rios, porque, se um ano depositam limo, no ano seguinte podem arrancar o solo ou afogar a plantação.

Como consequência, um campo preparado com dispêndio de mão-de-obra, tinha um rendimento pequeno e curto, que apenas ou mal cobria o investimento, mas não capitalizava. Em pouco tempo o investimento tinha de ser abandonado e o mesmo solo talvez só fosse cultivado novamente na outra geração, exigindo um investimento igual ao anterior. Com uma intensa rotação de terra e uma exaustiva exploração da caça e da pesca, produzindo, ambas, um esgotamento que exige longos anos de recuperação, em duas ou três décadas a aldeia teria de ser abandonada com todas as benfeitorias, para fazer nova instalação em outra área de cultivo, caça e pesca.

Este seria o movimento decorrente apenas do uso da terra, supondo uma população estável. Acontece que uma adaptação bem sucedida ao

ambiente da mata virgem deve ter trazido um incremento demográfico, que não podia ser absorvido dentro da aldeia para não acelerar a rapidez de transferência da mesma. Com isso aldeias paralelas tinham de ser criadas para absorver as novas gerações e a velha aldeia perdia para a nova alguns dos seus elementos mais dinâmicos.

Por todas essas razões não valia a pena investir excessivamente na aldeia. Esta era construída com os materiais mais comuns da região, isto é, troncos e folhas; os móveis eram mínimos porque não poderiam transportá-los de uma aldeia para outra; talvez nem plantas de ciclo muito longo valesse a pena cultivar, porque não chegariam a produzir no tempo útil da aldeia.

Como o rendimento do trabalho era pequeno e não permitia nenhum investimento a médio ou longo prazo, devido às limitações apresentadas, nenhuma força humana podia ser liberada da produção imediata de alimentos e nenhuma capitalização em terras ou bens podia ser feita. Com isso nenhuma especialização ou complexificação era possível e a população se limitava a repetir dentro do mesmo ambiente a mesma célula original sem poder aumentá-la, nem mantê-la no mesmo local.

O estrangulamento só poderia ser vencido através de uma reestruturação interna, com uma complexificação da cultura e especialização de respostas que levariam a um grau mais alto de desenvolvimento; ou através de uma nova estratégia demográfica, buscando um equilíbrio com o ambiente através do controle da natalidade.

Qual destas duas alternativas seria adotada, não nos foi dado observar porque neste momento se processa uma reestruturação de fora por conquistadores de tecnologia muito mais desenvolvida e totalmente desproporcional à do colonizador indígena.

8. O Guarani diante das frentes de expansão européia

O Guarani do Sul do Brasil e regiões vizinhas foi colhido pelas tenazes opostas de duas etnias altamente expansivas: a portuguesa e a espanhola. (Ver mapa 2)

Das frentes portuguesas, a da *plantation* (fazendas de cultivos para exportação) de São Vicente, Piratininga e Rio de Janeiro chega muito fortemente, ao passo que o avanço missionário do Rio de Janeiro chega mais devagar.

Das frentes espanholas, a que chega mais forte é a expansão missionária de Asunción, que faz 77 fundações, ao passo que a da *plantation* que existiu primeiro, enfrenta graves problemas e é mantida sob certo controle.

Estes são movimentos de centros secundários na economia colonial dos países ibéricos, que vão atuar sobre áreas periféricas e incorporá-las também politicamente.

Estas frentes atuam com mais força que o normal porque não são movimentos pacíficos. Pelo contrário, as duas etnias disputavam e procuravam incorporar o mesmo território e os mesmos indivíduos.

Além da oposição entre as duas etnias, dentro do avanço da mesma etnia nota-se a tensão entre os representantes da expansão da *plantation* e os representantes da expansão missionária, resultando não poucas vezes, na aliança dos preadores de índios portugueses e espanhóis contra os missionários jesuítas de Asunción. Para entender melhor este fenômeno é preciso registrar que, durante o avanço principal das frentes de expansão na bacia do Prata, a coroa de Portugal e a coroa de Espanha se encontravam sobre a mesma cabeça, embora sem unificação ou fusão dos dois países e que família politicamente importante de Asunción estava ligada por casamento com família plantadora importante do Rio de Janeiro.

A maior parte da população guarani localizava-se em território consignado à Espanha pelo tratado de Tordesilhas e estava sendo aldeada em reduções missionárias; mas por outro lado uma parte dela estava tão longe do centro de expansão espanhola de Asunción como do centro de expansão plantadora portuguesa do litoral brasileiro. Esta era uma fatalidade. Por isso, uma parte dessa população foi arrebanhada pelos portugueses antes de ser aldeada, outra parte foi arrebatada das aldeias recém-fundadas; a que estava mais perto de Asunción sofreu menos porque defendida mais efetivamente. No mapa se vêem claramente as áreas onde o índio foi preado diretamente (áreas limpas), onde foi preado depois de aldeado (reduções destruídas ou abandonadas) e onde finalmente pode desenvolver uma civilização, que durou quase dois séculos e também foi morta (reduções definitivas). Em resumo, ruínas por todo o território. Por isso tenho que continuar a contar essa história.

A *plantation* de São Vicente, de Piratininga e Rio de Janeiro desde cedo começou a buscar mão-de-obra escrava dentro de seu raio de alcance, apercebendo-se rapidamente de que a colonização Guarani era mais densa que a dos grupos do Planalto ou da Campanha e tornando-a, por isso, alvo de suas caçadas.

Em 1585 começa a guerra contra os carijós autóctones e livres de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. A partir de 1600 começam as "descidas" (escravização) sistemáticas dos índios desse sertão. Em 1602 Nicolau Barreto, em 1607 Belchior Dias, em 1611 Fernão Paes de Barros "descem" carijós.

Para isso os moradores de São Vicente iam em caravelões ao longo da praia, usando como portos de apoio Laguna, os rios Araranguá e Mampituba e a lagoa dos Patos com o Jacuí. Na costa existiam verdadeiras feitorias, onde os índios eram negociados. Os empresários principais da escravidão eram chefes indígenas do litoral ou do interior, que facilitavam extraordinariamente o trabalho das "bandeiras".

Quando os navios chegavam à barra, eram mandados emissários ao sertão pelos chefes, chamados Tubarões, avisando que havia muitas ferramentas, vestidos e outros objetos para trocar por gente. Quando estes correios chegavam ao sertão, logo mandavam recado pelas aldeias, convidando-as a descerem à praia para vender gente. Traziam para vender moços e moças órfãos, sobrinhas ou parentes que não queriam ficar com eles (casamento tio-sobrinha) ou não os queriam servir. A outros traziam enganados, com promessas de diversas coisas. Outros iam por própria vontade, levando suas peles, suas redes e tipóias para trocar por objetos que desejavam ou necessitavam; mas os seus parentes da praia, sem atender que vinham de tão longe para negociar com eles, os vendiam aos vicentistas. Os demais que eram trazidos, tão logo chegavam ao navio, os prendiam nos seus porões. E podendo vender aos Guaianás, que aprisionavam nas suas guerras, preferiam comê-los e vender os seus parentes (Rodrigues, 1940).

Esse comercio escravista formava uma rede de intermediários que alcançava grande parte do Rio Grande do Sul; a tal ponto que o assuncenho Pe. Roque Gonzalez de Santa Cruz, quando chega ao Tape, em 1627, tem noticia da mesma. A trama se baseava no antigo comercio indígena e no estabelecimento de novos mentores, os pajés e alguns mestiços e criava um fluxo regular de mão-de-obra escrava para as plantações de São Paulo e Rio de Janeiro.

Esta organização matou o Pe. Cristóvão de Mendoza, quando, no seu avanço para o planalto do Nordeste, fazia um balanço da rede com vistas a novas fundações missionárias e a defesa das já existentes.

Paralelamente à frente escravista de São Vicente se havia instalado a frente missionária com seu ponto de apoio principal no Rio de Janeiro.

Os Jesuítas estabeleceram uma primeira residência em Imbituba, no sul de Santa Catarina, donde, entre 1605 a 1607, catequizaram os carijós.

Em 1609 fizeram nova tentativa, mal sucedida, de missionarização, trazendo, na volta, 1.500 Guaranis para as aldeias de índios livres de São Paulo.

Entre 1617 e 1619 houve mais uma volta aos carijós da costa meridional de Santa Catarina, catequizando os índios até o Araranguá e o Mampituba e chegando até Tramandaí, onde falaram a 1.000 frecheiros, que seriam aldeados no ano seguinte. Mas a oposição dos vicentistas, ameaçados no abastecimento humano de suas plantações, já neste momento era muito forte.

Em 1622, voltaram os jesuítas à residência de Imbituba.

Em 1624 fundaram igreja em Laguna, donde seguiram até o Rio Grande do Sul.

Em 1628 tentaram inutilmente uma residência às margens do Guaíba, perto de Porto Alegre.

Sucederam-se novas expedições, em 1635 e em 1637, mas as dificuldades e atritos com as "bandeiras", já entrando pelo interior do continente, eram tão grandes, que os jesuítas desistiram, levando consigo para o Rio de Janeiro, os índios cristianizados durante o período missionário.

Em 1635, conseqüência do comércio escravista da costa e das "bandeiras" do interior, tanto a costa do Rio Grande do Sul, como o interior não tinham mais Guaranis; haviam sido queimados como combustível das plantações de São Paulo e Rio de Janeiro, sem deixar sobreviventes conhecidos. O que aconteceu com os índios levados pelos jesuítas também é desconhecido.

Além da frente escravista litorânea existia, na área espanhola, a "encomienda" agrícola que, antes da instalação das missões religiosas, durante muitas décadas, buscou arregimentar toda a população indígena, traumatizando-a e levando à sua desorganização.

Só depois chegou a missão que buscou reunir as populações sobreviventes, transformando-as em cristãos, súditos de Espanha, e habitantes de povoados bastante densos, parecidos com as cidades européias da época; estava livre do serviço pessoal dos fazendeiros espanhóis e, em sua nova condição, teriam relativa liberdade.

A partir de 1609, a maior parte dos Guaranis do oeste do Paraná, do centro e oeste do Rio Grande do Sul, de Misiones argentinas e paraguaias, foram incorporados às reduções e assim transformados em cidadãos do seu tempo. Embora criadas em território pertencente à Espanha, estas comunidades estavam, como se disse antes, muito próximas do centro de expansão agrícola de São Paulo e Rio de Janeiro, que as destruiu.

Em 1611 Fernão Paes de Barros, o mesmo que "descia" carijós da costa de Santa Catarina, levava uma "bandeira" de preta de índios ao Guairá (PR), onde um ano antes se tinham fundado as primeiras de 13 reduções, mas teve seus intentos frustrados pelas autoridades espanholas locais.

Em 1612 Sebastião Preto tenta o mesmo, com o mesmo resultado, negativo.

Em 1619, 1623 e 1624 Manuel Preto ataca as reduções do Guairá, levando numerosos índios para a sua fazenda da Expectação.

Em 1628 e 1629 uma "bandeira" muito grande (69 paulistas qualificados como loco-tenentes de Antônio Raposo Tavares, 900 mamelucos e 2.000 índios auxiliares) ataca as reduções, onde haveria uns 30.000 índios e as destrói. Os sobreviventes, em número de 12.000 índios, são levados pelos missionários para locais mais seguros no sul e oeste, donde nunca mais voltaram à sua terra de origem.

Depois do Guairá, as "bandeiras" se dirigiram contra as reduções do Rio Grande do Sul. A primeira é de 1635, contando provavelmente 200 homens e muitos índios, que navega até Laguna e aí se embrenha no sertão, mas ela é

desbaratada em várias frentes, morrendo 29 homens na fronteira com Santa Catarina e outros nas margens do Guaíba.

Esta e as seguintes "bandeiras" se apóiam sobre a rede de intermediários que cobre o leste do Rio Grande do Sul e leva os prisioneiros para os portos da costa.

Em 1636 Antônio Raposo Tavares, com 150 portugueses e 1.500 Tupis, desce por terra e ataca as reduções, levando numerosos escravos, depois de tê-los reunido numa paliçada sobre o rio Taquari.

Em 1637 André Fernandes, com 30 a 40 paulistas, mais 1.000 Tupis e índios amigos, faz a mesma coisa.

Em 1638 é a vez de Fernão Dias Paes, com mais de 100 bandeirantes e o costumeado corpo de índios.

Diante dos estragos, das numerosas perdas e do perigo permanente, os índios reduzidos do Rio Grande do Sul são levados para o outro lado do Uruguai, onde se podem defender melhor; isto entre 1637 e 1639. Ficam para trás as ruínas e uma dúzia e meia de pequenas cidades indígenas que cobriam o centro e oeste do Estado. (Mapa 2)

Finalmente em 1640 se organiza a maior de todas as "bandeiras", sob a chefia de Jerônimo de Barros, contando com mais de 400 portugueses, muitos mulatos e negros e mais 2.500 Tupis frecheiros, para dar um golpe de morte nas reduções do lado direito do Uruguai, em território atualmente argentino. Mas neste momento os índios estavam mais concentrados, mais bem armados e mais apoiados (eram considerados "guarnição de fronteira"), de modo que a "bandeira" saiu derrotada na batalha de Mbororé, sobre o rio Uruguai. A partir deste momento nenhuma "bandeira" é organizada contra as reduções, mas durante mais uns 20 anos, novas expedições paulistas vão caçar índios remanescentes na margem esquerda do Uruguai, território atualmente riograndense e em outras regiões da bacia do Prata.

Os índios transmigrados para a Argentina voltaram, a partir de 1687, à sua terra, construindo então os Sete Povos, que cem anos depois entravam em decadência.

É muito difícil calcular quantos Guaranis foram levados para as plantações de São Paulo ou mortos nas refregas e no transporte. Geralmente se crê que seriam mais de 60.000. Alguns falam em até 300.000. Todo o estado do Paraná, todo o estado de Santa Catarina, o leste e o centro do Rio Grande do Sul, antes densamente povoados, ficaram sem Guaranis.

9. A nova cultura colonial na frente missionária espanhola

Num pequeno espaço do noroeste do Rio Grande do Sul, do norte da Argentina e do sudeste do Paraguai ficaram concentrados em 30 reduções, certamente mais de 100.000 Guaranis sobreviventes. Alguns falam em 300.000. (Ver mapa)

Estes foram levados de cultivadores neolíticos de mata subtropical a cidadãos de um mundo em expansão.

Na transformação dos Guaranis colhidos entre as duas grandes frentes de expansão européia, as tensões já anteriormente existentes entre os diferentes grupos indígenas locais, são encorajadas. Assim observamos que, se os Guaranis de todo o território se defendem e auxiliam mutuamente, como membros reconhecidos da mesma etnia, os Tupis se apresentam como seus inimigos permanentes, ajudando os paulistas que os vem escravizar. Os Guaianás do Planalto, contra os quais os Guaranis antes faziam incursões regulares em busca de carne humana (e pinhão) e provavelmente também em defesa de uma fronteira instável, também costumavam aliar-se aos bandeirantes, ajudando-os no que pudessem. Os Minuanos e Charruas, com os quais o conflito era acentuado desde antes da chegada européia, também se aliaram aos portugueses, procurando prejudicar as reduções e suas estâncias de gado. Assim a colonização reforçou as antigas alianças e as antigas oposições entre os grupos, alimentando-as e ativando-as com novos motivos e com novos aliados.

Mas também a dualidade existente na organização sócio-política dos Guaranis foi extraordinariamente intensificada, buscando reforço na dualidade da colonização. Esta dualidade aparece mais claramente na distinção entre os dois líderes tribais: o cacique e o pajé. Se os caciques geralmente se colocam ao longo da frente missionária que procura trazer, com a religião o desenvolvimento local, os pajés costumam colocar-se na oposição ao movimento, favorecendo o escravismo, vendendo os seus irmãos, ou tentando prejudicá-los de outras formas, matando inclusive os missionários.

Como foi transformada a cultura original do Guaraní para formar a civilização missionária dos 30 povos finais?

Apesar das aparências guaranis que as mesmas conservaram, as mudanças foram muito profundas. Em primeiro lugar elas não têm mais autonomia, mas estão incorporadas, como uma pequena área privilegiada, dentro do império colonial espanhol e não têm a iniciativa do seu desenvolvimento, mas são dirigidas nos seus pormenores por guias carismáticos, que, não tendo o poder temporal, orientam, não obstante, incontestes, toda a nova estrutura.

Talvez seja mais fácil perguntar o que se conservou, do que perguntar o que foi modificado. Conservou-se a língua. Conservou-se uma parte da estrutura política, guiando os caciques e administradores do seu povo, mas dentro de um esquema superior espanhol. Conservou-se uma parte do seu sistema de produção com propriedades e atividades particulares e propriedades e atividades coletivas. Conservaram-se elementos de solidariedade, mantendo-se os Guaranis isolados dos demais grupos étnicos, inclusive dos espanhóis. Talvez também se conservassem parcelas do seu sis-

tema de parentesco. Mas isso é apenas uma tintura do que eram como povos neolíticos indígenas.

As instáveis aldeias do mato, uniformes e colocadas no meio de suas roças, foram reunidas em duradouras cidades com início de especialização, nas coxilhas dos campos, muitas vezes longe dos seus locais de cultivo, criação ou exploração. As casas de alvenaria eram rigorosamente alinhadas com relação à praça central encabeçada por suntuoso templo barroco de arquiteto italiano. A administração dessas cidades já não é o conselho de famílias com o cacique, mas a estrutura das comunas espanholas com seu cabildo e seu alcaide. As duas lideranças antigas são transformadas e reforçadas: o cacique tem agora muito mais poder como executor geral e o missionário assume a função cultural, médica e espiritual do antigo pajé. A criatividade e liberdade antiga é substituída pela disciplina e a obediência a seus prepostos civis e religiosos. A religião, que no período indígena parece ter sido da maior importância, passa a ser a primeira atividade do dia, e é responsável por grande parte de sua realização; só que o seu conteúdo é completamente diferente.

No setor de produção, a velha tecnologia foi toda substituída por uma tecnologia européia, com arados, animais de tração, adubo animal, rotação de campos e principalmente a criação de gado para suprir as proteínas necessárias. Uma parte da produção é armazenada para atender às necessidades dos especialistas, dos desamparados e dos momentos de crise geral ou particular. Certos artigos são produzidos com objetivo de exportação, como a erva-mate, da qual as reduções detinham o segredo do cultivo.

Ao lado do artesanato familiar introduziram-se manufaturas para a produção em série dos artigos mais necessários para a cidade, como a cerâmica e a tecelagem.

Certamente a participação no erguimento das novas estruturas e o florescimento posterior de seus povos terá engajado uma grande parte da população, dando-lhe satisfações compensadoras das radicais mudanças a que foram sujeitos. Não só das mudanças, mas também das peripécias por que passaram: as grandes fomes, enquanto as novas plantações ainda não eram suficientes para sustentar uma população concentrada; as freqüentes pestes européias que os contaminaram, matando-os aos milhares; as perdas com os preadores de escravos; as numerosas transmigrações; os trabalhos a serviço da cidade nos ervais, nas estâncias, nas roças afastadas; o serviço militar sob os espanhóis de Asunción e de Buenos Aires, desde que, em 1636, foram declarados "guarnição de fronteira"; mas talvez mais que qualquer outra coisa a disciplina e a concentração de esforços exigidos para o desenvolvimento da nova civilização.

Alguns tentaram voltar para as matas, onde haviam vivido anteriormente, mas esta alternativa já não era válida, porque os matos eram

infestados por inimigos que os obrigariam a uma vida muito mais penosa nas plantações portuguesas.

Não foram os Guaranis que escolheram o caminho da civilização, nem eles a moldaram. A civilização havia chegado a eles numa forma determinada, como chegara à maior parte dos povos, e os engajara compulsoriamente, sem deixar qualquer alternativa. Os que estavam no raio de ação da frente plantadora portuguesa foram consumidos como combustível da plantation pobre da costa e do planalto, sem poderem contar com a frente moderadora da missão. Os que foram atingidos pela frente de expansão missionária espanhola de Asunción foram mais felizes porque puderam ficar no seu território, sem grandes compromissos com a frente plantadora e apenas transformados em cidadãos espanhóis de status e condições especiais.

Assim se criou a civilização dos Trinta Povos Guaranis, uma típica floração colonial local, de raiz indígena, sem autonomia e de características predominantemente européias, criada no império mercantil salvacionista espanhol.

Sua história posterior continua sujeita às oscilações de fronteira entre as duas potências ibéricas, que sempre as marcou e sua decadência rápida, a partir da segunda metade do século XVIII, está ligada à evolução européia e à troca de hegemonias no Velho Mundo. Já não são eles que fazem a história. Por isso, quando se pede que uma parte deles abandone sua terra, suas cidades, seus mortos e se estabeleça numa área estranha, densamente povoada, a guerra dos seus homens e dos seus chefes está antecipadamente perdida e nem Sepé Tiaraju é capaz de salvá-los. Quando finalmente são privados dos guias carismáticos que lhes haviam ensinado, no mesmo sermão, a religião cristã e a civilização européia, e têm de aceitar administradores que não conhecem as tradições do seu povo e sua civilização mestiça, a sua segunda criação cultural se despenca numa rápida decadência da qual nunca mais se recuperaram. Ruínas imponentes...

Esta é a história do Guarani, primeiro o colonizador mais efetivo do mato subtropical, depois ou combustível de uma *plantation* periférica, ou parcela privilegiada dentro de um grande império colonial: os poucos sobreviventes são mestiços incorporados na classe baixa de pequena república subdesenvolvida, ou indígenas dispersos em busca de um projeto que novamente os possa entusiasmar.

10. Alguns textos de referência

BROCHADO, José Proenza. 1973. Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguarani. *Relaciones de la Sociedad Argentina de Antropología* 7:7-39. Buenos Aires.

BROCHADO, José Proenza. 1973. *Desarrollo de la tradición Tupiguaraní. (A.D. 500-1800)*. Gabinete de Arqueologia da UFRGS, Publ. N° 3. Porto Alegre.

Pedro Ignácio Schmitz

BROCHADO, José Proenza. 1977. *A analogia etnográfica na reconstrução da alimentação por meio de evidências indiretas. A mandioca na Floresta Tropical*. IFCH, UFRGS, caderno nº 2. Porto Alegre.

BROCHADO, José Proenza. 1984. *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern South America*. Urbana, Il.

CORTESÃO, Jaime. 1951. *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1594-1640)*. (Notas e Introdução). Manuscritos da Coleção de Angelis I, Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro.

CORTESÃO, Jaime. 1969. *Jesuítas e Bandeirantes no Tape (1615-1641)*. (Notas e Introdução). Manuscritos da Coleção de Angelis III, Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro.

FERRARI, Jussara & SCHMITZ, Pedro Ignácio. 1983. O povoamento Tupiguarani no Baixo Ijuí, RS. Brasil. *Pesquisas, Antropologia* 35. São Leopoldo.

FURLONG, Guillermo. 1962. *Misiones y sus pueblos de Guaranies*. Imp. Balmes. Buenos Aires.

KERN, Arno Alvarez. 1979. *A organização política das missões da província jesuítica do Paraguai (1641-1707)*. IFCH, PUCRGS. Porto Alegre.

LATHRAP, D. 1970. *The Upper Amazon*. Ancient peoples and places. Thames and Hudson. London.

LEITE, Serafim. 1945. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Imprensa Nacional, vol. V. Rio de Janeiro.

MELIÁ, Bartomeu. 1981. El "modo de ser" Guarani en la primera documentación Jesuítica (1594-1639). *Revista de Antropologia* 24:1-24, USP. São Paulo.

MÉTRAUX, Alfred. 1928. *La civilisation materielle des Tribus Tupi-guarani*. Libr. Orientaliste Paul Geuthner. Paris.

MIGLIAZZA, Ernest C. 1982. Linguistic prehistory and the refuge model in Amazonia. In: *Biological Diversification in the Tropics*, ed. Ghilleen T. Prance. Columbia University Press. New York.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. 1876. *Arte Bocabulario Tesoro y Catecismo de la lengua Guarani por Antonio Ruiz de Montoya publicado nuevamente sin alteracion alguna por Julio Platzmann*. Leipzig.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. 1892. *Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compania de Jesus en las provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape*. Bilbao.

PORTO, Aurélio. 1943. *História das Missões Orientais do Uruguai*. Imprensa Nacional, Vol. I. Rio de Janeiro.

RIBEIRO, Darcy. 1970. *Os índios e a civilização*. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.

RIBEIRO, Pedro A. Mentz. 1981. O Tupiguarani no vale do rio Pardo e a redução Jesuítica de Jesus Maria. *Revista do CEPA* 10. Santa Cruz do Sul.

Migrantes da Amazônia: a tradição Tupiguarani

RODRIGUES, Jerônimo, S.J. 1940. Relação... In: *Novas Cartas Jesuíticas* publicadas por Serafim Leite, S.J. Vol. 194, Brasileira. São Paulo.

SCHMITZ, Pedro Ignácio e BROCHADO, José Proenza. 1972. *Datos para una secuencia cultural del estado de Rio Grande do Sul (Brasil)*. Publ. N° 2, Gabinete de Arqueologia da UFRGS. Porto Alegre.

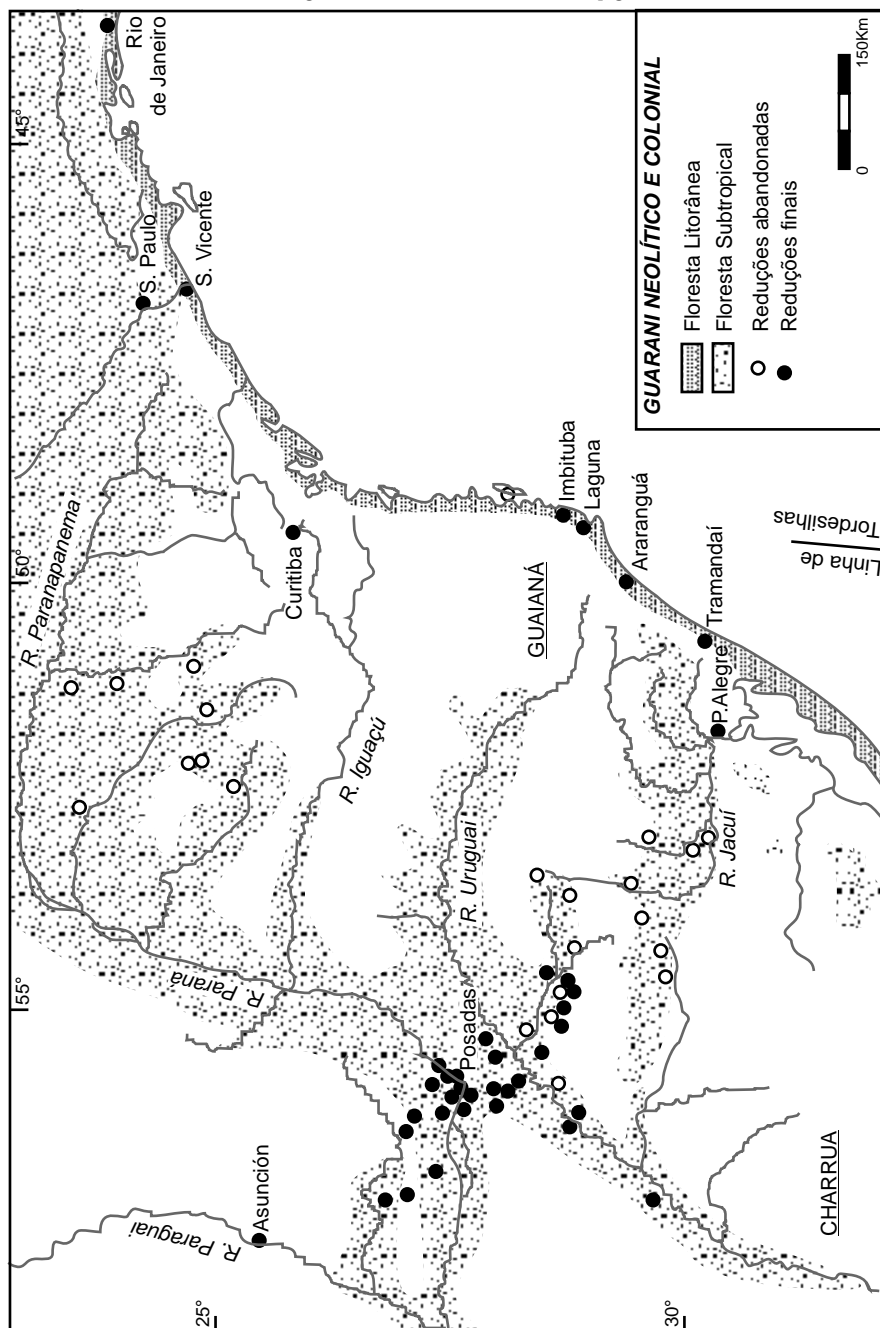
SCHMITZ, Pedro Ignácio e outros. 1990. Uma aldeia tupiguarani. Projeto Candelária, RS. In: *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil*. Documentos 04. Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS. São Leopoldo.

STEWART, Julian A. (Ed.). 1948. *The Tropical Forest Tribes*. Handbook of South American Indians III. Smithsonian Institution. Washington.

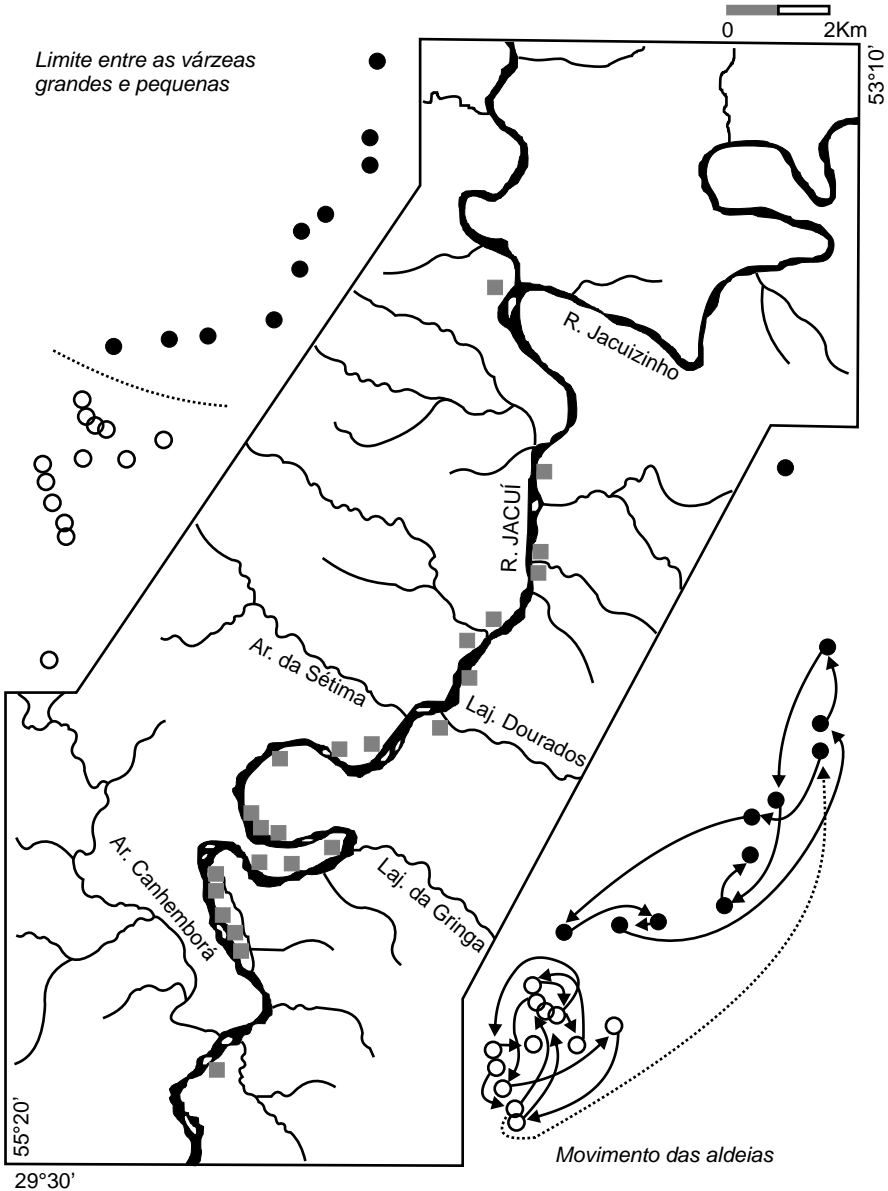
VIANNA, Helio. 1970. *Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai (1611-1758)*. (Notas e Introdução). Manuscrito da Coleção de Angelis IV, Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro.



Mapa 1: Diversificação das línguas do tronco Tupi, de acordo com Migliazza, 1982.



Mapa 2: Distribuição da Floresta Subtropical e das formações litorâneas, área de colonização do Guarani. Distribuição das Reduções Jesuíticas.



Mapa 3: Distribuição dos sítios Tupiguarani ao longo de um trecho do Alto Jacuí (no centro). Separação entre as grandes aldeias das várzeas amplas e as pequenas das mais estreitas (esquerda). Como imaginamos o movimento das aldeias através do tempo (direita).

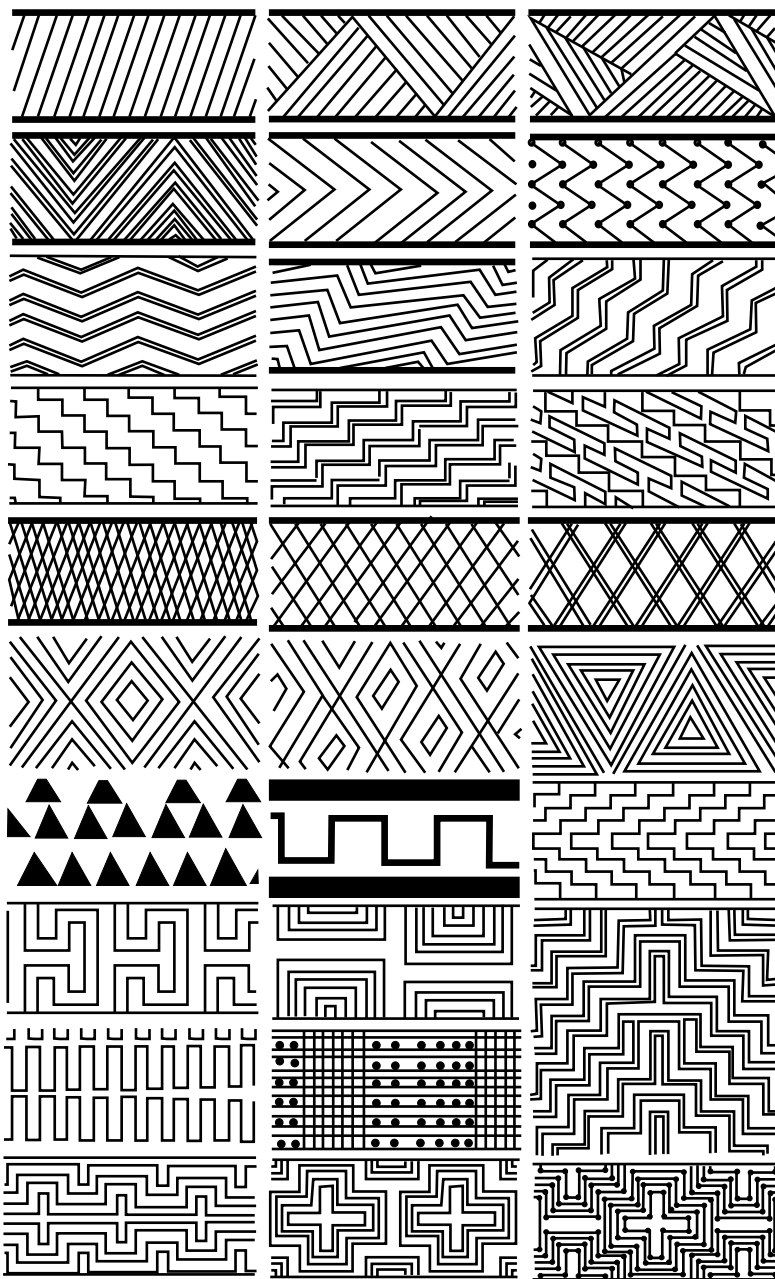


Figura 1: Motivos de decoração da cerâmica pintada, em vermelho sobre branco, ou vermelho e preto sobre branco

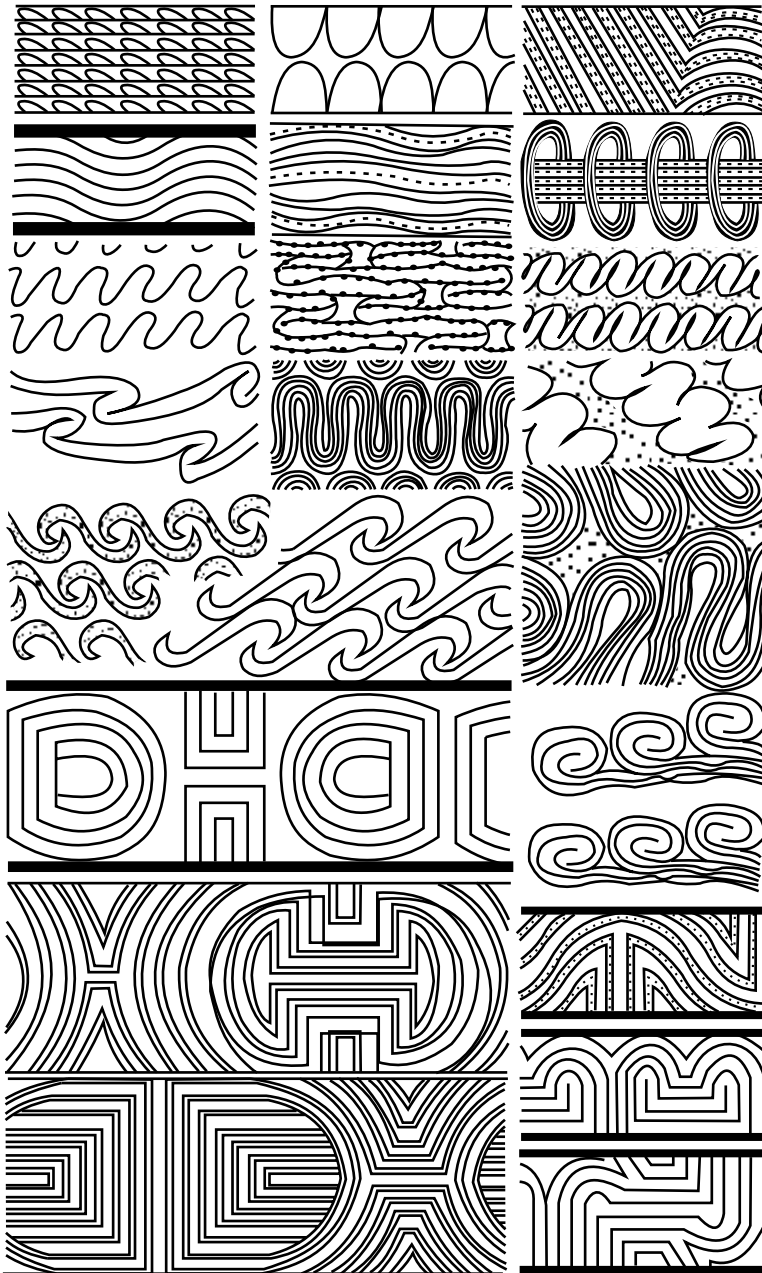


Figura 2: Motivos de decoração da cerâmica pintada, em vermelho sobre branco, ou vermelho e preto sobre branco



Figura 3: Acabamento da superfície. Corrugados

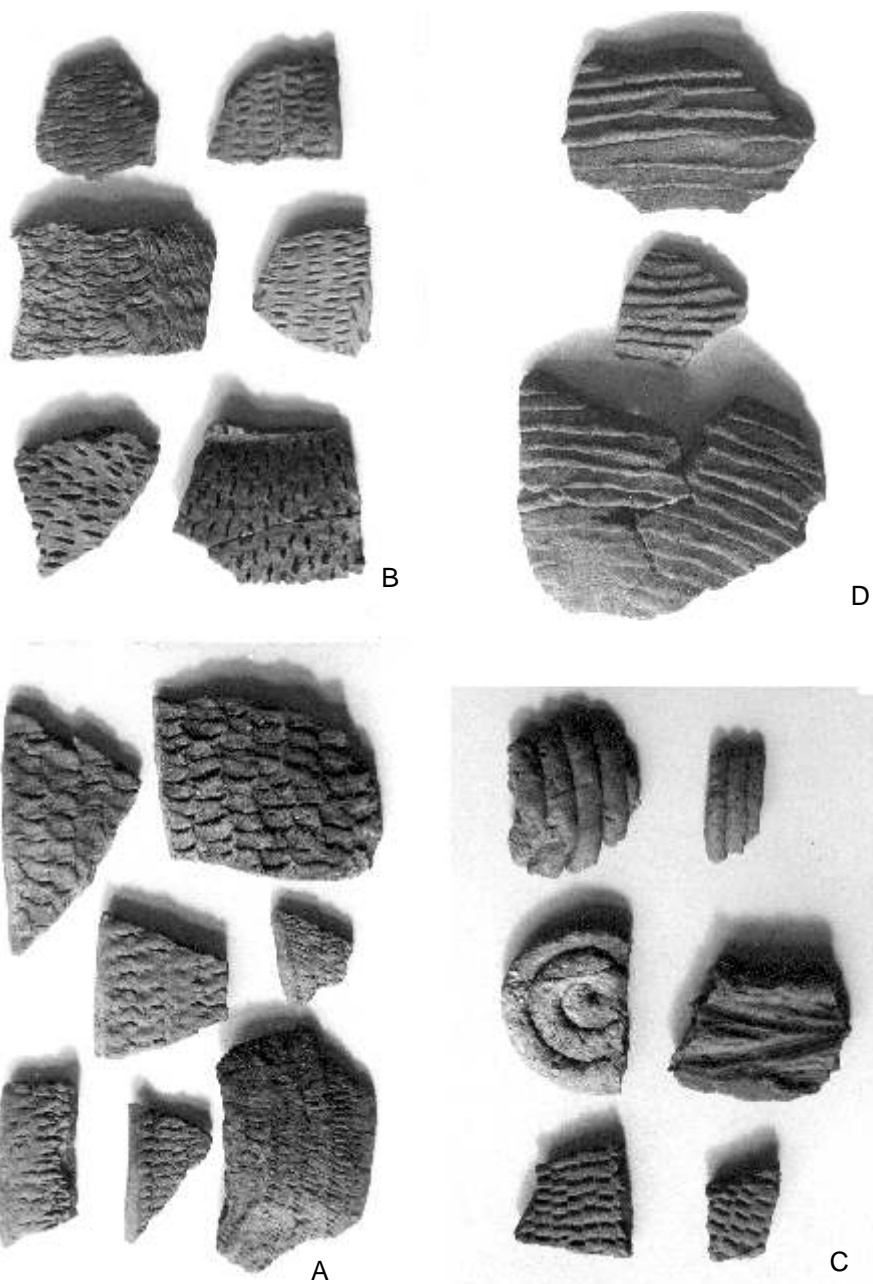


Figura 4: Acabamento da superfície. A. Corrugado-ungulado; B. Ungulado; C. Pontado ou impressão de cestaria, roletado, riscado. D. Corrugado simples.

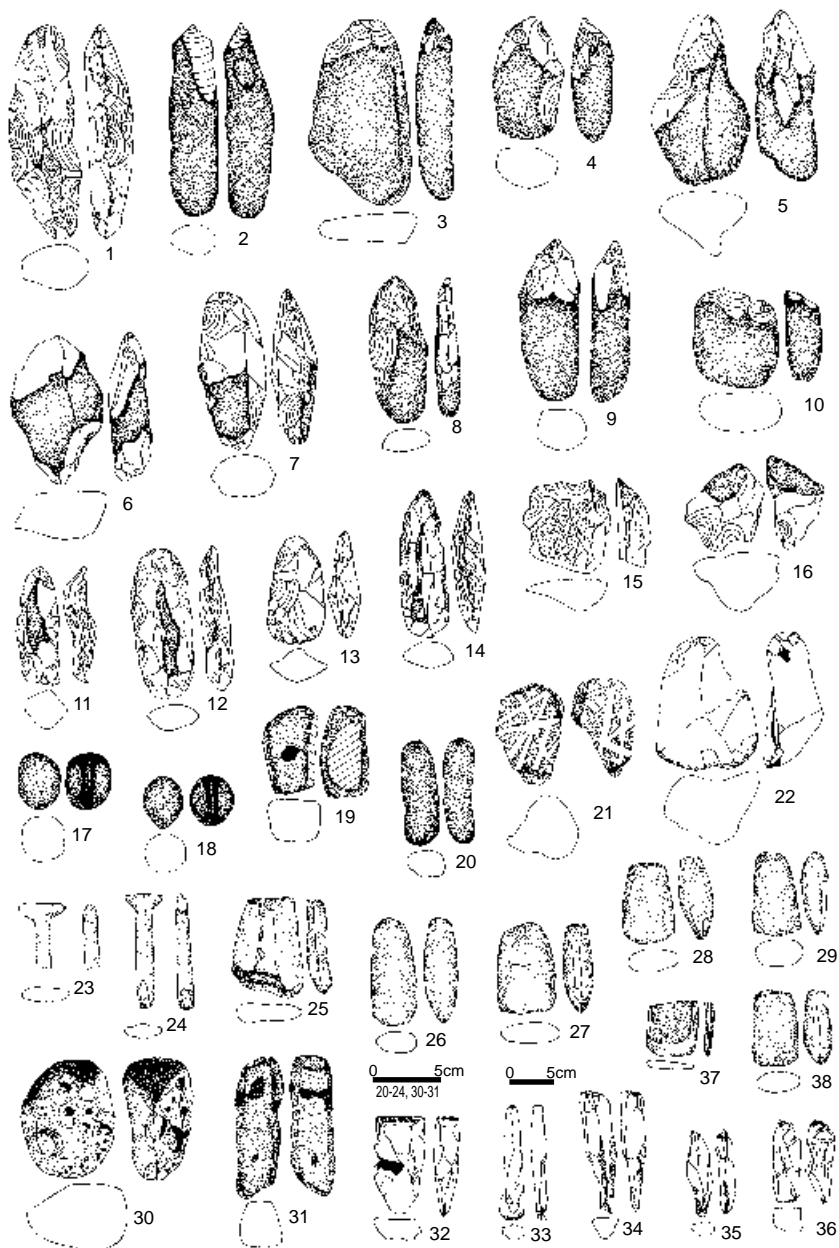


Figura 5: Instrumentos em pedra: 1-14 talhadores; 15, 16 raspadores; 17, 18 bolas de boleadeira; 19 alisador; 20 intermediário de percussão; 21 alisador-em-canaleta; 22 enxó; 23, 24 tembetás; 25-29, 37-38 lâminas de machado; 30, 31 percutores; 32, 33, 36 núcleos bipolares; 34, 35 furadores.

OS PRIMITIVOS ENGENHEIROS DO PLANALTO E SUAS ESTRUTURAS SUBTERRÂNEAS: A Tradição Taquara

Pedro Ignácio Schmitz*
Ítala Irene Basile Becker*

1. *O que é a tradição Taquara?*

A Pré-História do Planalto Rio-grandense, nos últimos dois milênios, será muito esquelética se nos contentarmos com arrolar os dados técnicos sem recurso à fantasia para iluminá-los, mas será irreal se nossa fantasia não for guiada por ampla experiência e cuidadosa metodologia. É que a intensidade e a extensão dos trabalhos realizados no planalto e áreas contíguas são tão pequenas e qualitativamente tão pobres, em comparação com a massa de sítios ali existentes, que a mera enumeração dos resultados não satisfaria a realidade, que nos interessa. O meio-termo, que nos propusemos, resultou em tópicos mais técnicos, como a apresentação das fases, e outros mais interpretativos como as aldeias, o sistema econômico e a história do grupo. – Quem não está interessado em muitos detalhes arqueológicos pode omitir o item 4, passando diretamente do Item 3 para o 5.

O termo tradição Taquara identifica aqueles sítios arqueológicos que têm cerâmica de uma certa característica: ela é pequena, composta de potes e tigelas, com decoração impressa variada, onde são facilmente distinguíveis negativos de cestaria, depressões regulares produzidas por pontas de vários formatos, ou das unhas, incisões lineares etc. A identificação da tradição é feita principalmente pela cerâmica, totalmente diferente da Tupiguarani e bastante diferente da Vieira.

Mas esta tradição se caracteriza também, com relação às outras duas tradições ceramistas indígenas do Estado, por seus trabalhos de engenharia de terra. Nela se encontram casas subterrâneas, galerias nas encostas dos morros, taipas fechando espaços à semelhança de fortificações, terraços de terra e pedra, além de montículos mortuários e/ou cerimoniais.

A primeira impressão que dela se possuía era de um grupo coletor-caçador e pequeno plantador que, devido às condições mais precárias de

* Instituto Anchieta de Pesquisas, UNISINOS, Bolsistas do CNPq.

ambiente e solo, ocuparia, em termos econômicos, uma posição muito inferior ao Tupiguarani. Fazendo agora um novo balanço, com mais informações e melhor ponderação das mesmas, esta diferença parece diminuir, percebendo-se uma economia equilibrada, capaz de manter um grupo relativamente numeroso desde o século II de nossa era até o embate da conquista européia. Hoje há uma idéia absolutamente dominante de que a população sobreviveu mesmo a este, embora com nomes cambiantes (Guaianá, Coroadó, Kaingang) e em condições cada vez menos satisfatórias devido à progressiva redução de seu território e, com isso, de seu potencial de abastecimento, estando representada hoje por grupos kaingang das reservas indígenas do Norte e Noroeste do Estado.

2. *Foi assim que o estudo começou*

Os primeiros sítios descobertos estavam no litoral, onde Schmitz (1958) descreve a cerâmica da tapera de uma aldeia superficial, dando-lhe o nome de Osório, em atenção ao município do achado.

Quem primeiro chamou atenção às casas subterrâneas foi Alan L. Bryan, que, em 1960, falando a Schmitz indicou um sítio em Fazenda Souza "muito parecido com as casas subterrâneas dos Estados Unidos e do Canadá", aconselhando sua escavação.

Também o arqueólogo Igor Chmyz teve notícias de uma casa subterrânea na bacia do rio das Antas e veio do Paraná para estudá-la (Chmyz, 1965).

A pesquisa tornou-se intensa a partir de 1966, quando, por um lado, Schmitz, do Instituto Anchieta de Pesquisas e logo La Sálvia (1968), da Universidade de Caxias do Sul, fizeram grandes levantamentos no planalto do Nordeste, seguidos de uma escavação em Santa Lúcia do Piaí, município de Caxias do Sul (Schmitz e outros, 1988). Simultaneamente Miller, do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, realizou levantamentos, principalmente na encosta e no litoral, seguidas de escavações no Morro da Formiga, nos arredores da cidade de Taquara. Com estes estudos se definiu a fase Taquara (Miller, 1969a:19-21), que deu origem à tradição Taquara (Brochado e outros, 1969:12-15), na medida em que fases parecidas foram sendo identificadas.

Hoje se contam às centenas os sítios visitados, entre os milhares supostamente existentes, com escavações representativas na fase Taquara (uma aldeia de casas subterrâneas pelo Instituto Anchieta de Pesquisas em colaboração com a Universidade de Caxias do Sul; uma aldeia superficial no Morro da Formiga pelo Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul), na fase Erveiras (escavações de duas casas subterrâneas por Mentz Ribeiro, das Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul) e Guabiju (também escavações em aldeias de casas subterrâneas pelo mesmo pesquisador); ainda existem

trabalhos menores, no município de Vacaria, feitos por Kern, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

3. Escavações em Água Azul

Na localidade de Água Azul (Santa Lúcia do Piaí, Caxias do Sul), lugar de peregrinação indicado como ponto do martírio do padre jesuíta Cristóvão de Mendoza, havia sido localizado um aglomerado de 36 casas subterrâneas e 40 túmulos, na propriedade de Antonio Vergani. A escavação foi realizada sob o patrocínio da Secretaria de Turismo do Município. Dos trabalhos, que se estenderam por 36 dias, nos anos de 1967, 1968 e 1970, participaram quase todos os arqueólogos do Estado, mais Pe. João Alfredo Rohr, S.J., do Museu do Homem do Sambaqui, de Florianópolis, e grande número de pessoas da população local.

Como não havia conhecimento algum das casas subterrâneas, este foi um trabalho realmente inovador. Foram abertas 4 casas, que pensávamos dariam informações sobre o grupo: a maior de todas, medindo 11 m de diâmetro e 6 m de profundidade; uma menor, com 5,20 por 2,89 m; e duas ainda mais rasas, respectivamente 5,62 por 2,10 m e 4,80 por 1,90 m. Queríamos saber tudo sobre as construções, seu funcionamento e sua agrupação. Também mandamos fazer datações de C¹⁴, que não apenas diriam quando as casas foram ocupadas, mas durante quanto tempo, e se houve reocupações depois de um ou mais períodos de abandono. Simultaneamente foram estudados três dos montículos funerários.

O agrupamento, sem nenhum esquema urbanístico aparente, encontra-se numa elevação suave do terreno, coberto de mata mista com pinheiros, tendo na proximidade um pequeno banhado, posteriormente transformado em açude. As casas, que apareciam como depressões mais ou menos profundas, encontram-se dispersas num diâmetro de uns 500 m, com túmulos sob a forma de pequenos aterros dispersos no meio delas. Uma ladeira mais íngreme, onde existem alguns túmulos, foi terraceada com pedras e terra.

A casa maior, escavada em declive pouco acentuado do terreno, tem uma porção da parede em rocha ainda sadia, outra em rocha decomposta e a porção mais alta de uma parede preenchida com o desaterro. O piso é em basalto resistente; no centro dele um buraco para o esteio principal do telhado; ao longo da parede, quase ao nível do piso de rocha maciça, imaginou-se ter isolado uma banquetta baixa, dentro da qual haveria mais buracos de esteios. Nas trincheiras, feitas ao redor da casa, apareceram aglomerados baixos de pedras, que foram interpretados como suportes dos caibros do telhado, que não se levantaria do chão, mas apoiaria sobre ele; uma canelota ao redor para desviar as águas da chuva. Foi impossível identificar, na escavação, os restos do telhado e os dispositivos de acesso ao interior da habitação. (Fig.4)

Nas espessas camadas de ocupação do interior se encontravam cerâmica e primitivos instrumentos de pedra, indicando uma longa ocupação humana; e no fogão de pequenos blocos, junto à parede, além de muito carvão e pinhões calcinados, foi juntado um pedaço de mão-de-pilão; este fogão acompanhou o crescimento das camadas arqueológicas sucessivas, alcançando mais de um metro de altura.

Uma data sobre carvão retirado entre 80 e 100 cm de profundidade, deu 470 ± 70 anos depois de Cristo. Como até o piso ainda havia certa espessura de camadas arqueológicas, pode-se imaginar que a primeira ocupação desta estrutura se tenha dado um ou dois séculos antes dessa data.

No outro extremo do aglomerado de casas foi escavada outra estrutura habitacional, menor e proporcionalmente menos profunda. O terreno escolhido para a construção também era um pouco inclinado. A parede em quase toda a extensão era rocha, tal como o piso. Num lado a parede era mais baixa, mas não se colocou o aterro para igualar. Neste lado, provavelmente para evitar desmoronamentos e umidade, pequenas lajotas naturais de basalto cobriam a parede em sua parte inferior. Quase no centro do pavimento havia novamente um buraco para o esteio central, escorado por um conjunto de pedras. Pequenos trilhos de carvão, dispostos radialmente com relação a este buraco, devem ser das traves queimadas do telhado, constituído provavelmente de palha e terra. Nas trincheiras feitas ao redor da casa se descobriram 9 acúmulos de pedras de 40 a 70 cm de diâmetro, em distâncias de aproximadamente 150 cm, nos lugares dos esteios do telhado, que estaria levantado do chão. Num lugar onde dois esteios só distavam 80 cm um do outro, três lajes com as extremidades presas na parede e uma parte sobressaindo, formariam uma escada interna de acesso ao piso.

Nas camadas arqueológicas foi possível distinguir certa descontinuidade, sendo a mais superficial o entulho posterior ao abandono definitivo da habitação; por baixo dela havia uma camada indicando uma ocupação recente e pouco intensa, datada em 1.110 ± 60 anos depois de Cristo; a camada mais profunda, sobre o piso rochoso, era espessa e deu uma data de 620 ± 100 anos depois de Cristo: nela havia pequenos fogões ao longo da parede, contendo carvão, pinhões calcinados e cerâmica. (Ver figura 2)

Na proximidade desta habitação estavam os três montículos escavados, de que falaremos depois.

Não muito longe da casa grande foram escavados duas casas, mais rasas e semelhantes entre si. A que deu mais claramente as características não tinha a parede vertical, como as anteriores, mas a parede e o fundo constituíam uma cúpula invertida, cortada por uma banquetta, que serviria tanto para dar acesso à casa, como para sentar. No meio da habitação, lugar natural do esteio central, havia muitas pequenas pedras, carvão e outros restos, indicando ser também lugar de fogão, no qual se preparariam alimentos e donde irradiaria calor para os sentados na banquetta. Nas trincheiras abertas ao

redor da depressão apareceram, como nas anteriores, os aglomerados de pedra, indicando o lugar dos esteios do telhado, que seria erguido do chão. Não temos datações para estas duas estruturas.

Os três montículos deram resultados diferentes. O primeiro, de 6 x 5 x 1,30 m, era composto de terra e apresentava muitas pequenas galerias irregulares. Nele havia uma quantidade de carvão, que, datado, deu 810 ± 40 anos depois de Cristo. As galerias podem ser produzidas por tatus, que cavam o chão em busca dos cadáveres. O segundo, de 4,50 x 2,05 x 1,20 m, tinha uma camada de terra superficial e no interior pedras organizadas como se fosse um nicho raso, no qual deveria estar o cadáver; na parte inferior, carvão. O terceiro, de 4 m de diâmetro e 1,60 de altura, era parcialmente de terra, parcialmente de pedras não organizadas e continha bastante carvão. Ele estava no declive, um pouco abaixo do terraço superior. Em nenhum deles foram encontrados restos de esqueletos. São montículos artificiais, contemporâneos com as casas, para os quais podemos supor, mas não provar, serem túmulos dos moradores indígenas do lugar.

As datas conseguidas dentro do aglomerado provam o que a visão superficial e a escavação faziam supor: a aldeia foi ocupada ou reocupada durante muito tempo; as diversas estruturas não são todas coetâneas e a aldeia nunca teria as 36 casas ocupadas simultaneamente, mas talvez 1, 2 ou 3; apenas somando no tempo as diversas taperas chegaríamos à configuração atual; as diferentes casas podem ter longo período de ocupação ou reocupação.

Em locais próximos, há outros aglomerados semelhantes, visitados mas não escavados. (Figura 2)

4. As variações regionais: fases

Os arqueólogos, para melhor poderem manipular os seus materiais, usam termos próprios, alguns dos quais é preciso explicitar. Sítio, para eles, é um lugar onde aparecem restos de ocupação humana; pode ser um aglomerado de casas subterrâneas com seus acompanhantes, taperas de choças de palha, acampamentos em abrigos rochosos, sambaquis etc. Fases denominam conjuntos de materiais com características semelhantes (cerâmica, artefatos de pedra ou osso, gravações ou pinturas em rochas) e que mantém as características, isoladas como diagnósticas, dentro de um espaço e tempo reduzidos; mal comparando, abrangeriam o espaço e o tempo de uma tribo indígena. Tradições são conjuntos maiores de materiais com características semelhantes, reunindo em geral diversas fases e que mantém as características, isoladas como diagnósticas, dentro de um tempo (e espaço) mais amplos; mal comparando, abrangeriam o espaço e o tempo de uma nação indígena. O nome da primeira fase determinada para um certo material costuma dar o nome à tradição. Assim o nome fase Taquara, oficializado para

a primeira identificação do conjunto aqui descrito, também passou a denominar o conjunto de fases de material semelhante, isto é, a tradição Taquara. Quando um mesmo material, por qualquer razão recebeu vários nomes, um deles prevalece e os demais passam a ser sinonímia.

Dentro da tradição Taquara foram descritas as seguintes fases: Taquara (sinonímia: cerâmica Osório e fase Caxias), fase Guatambu (sinonímia: fase Vacaria), fase Cai (talvez sinonímia de fase Taquara), fase Erveiras, fase Xaxim (existe principalmente em Santa Catarina), fase Guabiju, fase Taquaruçu e fase Giruá (talvez sinonímia da anterior). É possível que, com o avanço dos estudos mais alguma destas fases passe a ser considerada sinonímia por se referir a material que anteriormente já recebeu outro nome. (Ver figura 1)

4.1. A fase Guatambu

A fase Guatambu é a mais antiga, cobrindo as datas de C¹⁴ do século II ao XII de nossa era.

Ela foi estudada por La Salvia, Schmitz e Basile Becker (1970:493-497), Miller (1971:44-49), Lazzarotto, Schmitz, Basile Becker e Steinmetz (1971:81-84) e provavelmente Kern (1985:30-33), nos municípios de Vacaria e Bom Jesus, no Norte do Estado; continua em São Joaquim, no estado de Santa Catarina.

Dois ambientes apresentam sítios: os campos altos com mata mista e pinheiros, onde foram visitados 11 conjuntos de casas subterrâneas; e as várzeas dos rios Antas e Pelotas, com suas matas de galeria, onde 41 taperas de aldeias com choças de palha foram vistas. Na proximidade desses rios, abrigos em paredões rochosos foram usados para depositar os mortos.

Em termos econômicos esta dualidade ambiental pode ser importante. Um tipo de recursos podia ser conseguido nas terras altas, especialmente pinhão e caça terrestre e aérea. Usando simultânea ou sucessivamente os vales dos rios tinha-se acesso a muitos outros recursos, como terras boas para cultivos tropicais, que poderiam ser milho, mandioca, batata doce, amendoim e fumo, além de moluscos, peixes e grandes mamíferos terrestres; também seixos para a produção de instrumentos de pedra. É de supor que, além disso, tenham tido acesso ao litoral fronteiro de Santa Catarina, em cuja planície costeira existem sítios superficiais parecidos (Rohr, 1969); o zoolito encontrado junto de uma das casas subterrâneas certamente vem de sua visita a um sambaqui.

As casas subterrâneas formam aglomerados que podem chegar a um máximo de 22 estruturas, dispostas irregularmente. Os diâmetros dessas casas vão de 2,5 a 18 m e a profundidade de 2 a 6 m. A ocupação poderia ser mais longa em umas e mais curta em outras, sendo os resíduos arqueológicos dentro delas relativamente pouco espessos: de 5 a 25 cm.

Um fato curioso são dois cordões de terra, de uns 150 cm de largura e 50 cm de altura, que correm paralelos uns 30 m um do outro, e circundam a elevação na qual se encontra um sítio de 6 casas subterrâneas; guardam paralelismo ainda quando dobram em ângulo de 90° em direção a um riacho. Fenômeno parecido se repete junto a outro conjunto de casas subterrâneas.

Na proximidade de casas subterrâneas foram encontrados dois montículos aproximadamente circulares, um de uns 10 m, o outro de uns 5 m de diâmetro, que poderiam ser funerários.

As antigas aldeias superficiais, que geralmente bordeavam as matas de galeria dos rios, ocupavam superfícies relativamente pequenas, variando de 10 x 20 a 50 x 125 m, com uma camada arqueológica de 15 a 30 cm. Não mais se percebiam os fundos das choupanas, mas o material estava disperso.

Foram visitados vários abrigos nos quais se haviam depositado os mortos. O mais típico é o do Matemático de Bom Jesus. Lazzarotto e outros (1971:81) assim o descreve:

"Abre-se a gruta entre duas camadas de basalto, de consistência e coloração diferente, à meia-altura de uma cascata de pequeno córrego, que cai verticalmente uns 100 m.

"Constitui-se o fundo de pequeno cañon, que aqui nasce e vai morrer no Rio Monjolo. As escarpas do cañon constituem um acesso bastante difícil à gruta; chegados, porém, na direção desta, a uns 80 m da mesma, há um caminho natural quase plano, de uns 2 m de largura, marcando também as duas camadas de basalto, que leva fácil e diretamente à gruta, não obstante a rocha cair vertical tanto por cima como por baixo da vereda.

"A fenda da gruta abre-se de lado a lado numa extensão de mais de 80 m. A parte habitável, porém apresenta as seguintes dimensões: largura 40 m; profundidade 9 m; altura da boca de 1,30 a 2,10 m, abaixando à medida que se vai para o fundo.

"O chão da gruta estava todo tapetado por pedras médias e pequenas, evidentemente desprendidas do teto. Foi bastante revolvido por visitantes anteriores, curiosos em busca de ouro, que, segundo consta, levaram esqueletos e objetos mais vistosos. Fala-se em doze a quinze crânios, que há muito tempo foram levados.

"De lado, ao Norte, há duas vertentes perenes de água. O fogo era feito perto da boca da gruta e as cinzas aparecem numa área de 16 m², numa espessura de 10 cm. Nestas é que pesquisamos: por sorte não estavam revolvidas, salvo em dois ou três pontos insignificantes.

"Como material arqueológico recolhemos: cerâmica, cascas de pinhão (assado nas brasas, tendo o fruto sido arrancado posteriormente com auxílio dos dentes), sabugos de milho (inteiros e quebrados), palha de milho, taquaras cortadas para cestaria, carvão, fragmentos de ossos e dentes humanos.

"Abaixo da camada de cinzas não apareceram vestígios de ocupação. No resto habitável da gruta, mas sempre na superfície, aparecia o mesmo material, porém em menor quantidade.

"Afirma-se que uma esteira de taquara cobria toda a boca da gruta. Esta desapareceu já há muito tempo, mas as amostras de taquara, recolhidas, podem ser um testemunho deste fato."

Miller (1971:45) completa: "Apesar da perturbação e depredação dos enterramentos, as evidências foram suficientes para constatar-se que eram do tipo aterro, entrando na sua formação, terra e restos vegetais de xaxim, folhas de taquara e capim. Pequenos blocos de pedra circundavam os aterros que eram alongados (...) e baixos.

"Os enterramentos eram acompanhados por restos de pequenas fogueiras (nós de pinho), trançados de fibra vegetal e raramente animal, artefatos de madeira, cera animal e conchas de lamelibrânquios. O milho, pinhão e cabaças fariam parte das oferendas aos mortos pelos restos de sabugos, cascas, fragmentos e sementes de porongo."

O material cerâmico recolhido nos sítios da fase é de aproximadamente 12.000 cacos. As vasilhas com formas de pote ou tigela eram produzidas pelas técnicas anelar, roletada e modelada; podiam chegar a 40 cm de altura, mas geralmente eram pequenas. A maior parte delas apresenta a superfície externa polida; uma pequena porcentagem é decorada com impressões em ziguezague, incisões paralelas e/ou cruzadas, estampado denteado, pinçado, ungulado e ponteados, formando freqüentemente uma faixa na metade do corpo da peça; a superfície interna é igualmente polida e às vezes recoberta por um engobe vermelho fugidio. Alguns recipientes têm cabo, ou alça ou furos, destinados à suspensão.

Entre os restos perecíveis, só conservados nos abrigos, encontram-se vegetais sob a forma de cordéis, sacolas, tembetá ou botoque, bola, pente de taquara, argolas de capim como porta-recipientes; um cordel feito de tendão animal e uma massa de cera com incisões em forma de broa.

Dos mais de 1.800 artefatos líticos podem ser destacados: lâminas polidas e semipolidas de machado, mãos-de-pilão, afiadores em canaleta, talhadores uni e bifaciais, raspadores, lascas retocadas, percutores e suportes de percussão, seixos-alisadores para cerâmica.

No século XIX, quando da ocupação definitiva pelos colonizadores europeus, os Campos de Cima da Serra eram dominados pelos Botocudos, adversários férreos dos kaingang do cacique geral Braga, que ocupava os campos e pinheirais de São Francisco de Paula, Caxias do Sul e arredores, território da fase Taquara.

4.2. A fase Taquara

É a segunda em antiguidade, indo do V ao menos até o XV século de nossa era.

Foi estudada principalmente por Schmitz, coordenador e outros (1967:2-10), Schmitz (1969:163-167), La Salvia (1968, 1983), La Salvia e Schmitz (1973), Miller (1967:19-21; 1974:19), Mentz Ribeiro (1975); Schmitz e outros (1988:5-130).

Está situada no Nordeste do Estado.

Explora três ambientes distintos. Há centenas de sítios com casas subterrâneas e acampamentos superficiais nas matas com pinheiros e nos campos do planalto; nas encostas, nos terraços altos e morros dos vales dos rios, foram localizados com menor frequência, mas formam aí os maiores sítios, correspondentes a antigas aldeias superficiais de choças de palha, como no Morro da Formiga, na periferia de Taquara; às vezes acampavam nos abrigos rochosos, que também usavam para depositar os seus mortos; finalmente são muito freqüentes junto às lagoas costeiras, às vezes diretamente sobre a praia do Oceano, entre Tramandaí e Torres.

Como na fase Guatambu esta multiplicidade de ambientes seria muito importante em termos econômicos. Os pinhões e a caça dos campos e pinheirais do planalto frio podiam ser somados com as possibilidades de cultivo, caça e pesca nas terras férteis e quentes da encosta baixa e do vale dos rios, a coleta de abundantes moluscos de terra, de água doce e salgada, junto com a pesca, na planície litorânea com suas grandes lagoas e praias arenosas.

As casas subterrâneas aparecem dentro de capões de mato, ou em campo aberto perto de córregos, nascentes ou banhados. O diâmetro dessas escavações aproximadamente circulares vai de 2 a 20 m por uma profundidade de 2,8 a 6 m. Embora existam com uma certa frequência casas isoladas, geralmente elas vêm agrupadas, podendo os aglomerados chegar até 36 dessas estruturas de diferentes tamanhos, não necessariamente coetâneas.

De mistura com as casas existem aterros, predominantemente de terra ou com uma estrutura de pedras sob a forma de nichos, que parecem sepulturas individuais.

Aclives mais acentuados, na borda da aldeia, podiam ser terraceados, usando para tal fim pedras e/ou terra.

Há informações sobre galerias escavadas em aclives fortes, porém muitas vezes se confundiram canais cavados pela água (erosão tubular), com trabalho indígena. Tais galerias, existentes aos milhares em diversas partes do Estado, podem algumas vezes ter sido usadas como esconderijos ou lugar de sepultamento, mas a comprovação de que algumas são produto intencional da ação humana é muito débil.

Na encosta leste do planalto, Miller (1974:19) encontrou abrigos-sob-rocha ocupados como cemitérios. As evidências são de poucos sepultamentos de indivíduos infantis e adultos, que estão dispersos pela superfície a 25 cm de profundidade. Os sedimentos apresentam restos de poucas lentes de cinzas e grânulos de carvão. Os artefatos associados compõem-se de restos de cordas,

sacolas, alças de cesto, furadores de osso, contas de colar, peças líticas polidas e fusiformes, polidores em arenito e raros talhadores. Outros abrigos podem ter sido usados simplesmente como acampamentos de caça.

As aldeias na encosta baixa, ou em morros e terraços altos no vale dos rios, se constituem nos maiores sítios, alcançando até 4.000 m² de superfície. Deveriam ter populações estáveis até relativamente grandes. Embora não se percebam hoje os fundos de suas choupanas de palha, a disposição dos cacos dos vasilhames insinua a sua localização.

As aldeias à beira das lagoas ou do oceano são ainda pouco estudadas e aparecem mais porque o acúmulo de restos de alimentos, compostos predominantemente de ossos de peixes e conchas, os destacam no meio das areias. Frequentemente mostram contatos com as populações horticulturas Tupiguarani.

Em todos estes sítios aparecem restos de pequenos potes e tigelas utilitárias, de formas e acabamento muito característicos e com altura máxima de 40 cm. Em oposição com o que se vê nas outras fases, nesta, vasilhames decorados são muito freqüentes. A decoração, cobrindo geralmente do lábio até a base, disposta de forma cuidadosa ao redor do corpo, abrange ponteados simples, arrastados, múltiplos, unglados verticais e horizontais, pinçados, impressões de corda, malha e cestaria, aplicados mamiliformes, incisos e outros, às vezes combinados no mesmo recipiente.

Os artefatos em pedra incluem exemplares polidos muito bem acabados como grandes mãos-de-pilão e lâminas de machado; entre o material lascado podemos encontrar talhadores uni e bifaciais, raspadores, lascas retocadas ou usadas diretamente; materiais usados sem ulterior preparação podem ser percutores e moedores. O retalhamento bipolar de cristais de quartzo e geodos de calcedônia é bastante comum.

Quando os europeus, no começo do século passado, conquistaram esta área, vivia ali uma grande tribo de índios kaingang, com seu chefe Braga, cujos ascendentes teriam sido enterrados no planalto durante ao menos 5 gerações. Existe uma boa probabilidade de serem estes os descendentes da população da fase Taquara.

A fase Caí (Mentz Ribeiro, 1972) refere-se a rápidos acampamentos em abrigos dos vales do rio Caí e Sinos, um deles com sepultamentos, que pela quantidade muito pequena de material possivelmente seja apenas sinonímia da fase Taquara ocupante de toda esta região.

O material lítico, entretanto, se destaca bastante, provavelmente pela disponibilidade local de matéria prima. Entre o material lascado há talhadores, lâminas lascadas de machado, raspadores, lascas retocadas, lascas usadas e, naturalmente, os resíduos inúteis do lascamento; polidas ou semipolidas temos lâminas de machado, mãos-de-pilão e bolas de boleadeira; material usado sem modificações intencionais está representado por percutores, trituradores, moedores e suportes de percussão.

A grande semelhança deste material com o da fase pré-cerâmica local, denominada Pinhal, faz os autores pleitearem a fase Erveiras como uma evolução daquela.

4.4. A fase Guabiju

É a mais recente de todas as fases da tradição Taquara. Muito parecida com a fase Guatambu e sua vizinha, é, entretanto muito mais recente.

Foi estudada por Mentz Ribeiro e Torrano Ribeiro (1985), no município de Esmeralda.

Deles extraímos a sinopse, que introduz o texto monográfico.

"Todos os sítios encontram-se na bacia do rio Pelotas, um dos formadores do Uruguai. Climatologicamente, a região pertence ao clima temperado ou das faias; temperatura média anual em torno dos 16° C, tem geadas e nevadas no inverno; as chuvas anuais estão entre 1600 a 1700 mm. A vegetação e o relevo apresentam dois aspectos: 1 - floresta com pinheiro e terreno dobrado acentuado junto e próximo ao rio Pelotas; 2 - campos com capões, também com pinheiro, relevo ondulado suave, mais afastado do rio. A fauna e flora são variadas e eram abundantes.

"Conseguimos 27 sítios de campo aberto (dos quais 24 são da tradição Taquara), 39 conjuntos totalizando 135 casas subterrâneas, 3 estruturas, 3 galerias subterrâneas, 3 cavernas e 2 abrigos sob rocha. (...) As casas subterrâneas variavam, em cada sítio de uma até 23, predominando as primeiras. As dimensões das casas se encontram entre os 2,5 m de diâmetro até 19,6 x 22,1 m e a altura desde 0,4 até 2,0 m; a grande maioria estão entre 6 e 10 m de diâmetro. Não formam figuras ou obedecem a um plano. As estruturas são formadas por círculos de terra de 2 a 3 m de largura e 0,3 a 0,5 m de altura com diâmetros que variam entre 21 e 70 m. Em dois locais os círculos são isolados; em outros encontramos dois círculos e uma figura trapezoidal unidos; o círculo menor e a figura trapezoidal possuem um montículo no centro, com 6,0 m de diâmetro e 0,5 m de altura.

"Realizamos coletas superficiais sistemáticas nos sítios de campo aberto e cortes experimentais em um destes sítios, duas estruturas e em 9 casas subterrâneas. Registramos o seguinte material: 2.470 fragmentos de cerâmica da Tradição Taquara (simples e decorada: ponteadas, incisas, cestaria impressa, pinçada, unglada, malha impressa, impressão de corda, carimbada, digitada e mista). A cerâmica simples foi a mais popular na quase totalidade dos sítios. A técnica do modelado, antiplástico arenoso, forma semi-esférica, contorno simples, espessura das paredes entre 5 e 8 mm e abertura entre 8 e 16 cm marcam as características desta cerâmica. O lítico é composto de 1.302 peças, predominando a pedra lascada com 1.063, destacando-se os talhadores e raspadores semicirculares. Na pedra polida, as mãos-de-pilão, enxada e fragmento de virote são os instrumentos mais sugestivos. A matéria-prima por excelência é o basalto.

"Obtivemos 6 datações pelo método do C¹⁴ para 4 casas subterrâneas. Os resultados oscilaram entre 355 ± 50 e 650 ± 55 anos A.P." (ou 1.595 ± 50 e 1.300 ± 55 anos depois de Cristo).

Através do material coletado os autores concluem que esta população praticava a horticultura, caçava e coletava.

Nenhum fragmento de cerâmica Tupiguarani foi encontrado em toda a pesquisa.

4.5. A fase Xaxim

Uma fase do Sudoeste e Centro de Santa Catarina, pouco representada no Rio Grande do Sul, tendo sido noticiados 3 sítios na proximidade do rio Uruguai, no município de Erechim.

Tem uma data de 975 ± 95 e outra de 1.520 ± 90 anos depois de Cristo, datas que são aceitáveis.

Em Santa Catarina foi estudada por Piazza (1969a:60-61; 1969b:65-66; 1971:75), no Rio Grande do Sul por Miller (1971:49). Por sua localização e características parece idêntica à fase Itapiranga, estudada em Santa Catarina por Basile Becker e Schmitz (1969:499-506) e depois por De Masi e Artusi (1985:99-121) e Artusi e De Masi (1985:21-29).

Os sítios costumam encontrar-se no topo ou na encosta de morros, próximos a córregos ou nascentes, dentro de um ambiente de floresta subtropical. São pequenos, podendo medir 10 x 20 ou 20 x 30 m de diâmetro e têm pequena espessura de camadas arqueológicas, indicando ocupação não muito duradoura.

A cerâmica se compõe de pequenos potes e tigelas, com um diâmetro máximo de 30 cm no bojo. A maior parte dos vasilhames são apenas alisados; a decoração, que aparece num pequeno número de recipientes, é o inciso, o unglado, o ponteadado, o pinçado e o inciso unglado.

Os artefatos em pedra estavam pouco representados nas publicações, consistindo de lascas, fragmentos de pontas de quartzo, raspadores, batedores e uma lâmina de machado semilunar. No trabalho de DE MASI e ARTUSI (1985) há finalmente, um cuidadoso estudo da utilização do quartzo cristalizado e da sua técnica de retalhamento bipolar.

Também nesta fase há contato marcado com o Tupiguarani.

4.6. A fase Taquaruçu

É uma das manifestações mais recentes, tendo uma data de C¹⁴ de 1.120 ± 60 anos depois de Cristo e outra de 1.790 ± 70 anos depois de Cristo, esta última considerada nova demais pelo autor, mas de qualquer forma muito sugestiva e provavelmente verdadeira.

Foi estudada por Miller (1969a:37-38), no Oeste do Estado.

Trata-se de apenas 4 sítios superficiais em terrenos outrora cobertos por floresta subtropical: 3 deles estão às margens de arroios em coxilhas no interior e 1 está sobre coxilha na proximidade do rio Uruguai.

As dimensões dos sítios são regulares, atingindo até 5.000 m². As camadas arqueológicas não passam de 30 cm de espessura, não se percebendo os locais dos fundos das choupanas, mas simplesmente um terreno mais escurecido no local dos assentamentos.

Os vasilhames, geralmente pequenos, com a forma de potes e tigelas, podem atingir até 39 cm de altura, sendo a maior parte somente alisados; uma pequena quantidade tem a superfície externa decorada com ponteadado, ponteadado-arrastado, ungulado e aplicado. Ocorrem alguns apêndices, que poderiam ser fragmentos de asas ou pezinhos, bem como diminutos pássaros.

Os artefatos produzidos em pedra são afiadores em canaleta, furadores, trituradores, raspadores e seixos alisadores de cerâmica.

Sugestivamente na proximidade está o toldo kaingang de Guarita.

4.7. A fase Giruá

Da fase Taquaruçu foram separados por Miller (1969a:38) 2 sítios, com pouco material, que deram origem à fase Giruá. Estão situados na margem do Uruguai, em coxilhas e ladeiras suaves.

Existe uma data para ela, de 1.550 ± 100 anos depois de Cristo, que parece correta, apesar da dúvida do pesquisador. Combina com a da fase anterior.

Os poucos cacos encontrados têm a superfície externa lisa, ponteadada ou pinçada.

Os artefatos produzidos em pedra teriam grandes semelhanças com a fase pré-cerâmica local, chamada Caaguaçu, da tradição Humaitá.

5. Dois tipos de aldeias

No grande grupo da tradição Taquara são conhecidas várias formas de assentamento, usadas de acordo com as circunstâncias. Vamos examinar algumas das mais importantes.

As aldeias com casas subterrâneas são encontradas regularmente nos terrenos altos e frios com uma vegetação também adaptada a baixa temperatura hibernal, que são os campos e as matas mistas com pinheiros. Aí as geadas intensas são comuns nas madrugadas de inverno e a neve não chega a surpreender.

Embora existam casas isoladas, geralmente elas estão agrupadas em pequeno número, podendo excepcionalmente chegar a várias dezenas. Isto não quer dizer que tenham sido todas ocupadas simultaneamente, porque umas seriam abandonadas e outras novas construídas no mesmo espaço. Como geralmente existem aglomerados semelhantes em capões de mato

muito próximos poderia acontecer que em vários houvesse simultaneamente habitações, formando um povoamento semi-disperso.

Uma mesma casa pode ter sido reformada e reocupada em tempos bastante diferentes através dos séculos.

Como se faz uma casa subterrânea? Primeiro se escava um buraco circular dentro do chão sólido ou na rocha em decomposição, com o diâmetro e a profundidade necessários.

Precisa ter o cuidado de fazê-la num ponto alto para evitar que infiltre água e a transforme em poço.

As paredes nas casas profundas são aproximadamente verticais. Quando não escavadas em rocha sólida ou em decomposição podem ser revestidas de pequenas lajotas naturais. Nas casas menos profundas a parede pode ser em degrau, formando um lança, depois uma banqueteta e outro lança.

O telhado deveria ter sido de troncos, palha e terra. Quando a casa é grande e funda provavelmente era apoiado sobre um esteio central e as traves em raio descansavam no chão a alguma distancia do lado de fora da boca; com isto se evitava que a água das chuvas alagasse as casas ou mantivesse as paredes úmidas; uma valeta, cercado o telhado, ao menos nos pontos mais altos do terreno, aumentaria a segurança. Quando a casa era menor ou menos profunda, o telhado apoiaria sobre um poste central e outros colocados do lado de fora a alguma distancia da borda, que receberiam as traves colocadas radialmente.

Em geral ela está dentro do mato aberto de pinheiros porque aí não é fortemente atingida pelo vento, as chuvas e talvez o sol. A proximidade de uma nascente, banhado ou pequeno córrego é importante para abastecimento fácil e regular de água.

As casas certamente eram moradias, existindo dentro delas fogões compostos de pequenas pedras como os de um acampamento de piquenique. Dentro deles, misturado com o carvão e pinhões calcinados, encontram-se cacos de panelas de barro e às vezes restos de instrumentos. Se dentro destas casas se cozinha ou se mantém fogo aceso para calefação, que estratégias existem para eliminar a fumaça? Algumas casas mais fundas, onde o telhado saíria rente ao chão, parecem ter tido respiros laterais, escavados na parede, que trariam para dentro da casa o ar puro e frio do ambiente, expulsando o ar quente e a fumaça. Nas casas menos profundas, com o telhado levantado do chão, o problema deveria ser menor e a renovação do ar poderia ser proporcionada por aberturas na parede entre o telhado e o chão.

O acesso ao interior da casa, naquelas mais fundas, deveria ser por uma escada de madeira, uma vez que não se encontrou vestígio de quaisquer outros dispositivos; nas mais rasas poderia ser através de banqueteta, de rampa, ou pedras embutidas na parede, formando degraus.

Algumas vezes se mencionam ligações através de túneis subterrâneos, de uma casa para outra vizinha, mas a certeza é pequena.

Certamente a casa subterrânea é uma adaptação ao frio do planalto e por isso ela é encontrada nas terras altas desde o Rio Grande do Sul até Minas Gerais. Na América ela se estende por áreas muito variadas, abrangendo especialmente altas latitudes ou altitudes. Com um sólido telhado e o fogo aceso no seu interior ela manteria o calor nas noites frias do outono e do inverno.

Naturalmente uma grande parte da vida ocorreria no exterior da mesma, como mostram os artefatos dispersos ao seu derredor.

A escavação de casas tão grandes e profundas exigiria considerável trabalho, especialmente se consideramos as ferramentas primitivas (talhadores de seixo, ou pequenas pás de madeira) de que poderiam dispor, devendo a terra escavada ser removida em cestos feitos de taquara rachada. Como estruturas permanentes, ocupadas talvez durante décadas, tal esforço compensava.

Os túmulos espalhados entre as casas ou na sua periferia representam uma movimentação bem menor e mais fácil de terra, uma vez que não era necessário levá-la. Geralmente era conseguida na proximidade, onde se percebe ainda a depressão causada pela remoção.

Os terraços de pedra e terra nas encostas fortes, na periferia da aldeia e o levantamento de taipas circulares ou retangulares com seus montículos de terra, como aparecem na fase Guatambú e Guabiju, como verdadeiras fortalezas primitivas, são outras obras de engenharia deste povo.

As aldeias de casas subterrâneas sempre se nos apresentaram como os centros residenciais desta população e ainda não temos razões para descartar esta idéia. Para se manterem neste ambiente deveria haver fortes razões econômicas ou de segurança; econômicas no sentido de que o ambiente deveria brindar recursos adequados; de segurança no sentido de que populações diferentes dificilmente ali os atingiriam.

Mas na medida em que as pesquisas se foram estendendo a novas áreas em terrenos mais baixos e mais quentes, foram-se multiplicando as taperas de aldeias compostas por pequenas choças de palha. O diâmetro destas choças era de poucos metros, a forma provavelmente circular ou elíptica. O número de habitações é pequeno, mas a grande quantidade de fragmentos de cerâmica e restos de instrumentos feitos em pedra sugerem que não se trata de meros acampamentos estacionais, mas de aldeias com certa permanência, coetâneas das aldeias de casas subterrâneas do planalto. As habitações eram levantadas com palha ou ramos de árvores, em cima da terra, porque seria um contra-senso construir casas dentro do chão em áreas quentes ou de solos pouco resistentes, que deixariam a água filtrar para dentro das moradias, transformando-as nas chuvas em poços ou piscinas. Estas aldeias estão na mata da encosta ou na proximidade da mata de galeria ao longo dos rios ou lagoas, permitindo assim o abastecimento regular de água.

Outros sítios, antes mencionados, mais parecem refúgios temporários, como os abrigos rochosos e as galerias subterrâneas. Ambos também eram usados para depositar os mortos. Na medida em que as galerias subterrâneas são produzidas ou adaptadas pelo homem, são novos testemunhos de engenharia indígena, mas teriam a seu desfavor especiais dificuldades de aeração.

Os supostos acampamentos familiares de caça, pesca e coleta dos períodos anuais de dispersão são muito mais difíceis de localizar, exigindo uma varredura do terreno muito mais fina do que até agora temos feito.

A grande quantidade de aldeias tanto no planalto, como na encosta e no litoral ainda não provam uma grande densidade demográfica. Tanto os materiais usados nas choupanas de palha, como nos telhados das casas subterrâneas estariam sujeitos a rápida deterioração, inviabilizando a moradia e convidando a construir uma nova habitação ou até mesmo uma nova aldeia. Recordando que a ocupação começou ao menos no segundo século e perdurou provavelmente até o século passado, durante uns 15 a 16 séculos (40 a 50 gerações humanas), podemos imaginar quantas taperas deixariam umas poucas aldeias que se deslocam de uma em uma, ou de duas em duas décadas, ou de geração em geração.

Para termos ao menos uma aproximação quanto ao contingente populacional podemos fazer uma comparação com os índios que no século XIX ocupavam o território da fase Taquara, levando uma vida tribal autônoma, sob a coordenação do cacique principal Braga: seriam aproximadamente 1.400 indivíduos, divididos em 23 tribos, vivendo provavelmente em outras tantas aldeias. Uma população desta ordem ou levemente maior podemos imaginar para os séculos anteriores. No mesmo século XIX temos ainda uma tribo de botocudos, com um número desconhecido de indivíduos, no território da fase Guatambu e talvez da Guabiju, e duas tribos, com um total aparentemente pequeno de índios mais para o Norte e Noroeste, sob o comando dos caciques principais Nonohay e Fongue, no território das fases Taquaruçu, Giruá e Xaxim. Este total, da ordem de 2.000 a 3.000 índios, nos dá uma idéia da população do planalto nos tempos anteriores à colonização européia.

6. O sistema econômico

As informações que a arqueologia nos proporciona a respeito do sistema econômico são mais de ordem inferencial e conjetural do que propriamente factual. Os elementos que usamos na reconstituição provêm dos dados concretos da escavação e prospecção, da distribuição dos sítios no espaço, e do sistema econômico dos kaingang, seus prováveis continuadores na mesma área, no século XIX.

Se classificamos a população da tradição Taquara como horticultores com forte apoio na coleta, caça e pesca, temos uma primeira idéia vaga de sua

subsistência; mas só a especificação de suas características nos vai dizer que eles devem ter conseguido uma boa eficiência, que os capacitou a repelir de seu território os Tupiguarani, horticultores que dominavam os vales e parte das encostas.

Restos de milho e de cabaças foram encontrados num dos abrigos mortuários da fase Guatambu. Que outras plantas cultivariam ou receberiam em contato com populações vizinhas não sabemos ainda. A sua convivência, na borda do planalto com a população Tupiguarani certamente pôs ao seu alcance toda a série de plantas, que estes horticultores efetivos da floresta subtropical teriam trazido da borda da Amazônia. Uma vez conseguidas, estas plantas poderiam ser cultivadas por eles próprios, usando em grande parte as aldeias das encostas e das planícies e em menor escala a vizinhança das casas subterrâneas do planalto; ou poderiam ser conseguidas através de um sistema de trocas amplas que a própria convivência com o Tupiguarani sugere. Mesmo que o centro de sua cultura, que são as terras altas, se prestem menos a esses cultivos tropicais, os produtos agrícolas necessários, desta forma, poderiam chegar a eles. Os mais importantes cobrem as necessidades básicas da população durante o verão e o começo do outono, mas dificilmente o resto do ano.

A coleta proporcionava uma forte complementação dos produtos cultivados, no começo provavelmente até mais importante que este. O pinhão era a coleta mais substancial e o domínio dos pinheirais deveria ser uma preocupação permanente na suposição de que as populações dos vales também ambicionavam este fruto, quando maduro. Os kaingang do século XIX tinham, mesmo entre si, para evitar conflitos de grupos familiares, uma rigorosa distribuição dos pinheirais com marcações de limites e leis draconianas para os transgressores. O pinhão amadurece no começo do outono e produz, sem esforço humano, colheitas muito maiores do que as roças, com maior dispêndio de energia, poderiam proporcionar. Infelizmente ele se conserva menos que diversos produtos cultivados, como o milho, o feijão, a batata doce, ou a mandioca. Se eles já tivessem tido naquele tempo, uma técnica de desidratação dos frutos, como os kaingang do século XIX, que os transformavam em farinha, com possibilidade de longa conservação, teriam tido uma reserva alimentar para o inverno e não precisariam invejar as populações horticultoras dos vales.

Para a consecução de proteínas também existia uma estratégia elaborada. As terras altas proporcionavam caça abundante e gorda ao tempo da maturação dos pinhões, que aliciavam tanto animais terrestres como aves. Durante o resto do ano a caça andaria mais magra e dispersa, mas nem por isso desprezível. A beira dos rios, onde estavam as choças de palha tinham à sua disposição peixes, moluscos de água doce e animais terrestres. Os acampamentos e aldeias na beira das lagoas exploravam intensamente

moluscos de água doce ou salobra, peixes e caça terrestres. Peixe seco poderia ser estocado para épocas mal providas de proteína.

O tempo mais bem abastecido do ano parece ter sido o verão e o outono, quando tanto os produtos da plantação e coleta vegetal, como da caça, pesca e coleta de moluscos eram abundantes. O tempo menos bem abastecido parece ter sido o inverno e a primavera. Para o inverno ainda poderia haver reservas do período anterior, mas na primavera os depósitos deveriam estar vazios e os produtos naturais escassos. Esta situação levaria naturalmente os grupos, depois dos trabalhos na preparação das roças, a se dispersar em pequenas partidas de caça, como faziam os kaingang do século XIX, deixando as aldeias com um mínimo de pessoas, até que os produtos agrícolas e coleta de pinhões novamente permitissem a convivência de todas as famílias.

Desta forma as aldeias teriam pulsações estacionais, como sói acontecer nos grupos indígenas horticultores. O tempo da fartura geralmente corresponde a uma convivência festiva, com abundância de rituais, nas aldeias residenciais. O tempo da escassez corresponde a uma convivência familiar nos acampamentos dispersos.

Se agora olhamos a economia do grupo como um todo, notamos que ela pode ter sido estável e sadia, capaz de proporcionar à sociedade um abastecimento regular e satisfatório ao menos durante a maior parte do ano. Mas isto só era possível com o domínio vertical de ao menos três ambientes: as terras altas com campos e pinheirais, as encostas florestadas e várzeas dos rios com bons terrenos de cultivo junto com possibilidades de pesca, e finalmente o litoral atlântico com suas grandes lagoas cheias de moluscos e peixes. Na medida em que os recursos produzidos podiam ser compartilhados por toda a população, quer através da troca entre as aldeias, quer através de migrações individuais, familiares ou plurifamiliares, a sobrevivência do grupo estaria garantida.

O sistema era altamente vulnerável e a falta de acesso a qualquer uma dessas áreas poria em risco a sobrevivência da população, exigindo importantes reformulações.

A preservação deste domínio vertical não terá sido pacífica, especialmente porque o Tupiguarani também ambicionava as encostas e o litoral e poderia querer os pinhões maduros para complementar as suas colheitas. A convivência com esta etnia, nestas áreas, em tempos mais recentes, poderia ser um indício de que grupos familiares da população do planalto se desintegraram do sistema próprio e passaram a um novo circuito econômico, complementando o seu abastecimento através da simbiose com um grupo diferente, na proximidade de cujas aldeias se encontravam estabelecidos. Mas também poderia ser que através desses contatos todo o sistema do planalto fosse reforçado, injetando mais produtos cultivados em troca de algum outro bem ambicionado pelo Tupiguarani. Isso não impediria naturalmente que o Tupiguarani da costa todos os anos, no período de calor

subisse ao planalto para caçar homens para seus banquetes antropofágicos (Rodrigues, 1940). Ele fazia o mesmo com as aldeias vizinhas de sua própria etnia.

O que se fala aqui de alimentos poderia ser aplicado igualmente a matérias primas minerais, vegetais e animais, necessárias para a manufatura de instrumentos ou utensílios.

Os dados são excessivamente escassos para se dizer algo sobre o circuito matrimonial, a organização da família e da sociedade como um todo, enquanto estruturas de manutenção e reprodução deste sistema econômico.

O fato de haver territórios estáveis, ocupados por variantes culturais através dos séculos, nos faz pensar que teriam uma estrutura política primitiva, com tribos, semelhante à dos kaingang do século XIX.

7. Os artefatos

Os objetos mais conhecidos que os arqueólogos podem manobrar são a cerâmica e os artefatos de pedra. A impressão na superfície externa da cerâmica também nos dá uma idéia de sua cestaria pequena, feita em espiral. (Figuras 5-9)

A identificação, tanto da tradição, como de suas fases, é realizada fundamentalmente através do estudo da cerâmica. Esta se compõe de pequenas tigelas e potes, feitos em barro selecionado que se tornar menos plástico por conter grânulos minerais arredondados e às vezes espículas submicroscópicas de espongiários de água doce.

Para a feitura dos recipientes podiam usar três técnicas: sobrepondo roletes ou anéis, repuxando e modelando a massa, ou moldando-a dentro de um cesto até conseguir a forma desejada. As paredes dos vasilhames eram simples ou infletidas. As formas produzidas e as decorações são patrimônio de toda a tradição, ao passo que as diferenças no tamanho, em detalhes de forma, na disposição ou freqüência da decoração, além de outros pormenores, servem para distinguir as fases no meio do todo. A maior parte dos vasilhames é simplesmente alisada; decorações predominantes são impressões de cestaria, ponteados simples ou múltiplos, ungulados, pinçados, incisões lineares, geralmente produzidas com grande minúcia. Estes vasilhames eram utilitários e estão fortemente incrustados de fuligem na superfície externa e cobertos de restos de alimentos na interna.

Os artefatos de pedra eram polidos, como grandes mãos-de-pilão, que chegavam a medir 80 cm, e deveriam ser usadas para esmagar, por exemplo, pinhão; ou lâminas de machado, para cortar madeira. Para serem produzidos, eram escolhidas rochas adequadas, especialmente diorito e basalto. Mas freqüentemente são lascados, podendo ser classificados como talhadores (isto é seixos com gume lascado), raspadores ou simples lascas usadas com ou sem retoque.

Para retalhar as pedras usavam a percussão direta e a percussão apoiada ou bipolar. Na percussão direta o lascamento é feito segurando a massa a ser percutida na mão esquerda, geralmente apoiada sobre a coxa do mesmo lado; conforme a intenção produziam talhadores descascando um bloco, ou desprendiam de um núcleo lascas para uso imediato como facas ou raspadores. O seixo usado como percutor apresentará marcas na borda ou nas extremidades da peça. Na percussão apoiada, ou com suporte, se apóia uma extremidade da massa a ser percutida sobre um seixo ou qualquer outra pedra, e se bate na outra extremidade, com a intenção de tirar lascas ou despedaçar a massa. O seixo usado como percutor, geralmente é alongado e manejado como se fosse um martelo, segurando-o numa extremidade como cabo e batendo com a outra. As marcas do percutor estão perto da extremidade e não na borda, nem na ponta. Na peça usada como suporte aparecem marcas características, geralmente no centro da face; às vezes classificavam-se estes suportes como "quebra-cocos".

A matéria prima comum para lascas eram os seixos dos rios: o basalto, o riolito e o arenito silicificado para artefatos grandes, a calcedônia e o cristal de quartzo para pequenos. Muitas vezes, na falta destes, poderiam usar massas desprendidas de grandes blocos rochosos ou pequenas massas arredondadas.

A percussão direta era mais comum entre as populações indígenas, mas os ceramistas do Rio Grande do Sul usavam também lascamento com suporte, especialmente para calcedônia e quartzo, dificilmente para basalto, riolito ou arenito silicificado.

Como se vê, o arqueólogo dispõe de muito poucos materiais para recompor a tecnologia indígena. Nem os poucos materiais perecíveis, conservados nos abrigos, lhe ajudam muito por serem excessivamente fragmentários. As suas fantasias sobre o material por isso o levam facilmente para muito longe da realidade.

8. A história do grupo

A tradição Taquara é reconhecida pelos arqueólogos por primeira vez em meados do segundo século de nossa era. Naturalmente surge então a pergunta: Como apareceu? Nasceu no local por mudança de cultura de uma população que ali teria vivido anteriormente, ou foi transportada por uma população que veio migrando de outro lugar?

É preciso dizer logo que não existe uma resposta pronta. Precisamos raciocinar.

A região dos campos altos e pinheirais e a encosta leste era habitada anteriormente à tradição Taquara por grupos de caçadores com pontas de projétil, da tradição Umbu. Os vales florestados dos rios maiores o eram por caçadores sem pontas de projétil de pedra, da tradição Humaitá. Nem um, nem

outro grupo tinha casas subterrâneas, nem cerâmica, talvez tão pouco plantas cultivadas.

O começo da tradição ceramista Taquara corre paralelo com uma neolitização geral do planalto brasileiro e a migração para o sul do Brasil de uma população horticultora da borda da Amazônia, que os arqueólogos identificam como Tupiguarani.

Durante algum tempo se pensou que esta população da borda da Amazônia poderia ter ensinado às populações locais tanto o uso da cerâmica quanto o cultivo de plantas. Acontece que as primeiras aldeias Tupiguarani todas incluem alguns fragmentos de característica cerâmica Taquara, mostrando que esta é anterior à migração daquele povo. De qualquer maneira ficaria por explicar o aparecimento das casas subterrâneas, que a população amazônica desconhecia. De modo que somos obrigados a pensar numa evolução regional autóctone.

Os séculos ao redor do tempo de Cristo levam a termo em todo o planalto brasileiro e regiões lindantes a transformação dos caçadores-coletores em plantadores, com aldeias mais estáveis e utilização de cerâmica, exigida pelos novos produtos vegetais. Neste processo estão incluídas difusões de elementos culturais referentes à domesticação de plantas e animais, cerâmica, construção de habitações, organização social e política, e provavelmente migrações de populações, como a do Tupiguarani, ao lado de expressões de criatividade das populações locais surgidas espontaneamente ou em resposta a modificações ambientais ou acontecimentos históricos. A fisionomia das populações se transforma de maneira semelhante como nas demais revoluções da história do Homem. Nesta modificação geral surge a tradição Taquara. Neste momento somos incapazes de maiores detalhes sobre o processo concreto, que deu origem às casas subterrâneas, à cerâmica planaltina e ao sistema econômico local. A tradição Taquara não surge isolada no Rio Grande do Sul, porque a mesma grande cultura, com as mesmas formas de assentamento, o mesmo padrão cerâmico e idêntica estrutura econômica se estendem por todo o planalto sul-brasileiro, abrangendo ainda Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Misiones argentinas. A casa subterrânea continua em terras altas de Minas Gerais, mas já com cerâmica diferente (tradição Sapucaí), e provavelmente um outro sistema econômico e social. Aparentemente o fenômeno é mais antigo no Rio Grande do Sul, que parece o lugar do surgimento da grande tradição.

Dentro do Estado o aparecimento se dá primeiro nos pontos mais altos, no extremo Nordeste, com a fase Guatambu; séculos mais tarde ela já se estendeu para pontos um pouco menos elevados do Nordeste, na fase Taquara; mais uns séculos e ela aparece mais para o Centro, com a fase Erveiras; no Noroeste e no Norte ela chega em tempo ainda mais recente, com a fase Taquaruçu, Giruá/Xaxim e Guabiju.

Estes sucessivos avanços no território do estado poderiam ser atribuídos a sucessivas colonizações do grupo que primeiro se conseguiu modernizar (a fase Guatambu), ou a sucessivas modernizações de contingentes mais atrasados, que se transformariam então nas diversas fases estudadas.

Desde o primeiro instante aparecem contatos esporádicos com o Tupiguarani, dos vales florestados, expressos nos cacos Taquara encontradiços nas aldeias dos migrantes subamazônicos. Levantou-se até a hipótese de o Tupiguarani, no começo sem decorações plásticas na sua cerâmica, ter aprendido este acabamento de superfície com os moradores do planalto. Parece um movimento unidirecional da tradição local para a tradição migrada. Na medida em que o tempo passa, este contato se reduz como se cada uma das populações se retraísse sobre si mesma. Em tempos mais recentes, nas altitudes menores, tanto ao longo do oceano, como nas encostas florestadas, o contato volta, mas invertido, desta vez com a incorporação de elementos Tupiguarani nas aldeias Taquara. Mas poucas aldeias do planalto, núcleo da tradição, mostram qualquer elemento Tupiguarani, indicando que os mencionados fenômenos são predominantemente de fronteira.

Apesar dessas prováveis tensões fronteiriças, em terrenos ambicionados pelos dois grupos de horticultores e das mútuas acomodações, a evolução do povo da tradição Taquara parece ter sido tranqüila até a chegada do europeu.

Aí o missionário jesuíta tentou chegar a eles, buscando reduzi-los em missões, tanto no litoral atlântico, quanto na bacia do Prata; por sua vez os bandeirantes de Piratininga e os escravagistas do litoral paulista os queriam levar para suas fazendas de agricultura de exportação. Nesta época as populações do planalto são conhecidas pelo nome genérico de Guaianá e por uma série de nomes locais, identificando provavelmente contingentes tribais. Ao menos alguns ainda viviam em casas subterrâneas como mostram as datas da fase Guabiju.

O impacto sobre eles foi muito menor que sobre o Tupiguarani, porque sua população, dispersa em pequenas aldeias, os tornava menos visíveis; sua menor experiência agrícola os tornava menos aptos para a economia colonial; em consequência disso nem os representantes das missões, nem os das fazendas, conseguiram desorganizar completamente a cultura e a vida tribal.

É claro que deve ter havido uma crise, obrigando a consideráveis reestruturações, porque o território havia sido mutilado com a perda do litoral; a população havia sido dizimada pelas bandeiras paulistas, as guerras conseqüentes à expansão branca e provavelmente às pestes; partes importantes do território já não eram seguras por causa da presença do conquistador e só podiam ser exploradas com grande risco. Mas eles sobreviveram.

Eles são novamente descobertos no século XIX, com o surto de povoamento dos campos altos e das matas da encosta. Neste momento se conhecem 4 grupos rivais: os Botocudos na área da fase Guatambu e talvez também da Guabiju, os Kaingang do cacique Braga na área da fase Taquara; os Kaingang dos caciques Nonohay e Fongue, na área das fases Taquaruçu, Giruá e Xaxim. A genealogia do cacique Braga, que não tinha necessidade de explicar a sua presença no estado por nenhuma migração, certamente o liga aos Guaianá dos séculos da Conquista. Ele demonstra a Mabilde (Basile Becker, 1976:269-270) que 5 gerações de caciques, seus antecessores, haviam sido enterrados no mesmo lugar onde ele tinha a sua aldeia na primeira metade do século XIX. Os caciques Nonohay e Fongue, sim, explicavam a sua presença no estado através de migrações a partir de Santa Catarina ou do Paraná. Os locais onde eles tinham as suas aldeias realmente são de povoamento mais recente, como se pode ver pelas datas de C¹⁴, mas não tanto quanto poderia dar a entender a fala dos caciques. Mesmo que eles tenham migrado de outro estado, como dizem, sua cultura não deixaria de estar no grande horizonte cultural do planalto, ao qual pertence a tradição Taquara.

Com a ocupação definitiva do território pelos criadores de gado nas áreas abertas e os colonos alemães nas florestas subtropicais da encosta, a economia indígena foi desmantelada de maneira irremediável. A população kaingang passou a ser um estorvo para o desenvolvimento dos colonizadores brancos da província e foi constrangida, em meados do século, a se aldear, passando a viver em reservas sob o comando e na dependência do governo.

Quando olhamos sua história, notamos que a população do planalto esteve sujeita à mesma necessidade de sucessivas modernizações que a nossa. As soluções encontradas não lhe deram predomínio sobre os vizinhos, nem uma situação confortável, mas lhe possibilitaram sobreviver, quando outros desapareceram.

Difícilmente hoje os kaingang seriam capazes de reconstituir a sua história como nós a esboçamos. Este relato, cheio de incertezas e escrito com o uso de uma fantasia controlada por longa experiência de arqueólogo teórico e prático, ainda está longe da verdade sobre o modo de vida e a evolução do grupo, mas representa a formulação mais exata que os dados atuais permitem. Nossa esperança é que novos arqueólogos voltem com novas técnicas e novos métodos aos inumeráveis sítios da tradição Taquara e construam uma história mais verdadeira e mais útil para a população indígena e branca do estado.

9. Bibliografia citada

ARTUSI, L. & DE MASI, M.A.N. 1985. Implantação dos sítios no relevo e aproveitamento dos recursos naturais pela fase Itapiranga, em Itapiranga. *Boletim do MARSUL* 3:21-29. Taquara.

Pedro Ignácio Schmitz & Ítala Irene Basile Becker

BASILE BECKER, Ítala Irene & SCHMITZ, Pedro Ignácio. 1969. Uma cerâmica do tipo Eldoradense: fase Itapiranga. In: *Estudos de pré-história geral e brasileira*. São Paulo, Inst. Pré-História/Universidade de São Paulo. p. 499-506.

BROCHADO, José Proenza e 1969. Arqueologia Brasileira em 1968. *Publicações Avulsas Museu Paraense Emílio Goeldi* 12. Belém.

CHMYZ, Igor. Prospecções arqueológicas no vale do rio das Antas, Rio Grande do Sul, (Brasil). *Acta praehistorica*, 517 (1961/1963):35-52, Buenos Aires.

DE MASI, M.A.N. & ARTUSI, L. 1985. Fase Itapiranga: Sítios da tradição planáltica. *Pesquisas, Antropologia* 40:99-121. São Leopoldo.

KERN, A.A. 1985. Interação cultura e meio ambiente em sítios de habitações subterrâneas no Planalto sul-rio-grandense (Município de Vacaria, RS). *Boletim do MARSUL* 3:30-33. Taquara.

_____; SOUZA, i.O.de & SEFFNER, F. 1989. Arqueologia de salvamento e a ocupação pré-histórica do vale do Rio Pelotas (município de Bom Jesus e Vacaria, RS). *Veritas* 35(133):99-127. Porto Alegre.

LA SALVIA, Fernando. 1968. Resumos das pesquisas arqueológicas no planalto - Rio Grande do Sul. *Pesquisas, Antropologia*, 18:101-13. São Leopoldo.

_____, 1983. A habitação subterrânea: uma adaptação ecológica. In: BERTUSSI, Paulo Iroquez e outros. *A arquitetura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Mercado Aberto. (Série Documenta, 15). p. 7-26.

_____; SCHMITZ, P.I. & BASILE BECKER, I.I. 1970. Cerâmica Caingang - Fase Vacaria. In: *Estudos de Pré-História geral e brasileira*. Instituto de Pré-História, USP, São Paulo. p.493-497.

LAZZAROTTO, D.; SCHMITZ, P.I.; BASILE BECKER, I.I. STEINMETZ, R. 1971. Pesquisas arqueológicas no Planalto. In: *O Homem Antigo na América*. Instituto de Pré-História, USP, São Paulo. p.79-89.

MENTZ RIBEIRO, P.A. 1972. Sitio RS-C-14: Bom Jardim Velho (Abrigo sob rocha) - Nota prévia. *Iheringia, Antropologia* 2:15-57. Museu Rio-Grandense de Ciências Naturais, Porto Alegre.

_____, 1975. Os abrigos sob rocha do Virador no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista do CEPA* 2. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul.

_____, 1980. Casas subterrâneas no Planalto Meridional, município de Santa Cruz do Sul, Brasil. *Revista do CEPA* 9. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul.

_____, 1983. Sítios arqueológicos numa micro região de área alagadiça na Depressão Central do Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista do CEPA* 12. Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul.

Os Primitivos Engenheiros do Planalto e suas Estruturas Subterrâneas: a tradição Taquara

_____ & TORRANO RIBEIRO, C. 1985. Levantamentos arqueológicos no município de Esmeralda, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista do CEPA* 12(14):49-105. Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul.

_____ & SILVEIRA, I. da. 1979. Sítios arqueológicos da tradição Taquara, fase Erveiras no vale do Rio Pardo, RS, Brasil. *Revista do CEPA* 8:3-63. Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul.

MILLER, E.Th. 1967. Pesquisas arqueológicas efetuadas no Nordeste do Rio Grande do Sul. *Publicações Avulsas Museu Paraense Emílio Goeldi* 6:15-38. Belém.

_____, 1969a. Pesquisas arqueológicas efetuadas no nordeste do Rio Grande do Sul (Alto Uruguai). *Publicações Avulsas Museu Paraense Emílio Goeldi* 10:33-46. Belém.

_____, 1971. Pesquisas arqueológicas efetuadas no Planalto Meridional. Rio Grande do Sul (rios Uruguai, Pelotas e das Antas). *Publicações Avulsas Museu Paraense Emílio Goeldi* 15:37-60. Belém.

_____, 1974. Pesquisas arqueológicas em abrigos sob rocha no nordeste do Rio Grande do Sul. *Publicações Avulsas Museu Paraense Emílio Goeldi* 26:11-24. Belém.

PIAZZA, Walter F. 1969a. Notícia arqueológica do vale do Uruguai. *Publicações Avulsas Museu Paraense Emílio Goeldi* 10:55-67. Belém.

_____, 1969b. A área arqueológica dos "Campos de Lages". *Publicações Avulsas Museu Paraense Emílio Goeldi* 13:63-69, Belém.

_____, 1971. Dados complementares à arqueologia do vale do Uruguai. *Publicações Avulsas Museu Paraense Emílio Goeldi* 15:71-82, Belém.

RODRIGUES, Jerônimo, S.J. 1940. Relação... In: LEITE, Serafim, S.J. *Novas Cartas Jesuíticas*. São Paulo, Brasiliana. v. 194.

ROHR, João Alfredo. 1969. Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna. *Pesquisas, Antropologia* 22, São Leopoldo.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. 1958. Parapeiros guaranis em Osório (Rio Grande do Sul). *Pesquisas* 2:113-43, Porto Alegre.

_____, 1969. Algumas datas de carbono 14 de casas subterrâneas no planalto do Rio Grande do Sul. *Pesquisas, Antropologia* 20:163-67. São Leopoldo.

_____ (Coord.); LA SALVIA, Fernando; NAUE, Guilherme; BASILE BECKER, Ítala I.; BROCHADO, José J.J. Proenza; ROHR, João Alfredo; MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. 1967. Arqueologia no Rio Grande do Sul. *Pesquisas, Antropologia* 16. São Leopoldo.

_____, 1988. As tradições ceramistas do planalto sul-brasileiro. In: *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 02:75-130. Instituto Anchieta de Pesquisas. São Leopoldo.

_____; BASILE BECKER, I.I.; LA SALVIA, F.; LAZZAROTTO, D. & MENTZ RIBEIRO, P.A. 1988. Pesquisas sobre a tradição Taquara no nordeste do Rio Grande

Pedro Ignácio Schmitz & Ítala Irene Basile Becker

do Sul. In: *Arqueologia do Rio Grande do Sul. Documentos* 02:5-74. Instituto Anchieta de Pesquisas. São Leopoldo.

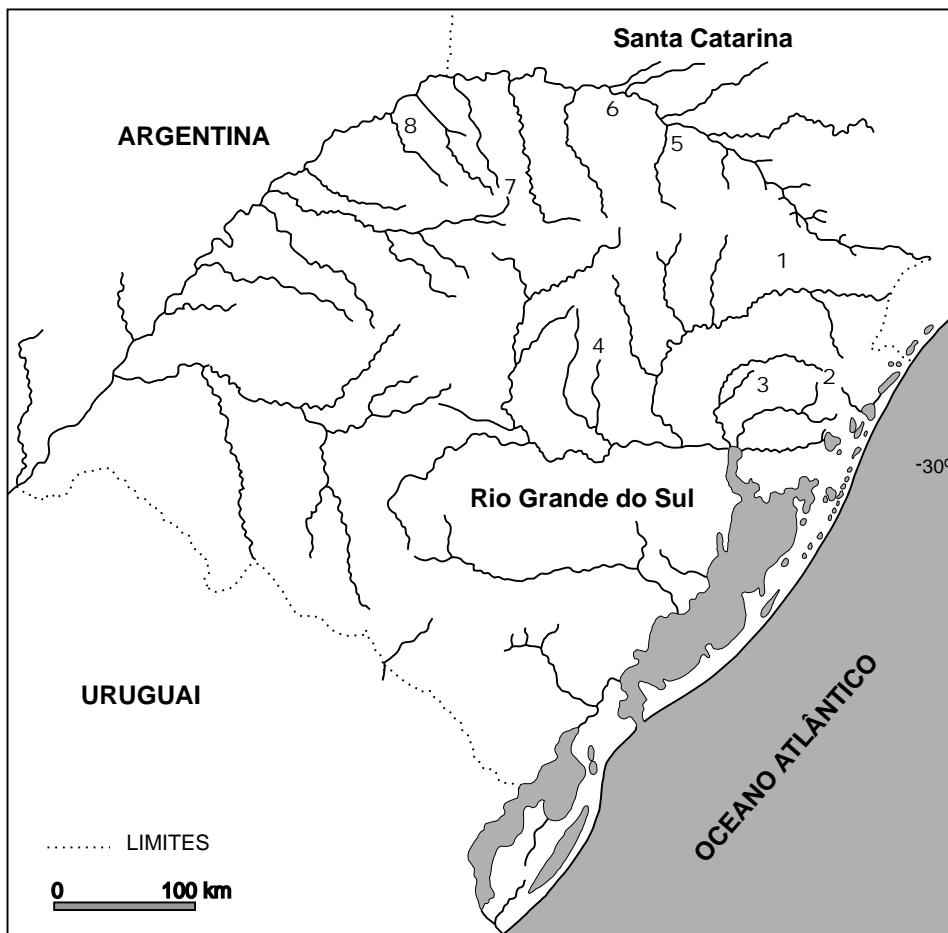


Figura 1: Posição das fases da tradição Taquara: 1. Guatambu; 2. Taquara; 3. Caí; 4. Erveiras; 5. Guabiju; 6. Xaxim; 7. Taquaruçu; 8. Giruá

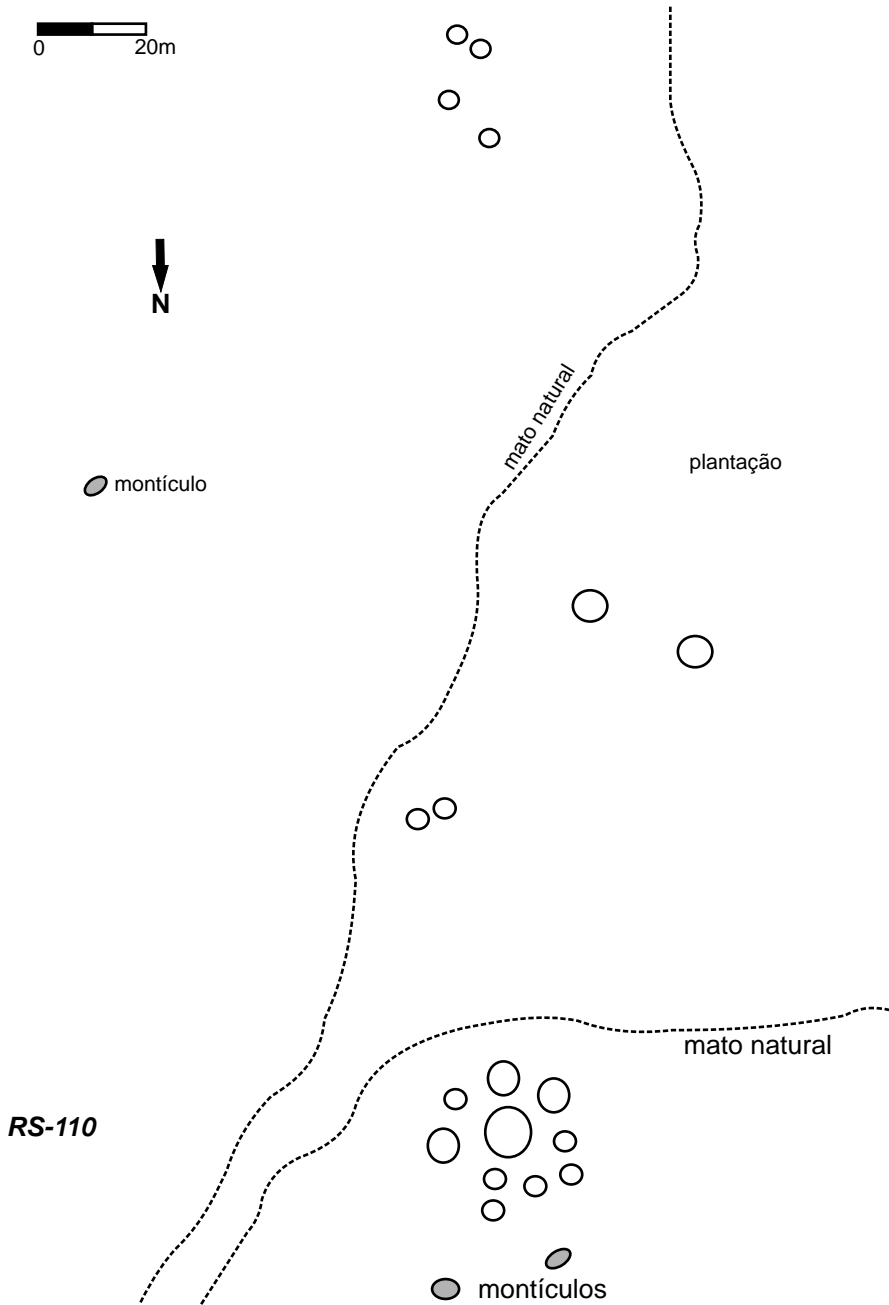


Figura 2: Distribuição de casas subterrâneas e montículos num sítio do planalto do Rio Grande do Sul

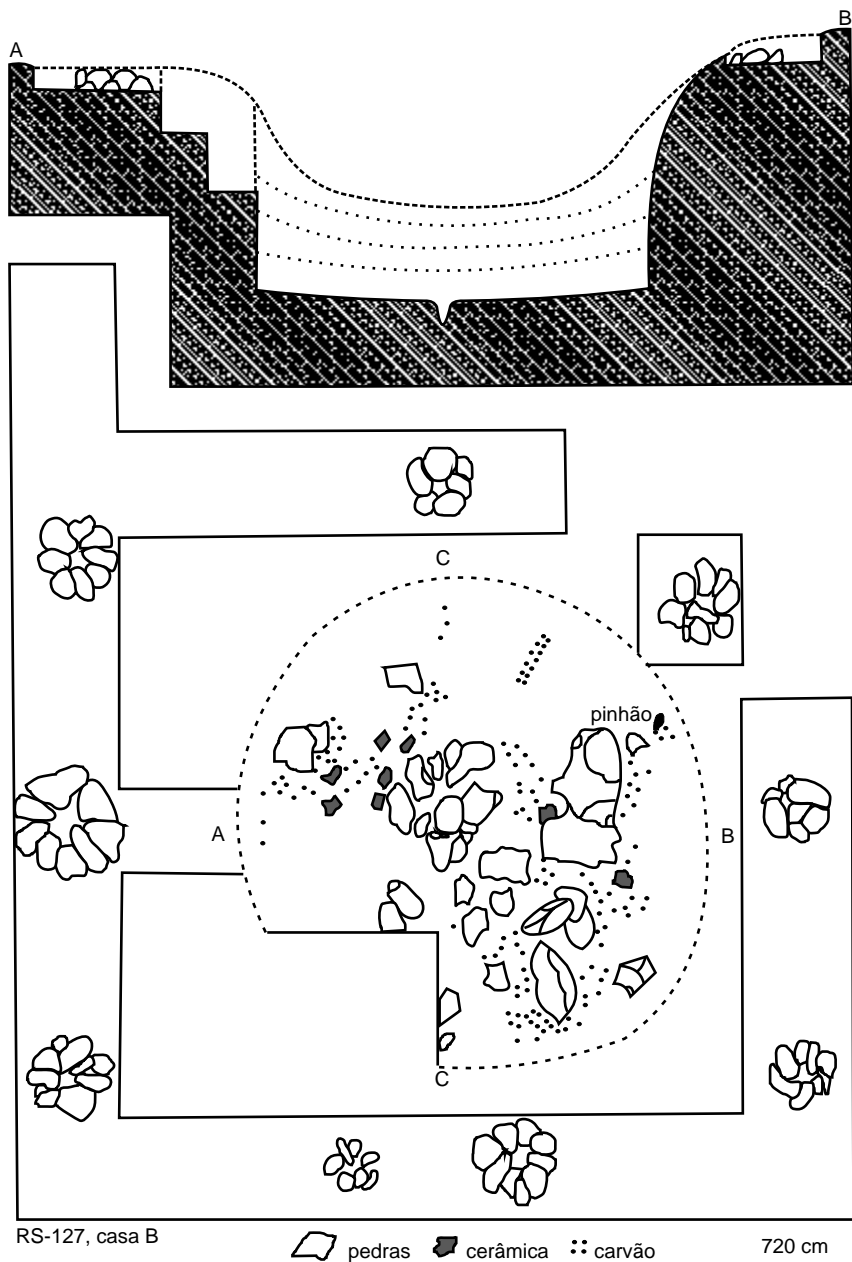


Figura 3: Escavação da casa B de Água Azul. Em cima: perfil mostrando as camadas arqueológicas e a posição dos esteios do telhado. Em baixo: planta mostrando fundo da casa e a posição dos esteios ao redor.

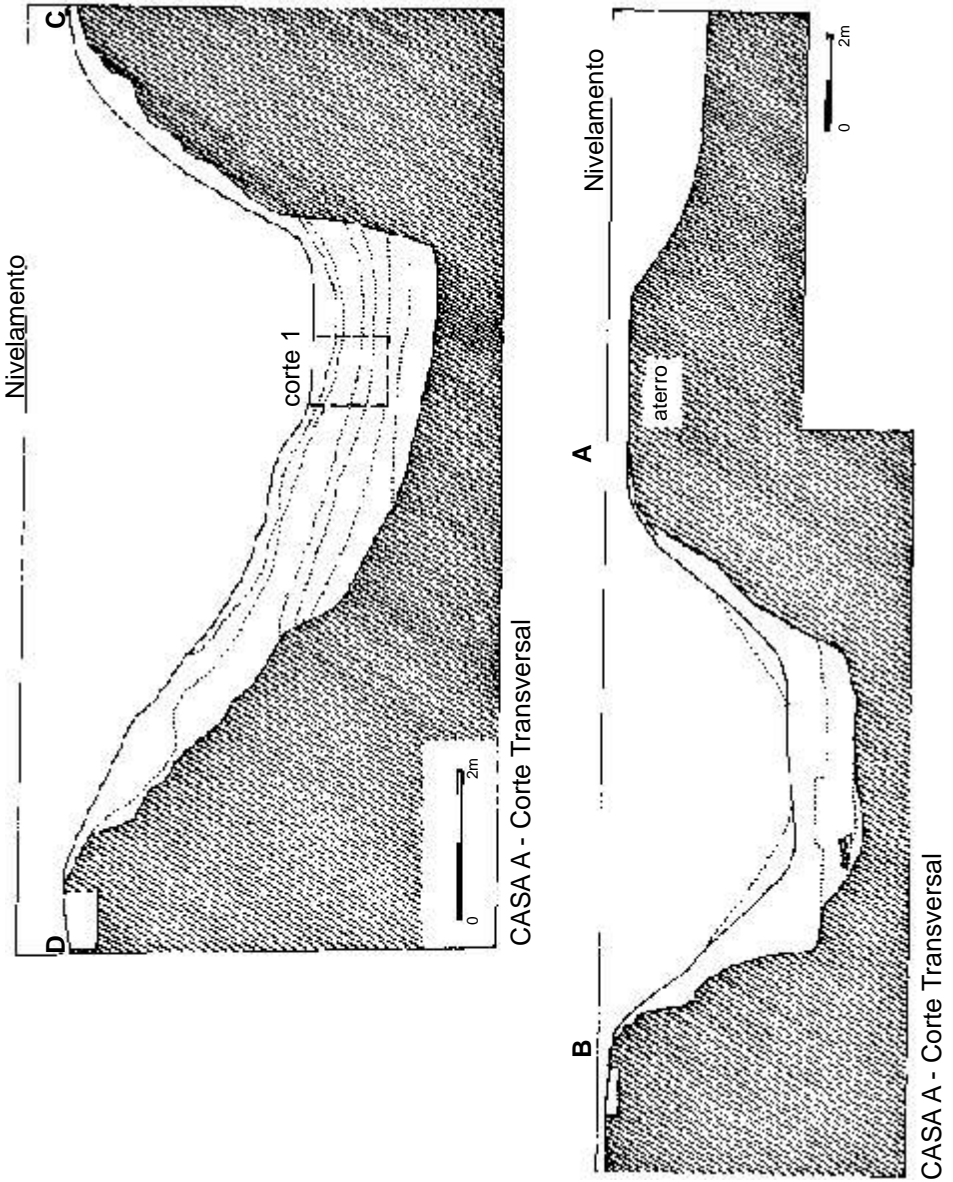


Figura 4: Cortes transversais de uma grande casa subterrânea.

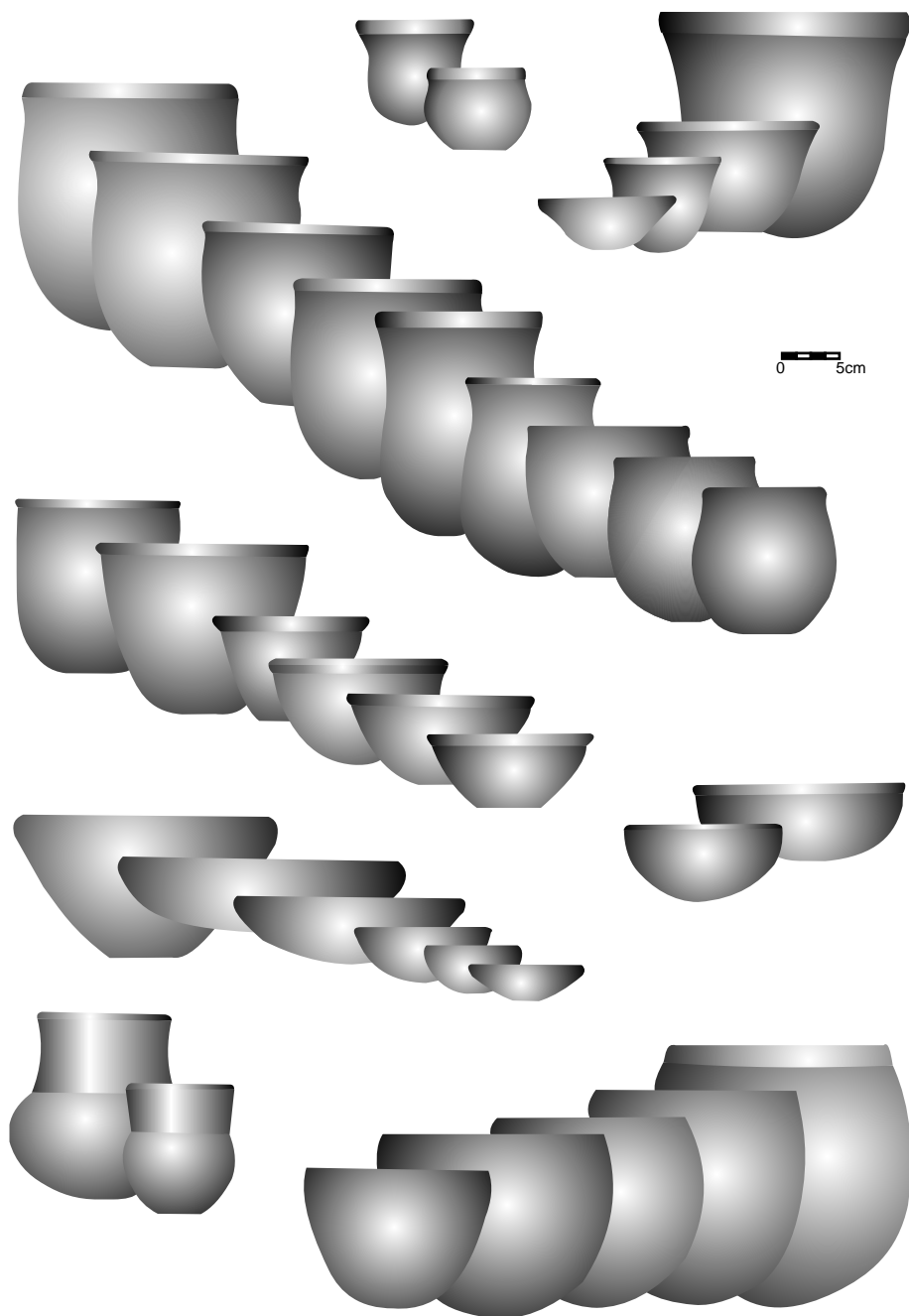


Figura 5: Formas das vasilhas da tradição Taquara.



Figura 6: Decoração da cerâmica da tradição Taquara.

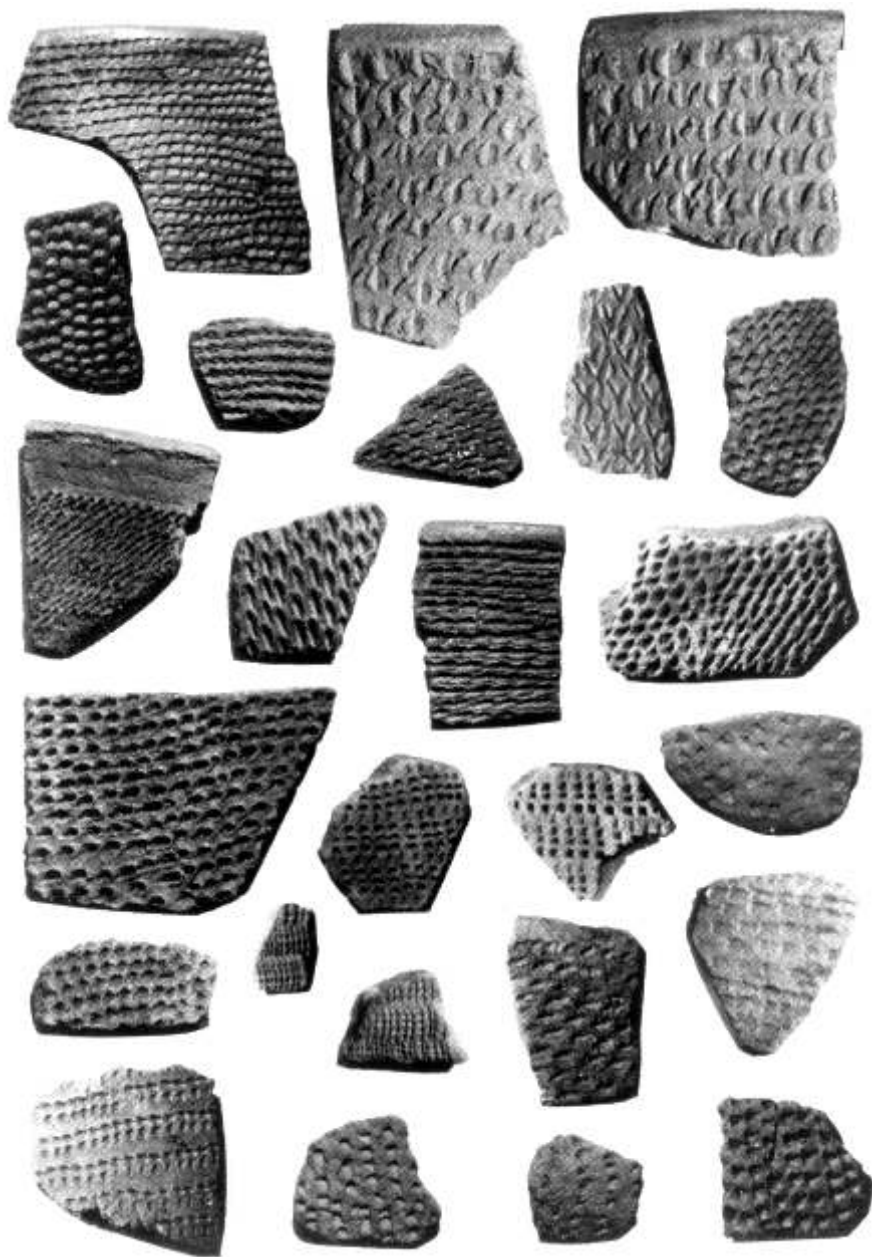


Figura 7: Decoração da cerâmica da tradição Taquara.

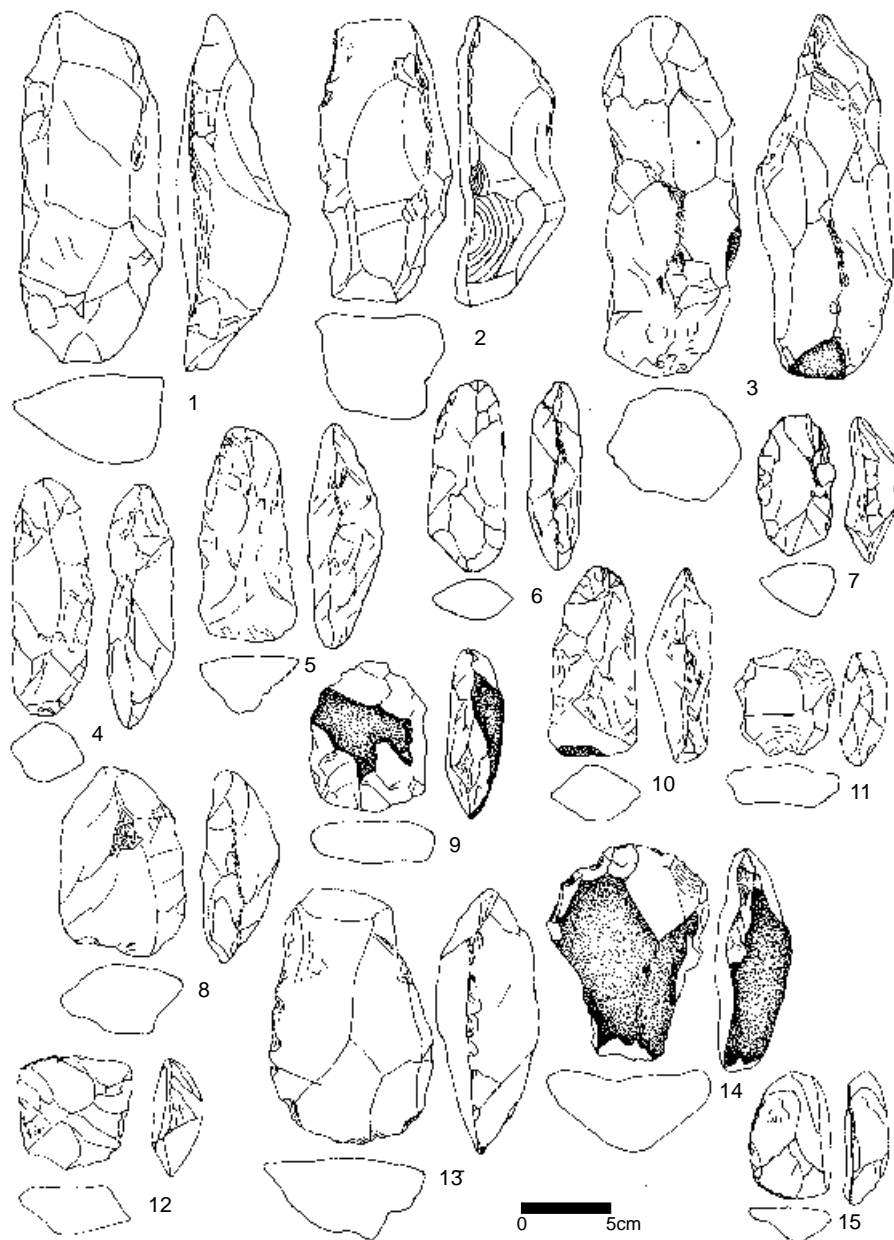


Figura 8: Artefatos em pedra da tradição Taquara. Lasca com trabalho bifacial: 7-9, 11-13. Lasca com trabalho secundário e retoque: 14, 15. Biface grande: 1-3. Bifaces pequenos: 4-6, 10.

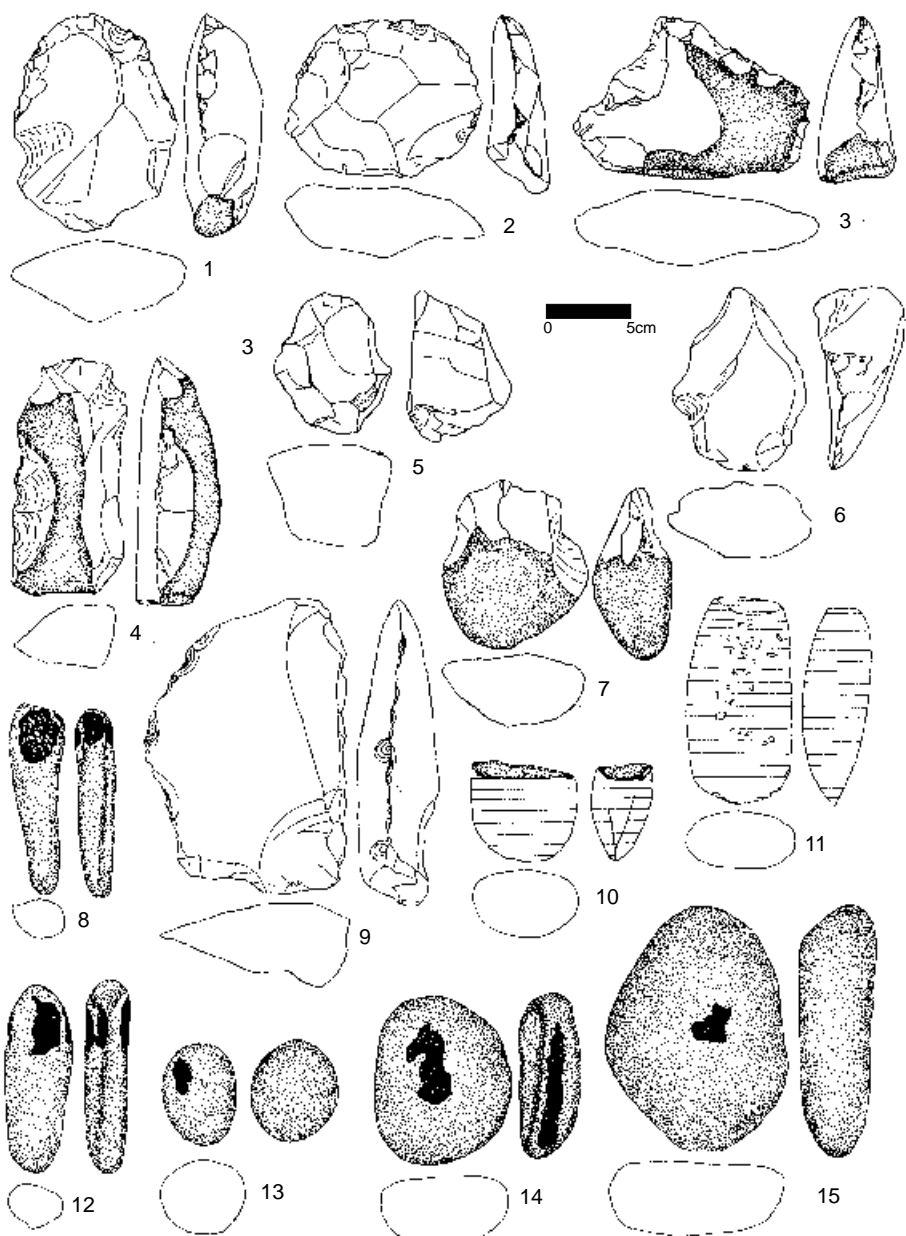


Figura 9: Artefatos em pedra da tradição Taquara. Lascas com trabalho secundário: 1-4, 6, 9. Nucleiforme: 5. Seixo lascado bifacialmente: 7. Percutores bipolares: 13, 14. Percutor unipolar: 8, 12. Percutor-bigorna: 15. Lâminas polidas de machado: 10, 11.

OS ATERROS DOS CAMPOS DO SUL: a tradição Vieira

Pedro Ignácio Schmitz*
Guilherme Naue*
Ítala Irene Basile Becker*

1. O Neolítico e os caçadores

O movimento renovador conhecido como Neolítico, trazendo no seu bojo os cultivos, a cerâmica e maior sedentariedade, atingiu de maneira diferente as diversas populações do sul do Brasil, transformando umas em predominantemente agrícolas, outras em agrícolas-coletoras, e mantendo algumas caçadoras com relativamente pequenas modificações. Plenamente neolítica nenhuma delas se tornou porque a todas faltava a domesticação de animais e tudo o que acompanha o seu usufruto.

Uma das razões desta diferente transformação certamente está no ambiente no qual as populações viviam. Alguns se prestavam a pleno cultivo por técnicas neolíticas, como as matas subtropicais; outros eram menos aptos, como os pinheirais do planalto, cujas populações seriam obrigadas a incorporar ao seu domínio terras de encosta e do litoral atlântico para desenvolver uma economia satisfatória, na qual a apanha de frutos continuaria sendo tão importante quanto os cultivos. Os campos da metade meridional do Rio Grande do Sul não eram úteis para culturas com tecnologia neolítica, a não ser talvez em pequeníssimas extensões ao longo das lagoas litorâneas, onde havia capões de mato. As florestas mais significativas foram rapidamente ocupadas pelo cultivador mais plenamente neolítico, que é o Tupiguarani. Mas o movimento renovador atingiu também os caçadores destes campos e ao menos a cerâmica foi rapidamente incorporada no seu patrimônio tecnológico, fazendo que eles sejam conhecidos hoje como tradição (ceramista) Vieira.

Os terrenos ondulados, cobertos de gramíneas, ter-se-iam prestado extraordinariamente à domesticação, mas não havia animais domesticáveis, e a onda renovadora que chegou a eles provavelmente já não os teria em seu acervo. Nem ao tempo da colonização européia, quando estas populações, então conhecidas como Minuanos e Charruas, usavam para montaria cavalos de extração européia e se alimentavam predominantemente de carne bovina e eqüina, tinham incorporado plenamente a tecnologia da criação de animais e a

* Bolsistas do CNPq.

utilização de todos os seus produtos, preferindo caçá-los nas vacarias e estâncias e usá-los para fins muito limitados.

Sua economia parece ter continuado a se basear num sistema equilibrado de caça, pesca e coleta estacionais, talvez com progressiva suplementação de alimentos cultivados, conseguidos de vizinhos e alguns certamente de produção própria. O sistema era efetivo, porque levou a um progressivo crescimento demográfico, mas limitado, não permitindo nunca ultrapassar o limiar da estacionalidade para um estágio sedentário.

Vamos ocupar-nos neste capítulo do modo de vida dos caçadores neolíticos, usando como material demonstrativo nossas próprias escavações. Em Rio Grande, na margem ocidental da lagoa dos Patos buscaremos definir acampamentos estacionais de pesca; no Banhado do Colégio em Camaquã e nos terrenos alagadiços entre a lagoa Mirim e a mangueira em Santa Vitória do Palmar nos ocuparemos de acampamentos de caça. A arqueologia de todas estas áreas é caracterizada por um sítio inconfundível: o "cerrito".

2. 'Cerritos': o que é isto?

Desde o começo do século pesquisadores argentinos (Torres, 1911; Lothrop, 1932, entre outros) haviam estudado nos imensos terrenos baixos e alagadiços ao longo do rio Paraná, sítios arqueológicos que tinham forma de "cerritos", ou aterros; em sua quase totalidade eram cerâmicos, mas os restos de alimentação provinham de caça ou pesca. - No Brasil, aterros ou tesos, só eram conhecidos então da ilha de Marajó e eram também de grupos ceramistas.

Foi uma grande surpresa quando aterros indígenas começaram a ser noticiados para a margem ocidental da lagoa dos Patos, em seguida para os terrenos entre a lagoa Mirim e a Mangueira (Schmitz, coord., 1967; Schmitz e outros, 1970; Brochado, 1974; Rüttschilling, 1985, 1985, 1989). E logo para as margens do rio Jaguarão (Herval do Sul e Jaguarão - Schmitz, 1979; Copê, 1985), do alto rio Negro (Dom Pedrito - La Salvia in Schmitz, coord., 1967), do rio Santa Maria (Rosário do Sul - Naue, com. pes.), do Ibicuí (Alegrete e Itaqui - Miller, 1969), do Vacacaí (Santa Maria - Brochado, 1969), do Pardo (Vera Cruz - Mentz Ribeiro, 1983) e ainda em Tapes (Schmitz); onde quer que houvesse grandes extensões de terras baixas, que alagavam durante o período das chuvas, aí se podiam buscar tais "cerritos". O mesmo aconteceu no território uruguaio fronteiro (Figura 1).

Foi a partir de 1966 que José Proenza Brochado, Vander Valente e Pedro Ignácio Schmitz se ocuparam, de forma ainda precária, desses sítios em Rio Grande. De 1967 a 1976 um grupo de arqueólogos, entre os quais Schmitz, Basile Becker, Naue, La Salvia, Maria Helena A. Schorr, alguma vez Mentz Ribeiro e Brochado, enfrentaram com seriedade o problema dos "cerritos" do Sudeste; dele resultou a tese de Schmitz: "Sítios de pesca lacustre em Rio

Grande, RS, Brasil" (1976); mais tarde o Instituto Anchieta de Pesquisas estudou os "cerritos" do alto Jaguarão, que deram origem à dissertação de mestrado de Silvia Moehlecke Copé: "Aspectos da ocupação pré-colonial no vale do rio Jaguarão - RS" (1985). Ana Luiza B. Rüttschilling publicou em 1989 os resultados conseguidos com os diversos trabalhos realizados no Banhado do Colégio, em Camaquã. (Figura 1)

Os cerritos são pequenas elevações do terreno, com forma aproximadamente circular, oval ou elíptica, compostos principalmente de terra, ou com grande quantidade de restos de alimentos humanos, que podem chegar até 100 m de diâmetro e 7 m de altura. Encontram-se na proximidade das lagoas ou em banhados ao longo dos rios. Geralmente vem agrupados, mas há também os solitários. Em cada região podem ser dezenas ou mesmo centenas. Muito conhecidos dos fazendeiros, que os protegiam, eram, nos tempos de enchente, os únicos pontos onde o gado estava resguardado das águas. Em Rio Grande eram falados ainda porque uma fábrica de adubos de Pelotas transformava os ossos neles contidos em fertilizantes para a agricultura. Nas lavouras de arroz, que sucedeu à criação de gado, muitas vezes são nivelados desaparecendo rapidamente.

Com nosso trabalho inicial, além de fazer um levantamento geral deste tipo de sítio arqueológico, procuramos resolver os problemas que logo se nos foram impondo.

Na Argentina, onde o fenômeno é muito comum, se discutiu se eram diques marginais do rio, ocupados por indígenas pré-históricos, ou aterros construídos intencionalmente por estes. Nossas sondagens sistemáticas na borda dos aterros provaram, sem margem de dúvida, que não foram depositados pela água, mas são resultado da ocupação humana, a qual, por um lado acumulou lixo no lugar do acampamento e, por outro, ao menos em muitos casos, teria ajudado intencionalmente a levantar a plataforma para impedir a inundação pelas cheias (Schmitz e Baeza, 1982). Geralmente estão sobre elevações quase imperceptíveis do terreno.

Contendo a maior parte deles fragmentos de cerâmica, ao menos nas camadas superficiais, imaginamos logo que eles não seriam muito antigos: mas quanto? A solução mais prática foi recolher amostras de carvão das fogueiras e mandar para datação nos Estados Unidos. Em Rio Grande conseguimos assim datações que vão desde 500 a.C. até 1750 d.C., isto é dos primeiros aos últimos cerritos. Até ao redor do tempo de Cristo eles não tinham cerâmica, depois aprenderam a fazer tigelas simples de barro cozido. Não sendo possível datar todos os sítios porque os laboratórios são poucos, cobram caro e dificilmente datam amostras não muito significativas, buscamos paralelamente uma datação geológica, relacionando os aterros com os terraços das lagoas. Essas, nos últimos milênios, apresentam uma regressão bastante regular; com isso os aterros, que estão sobre terraços mais altos e/ou mais afastados, devem ser considerados mais antigos; os mais baixos e mais próximos da

margem, mais novos. Com as datas de carbono 14 para diversos desses cerritos (7) foi possível estabelecer inclusive o ritmo de regressão da lagoa. Usando essas formas de datação descobrimos também que aterros próximos não formam necessariamente uma "aldeia", mas podem representar ocupações sucessivas, sendo os mais altos (e mais afastados da água) mais antigos, e os mais baixos então mais recentes.

Havia uma outra pergunta importante: estes aterros e seus arredores representam locais de moradia permanente ou acampamentos sazonais? De fato em todas as camadas dos cerritos, desde a base até o topo, há restos de ocupação humana e em diversos puderam ser vistos buracos de pequenos postes, que seriam de frágeis choupanas. Em Rio Grande fizemos o teste dos restos de alimentos, separando Maria Helena A. Schorr (1975) milhões de ossos de peixes e pinças de crustáceos, além de outros ossos animais. É sabido que diversos tipos de peixes marinhos entram na lagoa para se alimentar ou reproduzir e que isso acontece em épocas precisas do ano. Nos sítios por nós estudados só pudemos encontrar ossos de peixes que estão na lagoa do fim da primavera até provavelmente metade do verão; os que estão previstos para estarem na lagoa no outono e inverno não se achavam representados. Por que a população estaria aí neste tempo? Onde estaria nas outras estações do ano?

Em busca dessas respostas tivemos de examinar outras paragens onde houvesse abundância de recursos no verão e outono e que poderiam ser áreas de muita caça ou coleta. A caça costuma ser farta em áreas alagadiças ou grandes banhados, como o Banhado do Colégio (Camaquã), ou do Taim (Rio Grande). Frutos são abundantes apenas no verão em terras um pouco mais altas como o palmar de Santa Vitória e as matas de pitanga do interior.

Hoje em dia os aterros são procurados não só para construir moradia, mas muitas vezes para cultivar plantas de subsistência, porque a terra é mais fértil e a vegetação geralmente mais fácil de remover que as gramíneas do campo. Teriam os moradores indígenas descoberto esta qualidade do solo, voltando ao mesmo local na proximidade de antigos acampamentos não só por atavismo, mas também por razões econômicas? A sua permanência na beira das lagoas, durante a primavera e começo do verão poderia não ser motivada somente pelas possibilidades de pesca e coleta, mas talvez fosse também a oportunidade de realizar as suas plantações nas terras mais apropriadas de que podia dispor.

Depois que o Tupiguarani estabeleceu aldeias na margem da lagoa dos Patos, ao redor do ano 1.000 d.C., na proximidade de Rio Grande criou-se outra simbiose como a que registramos na tradição Taquara, entre a população local e a adventícia, e os locais de assentamento passaram a estar mais próximos de terras aptas para a feitura de roças do que antes, deslocando-se da borda da lagoa para terraços mais altos.

Os cultivos então realizados ter-se-iam tornado menos importantes, quando a presença do branco, por um lado não lhes permitia a posse tranqüila dessas terras e por outro colocava à sua disposição recursos mais significativos, como o cavalo, a vaca e, através destes, outras benesses dos conquistadores; com isso a estrutura econômica e social encontrada no século XVIII já deveria distanciar-se bastante daquela desenvolvida nos dois milênios anteriores.

3. Pescadores estacionais na beira da lagoa

Na proximidade das vilas de Povo Novo e Quinta, na margem ocidental da lagoa dos Patos, frente ao saco e no banhado do Silveira, bem como no saco do Arraial, foram estudados 29 aterros que procuramos caracterizar. Os numerosos outros sítios da margem da Lagoa, bem como do canal de São Gonçalves, neste momento não nos podem interessar.

3.1. Ambiente e sítios

A parte inferior da lagoa, de águas semi-salgadas por causa da proximidade do Oceano, recebe nas diversas estações do ano maciças migrações de peixes e crustáceos marinhos, que vêm para aí se alimentar e crescer (migração trófica), ou se reproduzir (migração reprodutiva). Os bagres, que chegam a 30 kg, entram na lagoa entre agosto e setembro e saem uns três meses depois; a corvina, de 250 a 300 gramas, entra entre setembro e outubro e sai entre dezembro e janeiro; a miraguaia, que em estado adulto chega a 60 ou mesmo 80 kg, também é mais abundante nos meses de setembro, outubro e novembro; a tainha, de 1,5 a 2 kg, chega na primavera e sai entre junho e julho; a castanha também está presente no verão. Entre os crustáceos, o siririz invade a lagoa quando começa o calor e as fêmeas saem no começo do período frio; do mesmo jeito o camarão está adulto no verão. Esta presença maciça de animais de relativamente poucas espécies, em épocas fixas do ano, permite que o homem conheça os seus hábitos e faça grandes capturas. Por isso a cidade do Rio Grande é considerada um dos maiores centros de pesca lacustre e marinha do Brasil. Por isso também ao longo da porção inferior da lagoa se encontram inúmeros acampamentos de pesca indígena.

A margem da lagoa é composta de terrenos baixos, escalonados em dois suaves degraus, que representam terraços recentes, holocênicos, sendo "A" o mais baixo e com isso o mais novo, e "B" o mais alto e mais antigo; depois segue um degrau ainda bastante mais alto, que é um terraço pleistocênico, sobre o qual estão as vilas antes mencionadas de Povo Novo e Quinta. Os sítios arqueológicos estudados em sua quase totalidade encontram-se nos terraços holocênicos; só os mais recentes estão sobre o degrau mais alto. A vegetação local oferece um gradiente parecido ao do terreno: plantas aquáticas, juncais e campos, formações arbustivas e capões de mato bastante

fechados. Nela existem grandes possibilidades de coleta para uma população indígena, oferecidas principalmente pelas matilhas da orla das lagoas com suas imensas figueiras bravas, cada uma das quais pode oferecer, de dezembro a fins de fevereiro, dezenas ou centenas de quilos de frutas adocicadas; aí também se encontram os bosques de jerivazeiros, cujos coquinhos amadurecem entre dezembro e janeiro; nos terrenos mais secos acham-se cactáceas (tunas e cactus de árvores) carregadas de frutos comestíveis semelhantes a figos, que amadurecem de janeiro a março, e uma série de outras árvores, cujos bagos ou sementes são abundantes, embora de menor tamanho.

Existem animais terrestres grandes na proximidade da lagoa, como as capivaras e os veados; porém mais importantes parecem ter sido os pequenos como as preás, os tatus e os ratões-do-banhado. Qualquer um sabe como estas áreas fervilham de aves, de presença permanente, ou migradas de longínquas terras frias.

Abundantes recursos alimentares, de espécies uniformes e densamente representados, tanto no reino animal como no vegetal, estão à disposição do homem principalmente durante a primavera e o verão. Na primavera se dão grandes migrações de peixes de fácil captura; no verão existem crustáceos, aves, ovos e frutos. Embora os terraços holocênicos tenham sido pouco propícios para cultivos indígenas, as camadas férteis dos próprios aterros e os terrenos arenosos em cima do barranco do Pleistoceno teriam oferecido possibilidades para certas culturas durante a estação quente. Nenhum ambiente poderia ser melhor para o caçador passar o tempo do calor. O outono e o inverno, pelo contrário, apresentam poucos recursos, ameaçam os acampamentos com prolongadas enchentes e os fazem sofrer sob o impacto dos chuviscos trazidos pelos ventos frios do Sudeste e do Sudoeste.

Os acampamentos indígenas se apresentam hoje como pequenos cômodos, constituídos de sedimentos arenosos, escuros, com grande quantidade de restos de origem animal, em menor quantidade de origem vegetal. A maior parte deles assenta diretamente sobre areia clara. A altura vai de 30 a 125 cm atuais, a área de 800 a 11.000 m². A forma é arredondada ou elíptica, sendo a parte central mais alta que as bordas. A vegetação que os cobre, devido à maior fertilidade dos sedimentos, caracteriza-se por ervas altas típicas de terras perturbadas pelo homem. Os estratos não são muito diferenciados, encontrando-se níveis ou lentes de ossos, soltos ou conglomerados, lugares de fogueiras, excepcionalmente covas ou sepulturas. Quando os sedimentos por baixo dos estratos arqueológicos são claros, podem-se observar evidências de estacas, com diâmetros de 7 a 8 cm, de antigas choças. Os resquícios da ocupação são principalmente cacos de cerâmica acompanhados de uns poucos artefatos líticos, ósseos ou conchíferos.

Os restos alimentares abandonados como lixo e que se conservaram, são de origem animal, predominando absolutamente ossos e mesmo escamas de peixes, pinças de crustáceos, conchas de moluscos, ossos de mamíferos e de aves. Os restos de alimentos vegetais consistem praticamente só de coquinhos calcinados, inteiros ou quebrados; os demais desapareceram com o tempo.

Devido ao pequeno tamanho das escavações não podemos dizer nada sobre como seriam as formas das choças, os rituais de deposição dos mortos e a organização geral do acampamento.

Os sítios mais antigos têm as camadas mais profundas pré-cerâmicas, e sobre elas estratos cerâmicos; não encontramos, nessa seqüência, nenhum sítio totalmente pré-cerâmico. Como os vasilhames deste grupo são diferentes dos de outros ceramistas do Rio Grande do Sul receberam nome próprio: tradição ceramista Vieira. Vieira é o local em Rio Grande, onde Schmitz e Brochado (1966) por primeira vez identificaram este material.

Nos sítios mais recentes existe, além da cerâmica de tradição Vieira, também cerâmica de tradição Tupiguarani.

3.2. Cronologia: o passar do tempo

Como o período abrangido pelos sítios é muito longo, mais de 2.000 anos, há necessidade de que marquemos as principais etapas de desenvolvimento.

O grupo se estabelece no local quando o primeiro terraço holocênico (B) já é bastante largo e permite o crescimento de árvores junto ao barranco do Pleistoceno. Na medida em que a costa da lagoa se desloca com a diminuição das águas, os sítios a acompanham, aparecendo mais concentrados nas bordas visíveis dos terraços, porque aparentemente aí as águas estacionaram por mais tempo.

A parte mais antiga da seqüência é, como se disse, pré-cerâmica: chama-se fase Lagoa. Caracterizam-se os sítios, que estão no lugar chamado Barra Falsa, como assentamentos de pesca sobre o terraço B, afastados da borda e bastante amplos. De aproximadamente 500 a.C. a princípios de nossa era.

Os demais sítios são cerâmicos de tradição Vieira; as características gerais dos assentamentos continuam as mesmas.

A parte mais antiga é denominada fase Torotama. A cerâmica aparece nas camadas superficiais de dois sítios da fase Lagoa e apresenta um ar de primitividade nas formas pequenas, de paredes grossas, mal acabadas e mal cozidas, com impressões de palha na superfície e restos de palha também na pasta. Devido ao fato de que esta fase está definida praticamente só pela cerâmica, não se podem avaliar possíveis modificações no sistema de abastecimento ou no padrão de assentamento. A cerâmica tem semelhanças

com as da área do rio da Prata, especialmente com Palo Blanco e Punta Indio, na proximidade de La Plata (Cigliano, Schmitz, Caggiano, 1971). Do começo de nossa era até o século III.

Os demais sítios pertencem à fase Vieira, que se estende até o século XVIII, quando o português coloniza a região. Os sítios da fase Vieira inicial, na Barra Falsa, estão sobre a borda do terraço B. A cerâmica já é bem elaborada. Do século III ao IX.

Os sítios da fase Vieira média estão localizados em frente ao saco do Arraial, sobre o terraço A ou sobre terrenos pleistocênicos. A ocupação de terrenos pleistocênicos, aptos para o cultivo, poderia indicar mudanças maiores no abastecimento por influência do Tupiguarani. Do século IX ao XIII.

A fase Vieira final, em frente ao saco do arraial, sobre o terraço A ou terrenos pleistocênicos, encontra-se geralmente na parte superficial dos sítios da fase Vieira média e caracteriza-se pela presença de certa quantidade de cerâmica Tupiguarani. Do século XIII ao XVIII.

Em nenhum dos sítios de nossa pesquisa aparece material europeu do início da colonização portuguesa, razão por que supomos que são todos anteriores a essa conquista, ou ao menos independentes da mesma enquanto acampamentos. Nos terrenos elevados existem sítios rasos portugueses, correspondentes à fundação da cidade de Rio Grande em 1737, e outros onde os materiais da tradição Vieira vêm de mistura com cerâmica colonial, cachimbos holandeses e uma indústria lítica com pontas de projétil, pedras de fuzil e bolas de boleadeira.

Os aterros eram ocupados durante períodos longos, provavelmente alguns séculos, e abandonados na medida em que a lagoa se afastava excessivamente do local, provocando o empantanamento e dificultando a pesca.

3.3. Como seriam os acampamentos?

O tamanho dos sítios indica assentamentos com poucas choupanas. A ocupação, mesmo estacional, se por períodos longos, cria um acúmulo de restos que se destaca suavemente na paisagem como pequeno cômodo.

Tomando por base os vestígios de estacas, as choças deveriam ser de materiais perecíveis, e pequenas, como de famílias nucleares.

Durante todo o período abrangido pela fase Vieira, como mostram as impressões na cerâmica, o grupo produz esteiras, com que deveria forrar o chão para descansar e trabalhar. Não temos testemunhos do mesmo fato para as fases Torotama e Lagoa.

Na fase Vieira final, quando estão em contato permanente com o Tupiguarani, conhecemos deles pequenos cestos, feitos com diversas técnicas e que deixaram impressões na cerâmica.

A matéria prima para as choupanas, as esteiras e os cestos é abundante e acessível na beira da Lagoa, onde existe grande quantidade de juncos e outros materiais produtores de fibras.

Também buscamos estabelecer os padrões tecnológicos, relacionando os restos de alimentos recuperados, as possibilidades oferecidas pelo ambiente e os utensílios e instrumentos escavados.

Entre os artefatos líticos, temos pedras com covinhas, pedras com facetas polidas, polidores e percutores, que podem estar relacionados com o esmagamento de cocos, a trituração de alimentos, o preparo de couros; lascas e furadores toscos podem ser de utilidade múltipla; machados escassos serviriam para trabalhar madeira ou fazer roças. Nem pontas de projétil de pedra, nem bolas de boleadeira. As rochas ou seixos bons para a feitura de instrumentos são escassos nos terrenos aluviais da beira da lagoa, mas ossos utilizáveis sobram por todo lado.

Entre os artefatos de osso alguns se insinuam como pontas de projétil, outros como anzóis compostos, outros ainda como furadores. Provavelmente usaram numerosas pontas mais simples de osso, como dão a entender os abundantes restos ósseos seccionados. Os dentes e as rodela de conchas são manifestamente objetos de adorno.

O elemento mais abundante é a cerâmica. Ela é utilitária como demonstra o intenso uso no fogo; simples e uniforme. A falta de especialização nas formas pode ser explicada tanto pela simplicidade da cultura a que pertence, como pela função específica a que se destinaria. Certamente a sua ligação inicial não é com cultivos, mas com a preparação do peixe: o peixe esboroa-se todo ao assar e, por isso, uma tigela larga e rasa é de grande utilidade. Os recipientes, como estão representados na figura 4, de paredes finas e antiplástico grosseiro, de quartzo, prestam-se admiravelmente, porque oferecem grande superfície para a disposição do alimento e permitem que o calor chegue facilmente a ele. No começo ela é praticamente sem decoração, aos poucos a superfície externa se cobre de pequenas depressões rasas produzidas com a polpa do dedo, no final a impressão de cestaria, ou sua imitação por outras técnicas, toma certo impulso. Esta última decoração tem alguma semelhança com a da tradição Taquara. (Figura 4)

Quando chega o cultivo, a cerâmica Vieira permanece igual, mas ao lado dela existe nos sítios, com maior ou menor intensidade, a cerâmica de tradição Tupiguarani, também inalterada, preenchendo talvez parcial ou totalmente as novas funções e necessidades.

3.4. As atividades do acampamento

Quando examinamos o lixo alimentar, podemos levantar hipóteses sobre as técnicas utilizadas ou utilizáveis para a consecução desses bens. Os mais abundantes são os peixes, os crustáceos e os moluscos. O maior volume

de restos é de peixes marinhos, de tamanho médio, existentes em grande quantidade na lagoa, onde entram em densos cardumes. A falta de anzóis induz-nos a crer que na pesca devem ter usado a rede. O baixo nível das águas, em grandes extensões das margens, permitiria afixar redes sem auxílio de canoas. A colocação de redes necessitaria da colaboração de várias pessoas, de preferência homens. Talvez paralelamente se usasse também algum tipo de anzol ou projétil para peixes grandes, como a miraguaia, hoje pescada com a utilização de anzol especial.

Os crustáceos capturam-se facilmente usando um cesto com engodo e naturalmente também se prendem nas redes.

Os moluscos são recolhidos geralmente com a mão.

A caça de aves vem em segundo lugar em volume de restos. Quando aninhadas, em bandos, as aves aquáticas de arribação, são fáceis de pegar com laços ou com a mão. Ao mesmo tempo se podem recolher grandes quantidades de ovos dos ninhos agrupados e colocados à pequena distancia do chão.

Uma outra caça abundantemente representada é a de animais pequenos: ratões-do-banhado, preás, tatus; para a caça de todos eles o expediente mais fácil é a armadilha, o laço, a mão, não o projétil.

Os herbívoros maiores mais comodamente são caçados com projéteis, porque mais isolados e menos numerosos, pouco fixos a um determinado local.

Dessa maneira, a falta de mais evidências de armas pode ser explicada pela utilização predominante de outros expedientes, como redes, laços, armadilhas, cestos ou a captura com a própria mão.

Para a colheita de frutas também se necessitariam apenas cestos ou sacos, que não deixam vestígios, porque feitos com materiais perecíveis, como fibras ou couro.

Com relação à sucessão dos alimentos no tempo, considerando os diversos aterros individualmente, a pesca parece ter sido sempre a tarefa principal. Os crustáceos apresentam uma contribuição considerável durante o período cerâmico, tendo sido menor no pré-cerâmico. A caça de aves cresce progressivamente com o correr do tempo, em cada acampamento, na medida em que o banhado aumenta ao longo do assentamento por causa do recuo da lagoa; depois também aumenta progressivamente no mesmo sitio a caça de animais terrestres que dependem de idêntico ambiente. Isto sugere que a caça não é feita a grande distancia, mas ao redor mesmo do acampamento. O ratão-do-banhado e a preá se multiplicam muito rapidamente e podem produzir maior quantidade de alimento por área do que os grandes herbívoros. Com isso também se explica a pequena participação dos grandes mamíferos na alimentação do grupo: provavelmente eles são poucos, isolados e distraem muita mão-de-obra, que é necessária para a pesca, tanto no momento da captura, como da transformação. É sabido que certos alimentos, e imaginamos entre eles o peixe, requerem muito mais esforço de transformação e

estocagem do que de captura. Assim, os limites da exploração de um território nos tempos de abundância podem ser expressos mais pela capacidade da população em estocar alimentos que pela capacidade de se apropriar dos mesmos. Talvez a caça, tanto dos animais terrestres como dos voláteis, preenchesse o meio do verão, quando há menor quantidade de peixes migratórios e, portanto, menos ocupação para os homens. A caça é importante não só pelo alimento que proporciona, mas também como fornecedora de uma grande quantidade de ossos, necessários para a produção de instrumentos, de penas e de couros utilizados para outros misteres.

Os coquinhos só aparecem abundantemente nos sítios próximos do barranco do Pleistoceno, porque é ali que eles crescem: ou a população não iria longe para colhê-los, ou quando as árvores estivessem longe não levariam os frutos para o acampamento. Podemos imaginar que as crianças estariam mais ocupadas, como se dá na maior parte dos grupos, com a colheita e o consumo de frutas; talvez também as mulheres; as possibilidades são muitas e, como para qualquer caçador, constituiriam elemento importante na alimentação.

É possível que desde antes do contato com o Tupiguarani tenha havido alguns cultivos, que poderiam ser feitos nos aterros, perto das choupanas. Após contato com estes horticultores, que tomaram posse das florestas da serra do Sudeste e de areais na proximidade da lagoa, há cerâmica Vieira nas aldeias Tupiguarani e cerâmica Tupiguarani nos sítios Vieira, indicando intenso contato e provável simbiose, que certamente levou à intensificação dos cultivos ou à introdução dos mesmos caso ainda não tivessem existido. Estes cultivos podem ser feitos nos areais pleistocênicos junto da lagoa, ou em pontos da serra não utilizados pelo Tupiguarani. A recente fase Piratini (Brochado, 1974), localizada em pequenos vales, cobertos com vegetação de galeria, já na periferia da floresta, poderia ser um local de cultivo do grupo Vieira na serra do Sudeste.

3.5. A circulação do grupo

No tocante ao abastecimento é importante ainda caracterizar as estações em que os sítios da beira da lagoa eram ocupados. Pela presença dos peixes, crustáceos e coquinhos, temos provas de que o assentamento é ativo na primavera e começo de verão e abandonado durante o período de outono e inverno. Para o meio do verão não temos por enquanto provas conclusivas, mas sugestões muito fortes: este período apresenta recursos abundantíssimos em crustáceos, aves, ovos e variedades de frutas. Dificilmente um outro local dentro da região apresentaria a mesma riqueza, na mesma época. Dessa maneira podemos postular que os sítios estariam ocupados com certeza durante a primavera e começo do verão; com grande

probabilidade durante o meio do verão; abandonados, durante o outono e inverno.

Se o grupo precisa juntar os recursos de diversos nichos espalhados por uma região maior, que área ocupa esse território de abastecimento? Somente a cerâmica se presta, por enquanto, para delimitar sua possível área de circulação. Pois a cerâmica de tradição Vieira ocupa uma superfície que abrange o ambiente das grandes lagoas e os campos limpos e sujos de Tapes até o sul do departamento de Rocha (R.O. Uruguay), do Atlântico até o alto rio Negro (R.O. Uruguay), o Ibicuí e o Jacuí, num diâmetro de uns 300 km.

Uma das suas zonas mais ricas em determinada época do ano é certamente a parte inferior da lagoa dos Patos, onde se deveriam concentrar então grupos de famílias para a pesca, a caça e a colheita de plantas nativas. Mas também existem outras áreas com grande densidade de sítios, neste caso de caça, em terrenos alagadiços como Santa Vitória do Palmar e Camaquã, sobre os quais falaremos a seguir. Os mesmos pescadores se deslocariam para essas áreas, em outras estações, para caçar? Ou haveria nesses locais populações diferentes, donas e exploradoras dos seus próprios recursos? Até agora também não temos nenhuma pesquisa sobre as matas de butiá, que oferecem imensas possibilidades no alto verão.

Quando soubermos como os diversos nichos se relacionam entre si talvez descubramos que nas localidades mais abastecidas as populações se agrupam e adensam em certas épocas do ano; em outras se dispersam para explorar recursos mais rarefeitos.

4. Caçadores em Santa Vitória do Palmar

Entre a lagoa mirim e o Mar, nos terrenos baixos ao longo dos arroios Chuí, do Pastoreio, del Rei e Provedores, foram localizados e parcialmente pesquisados aproximadamente 150 cerritos, entre os anos de 1967 e 1973. Os pesquisadores foram Schmitz, Naue, Basile Becker, La Salvia.

No Pleistoceno e no Holoceno formaram-se nesta área banhados quase intransponíveis por acúmulo de sedimentos e constante recuo das águas do mar. A paisagem se compõe hoje de imensos juncais bordados de sarandis nos pontos constantemente alagados, de belíssimos campos limpos nos terrenos um pouco mais elevados e de pequenos bosques de vegetação mista, além de um palmar de butiazeiros com vários quilômetros de extensão nos terrenos não atingidos pelas enchentes.

Embora existam peixes nas águas da lagoa Mirim e da Mangueira, eles são insignificantes diante do que vimos em Rio Grande. O que pelo contrário chama atenção e deve ter atraído as populações indígenas, é a grande quantidade de caça terrestre e volátil concentrada nos banhados e suas proximidades. Em terra eram principalmente capivaras, veados, ratões-do-banhado, preás. Em termos de coleta vegetal o palmar de butiazeiros, que deu

nome à cidade e ao município, com seus frutos amadurecendo no alto verão, deveria ser um ponto de referência importante no abastecimento indígena.

A localização dos sítios arqueológicos mostra claramente que avaliação as populações pré-históricas fizeram do ambiente: ao longo do oceano e da lagoa Mirim existem poucos sítios, rasos, recentes e de pequena duração. Mas ao longo dos arroios eles estão concentrados, formando agrupamentos, como o da figura 2. Em 1967 em poucas semanas percorremos 42 desses sítios, que somavam um total de 138 aterros. Aparentemente eles não formam aldeias, mas representam continuas voltas aos mesmos lugares. Os sítios mais altos, sobre terraços elevados e mais afastados da água, são pré-cerâmicos (fase Chuí); os mais baixos e mais próximos da água têm cerâmica, às vezes até bem abundante, da tradição Vieira (fase Cerritos). O Tupiguarani não chegou nesta área carente de florestas, existindo alguns cacos apenas nos sítios posteriores ao começo da colonização, nas margens da lagoa. Estes sítios são rasos e apresentam um contexto igual ao encontrado em sítios igualmente rasos em Rio Grande: cerâmica Vieira, Tupiguarani e colonial, cachimbos holandeses, mais pontas de projétil, pedras de fuzil, bolas de boleadeira etc. (Figura 2)

Como não foi possível reunir suficiente carvão para datar, a não ser aterros muito recentes, temos de pensar a cronologia com relação à de Rio Grande. Acreditamos não estar muito longe da realidade se estendermos as etapas da lagoa dos Patos para esta nova área. Isto representaria o começo da ocupação para o primeiro milênio a.C. e a cerâmica para os primeiros séculos de nossa era. Datas conseguidas no lado uruguaio da lagoa Mirim conformam nossa suposição (Jorge Femenias, com. or., 1990).

Os restos de alimentos estão geralmente mal conservados. Nos aterros mais antigos do Chuí e nos mais novos do Provedores, onde puderam ser identificados, mostram total predomínio da caça, sendo o animal mais abatido o veado (ao redor de 90% dos restos analisados); nos primeiros períodos da ocupação do Chuí também existem ossos de miraguaia, sugerindo que o arroio na época deveria estar diretamente ligado ao Oceano, por onde peixes tão grandes poderiam entrar.

Nos cerritos mais recentes encontramos uma pequena quantidade de sepultamentos primários (Figura 3) sobre cujo ritual de deposição ainda não temos coragem de falar; num outro aterro foi achado um sepultamento certamente secundário, composto de ossos da bacia, parte dos ossos das pernas e uma mandíbula colocada junto da bacia. Em nenhum dos três achados de sepultamentos havia oferendas mortuárias acompanhando os esqueletos.

Sendo muito escasso o material lítico nas escavações recorreremos aos colecionadores locais para ter uma idéia do mesmo e do que poderia significar. Na coleção Emídio P. Martino, na dos irmãos Donato e em outra menor encontramos material muito significativo, do qual tiramos amostras para nossa

figura 5. Um grande número de pontas de projétil e bolas de boleadeira foram encontradas na praia do porto velho, onde as águas em dias de tormenta as libertam das camadas junto com cerâmica Vieira, Tupiguarani e colonial. Além dos modelos de bolas da ilustração existem também aquelas com numerosas pontas. Comuns são também pedras polidas com pequenas depressões bem lisas nas diversas faces; uma só mão-de-pilão foi recolhida, tendo iguais depressões na metade do corpo e numa das extremidades; mós ou alisadores com o dorso cheio dessas covinhas são até freqüentes; lâminas de machados com ou sem garganta, também com covinhas picoteadas ou polidas, são mais comuns que em Rio Grande: a maior parte dessas lâminas foram encontradas em sítios dentro ou na proximidade de áreas florestadas. Finalmente incluímos um zoolito quebrado, com forma de ave, que teria sido achado na beira do arroio Chuí. As pedras com covinhas podem estar ligadas à utilização de caroços de butiá, segundo outros seriam usadas no tratamento de couros. As lâminas de machado nos fazem pensar que em lugares mais aptos, como seriam pequenas extensões de mato ou os próprios aterros, poderia ter havido cultivos. O zoolito não é uma raridade: em áreas semelhantes de cerritos do Uruguay foram encontrados diversos. (Figura 5)

Se nos perguntarem sobre a ligação desses sítios com os de Rio Grande, podemos dizer apenas que usam o mesmo gênero de cerâmica, embora com pequenas diferenças, razão por que criamos para ela novo nome de fase.

Sobre a estação em que se deram os acampamentos somos totalmente ignorantes. A época da colheita do butiá, que é o alto verão, poderia ser uma sugestão. As estações chuvosas poderiam parecer impróprias por causa das inundações; mas para que levantar então os aterros até 3 m de altura? Sendo válida esta reflexão é lícito pensar em canoas para a comunicação dentro destes verdadeiros mares de água.

5. Caçadores no Banhado do Colégio, Camaquã

A situação em Camaquã é praticamente a mesma de Santa Vitória do Palmar. O Banhado do Colégio representava uma imensa área pantanosa, surgida em conseqüência do represamento, pelos sedimentos lacustres, do arroio Duro e outros cursos de água, que drenam a encosta da serra do Sudeste. Grandes juncais nas áreas alagadas, campos limpos em terrenos um pouco mais elevados, bosques mistos e a floresta subtropical na encosta e no alto da serra.

Os recursos disponíveis no banhado fizeram que na sua borda, e às vezes no seu interior, se concentrassem os sítios. Na costa da lagoa eles são absolutamente raros. Na serra, dominada pelo Tupiguarani, inexistentes.

Todos os materiais perecíveis, desapareceram das camadas, ficando algumas lascas, bolas, raras pontas e cacos de cerâmica. Somando estes com

as peças mais bonitas que estão nas casas dos fazendeiros conseguimos um contexto semelhante ao de Santa Vitória do Palmar.

A seqüência cultural nos 47 sítios com 96 aterros, estudados por Schmitz, Basile Becker, Naue, Brochado e Mentz Ribeiro, entre 1968 e 1971 e retomados por Rüttschilling em 1987, parece a mesma dos locais anteriormente descritos: caçadores pré-cerâmicos (fase Patos), caçadores neolitizados (tradição Vieira, sem nome próprio de fase), colonização Tupiguarani pura (fase Camaquã) e sítios de contato ou simbiose.

6. Neolitizados, mas sempre caçadores

Apresentamos neste capítulo uma área predominantemente de pesca e duas principalmente de caça. De passagem fizemos referência a diversos outros locais no interior do estado (e poderíamos fazê-lo no interior do Uruguay) aparentemente também de caçadores da mesma cultura, e nos restaria explicar finalmente como estas diferentes ocorrências estariam relacionadas entre si.

Em termos de mera cronologia tudo leva a crer que são contemporâneas e a população que as produziu esteve sujeita à mesma evolução. Esta é a razão por que damos o mesmo nome a toda esta formação tecnológico-cultural.

A pergunta, entretanto, é mais ampla e se refere ao modo como a população no seu todo se achava estruturada e manejava os recursos. Em busca da resposta inicialmente nos sentimos tentados a apelar para os sobreviventes do período colonial e através de uma analogia etnográfica iluminar o passado. Alguma aproximação a vida dos minuanos do século XVIII e XIX poderia oferecer, se os pudéssemos captar no primeiro momento do contato, antes de se tornarem os tão falados 800 minuanos cavaleiros e caçadores de gado, descritos pelos oficiais espanhóis que os combateram até sua total desorganização. Como isso não é possível, e há necessidade ao menos de uma visão geral do seu modo de vida, achamos mais acertado transcrever um texto da introdução ao livro sobre o *Homem Caçador* (Lee e Devore, 1973:11-12) que, embora se referindo ao caçador em geral e a um caçador não neolitizado, oferece a informação mais aproximada e justa que neste momento podemos produzir.

"Fazemos duas suposições básicas a respeito de caçadores e coletores: **1)** eles vivem em pequenos grupos e **2)** eles se movem muito. Cada grupo local está associado com um espaço geográfico, mas esses grupos não funcionam como sistemas sociais fechados. Provavelmente, desde o começo houve comunicação entre grupos, incluindo visitas recíprocas e alianças matrimoniais; de modo que a sociedade caçadora básica consistia em uma série de bandos locais, que eram parte de uma comunidade lingüística e procriadora maior. O sistema econômico está baseado em diversas

características nucleares, incluindo uma base residencial ou campo, uma divisão de trabalho - com homens caçando e mulheres colhendo - e, mais importante, um padrão de partilha dos recursos alimentares colhidos.

"Essas poucas características, amplamente definidas, proporcionam uma linha de base organizacional da pequena sociedade da qual podem ser derivados desenvolvimentos posteriores. Visualizamos um sistema social com as seguintes características. Primeiro, se indivíduos e grupos têm de movimentar-se para conseguir alimentos, há uma implicação importante: o montante de propriedade pessoal tem de ser mantido num nível muito baixo. (...) Segundo, a natureza do suprimento alimentar mantém pequenos os grupos viventes, geralmente abaixo de cinquenta pessoas. Grandes concentrações de pessoas esgotariam rapidamente os recursos imediatos e os membros seriam forçados a dispersar-se em unidades menores de abastecimento. É provável, como observou Mauss, que diversos bandos se encontrariam numa base estacional, resultando numa divisão do ano em períodos "públicos" e "privados". Por causa do pequeno tamanho dos grupos vivos e da grande variação do tamanho da família, os bandos crescem e diminuem em número de membros. É provavelmente necessário redistribuir continuamente a população entre os bandos com o objetivo de manter as unidades de colheita de alimentos num nível efetivo.

"Terceiro, os grupos locais como grupos, não mantêm ordinariamente direitos exclusivos sobre os recursos. Variações no suprimento de comida de região para região e de ano para ano criam uma situação fluida, que pode ser melhor controlada por organizações flexíveis, que permitem à população mover-se de uma área para outra. Os padrões de visita criam obrigações intergrupais, de modo que os hóspedes numa estação se tornam os hospedeiros na outra. Pensamos que acesso recíproco aos recursos figuraria com importância igual ao intercâmbio de esposas como meio de comunicação entre os grupos. (...)

"Quarto, superávit alimentar não seria uma característica proeminente da pequena sociedade. Se os estoques de alimento disponíveis são mínimos, um esforço praticamente constante tem de ser realizado durante todo o ano. Se cada um sabe onde está o alimento, na realidade o próprio ambiente é o armazém; e desde que cada um conhece os movimentos de todos os outros, não há preocupação de que os recursos alimentares vão falhar ou vão ser explorados por outros.

"Quinto, visitas freqüentes entre as áreas de recursos vão evitar que qualquer um dos grupos se apegue demasiadamente a uma única área. Sítios rituais estão comumente associados a grupos específicos, mas a subsistência da população não depende destes sítios. Além disso, a falta de empecilhos sob a forma de propriedade pessoal ou coletiva permite um grau considerável de liberdade de movimentos. Indivíduos e grupos podem mudar de residência sem

abandonar interesses vitais em terras ou bens, e, quando a discussão surge, a solução é dividir o grupo para evitar conflito sério."

7. Afiliações platinas

Os sítios de caça e pesca estudados encontram-se dentro de uma área de transição, de ecologia variada, bastante marcada pelos campos, embora cheguem até lá elementos da floresta subtropical e da vegetação de restinga. Nela grupos humanos podiam sobreviver bastante bem, combinando racionalmente a caça, a pesca e a colheita de plantas nativas. Esta adaptação estudada no Rio Grande do Sul, se afigura recente, instalando-se na transição do "ótimo Climático" para um período mais frio e menos chuvoso. No planalto e no litoral brasileiro se processam na mesma época reacomodações de antigos caçadores, que passam a dar mais importância à coleta vegetal e através dela chegam aos cultivos. O mesmo deve ter acontecido na bacia Platina. É a transição para o neolítico.

Este período pré-cerâmico pensamos que pode ser incorporado na tradição de caçadores de nome Umbu, largamente espalhada no sul do Brasil, embora como adaptação característica e tardia, que podemos denominar subtradição Lagoa.

Quando a cerâmica, os cultivos e outros elementos neolíticos aparecem entre os caçadores da subtradição Lagoa, notam-se mais facilmente as configurações culturais e tecnológicas que realmente as devem ter plasmado. Nesse momento os caçadores por nós estudados se configuram como uma tradição local independente, que denominamos tradição (cerâmica) Vieira, dentro de uma grande tradição tecnológica e cultural do rio da Prata.

De fato, na bacia do rio da Prata, são numerosos os caçadores com adaptações semelhantes às estudadas e explorando ambientes parecidos. A cerâmica Vieira é mais parecida com a dos grupos que vivem sobre o rio Uruguai do que com as do rio Paraná; e é bastante diferente da cerâmica, da tecnologia e do modo de vida das populações do planalto e litoral brasileiro. Isso continuava acontecendo em tempos históricos quando os Minuanos, ocupantes da mesma área da tradição Vieira e prováveis continuadores daquelas populações pré-históricas, se distanciavam muitíssimo dos Kaingang do Planalto e dos Guarani das florestas da encosta.

Com isso chegamos à conclusão de que, corno no ambiente, também na cultura, os grupos dos campos do sul devem ser afiliados às tradições platinas e não às brasileiras.

A continuação dessa história se encontra no texto de Basile Becker.

8. Bibliografia citada

BROCHADO, José Proenza. 1969. Pesquisas arqueológicas nos Vales do Ijuí e Jacuí. *Publicações Avulsas Museu Emilio Goeldi* 13:31-62. Belém.

_____. 1974. Pesquisas arqueológicas no Escudo Cristalino do Rio Grande do Sul (Serra do Sudeste). *Publicações Avulsas Museu Emílio Goeldi* 26:25-52. Belém.

CIGLIANO, Eduardo Mario; SCHMITZ, Pedro Ignácio; CAGGIANO, Maria Amanda. 1971. Sitios cerámicos prehispanicos en la costa septentrional de la provincia de Buenos Aires y de Salto Grande, Entre Rios: esquema tentativo de su desarrollo. *Anales de la Sociedad Científica CXCII(III-IV)*:127-91. La Plata, Argentina.

COPÉ, Sílvia Moehlecke. 1985. *Aspectos da ocupação pré-colonial no Vale do Rio Jaguarão - RS*. Universidade de São Paulo. São Paulo. (Dissertação de Mestrado).

LEE, Richard B. & DEVORE, Irven. 1973. Problems in the study of hunters and gatherers. In: *Man the Hunter: the first intrusive survey of a single, crucial stage of human development – man's once universal hunting way of life*. p.3-12. Aldine Publishing Company. Chicago.

LOTHROP, Samuel Kirkland. 1932. Indians of the Paraná Delta, Argentina. *Annals of the New York Academy of Sciences XXXIII*:77-232. New York.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. 1983. Sítios arqueológicos numa microrregião de área alagadiça na Depressão Central do Rio Grande do Sul - Brasil. *Revista do CEPA* 10(12):3-121. Santa Cruz do Sul.

MILLER, Eurico Th. 1969. Pesquisas arqueológicas efetuadas no oeste do Rio Grande do Sul (Campanha - Missões). *Publicações Avulsas Museu Emílio Goeldi* 13:13-21. Belém.

RÜTHSCHILLING, A.L.B. 1985. O material lítico do sitio RS-CA-14, Capão Grande, Camaquã, RS. *Pesquisas, Antropologia* 40:123-139. São Leopoldo.

_____. 1985. Análise do material lítico do sítio arqueológico RS-CA-14 de Capão Grande-Camaquã. *Boletim do MARSUL* 3:53-60. Taquara.

_____. 1989. Pesquisas arqueológicas no Baixo Rio Camaquã. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil, Documentos* 03:7-20. Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS. São Leopoldo.

SCHMITZ, Pedro Ignácio (Coord.). 1967. Arqueologia no Rio Grande do Sul. *Pesquisas, Antropologia* 16:1-58. São Leopoldo.

_____. 1976. *Sítios de pesca lacustre em Rio Grande, RS, Brasil*. Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS. São Leopoldo. (Tese de Livre-docência).

_____. 1979. Salvamento arqueológico na área do reservatório da Barragem do Centurião, lado brasileiro, RS. Relatório de Atividades, SUDESUL/UFRGS. Porto Alegre.

SCHMITZ, P.I. & BAEZA, J.E. 1982. Santa Vitória do Palmar: una tentativa de evolución del ambiente en el Alto Chuy y su vinculación al problema de los cerritos. In: *Anales del VII Congreso Nacional de Arqueología*. Colonia del Sacramento, Uruguay.

SCHMITZ, P.I. & BROCHADO, J.P. 1966. *Prospecções arqueológicas no Rio Grande do Sul, Brasil*. Comunicação ao Congresso Internacional de Americanistas, Mar del Plata.

SCHMITZ, Pedro Ignácio e outros. 1970. Prospecções arqueológicas no vale do Camaquã, RS. In: *Estudos de Pré-história Geral e Brasileira*. p.507-24. São Paulo.

SCHORR, Maria Helena Abrahão. 1975. *Abastecimento indígena na área alagadiça lacustre de Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil*. Associação Santanense Pró Ensino Superior (Cadernos 1). Sant'Ana do Livramento.

TORRES, Luís Maria. 1911. *Los primitivos habitantes del Paraná*. Imprenta de Coni Hermanos. Buenos Aires.

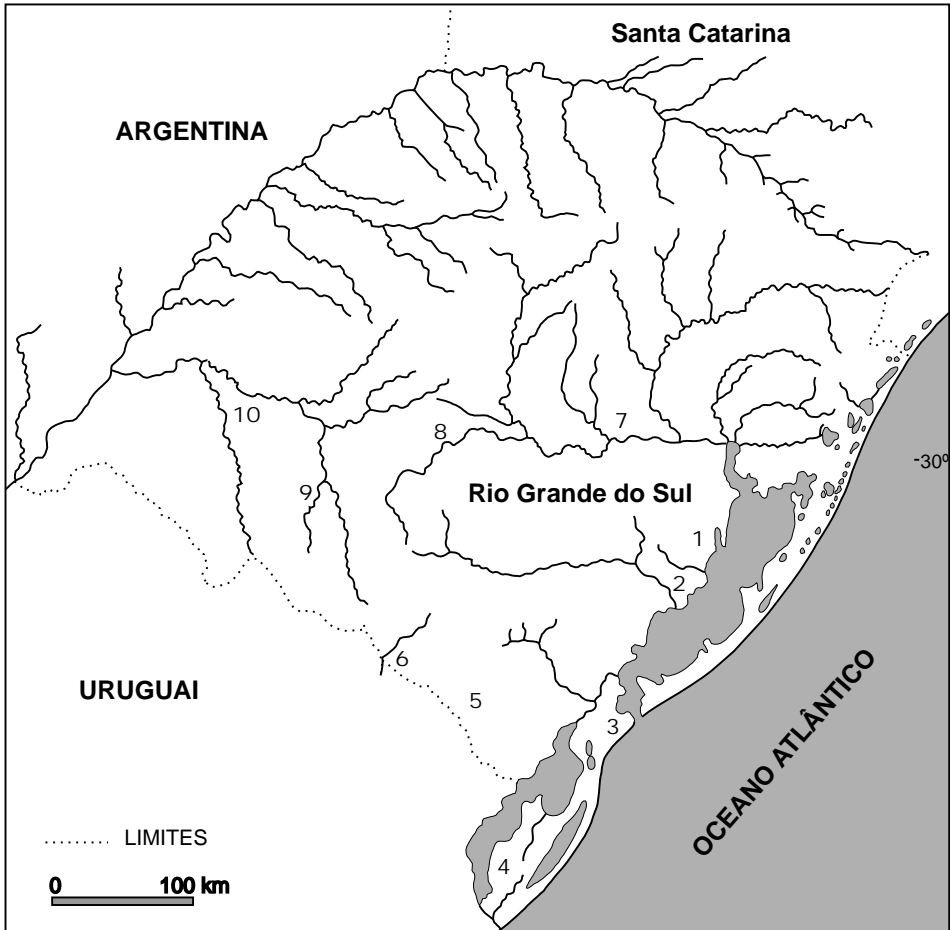


Figura 1: Locais onde, no Rio Grande do Sul, foram estudados sítios de aterros: 1. Tapes; 2. Camaquã; 3. Rio Grande; 4. Santa Vitória do Palmar; 5. Herval do Sul; 6. Dom Pedrito; 7. Vera Cruz; 8. Santa Maria; 9. Rosário do Sul; 10. Alegrete e Itaqui.

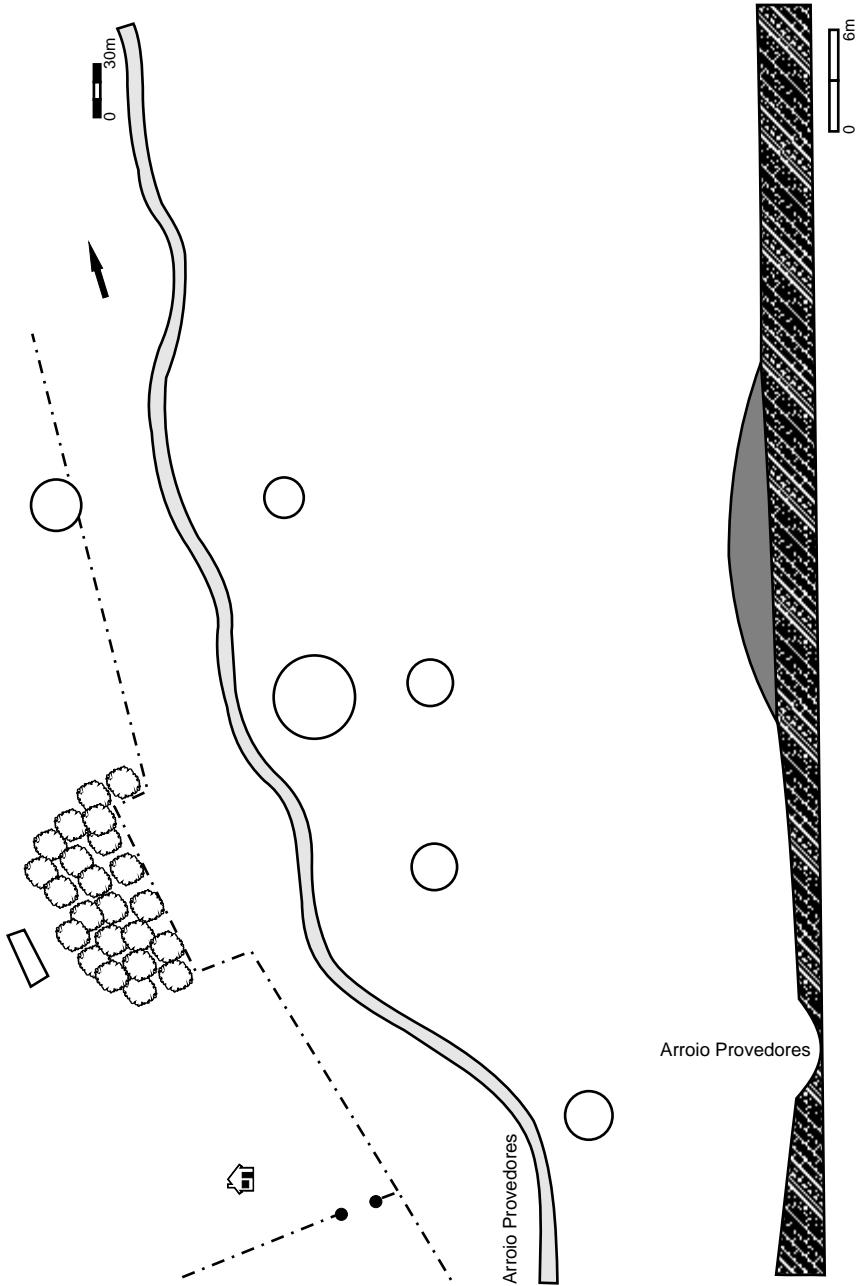


Figura 2: Croqui de um sítio de “cerritos” em Sta. Vitória do Palmar, mostrando distribuição no terreno. Perfil do terreno.

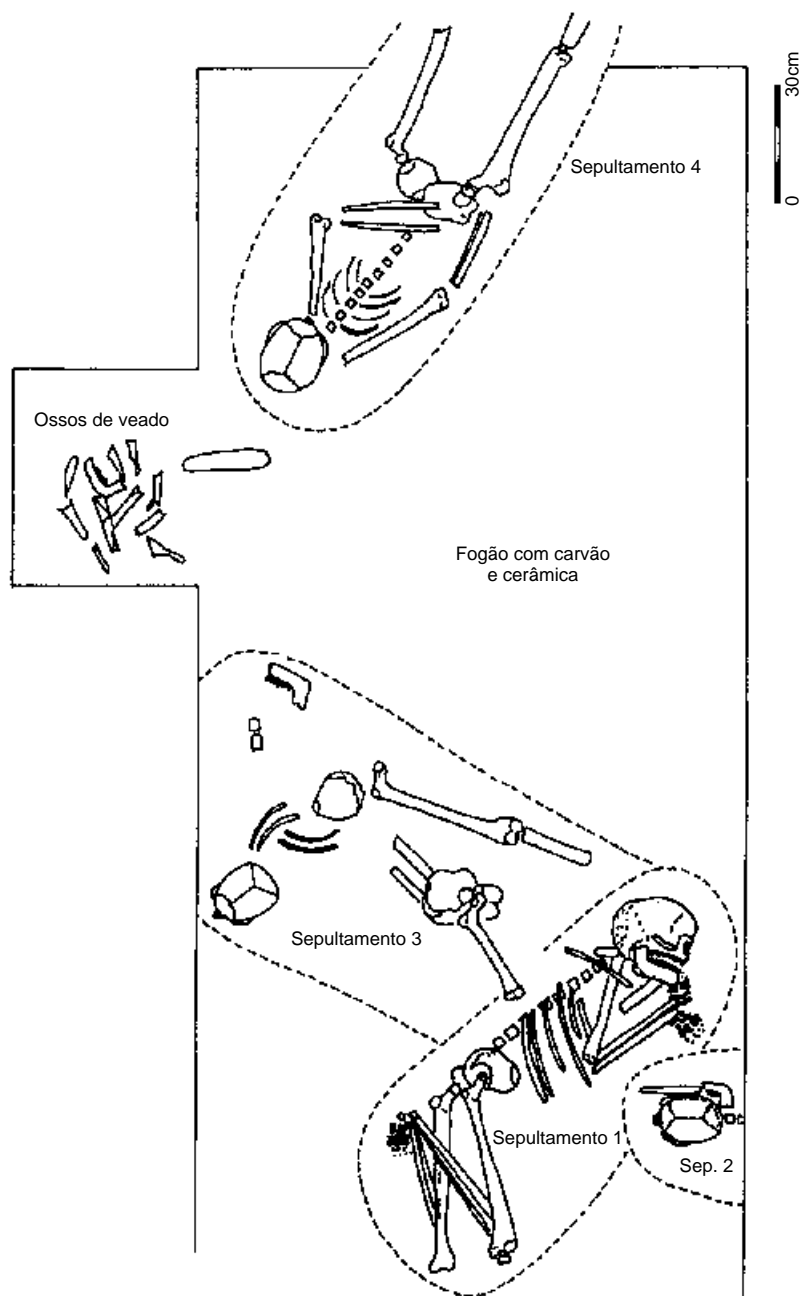


Figura 3: Sepultamentos num “cerrito” de Santa Vitória do Palmar.

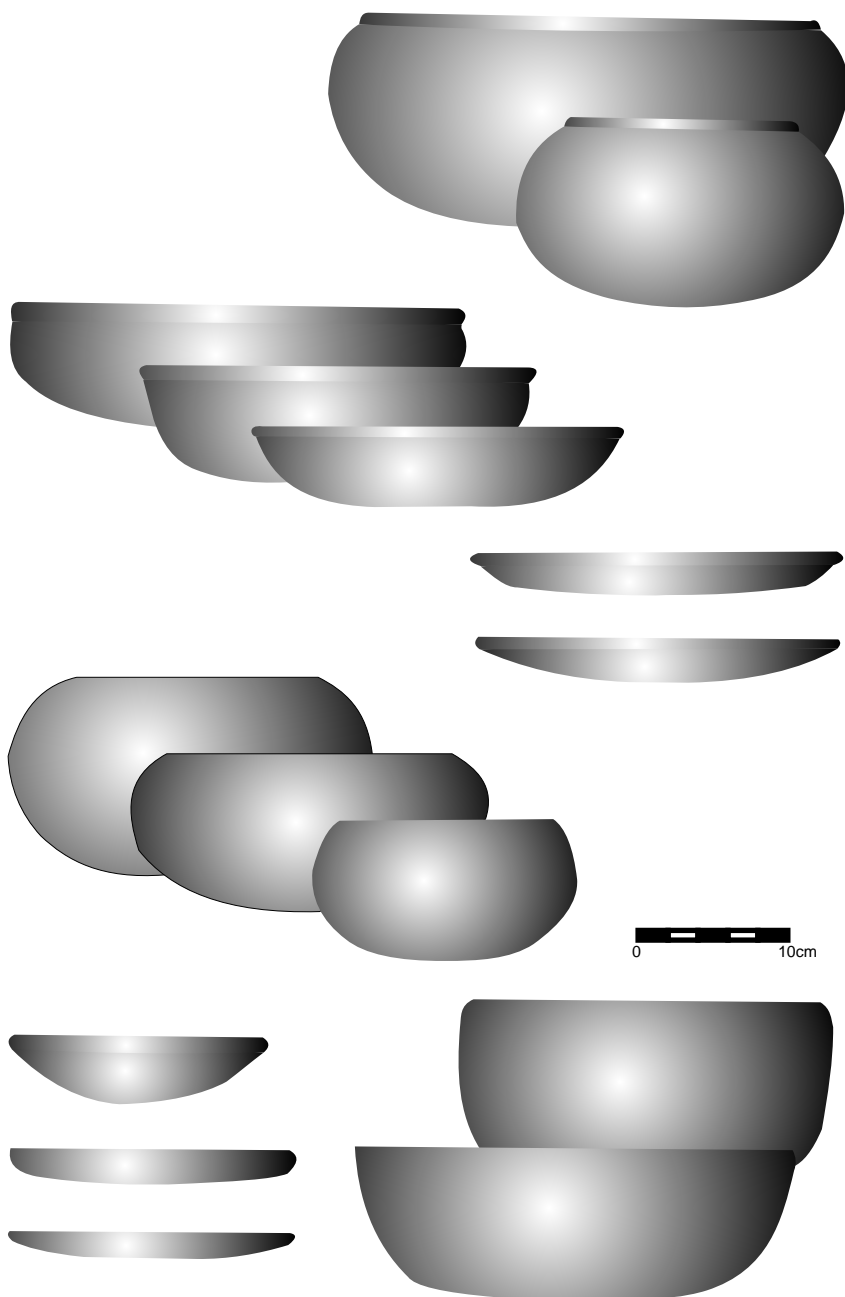


Figura 4: As formas típicas da cerâmica da tradição Vieira, fase Vieira.
Documentos 5, Ano 2006

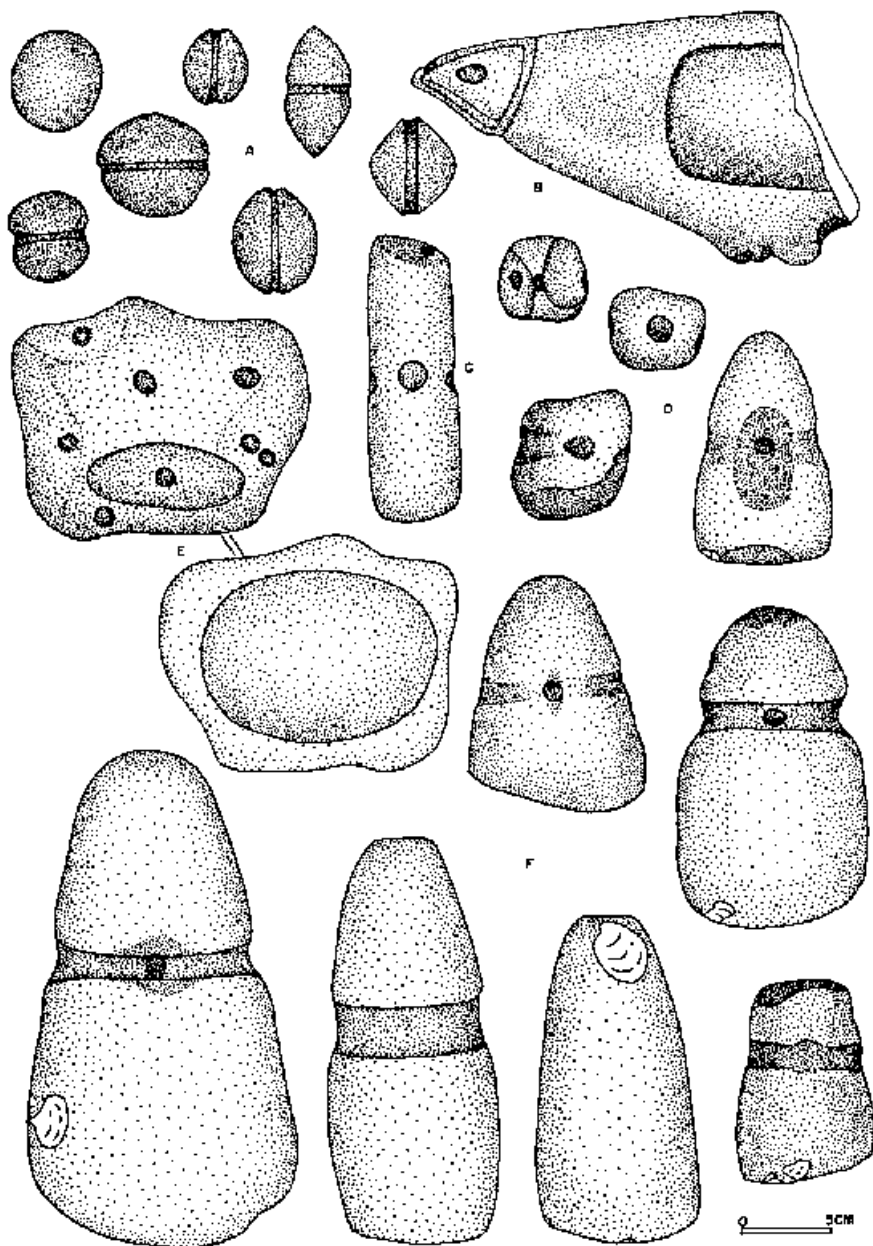


Figura 5: Típicos artefatos em pedra polida de Sta. Vitória do Palmar: A - bolas de boleadeira; B - zoolito; C - mão-de-pilão; D - pedras com covinhas; E - moedor; F - lâminas de machado

O QUE SOBROU DOS ÍNDIOS PRÉ-HISTÓRICOS DO RIO GRANDE DO SUL

Ítala Irene Basile Becker*

Os grupos pré-históricos do Rio Grande do Sul, vistos pela Arqueologia nos capítulos anteriores, são os responsáveis pelas diferentes Tradições e Fases líticas e cerâmicas. Aqui são tratados com os nomes prováveis com que foram conhecidos ao tempo da Conquista. São vistos nos mesmos ambientes naturais e como as três etnias que foram envolvidas no processo de conquista e colonização do Estado. São eles:

Os Kaingang - antigos Guaianá, prováveis moradores das casas subterrâneas do Planalto, com extensão para os demais estados da Região Sul. São encontrados também em Misiones, Argentina. Eram índios coletores, especialmente de pinhão, caçadores, pescadores e pequenos horticultores.

Os Charrua e Minuano - são provavelmente os construtores dos "cerritos" nas regiões dos campos do Sudoeste e Sudeste do Estado com extensão para o pampa uruguaio e argentino. Eram caçadores, pescadores e coletores.

Os Guarani - do grande grupo lingüística Tupi-Guarani, ocuparam as áreas florestadas próximas dos grandes rios como o Uruguai, o Jacuí, o Camaquã e partes do Litoral atlântico e lagunar. Eram agricultores e bons ceramistas.

Para os Kaingang e os Charrua e Minuano, damos uma visão etno-histórica geral e sucinta; nela ressaltamos o problema do contato com o conquistador e colonizador, contato que os levou à situação atual ou ao extermínio. Nessa ótica tratamos os grupos desde o século XVI até os séculos XIX ou XX. Os Charrua e Minuano estão extintos, em oposição aos Kaingang em crescimento como grupo.

O Índio Kaingang no Rio Grande do Sul e El Indio y la Colonización: Charruas y Minuanes, são as monografias por nós publicadas respectivamente em 1976 e 1984. Do primeiro trabalho divulgamos alguns excertos em *O Índio e a Colonização alemã no Rio, Grande do Sul*, 1976. Para o terceiro grupo o estudo mais recente é *O Guarani no Rio Grande do Sul*, 1985, de Pedro Ignacio Schmitz, inciso no presente volume. Deste grupo estamos estudando alguns aspectos da organização social, tomando como referência o cacicado e

* Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS. Professor-Pesquisador da SEC. Bolsista do CNPq.

a pajelança. Contamos até o presente com uma listagem biobibliográfica de mais de cem caciques para as diferentes Províncias missionárias.

O GRUPO KAINGANG

Informações gerais: O Kaingang, descendente dos antigos Guaianá, é identificado por esse nome desde 1882. Diversos estudiosos se ocuparam dele nos últimos cem anos. Estas informações constituem a base do nosso texto e referem-se praticamente sempre ao passado. No momento presente, por um lado, lutam por maior participação na sociedade nacional e, por outro, por repensar sua própria cultura e sociedade.

Seu físico tem aparência mongolóide. De estatura mediana têm o corpo bem proporcionado. O rosto é levemente oval, com olhos pretos e oblíquos; o nariz um pouco achatado, a boca e as maçãs do rosto normais. A pele é de cor bronzeada. O cabelo é abundante, preto e liso; os homens o cortam em coroa, o que lhes valeu, no século passado, o apelido de "Coroados". As mulheres usam o cabelo de preferência comprido e solto; às vezes fazem uma trança. Costumavam, especialmente os homens, depilar até mesmo as pestanas. Têm ótima acuidade sensorial tanto para os olhos como ouvidos e uma grande habilidade tátil. Seu idioma é o Kaingang, pertencente ao grande tronco das línguas Jê.

Os Kaingang ocupavam, desde o início da Conquista até fins dos séculos XVII e XVIII, determinadas áreas dos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Eram conhecidos pelos nomes de Botocudo, Aweikoma, Xokleng, Aweikoma-Kaingang, Bugre, entre outros. Apareceram pela primeira vez na literatura com o nome de **Guaianá**. Aqui os trataremos simplesmente por **Kaingang**.

As informações históricas para os Kaingang no século XVI são raras e pouco explícitas; em verdade elas começam em inícios do século XVII quando se fizeram as primeiras tentativas de missão como por exemplo, as do Pe. Montoya, S.J. Nesse momento os Kaingang aparecem na periferia das áreas do Guarani ou formando bolsões nas mesmas áreas. Já haviam sido contatados esporadicamente pelos conquistadores no século XVI. Segundo os missionários que no século XVII os tentaram missionar, esses índios eram totalmente diferentes dos Guarani. De acordo com a localização geográfica e/ou com as fontes, os Guaianá eram também conhecidos como Bate, Chova, Pinaré, Kaiguá ou Caaguá, inimigos tradicionais dos Guarani.

Com a colonização da Região Sul e de modo especial com o desenvolvimento da cafeicultura no século XIX, grupos de Kaingang são levados a deslocamentos rápidos. Alguns grupos que viviam no interior das matas, hostilizados pelos criadores de gado do Sul, conseguiram sobreviver em capões dessas matas desde o Paraná até o nosso Estado.

O avanço das frentes de colonização, com os diferentes modos de entrar nas terras dos índios - bandeirismo, missão e colonização - fez com que o Kaingang continuasse a migrar. Mesmo assim ele conseguiu mais uma vez certa permanência em seu ambiente natural, ainda que ilhado em meio a um mundo hostil.

A migração de alguns grupos Kaingang para o Rio Grande do Sul parece relativamente recente. Alguns grupos, além de fugirem do colonizador, migraram por causa das lutas entre eles próprios. Alcançaram, por uma ou outra razão, as matas de pinheiros e os campos da parte norte do Estado. São as áreas ocupadas ou reocupadas pelos índios dos caciques Nonohay e Fongue. Mais para o leste, nos campos do planalto, estava o grupo de Braga, numa área que parece lhe ter pertencido sempre.

Para o grupo do Cacique Braga os dados são mais claros e abundantes. Mabilde, século XIX, descreve um cemitério com sete túmulos por ele encontrado e escavado na área. Eram 5 sepulturas de caciques, sucessivos antepassados de Braga, e 2 de índios, homens e mulheres, que haviam sido mortos num combate com os Botocudos de Santa Catarina. Pelo estado dos ossos, o informante conclui que o combate com os Botocudos se teria dado em inícios do século, 1806. Os túmulos dos 5 caciques, por outro lado, representando cinco gerações de governantes, certamente mostrariam o enraizamento de Braga na região por uns dois séculos. Datações de C¹⁴ atestam a presença da tradição Taquara, provável antecessora dos Kaingang de Braga, nesse espaço desde o século V depois de Cristo até ao menos o século XV.

Os índios e a colonização - O Kaingang no Rio Grande do Sul não foi poupado pelas frentes colonizadoras e de modo especial pela colonização alemã. Sua transformação, resultado desse processo, enquadra-se perfeitamente nos mecanismos estudados para tais casos. A mudança, tanto do ponto de vista da raça, como da cultura, não se deu em sua totalidade ainda que os mecanismos lhe tenham sido favoráveis. Ela se processou em certos aspectos transformando um índio coletor, caçador, pescador e pequeno horticultor num agricultor nos moldes das civilizações que os envolveram. Acreditamos que isso se deva à própria organização sócio-econômica e mesmo política do grupo que na atualidade ainda mantém valores do passado. Com relação ao aspecto agrícola, acreditamos que seja uma volta ao status inicial possibilitado pelas novas contingências. informações para o passado os caracterizam como produtor de milho de diversos tipos, lembrança que se perde na memória dos Kaingang mais velhos, assim como a afirmação de terem sido ceramistas, o que em termos arqueológicos não deixa dúvidas.

O processo geral de colonização, responsável pelas mudanças, começa no século XVI com os portugueses e espanhóis terminando, em tese, com os alemães no século XIX, como sintetizamos a seguir.

A Colonização luso-espanhola efetiva, não trouxe para os Kaingang as mesmas dificuldades que a alemã. Com os espanhóis, de modo particular, a área Kaingang periférica sofre a ação indireta da política missioneira que se instalara, desde inícios do século XVII com os Guarani, obtendo ótimos resultados. Por sua vez a ação direta que se pretende com os Kaingang não tem a mesma projeção embora se fizessem várias tentativas; exemplo é a atuação infrutífera, que segundo a história, teria resultado no martírio do Ibiá.

O bandeirismo paulista invadiu o Sul para suprir, com mão-de-obra indígena as fazendas litorâneas de exportação e depois com animais de transporte as áreas de mineração. Por volta de 1635, o bandeirante Fernão Dias Paes Leme atravessa os Campos de Lages, Santa Catarina e os da Vacaria no Rio Grande do Sul quando se dirigia às missões dos Guarani sobre o Rio Uruguai para prear índios. Nessa época nada consta especificamente sobre a apreensão de Kaingang ainda que Vacaria fosse área autóctone de alguns grupos. Posteriormente, 1727, a mesma região dos Campos de Vacaria é cruzada pelo Caminho das Tropas de Cristóvão Pereira com os mesmos objetivos atingindo-os de maneira mais ou menos indireta.

Ao se instalar definitivamente no Estado, em fins do século XVIII, a colonização lusa alcança alguns espaços na área Kaingang ou seja os Campos do Planalto, a Encosta superior e inferior do Nordeste e partes do Planalto médio. No começo do século XIX apenas os município de Vacaria e Santo Antonio são explorados para criação de gado. Essa modalidade de colonização lusa permitiu a sobrevivência independente do índio e do português de forma que o Kaingang, coletor de pinhão, ficou nas áreas de mato e o criador luso na de campos. A seguir se multiplicam os municípios e, de modo especial, nas áreas de colonização alemã como se verá adiante.

É nessa área de colonização lusa, delimitada pelo Rio Passo Fundo e a Serra limítrofe com o Litoral, que se localizava o maior grupo Kaingang, representado pelas 23 tribos subordinadas ao Cacique Braga. É conhecida, a partir de 1848, como Aldeamento do Campo do Meio.

Em 1845, o missionário Antonio de Almeida Leite Penteado, faz uma experiência de catequese com os Kaingang das proximidades de Passo Fundo, quando consegue atrair a uns 400 indivíduos. No mesmo ano, com o avanço do Caminho das Tropas, outras tentativas são realizadas. A iniciativa particular tenta o mesmo com os índios do Cacique Nonohay, mas também sem resultados.

O que de concreto o governo imperial consegue com a ajuda de jesuítas espanhóis é a fundação de três aldeamentos; o objetivo central dos mesmos era o de reunir os índios dos diferentes grupos moradores das áreas atingidas. Instalados, entre 1848 e 1850, são conhecidos como Aldeamento do Guarita, fundado pelo Pe. Parés com índios do Cacique Fongue, no atual município de Tenente Portela. Guarita teve como chefe índio o próprio Fongue, escolhido para essa função. O aldeamento resolveu o problema dos

fazendeiros de Cruz Alta, onde também existia um grupo Kaingang, assim como o das estâncias de Santo Ângelo e São João. A segunda concentração é Nonoai, fundada em 1849 em terras do velho Cacique Nonohay. O aldeamento deveria reunir os índios dessa área, hoje município de Nonoai, bem como os índios da área perturbada do Cacique Braga, atingida pela colonização alemã em quase sua totalidade.

O aldeamento de Nonoai foi uma concentração de grande instabilidade por causa do problema de colonização em si e dos desentendimentos entre os próprios chefes índios. O terceiro aldeamento foi o Campo do Meio fundado nas terras do Cacique Braga.

A Colonização alemã, por sua vez, agiu mais direta, intensa e drasticamente sobre a área Kaingang desde 1824 a 1846 e de 1848 a 1874. No primeiro momento surgem as chamadas antigas colônias de São Leopoldo, São José do Hortêncio, Feliz, Mundo Novo, Bom Princípio e Pinhal quando a área inicial de colonização se estende da Antiga Feitoria (São Leopoldo) até a borda do Planalto. Nessa época, antes mesmo dos colonos chegarem aos lotes destinados tinham de passar às vezes por terras dos índios que se defendiam à sua maneira. Desde 1829 a 1832 se repetem os encontros com colonos alemães estabelecidos em Dois Irmãos e de 1845 a 1847 com os colonos de São Francisco de Paula e Nova Petrópolis.

Com isso ambas as etnias viviam uma situação bastante tensa porque, enquanto o colono tentava se estabelecer nas terras que lhe cabiam por determinação imperial, o Kaingang via a penetração efetiva nas terras onde havia nascido. Enquanto os primeiros sofriam com a presença do índio, este, por sua vez, só tinha como única alternativa, a retirada.

A colonização prossegue apoiada numa legislação que dispunha sobre as terras devolutas como exclusivamente reservadas aos alemães. Surgiram assim as Colônias de Caí, Montenegro e Nova Petrópolis que se tornam cenário de novos encontros.

Para sanar a situação, criaram-se os aldeamentos referidos assim como foram reativadas as Companhias de Pedestres, já atuantes em determinadas áreas. Os resultados não foram satisfatórios; instalou-se a animosidade entre os próprios índios, alguns dos quais aceitam o trabalho assalariado nas mesmas Companhias ou em grupos defensivos particulares. Com isso os grupos se dividiram e enfraqueceram. É o caso do Cacique Nicué, dissidente de Braga, que perseguido por seus irmãos de raça praticou o que se pode registrar como último assalto (1860) com um pequeno grupo de 23 indivíduos entre os quais duas mulheres.

Para o colonizador porém, o resultado foi a definição dos municípios atuais nos mesmos lugares de origem dos índios.

A Colonização Italiana iniciada por volta de 1875, na mesma área Kaingang (Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Garibaldi) não teve influência sobre a população indígena porque o problema da partilha das terras e da

concentração dos índios fora superado. Os contatos entre Kaingang aldeados e italianos foram raros e pacíficos.

O resultado final da Colonização para os Kaingang foi colocá-los numa situação mais ou menos igual à dos períodos iniciais, isto é, a necessidade de continuar a luta pela posse, de fato, das suas terras, frente a entidades econômicas de interesses vários. A área continua a mesma, o alto Rio Uruguai, na porção compreendida entre o atual município de Lagoa Vermelha e o município de Santo Augusto, outrora pertencente a Palmeira das Missões. Nela os Kaingang estão aldeados sob os cuidados da FUNAI praticando, entre outras atividades, a agricultura mecanizada do trigo, milho e soja numa reserva demarcada de 51.940 hectares. O contingente indígena, parcialmente mestiçado, está distribuído em cerca de 20 Postos surgidos das primeiras aldeias. Alguns destes postos se uniram, outros se dividiram, outros mesmo desapareceram. (Veja-se Mapa 1)

A cultura nos diferentes momentos - Os Kaingang representam um contingente populacional que tenta a sua sobrevivência como grupo conservador de seus antigos valores a um preço bastante elevado. Suficiente é tomar contato com os estudos de Salzano, Vieira dos Santos e Fischer entre outros. Numericamente estão em crescimento, sendo notável a superioridade numérica feminina nos Postos estudados por Salzano. É, excluída a pequena parcela dos Guarani, o único sobrevivente índio do Rio Grande do Sul.

Depois dos trabalhos de catequese ter-se-iam tornado mais humildes e submissos, sabendo ser cruéis e hostis quando provocados. Em contato com a civilização e especialmente no trato com os brancos ou mesmo com seus semelhantes, usariam de uma certa reserva que não deixaria de ser um traço da sua dignidade pessoal. Conservam o seu idioma nativo ao lado de um português mal falado; cultuam a memória dos seus antepassados. Apreciavam muito os títulos militares que lhes ficaram dos períodos de colonização, quando emprestaram seus serviços ao governo imperial. É comum ainda hoje o uso de títulos de nossa hierarquia militar.

O Índio Kaingang tem grande respeito pelas suas mulheres e, como no passado, a organização social de base é a família patrilinear, em geral monogâmica; parte de duas Metades exógamas de origem mitológica. Para o Rio Grande do Sul especificamente não temos dados concretos sobre essa divisão mas acreditamos, em vista dos contatos pessoais, que a situação seja a mesma ou idêntica à do Paraná, onde cada metade é dividida em duas minorias associadas aos gêmeos ancestrais; são guiadas estas minorias pelo Sol ou pela Lua, cujos sinais levam pintados no corpo.

A preferência para o casamento, apesar do elevado grau de aculturação, recai sobre os indivíduos da mesma etnia, isto é, homem Kaingang casa com mulher Kaingang, num percentual de 71,92 sobre os 495 casos estudados por Salzano e, de preferência, com os nascidos no mesmo Posto. A taxa de esterilidade entre as mulheres era de 5,25% sobre os 438

casais estudados. Deve-se acrescentar que, no século XIX, era comum o uso de um anticoncepcional feito à base de vegetais bem como um medicamento para supressão das regras mensais.

Numericamente é quase impossível expressar a população Kaingang anterior ao século XIX. Os dados são vagos e quase inexistentes. A primeira informação para uns 3.000 indivíduos que teriam sido aldeados (1630) é bastante duvidosa. Posteriormente, 1848-1850, quando se criam os três aldeamentos, a população aldeada seria de uns 870 indivíduos, número que na atualidade se elevaria ao redor de 7.000 Kaingang para todo o grupo.

A vida familiar se desenvolve em aldeias de tamanhos regulares que constituem os Postos onde levam uma vida mais ou menos sedentária à qual aderiram em fins do século XIX como decorrência do próprio regime econômico.

As suas casas apresentam algumas formas curiosas mas o comum são os simples ranchos feitos de tábuas de pinho fornecidas pelos Postos. São cobertas de palha ou lascão do mesmo pinho. Não têm divisões internas e o fogo no chão é permanente. Passaram por modificações até chegarem às moradias colocadas pela FUNAI; são construídas com madeira beneficiada na serraria de alguns Postos num modelo aprovado com piso levantado do chão; têm cobertura de telhas de cerâmica também produzidas na Reserva. O corpo da casa, com 3 a 4 peças assoalhadas, é separado da cozinha por um passadiço também coberto, enquanto que a cozinha é preferentemente de chão batido por solicitação expressa dos índios. É nela, ao redor do fogo, que se reúnem e não raro dormem, como no passado. Influenciados pelos Postos, alguns índios aderiram ao jirau ou à rede de fibra vegetal para dormirem.

As famílias assim organizadas estavam no início do século afetas ao Governo estadual ou federal através de seus administradores; hoje estão aos cuidados da Fundação mas como no passado, prestam obediência ao cacique que é às vezes o maior colaborador da administração civil.

Num passado mais distante as aldeias eram comunidades de 20 a 25 famílias que moravam em 5 ou 6 choças feitas com lascão de madeira e cobertas de capim. Com 4 divisões internas intercomunicáveis, abrigavam, cada uma, uma família de 4 a 5 filhos. As choças mantinham distancias que possibilitassem a coleta, a caça e a pesca. Comunicavam-se entre si por caminhos abertos na mata; de preferência ficavam afastadas dos rios ou arroios. A aldeia grande ou central parece permanente mas registra-se a mobilidade do grupo em termos de estacionalidade ligada de modo especial à pesca no Litoral e à maturidade do pequeno plantio na aldeia após a colheita do pinhão.

Obedeciam a um chefe geral - cacique - e cada família a um chefe, que a governava com caráter paternal que chamamos cacique subordinado. A chefia ou cacicado tende a perpetuar-se na família como outrora. Não raro porém a sua disputa gera lutas internas que terminam com a cisão do grupo.

Um exemplo claro é o Posto do Inhacorã dividido em dois e onde, até 1945, persistia o cacicado na linha de Fongue (que vem pelo menos desde a fundação do Guarita em 1848) ou, o caso da dissidência entre Braga e Doble por disputas de mando.

A repressão das faltas leves é feita por advertência ou conselhos; as maiores, como o roubo, eram, até 1910, castigadas no tronco, que desapareceu definitivamente entre 1956 e 1960. A penalidade máxima para o adultério, no passado, era a morte em local público para ambas as partes, com suas próprias armas e sem o direito a sepultura regular.

A economia, própria de grupo coletor, evoluiu com a ação planejada dos Postos. O cultivo passa a ser mais diversificado: plantam milho, feijão, batata-doce, aipim, etc. Criam galinhas de modo que a reduzida economia das pequenas chácaras ou rocinhas se torna às vezes um auxiliar valioso. Continuam, como no passado, não armazenando qualquer produto cultivado, contentando-se apenas com a apanha diária que satisfaz suas necessidades. Importante é ressaltar para o pinhão, no passado, um sistema de desidratação que possibilitava a estocagem para os meses de maior carência.

Em regra geral, o sistema do cultivo dos produtos complementares em rocinhas ou chácaras, foi trocado pela lavoura intensificada com o planejamento controlado em grandes plantações. Nessas lavouras o Kaingang trabalha por salário, podendo ao mesmo tempo cuidar da pequena produção que negocia sob modalidade cooperativista instalada em alguns Postos.

Nessa economia própria de coletor, cujo elemento básico era o pinhão, se distinguia uma clara divisão de trabalho por sexo e faixa etária bem como um característico sistema de troca in natura; este era apenas para os objetos de propriedade particular, resultante do pequeno artesanato, de vez que outro tipo de propriedade individual não existiu. A terra, o território de coleta e de caça de determinados elementos, era propriedade usufrutuária do grupo, aspecto que subsistiu no século XIX e parece sobreviver com características peculiares no presente.

Os instrumentos necessários nessa economia, além dos utensílios domésticos básicos, eram os machados de pedra em cunha (lascados ou polidos), as mãos-de-pilão também em pedra, os almofarizes e os pilões. O instrumental de caça e pesca assim como os diversos tipos de armas feitos com materiais específicos, vão se modificando com a colonização; exemplificam os vários tipos de pontas de flecha, em madeira, substituídas pelas pontas feitas com lâminas de ferro ou aço, que conseguiam com o colonizador. As armas de fogo, comuns para a caça, são concedidas aos índios mas são muito raras; as armas de cintura em regra geral são proibidas.

Dos hábitos artesanais que ficaram reduzidos à confecção de chapéus em fibra vegetal, cestos de taquara, abanos e alguns outros poucos objetos feitos com os mesmos materiais, fazem um pequeno comércio às vezes de troca por bebidas, fumo, erva-mate, fazendas ou roupas com o civilizado. Esse

comércio em alguns Postos, por falta de transporte, é feito no local com o interessado que o vai procurar por um preço irrisório. Presentemente negociam esses produtos com museus regionais que lhes proporcionam certa garantia, ou com os turistas.

O vestuário do Kaingang, segundo as informações mais antigas, era a nudez completa para os homens que a quebraram, depois do contato, pelo uso de uma camiseta conseguida por troca com os Guarani. Usavam também um cordão feito de fibra de urtiga brava colocado no baixo ventre. As mulheres cobriam sua nudez com um manto também de fibras de urtiga ou caraguatá de fabricação própria como o cordão; deixavam os ombros e os braços nus. Completavam essa veste com um tipo de manto que lhes cobria a cabeça e caía sobre os ombros. Registram-se variações para esse vestuário rudimentar entre os diferentes grupos assim como referências distintas de sexo e status. O uso de adereços não parece ter sido significativo; o tembetá, insígnia masculina, foi abandonado após o contato com os missionários.

Sua indumentária sofreu mudanças gradativas podendo-se dizer que hoje vestem à maneira civilizada tendo ainda preferência pelas cores vivas. As mulheres gostam da maquilagem e das bijuterias. As chinelas de dedo são usadas por homens e mulheres indistintamente de idade.

A guerra também sofreu modificações. Nunca teve como objeto central a conquista de território mas sim a sua preservação. A guerra era quase sempre com grupos antagônicos, como os já referidos Botocudos de Santa Catarina, ou com os Guarani, seus tradicionais inimigos. Com o avanço da colonização às vezes se deram dentro do próprio grupo ou com índios a serviço do branco nas Companhias de Pedestres ou outras formas de serviços prestados ao colonizador.

Durante o período colonial devem-se destacar os encontros com os brancos antes referidos, enquanto que, no presente, a atividade guerreira se resume nos levantes de conhecimento público.

Do ponto de vista da religião é difícil caracterizar o Kaingang moderno; ele está mais ou menos integrado ao cristianismo, sem que para isso pareça haver interferência da administração. As suas idéias religiosas forçosamente devem ter sido alteradas e de modo especial devido às tentativas de catequese feitas pelo menos em 11 Postos. A adoção de certos costumes cristãos parece antes decorrência do seu aparato externo, como bem o expressa Balduino Rambo para um cerimonial tipo Missa - uma mescla curiosa de elementos originais e cristãos. Só a observação visual e minuciosa permitiria dizer até que ponto pertence ao patrimônio cultural antigo.

Nesse sincretismo observam dois feriados religiosos comemorados à sua moda, a Sexta-feira Santa e o Dia de Finados.

Em tempos presentes é destacada a atuação da missão Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, no Posto do Guarita, onde atuou por vinte anos e

não apenas com caráter de religião. Também está em grande desenvolvimento a Assembléia de Deus com capelas nas proximidades de alguns Postos.

O sentimento de religiosidade ou crença, referido por Alfred Métraux, parece continuar fortemente arraigado ao passado; o Xamã, com várias atribuições e grande credibilidade, continua como um mediador influente em vários, senão em quase todos os aspectos da vida grupal. O mesmo se poderia dizer das mulheres velhas encarregadas de certos segredos da tribo, especialmente os ligados à saúde e à procriação.

A morte por sua vez é encarada como um fato natural cercado de cuidados antecedentes.

Costumam enterrar os mortos depois de um cerimonial que poderíamos comparar com o velório; é de grande beleza ritual expresso por cantos, lamúrias e rezas. O enterro em si é feito no cemitério da aldeia com a participação de todo o grupo quando o corpo, envolto ou sobre uma esteira, é colocado diretamente numa cova rasa que cobrem com terra.

Presentemente o sepultamento é feito em caixão de madeira; uma cruz à cabeceira do túmulo testemunha as manifestações de luto que entre os parentes mais próximos continua com o uso de uma tarja no chapéu ou qualquer outra parte do vestuário.

O culto ligado aos mortos era a parte mais bela de todos os rituais Kaingang podendo mesmo superar os ritos de iniciação para ambos os sexos. Para os mortos, o sepultamento diferenciado segundo o status e o sexo, se revestia de características peculiares. O culto não terminava com o enterro, solenizado por todo o grupo, mas continuava com um ritual de aproximadamente um ano que pode ser resumido pela renovação constante da cobertura do túmulo de grandes proporções. Era feita por parentes do falecido. O final da cerimônia tinha grande significação político-social porque era numa festividade ao redor do túmulo que o grupo assistia à destinação dos novos membros (crianças) para a metade à qual deveriam pertencer - Aniki/Kamé, Votoro/Kadnyerú, feito pelo pai. A promoção desse cerimonial estava sempre a cargo de elemento do sexo masculino, pai, irmão ou filho e de acordo com a importância e prestígio do morto. A celebração acontecia anualmente na época em que o pinhão estava maduro e o milho ainda verde, tendo a participação e colaboração material de toda a aldeia ou aldeias.

Finalizando recordemos todo o cerimonial do desenlace, velório e sepultamento distintos de acordo com a hierarquia grupal para os séculos passados, descritos por Affonso Mabilde com riqueza de detalhes.

Outras manifestações da cultura material ou espiritual dos Kaingang podem ser indicadas como o gosto artístico representado na música por um instrumental próprio que não fugiu às modificações. Hoje são comuns entre os índios a gaita de fole, o violão, a gaita de boca, entre outros. Gostam também dos bailes, jogo de cartas e bola, bem como outras reuniões sociais onde não faltam a pinga, o mate, os caramelos e doces. Atualmente o rádio, assim como

a TV, são presença em muitas casas ou no Posto, onde se reúnem em participação.

OS GRUPOS CHARRUA E MINUANO

Informações gerais - Os Charrua e Minuano foram dois grupos que se distinguiram tanto do ponto de vista físico, como social e cultural; seguiam líderes independentes e ocupavam espaços separados. Pertenciam ao mesmo tronco lingüístico, mas não está claro se falavam línguas ou só dialetos diferentes. Por razões históricas, ou pela falta de informações, às vezes são tratados como um só grupo e quiçá também por causa das alianças que faziam entre si no século XVII, quando começaram as primeiras informações para os Minuano.

Pertenciam à raça pampeana; tinham estatura variável entre 1,76 m para os homens e 1,68 a 1,66 m para as mulheres. Eram de constituição física normal com algumas diferenças mercantes entre os grupos. Tinham os membros bem conformados, com pés e mãos relativamente pequenos. Dolicomorfos, de olhos amendoados, pretos e olhar penetrante; o nariz variava entre aquilino e levemente achatado. Eram de cor morena acentuada; cabelos lisos, pretos, não muito abundantes assim como a barba que era bastante rala. Os homens usavam o cabelo solto, ou preso ao redor da testa por uma tira de couro; as mulheres usavam-no em trança ou raramente solto.

As diferenças físicas entre os dois grupos estavam na altura; os minuano eram alguns centímetros mais baixos e menos robustos que os Charrua. O dimorfismo sexual era acentuado, tendo as minuanas os seios mais volumosos que as charruas; a boca e olhos também maiores; os lábios mais grossos e o nariz mais achatado.

Os Charrua e Minuano, caçadores, pescadores, coletores dos campos, ocupavam a antiga Banda Oriental do Uruguai, que dividiam com dois grupos horticultores conhecidos como Chaná e Guarani. Especificamente no Rio Grande do Sul os Charrua e Minuano estavam localizados nos campos do Sudoeste e Sudeste até a altura dos rios Ibicuí e Camaquã com extensões para o pampa uruguaio e pequena porção do território argentino. Os Charrua moravam mais para o oeste, ocupando ambas as margens do Rio Uruguai e tiveram maior contato com o conquistador espanhol; os Minuano se localizavam mais para leste, nas áreas irrigadas pelas lagoas dos Patos, Mirim e Mangueira, com extensão até as proximidades de Montevidéu; tiveram maior contato com os portugueses.

Com o avanço da ocupação branca em suas terras de origem os dois grupos fizeram vários deslocamentos mas as posições originais dos primeiros séculos são bem reconhecíveis. (Mapa 2). A Arqueologia os distingue pelas Tradições lito-cerâmicas como também pela forma de ocupação nos "cerritos".

Numericamente é impossível uma avaliação para os primeiros momentos do contato com o branco porque os dados são muito escassos e vagos, mas quando este se intensifica, os caçadores charrua e minuano seriam uns 2.000 indivíduos sendo aproximadamente 1.100 Charrua e uns 900 ou 1.000 Minuano.

O envolvimento histórico - Os Charrua e Minuano, como os Kaingang e os Guarani, enfrentaram quase as mesmas formas de conquista e expansão territorial com algumas diferenças em razão das próprias características grupais e do espaço geopolítico que ocuparam.

A história dos Charrua e Minuano é um pouco diferente da história dos horticultores Guarani e Chaná que foram rapidamente aldeados ou entregues aos colonos brancos pelas formas usuais de colonização espanhola como a mita, a "encomienda" ou a simples escravidão. Ela é também diferente da história dos Kaingang que enfrentaram as formas de colonização luso-espanhola e da alemã de modo especial, mas sem uma absorção total como aconteceu com os Guarani. Os Charrua e Minuano não se deixaram submeter a essas formas ainda que participassem direta ou indiretamente de todo o processo de conquista e colonização luso-espanhola nos três primeiros séculos, chegando assim até a definição política das duas coroas no século XIX, quando os índios estão praticamente extintos como grupo.

Desde começos do século XVI os Charrua e provavelmente os Minuano foram atingidos pelos colonizadores com a introdução do gado equino e no século seguinte pelo bovino que se tornaram os elementos de mudanças da cultura. Por sua vez a atuação missionária, segunda forma de penetração, instala-se no século XVII; são os mercedários, franciscanos e dominicanos que não têm grandes resultados em termos de duração, talvez porque as áreas ocupadas pelos índios fossem impróprias para desenvolver um sistema colonizador de base agrícola.

Decorrentes dessas penetrações, começam as fundações espanholas de 1527 a 1577 e as portuguesas de 1680 a 1737, de início com características militares. Em continuação, esses estabelecimentos se multiplicam e respondem pelos diferentes Tratados de Limites estabelecidos entre Portugal e Espanha que resumem grande parte do processo de conquista da antiga Banda oriental do Uruguai.

Diante desse quadro os Charrua e Minuano continuaram caçadores enquanto o colonizador não consegue, por si, ocupar e incorporar o território indígena. Aos poucos, nos séculos XVII e XVIII, o colonizador vai se fixando de forma lenta e cada vez mais para o interior do território índio. Primeiro se fixa no lado espanhol, ao lado do Rio Uruguai, em área dos Charrua; depois, no lado português, ao longo do litoral atlântico, em área dos Minuano.

Durante os dois séculos, os Charrua e Minuano foram solicitados cada vez mais tanto pelos espanhóis como pelos portugueses para as mais diferentes formas de trabalho; dentre elas podemos destacar as lides com o

gado. Dessa forma os índios conseguiam manter uma certa estabilidade e independência garantidas e negociadas por seus líderes, os caciques, que cada vez mais ganhavam em representatividade frente ao branco.

Com o avanço da colonização efetiva se foram somando à cultura charrua e minuano os produtos dessa colonização. Esses novos recursos dão aos índios outras possibilidades ainda que continuem caçadores. Muda porém o seu tipo de caça que tem no gado alçado a presa favorita; muda o transporte e vários de seus hábitos. Em continuação tornam-se pequenos criadores de eqüinos e bovinos tanto para o seu sustento como para um comércio por troca de bens coloniais com o branco. São bens de mera satisfação pessoal ou matéria prima para objetos utilitários.

Dessa maneira os Charrua e Minuano foram se incorporando sem grande estabilidade à economia colonial mas não de forma intencional porque as outras tentativas não deram resultado.

Essa incorporação ou integração do índio em termos de colônia é periférica, assistemática e dispensável. O próprio índio não consegue desenvolver uma economia nos moldes usados pelo branco. Ele faz uma exploração pela apreensão do gado em pequeno volume e sem continuidade, enquanto o colonizador se transforma de preador de gado em grande escala, num criador estável de grande proporção e rentabilidade, que vai dispensando o trabalho índio mas que necessita cada vez mais do espaço por ele ocupado.

A dependência do índio frente ao colonizador é cada vez maior e cria sérios conflitos que se originam com roubo de gado nas estâncias. Esses roubos ora se fazem nas estâncias dos espanhóis para vender aos portugueses ou vice-versa. O resultado é o desgaste dos grupos indígenas tanto do ponto de vista cultural como demográfico porque sofrem em paralelo a repressão crucial do policiamento de campo. Mesmo assim os grupos conseguem manter uma população relativamente estável nos trezentos anos de luta.

Em fins do século XVIII e primeiras décadas do século XIX, os espanhóis e portugueses ocuparam em definitivo o território indígena; proliferaram as estâncias de criação de gado com uma exploração econômica intensiva e extensiva, que aumenta a exportação de couros e carnes para o mercado interno e mesmo europeu. As cidades se fixavam e cresciam em número. Com isso a população indígena é empurrada para o interior, em espaço bem reduzido, de sorte que não tem condições mesmo para a reprodução de uma exploração preadora, possível apenas no gado das estâncias. Como não desenvolveram nenhum sistema econômico produtivo e não estão dispostos a aceitar o modo de vida dos brancos, pouco lhes sobrou.

O que resta agora aos Charrua e Minuano, sem o território que antes lhes pertencera e sem possibilidades de caça, é unicamente empregar-se com o branco de quem fizeram total dependência econômica. As formas de emprego são escassas, resumindo-se no mercado clandestino de couros, no

engajamento nos conflitos de fronteira e lutas de independência. Restam-lhes também raras possibilidades de trabalhar como peões de estância, fato que não agradava aos caciques.

Essa alternativa de emprego é passageira porque fixada a independência política e não sendo mais necessário o trabalho do índio, os Charrua e Minuano passam a ser perseguidos insistentemente pelas forças governamentais para as quais trabalharam, lutaram e sacrificaram muitas vidas.

O final de toda a história Charrua e Minuano pode ser resumida nos dois combates de extermínio em 1831 e 1832, feitos à traição. Referimo-nos aos combates de Salsipuedes e Mataojos quando os dois grupos foram praticamente destruídos em campo. Os homens presos, maiores de 12 anos, ou foram sacrificados ou levados para Montevidéu e postos à disposição de companhias nacionais de navegação mercante. As mulheres, crianças e velhos, todos prisioneiros, foram levados para a Capital e distribuídos em público entre os moradores da cidade de acordo com determinados pré-requisitos.

De todo o contingente índio de aproximadamente 2.000 indivíduos, a história registra um saldo de apenas 30 pessoas escapadas dos últimos combates, mas totalmente incapacitadas de reproduzir seu modo de vida indígena, e cuja triste história ainda não foi contada; registra também umas 450 pessoas que foram distribuídas por várias cidades, onde o sangue índio deve circular em muita família uruguaia. Confirmam essa situação os filhos do velho cacique Polidoro-Santana e Avelino - com descendência em primeiro e segundo grau na campanha uruguaia, em campos de Tacuarembó.

No Rio Grande do Sul provavelmente existam descendentes dos últimos 20 Charrua que, em 1834, transpõem o Rio Quaraí assim como dos Minuano, com um mesmo grau de parentesco, localizados na Estância do Rincão Bonito, Santana do Livramento, conforme informação oral.

A cultura nos diferentes momentos - A cultura dos Charrua e Minuano, tomada como um todo, sofreu as transformações decorrentes do contato em muitos aspectos; não perdeu, entretanto, a índole de invencibilidade, conservando o caráter arredo à submissão total, o que lhes valeu o extermínio como grupo já em meados do século passado.

De temperamento retraído, eram pouco dados ao gosto artístico. Praticamente sem vaidade, eram também pouco ciumentos com relação às suas mulheres, que cediam com facilidade ao colonizador luso ou espanhol como forma passageira de negociação. Sua vaidade era expressa nas pinturas faciais diferenciadoras de tribo e nos homens, de modo especial, pelas cicatrizes intencionais estampadas no corpo numa correspondência ao número de inimigos mortos.

A organização social, com base na família, se manteve nos dois grupos até o seu extermínio. Conservou algumas características iniciais distinguindo-

se entre elas a poligamia mais acentuada entre os Charrua. Nos Minuano ela pareceu mais freqüente entre os caciques que tinham de duas até cinco mulheres e com elas tinham filhos. Nos grupos charrua a organização familiar era mais frouxa quer em termos de estabilidade como em relação à educação dos filhos dirigida pelas inclinações individuais; mesmo para as refeições ou melhor, para comerem o assado feito pelos pais, as crianças comiam quando sentiam vontade. Entre os Minuano, a educação também estava ao encargo dos pais; os filhos ficavam com estes até que se consumasse o período de lactância; nessa ocasião a criança era entregue à responsabilidade de um parente que assumia a paternidade total.

As relações de parentesco, com informações raras para os Charrua, se manifestam pela adoção dos órfãos por um parente mais próximo ou alguém mais caridoso. O parentesco como tal ficava melhor expresso pelos rituais de luto.

Nos dois grupos, a família (possivelmente nuclear de linha paterna), constituída pelo casamento, absorvia os homens já maduros, de vez que não ficavam solteiros. As mulheres casavam tão logo tivessem alcançado a idade núbil que entre as Minuano era mais precoce. Nos dois grupos ficavam submissas aos seus maridos. A instabilidade familiar entre os Charrua permitia a separação do casal quando não houvesse filhos, enquanto que o adultério era punido apenas com a agressão física do adúltero, com possibilidades reais de reconciliação.

Assim organizadas, as famílias moravam em choças, "toldos" construídas pelas mulheres sobre quem recaiam todos os encargos domésticos. De início as casas eram simples esteiras de junco suficientes como abrigo e proteção contra grupos hostis. Caracterizavam grupos caçadores em movimentações estacionais que com o correr do tempo se deslocam por exigências guerreiras.

De simples para-ventos, as casas dos Charrua passaram para as choupanas cobertas com esteira vegetal disposta sobre quatro estacas cravadas no chão. Nos séculos XVII e XVIII elas eram cobertas de couros mas sem alterações na forma, permanecendo assim até o final da sua história, quando praticamente regridem para as formas e materiais originais.

As choças sempre foram pequenas, com espaço suficiente para uma família não superior a dez pessoas. A cozinha era fora da choça e o fogo na mesma ou nas proximidades era presença constante. A vida familiar, em sua maior parte, era fora da habitação, lugar mais de descanso e de proteção contra os rigores do clima pampeano. Entre os Minuano a permanência nas choças parece mais estável de vez que nelas permaneciam os velhos com os jovens de ambos os sexos que ainda não tinham condições de trabalho.

Eram construídas sobre colinas descobertas nas proximidades de rios e arroios ou sobre a encosta dos mesmos. Formavam concentrações em aldeias ou toldoarias, submissas aos seus caciques; ficavam separadas por

regular distancia para que não faltasse o pasto necessário ao gado e de modo especial para a cavalhada roubada ou de criação. Cada aldeia tinha o seu pequeno cemitério também localizado sobre uma coxilha próxima à aldeia que se transferia de acordo com a mobilização imposta aos grupos. Nos conflitos quase permanentes com o colonizador as aldeias se concentravam em espaços menores e se movimentavam como um todo com os seus caciques, pois eram raríssimas as desavenças entre os chefes índios.

No Século XVIII, 1749, registram-se aglomerados de até 80 famílias à margem da Lagoa Mirim; eram os Minuano dirigidos por Tacu, Casildo e mais três caciques, devendo cada um morar numa aldeia com os seus chefiados. Para o século XIX podemos exemplificar com os 647 Charrua reunidos sobre a margem oriental do Rio Uruguai ou das duas aldeias próximas do Rio Quaraí com 32 e 42 ranchos respectivamente.

Nessa organização social dos Charrua e Minuano transparecem claramente as diferenças entre os sexos. Entre os primeiros elas começavam com o nascimento e chegavam até a morte. Logo após o parto, ou passados alguns dias, o menino charrua recebia a insígnia viril - o barbote - ou tembetá introduzido por sua mãe no lábio inferior. De uso diário, o tembetá era somente retirado para ser substituído por outro maior de acordo com o próprio crescimento.

A passagem da infância para a idade adulta era marcada por um grande cerimonial quando pintavam o rosto com traços e disposições diferentes para os dois sexos e grupos.

Vários outros aspectos diferenciavam o sexo no dia-a-dia dos Charrua. Até mesmo na maneira de montar o cavalo, em pelo entre os homens, enquanto as mulheres montavam sobre arreios bem simples. Na guerra, quando o homem só possuía um cavalo era ele quem montava e sua mulher seguia-o a pé, carregando filhos e pertences.

A organização política teve sua base nos Chefes de família, membros do Conselho de Aldeia que evoluiu para o Cacicado já bastante destacado nos séculos XVII e XVIII.

Os caciques tiveram grande representatividade e influência pelo número de índios à sua disposição, pelas negociações que realizavam com o gado roubado durante boa parte da colonização e também pelos acordos e tratados de paz feitos com as autoridades governamentais.

Nos últimos anos de sua história - século passado - o poder do cacique tanto entre os Charrua como entre os Minuano tornou-se mais forte. A escolha agora tem como pré-requisitos, entre outros de então, a audácia, o valor e o consenso geral do grupo.

A chefia ou cacicado assim constituído, ainda que não fosse hereditário, tendeu a sê-lo como se pode ver na listagem dos aproximadamente 200 caciques para ambos os grupos desde o século XVI até meados do século XIX. (Basile Becker, 1984:166 ss).

Por sua vez, caracterizar a organização econômica dos Charrua no século XVI só é possível como sendo a de um caçador, pescador e coletor estacional. Aparentemente tiveram conhecimento de cultivos. A troca, se existiu, seria in natura. Nos momentos de contato a economia, antes controlada pelo Conselho de Aldeia, muda em razão da introdução do gado.

A transformação imposta por tais elementos - eqüinos e bovinos - atinge a estrutura dos Charrua e Minuano a começar pelos hábitos alimentares. A carne de gado substituiu a caça selvagem; a caça e a pesca, em grande consumo, passa a ser substituída por apreensão do gado em volume crescente, possibilitando a cria de alguns exemplares. Com isso o sistema de negociações fica totalmente afeto aos Caciques.

Passando esse espaço de relativa estabilidade econômica ambos os grupos entram numa economia de crise, alicerçada no roubo de gado e nos resultados decorrentes dos trabalhos prestados ao branco nas formas antes citadas. Entre os Minuano acreditamos em maiores possibilidades, de vez que aprenderam com os Guarani do Litoral o cultivo da mandioca, trabalho que ficou ao encargo das mulheres, assim como a transformação da mesma em produtos de consumo alimentar.

O instrumental de uso diário, quer de atividade doméstica, como da caça e guerra, evoluiu da mesma forma. Transformam-se as pontas de flecha inicialmente feitas de madeira, osso e pedra em pontas de ferro ou aço, agora ao seu alcance. As bolas de boleadeira, antes usadas na caça ao avestruz de modo especial, mantêm-se para a apreensão do gado; com muitas formas elas são usadas na guerra no decorrer dos séculos. A esse instrumental de guerra se faz necessário agregar o uso da lança e outros tipos chegados com a colonização.

Como referência sobre o vestuário podemos dizer que os Charrua e minuano nunca se vestiram muito, sendo poucas as diferenças entre os dois grupos. As vestes podem ser resumidas em um pequeno saiote para as mulheres e para os homens numa espécie de capa. Eram feitas de pele de animais selvagens curtida com gordura de peixe.

Com o contato passam a utilizar o couro bovino, curtido com a própria gordura. Apresenta diferenças maiores no estilo; entre elas se destacam alguns tipos semelhantes a pequenos capotes que usam com o pelo em contato com o corpo, quando faz muito frio ou, o caiapí que possivelmente teria resultado no chiripá gaúcho; era mais usado pelos Minuano. Quando do contato mais efetivo com o colonizador, quase na fase final, começam a usar o poncho de lã ou algodão, conseguido por troca ou presente mesmo com os Guarani missionados.

Sem grandes acessórios, o vestuário parece ter empobrecido como consequência das correrias às quais foram sujeitos.

Na guerra ou na pilhagem, atividades de grande importância durante o período colonial, decorrência do mesmo, os Charrua e Minuano usavam de

táticas que em síntese, não mudaram muito. Entre elas pode-se destacar os cuidados na observação do inimigo, as formas de ludibriá-lo com as mudanças de direção, a movimentação parcial de seus homens e cavalhadas, a própria forma de montar, a previsão certa da hora do ataque feita em geral antes do amanhecer e, especialmente, a transferência das famílias para dentro da mata praticamente inacessível ao branco.

Essas atividades, que no decorrer dos três séculos do contato, se tornaram vitais e freqüentes, não teriam sido assim no século anterior. Nessa época moviam guerra aos grupos vizinhos com o objetivo de fazerem prisioneiros, o que fizeram também contra os agricultores Guarani e Chaná, que eram depois negociados com os espanhóis do lado argentino. Nunca porém as guerras objetivaram a conquista de novos territórios, talvez porque a propriedade da terra era apenas usufrutuária. Contentavam-se, em geral, com uma só vitória retirando-se do campo de luta permitindo ao inimigo recobrar suas forças. Por sua vez, os resultados materiais da luta pertenciam a quem os conseguia; quando fossem mulheres e crianças integravam-nas à família com determinados direitos e deveres até a idade núbil.

As decisões de guerra nos períodos iniciais ficavam entre os Minuano ao encargo dos chefes de família que convocavam os grupos por meio de fogueiras ou da simples fumaça. Posteriormente as decisões cabem ao Conselho da aldeia e finalmente à coordenação dos Caciques.

Informações de Antônio Diaz para a década de 1812 nos dizem que: "Em seus dias mais belicosos quando iam lutar ou quando sabiam que o inimigo estava perto, o cacique os formava a cavalo em ala e os proclamava com uma longa conversa em que expunha as injúrias e agravos recebidos e lhes recordava as glórias de seus maiores, com as suas próprias façanhas e feitos d'arma. Cada vez que a proclamação os incitava ou impelia à desforra, o cacique movia a lança agitando-a com força e em toda a linha se alçava grande gritaria prometendo todos lutar com valor.

"Enquanto durava sua alocução ou proclamação, as mulheres se punham em fila, atrás dos homens, como a umas vinte varas e estavam cantando não se sabe o que; supondo porém que seria uma canção para animar os combatentes."

As mesmas táticas se observam até os últimos encontros dos Charrua e Minuano contra as forças do General Frutuoso Rivera, quando foram praticamente destruídos nos traiçoeiros combates.

A cultura espiritual dos Charrua e Minuano parece estar mais ligada ao curandeirismo. Os seus feiticeiros, geralmente em estado de transe pela absorção de ervas, de modo especial da erva-mate, atuavam nos mais variados momentos; diziam que sua força dominaria mesmo os elementos da natureza. Acreditavam igualmente num ser superior, maléfico de onde lhes vinham todas as desgraças.

Este aspecto cultural se explica. Há poucas notícias a respeito de suas idéias religiosas. Em suas borracheiras - que evidentemente eram cerimônias religiosas - invocavam um ser superior que alguns jesuítas chamavam "diabo" que às vezes se lhes mostraria visível. Parece que acreditavam na ressurreição da alma e por dedução, na imortalidade da mesma.

A morte parece ter sido encarada como um fato natural. Poucas são as informações para o fato em si, como para os rituais que a acompanham. Certo é, porém, que não deixavam seus mortos insepultos, mesmo em situações de guerra.

Já durante os primeiros contatos foi localizado pelos cronistas um cemitério nas proximidades de Maldonado (Uruguai); eram 30 os corpos ali enterrados em covas separadas e junto às mesmas estavam todos os pertences individuais, única forma de propriedade privada.

Todos, indistintamente, eram enterrados em covas rasas, cobertas com pedras ou ramos. Sobre esse pequeno acúmulo eram colocadas as boleadeiras; a lança ficava plantada no lado oposto ao qual deixavam o cavalo. Informações de outros autores dizem que o cavalo era sacrificado sobre a sepultura por desejo expresso de seu dono.

O luto se destacou como a expressão mais representativa neste aspecto da vida Charrua e Minuano; sua importância era proporcional ao status do morto e implicava em obrigações diferenciadoras de sexo e parentesco. Se o morto era o pai, marido, ou irmão que houvesse desempenhado chefia familiar, os filhos, viúva e irmãs casadas, cortavam uma falange da mão, começando pelo dedo minguinho. Além disso faziam com a lança do morto vários cortes espalhados pelo corpo, ficando, depois durante duas luas, tristes, ocultas em suas casas, comendo apenas determinados alimentos. Entre as mulheres minuano o sentimento de luto era manifesto ainda pelo corte das extremidades do cabelo. Entre os Minuano o luto era feito pelas filhas adultas, não para seu pai de sangue, mas para aquele que as criara.

Os maridos não faziam luto por suas mulheres nem os pais por seus filhos. As obrigações de luto no sexo masculino eram para os filhos adultos e começavam logo depois do desenlace; com um ritual bastante longo e sacrificado finalizava por mutilações passageiras, provocadas pela introdução de estiletos pontiagudos nos membros superiores desde os pulsos até as paletas. Completam esse sacrifício com um recolhimento de aproximadamente dez dias durante os quais observavam rigoroso jejum comendo unicamente ovos de perdiz que seus companheiros lhes alcançavam. Entre os minuano a diferença nesse tipo de luto está nos estiletos feitos com espinhas de peixe em substituição aos de madeira.

Todos estes aspectos da cultura charrua e minuano, somados ao seu caráter indômito, explicariam empecilhos para a adaptação aos colonizadores nos mais diferentes momentos e sob as mais diferentes formas.

Bibliografía

- ACOSTA Y LARA, Eduardo F. 1956. Los Chaná-Timbúe en la Banda Oriental. Apartado de *Anales del Museo de Historia Natural*. Montevideo.
- _____. 1961. *La Guerra de los Charrúas en la Banda Oriental. Período Hispánico*. Impresores A. Monteverde y Cia. S.A. Montevideo.
- _____. 1969/70. *La Guerra de los Charrúas en la Banda Oriental. Período Patrio I-II*. Impresores A. Monteverde y Cia. S.A. Montevideo.
- _____. 1981. Un Linaje Charrúa en Tacuarembó. A 150 años de Salsipuedes. Apartado de *Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias* 1(2). Serie Ciencias Antropológicas. Montevideo.
- _____. 1985. Salsipuedes 1831 (los lugares). Apartado de *Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias* 1(4):65-88. Serie Ciencias Antropológicas. Montevideo.
- AZEVEDO, Thales de. 1975. *Italianos e Gaúchos - Os anos pioneiros da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul*. A Nação/SEC. Porto Alegre.
- BARRIOS PINTOS, Aníbal. 1971. *Historia de los Pueblos orientales*. Ed. de La Banda Oriental. Montevideo.
- _____. 1973. *Historia de la ganadería en el Uruguay (1574-1971)*. Montevideo.
- _____. 1981a. Caciques Charrúas en Territorio Oriental. *Almanaque de Seguros del Estado*:86-89. Montevideo.
- _____. 1981b. Caciques abipones, guaraníes y minuanes en territorio oriental. *El Día*:29 mar. Montevideo.
- BASILE BECKER, Itala Irene. 1976. O Índio Kaingang no Rio Grande do Sul. *Pesquisas, Antropologia* 29. São Leopoldo.
- _____. 1976. O Índio Kaingang e a Colonização Alemã. In: *Anais do Segundo Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*. p.45-71. São Leopoldo.
- _____. 1984. El Índio y La Colonización, Charrúas y Minuanes. *Pesquisas, Antropologia* 37. São Leopoldo.
- BRUXEL, Arnaldo, S.J. 1961. O gado na antiga Banda Oriental do Uruguai. II Parte. *Pesquisas, História* 14:117-212. Porto Alegre.
- CASTELLANOS; Alfredo R. 1973. *Breve Historia de la Ganadería en el Uruguay*. Ed. Banco de Crédito. Montevideo.
- DIAZ, Antonio. 1812. Apuntes. *Archivo General de la Nación*. Montevideo.
- FERREIRA FILHO, Arthur. 1965. *História Geral do Rio Grande do Sul. 1503-1964*. Globo. Porto Alegre.
- FISCHER, Martin. 1959. *Bei den Caingang am Inhacorá*. Serra Post Kalender. Ijuí.

FLORES, Moacyr. 1979. As Bandeiras no Guairá e no Tape. In: *Anais do III Simpósio de Estudos Kissioneiros*. p.129-86. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Dom Bosco. Santa Rosa.

GAY, Cônego João Pedro. 1963. *História da República Jesuítica do Paraguay*. Tip. de Domingos Luiz dos Santos. Rio de Janeiro.

LOPES DE SOUZA, Pero. 1957. Diário de Navegación (1530-1532). *Revista de la Sociedad Amigos de la Arqueología XV*. Montevideo.

LOZANO, Pedro, S.J. 1873. *Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán*. Casa Editora Imprenta Popular. Buenos Aires.

MABILDE, Affonso P.T. (Coronel). 1897. Apontamentos sobre os indigenas selvagens da Nação "Coroados" que habitam os sertões do Rio Grande do Sul. *Anuario do Estado do Rio Grande do Sul XIII*:145-67. Porto Alegre.

_____. 1899. Apontamentos sobre os indígenas selvagens da Nação "Coroados" que habitam os sertões do Rio Grande do Sul. *Anuario do Estado do Rio Grande do Sul XV*:125-51. Porto Alegre.

MASON, J. Alden. 1963. The Languages of South American Indians. In: STEWARD, Julian H. (Ed.). *Handbook of South American Indians*. Vol.VI:157-311. Cooper Square Publishers. New York.

MELIÁ, Bartomeu, S.J. 1983. Informação Etnográfica e Histórica sobre os Kaingãng do Rio Grande do Sul. *Publicações do Museu Municipal de Paulínia* 26:11-24. Paulínia.

MÉTRAUX, Alfred. 1963. The Caingang. *Handbook of South American Indians I*:445-75. New York.

MONTOYA, Pe. Antonio Ruiz de. 1985. *Conquista Espiritual*. Martins Livreiro. Porto Alegre.

MUÑOZ, Eugenio Petit. 1950. La vivienda Charrúa. *Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias IV(S)*:37-80. Montevideo.

PORTO, Aurélio. 1954. *História das Missões Orientais do Uruguai. Primeira Parte*. Liv. Selbach. Porto Alegre.

RIBEIRO, Darcy. 1970. *Os Índios e a Civilização*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.

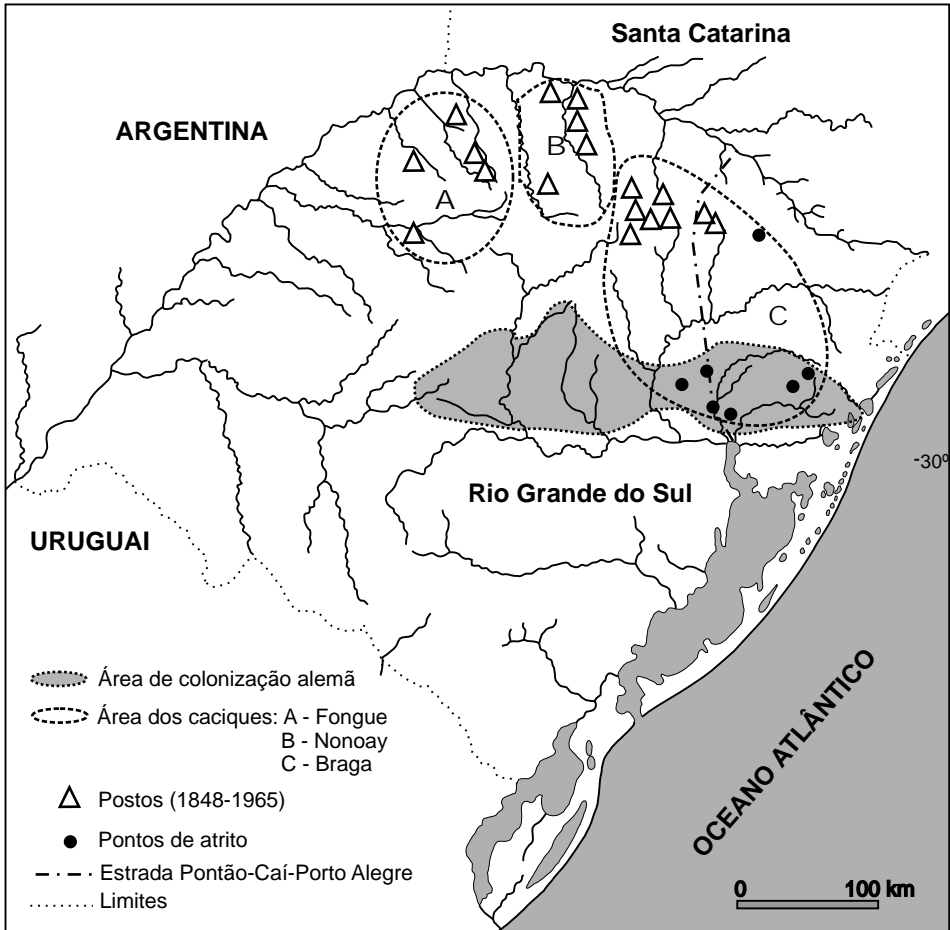
ROCHE, Jean. 1969. *A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*. Vol.I, Globo. Porto Alegre.

SALDANHA, José de. 1938. Diário resumido e histórico. *Anais da Biblioteca Nacional L*:138-301. Rio de Janeiro.

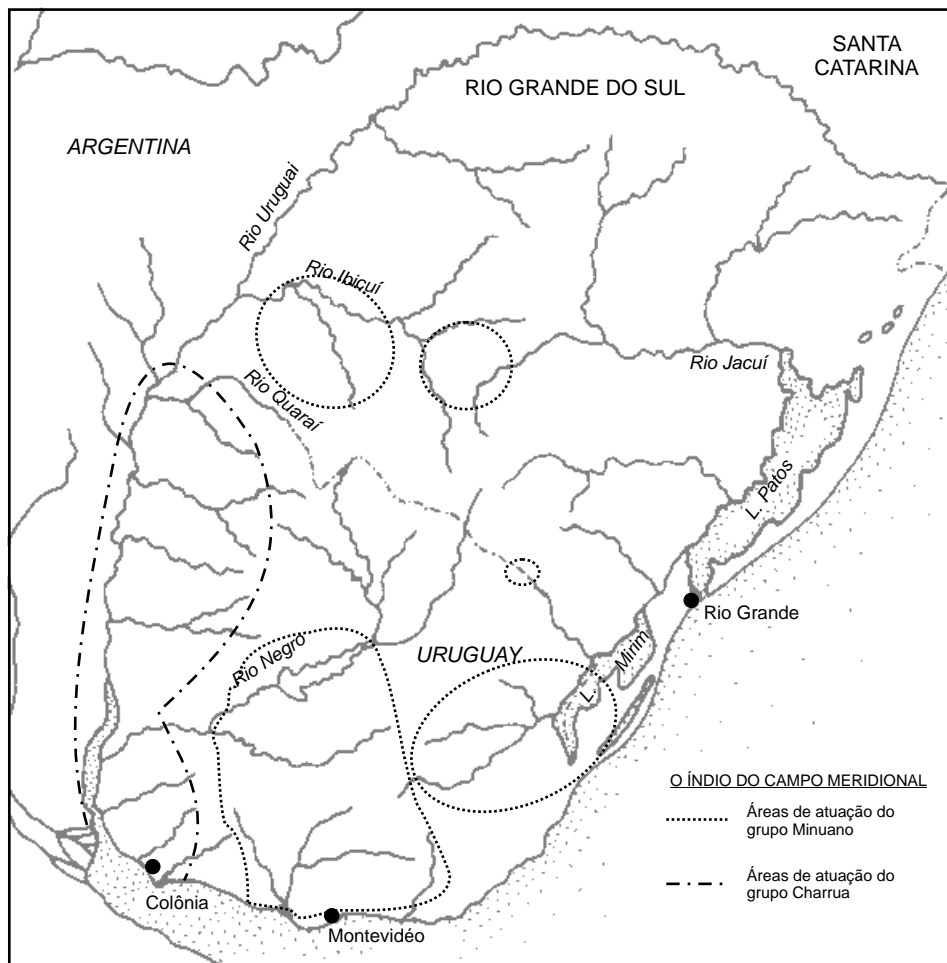
SALZANO, Francisco Mauro. 1960. *Estudo genético e demográfico entre os índios do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre.

VIANNA, Helio. 1961. *História do Brasil*. Vol.I. Melhoramentos. São Paulo.

VIEIRA DOS SANTOS, Francisco J. 1949. *Apontamentos sobre os índios 'caingang'*. Serviço de Proteção aos Índios. Porto Alegre.



Mapa 1: localização das tribos Kaingang, dos pontos de atrito com a população nacional e dos pontos nos quais foram aldeados.



Mapa 2: localização dos Charrua e Minuano, no Rio Grande do Sul e no Uruguay.

ALIMENTOS UTILIZADOS PELO HOMEM NA PRÉ-HISTÓRIA

André Luiz Jacobus

Introdução

Este texto trata das relações que o homem pré-histórico, que ocupou o atual território do Rio Grande do Sul, mantinha com os animais e vegetais para a sua alimentação. É uma síntese de nossas análises de milhares de restos de animais e vegetais recuperados em sítios arqueológicos, bem como daquelas publicadas por outros pesquisadores. Como está explícito no título, aborda somente a questão da alimentação, pois a confecção de artefatos com matéria prima orgânica foi tratada nos capítulos que antecedem este apêndice.

Se nos sítios arqueológicos as condições de conservação forem favoráveis, é possível recolher restos de animais e vegetais. A análise (quantificação e identificação) desses restos permite entender os padrões de alimentação das populações pré-históricas, bem como reconstituir o ambiente pretérito. Com ela também podemos conhecer as relações entre os homens e os animais e vegetais, que com eles conviveram na pré-história, como atuaram entre si e como seus padrões de adaptações mútuas mudaram através do tempo.

Os restos de vegetais mais comuns de aparecer são os frutos lenhosos (coquinhos) e as sementes. Os de animais são os ossos, muito quebrados para o aproveitamento do tutano ou trabalhados para a confecção de artefatos, os dentes, as conchas e as carapaças (crustáceos).

Entende-se como grupos caçadores-coletores as populações com padrão de alimentação predominantemente de caça e coleta, que compreende a caça de répteis, aves e mamíferos de qualquer tamanho e ambiente, a pesca de peixes, a coleta de moluscos, de insetos e suas larvas, de crustáceos, de mel de abelhas silvestres, de ovos e de vegetais e seus produtos. Dependendo do ambiente e do padrão cultural, um grupo de caçadores-coletores irá acentuar uma ou mais destas atividades, não necessariamente realizando todas as aqui enumeradas. Na maioria dessas sociedades a coleta de vegetais e pequenos animais e seus produtos contribui em cerca de oitenta por cento da alimentação, atividade esta desenvolvida por mulheres e jovens. Pode ocorrer o plantio de vegetais úteis como alimento, medicamento, atrativo para a caça e fonte de matéria prima para diversos fins, não domesticados, no ambiente explorado.

Entende-se como grupos horticultores aquelas populações com padrão de alimentação predominantemente baseado no cultivo de vegetais domesticados, sem a utilização de arado e adubo, pois o uso desses itens

André Jacobus

caracteriza grupos agricultores. Os horticultores necessariamente caçam e coletam, pois somente os vegetais domesticados não forneceriam as proteínas essenciais à sobrevivência do organismo.

Para que os caçadores pré-históricos obtivessem sucesso necessitavam desenvolver suas estratégias de caça, bem como suas armas e armadilhas de acordo com a disponibilidade relativa dos animais e com a relativa dificuldade de capturá-los. As variáveis que influem na disponibilidade relativa da caça são o tamanho, isto é, seu comprimento e peso e o padrão de agregação, ou seja, se a caça vive sozinha, aos pares ou em grupos. Quanto à relativa dificuldade de capturar a caça as variáveis consideradas são: o ciclo de atividade diária, isto é, se o animal é ativo de dia, de noite ou no crepúsculo; o comportamento de defesa, se o animal se imobiliza, esconde, foge ou ataca; o local de alimentação e descanso, se é subterrâneo, terrestre, arbóreo, aquático ou aéreo e o ambiente em que vive (deserto, campo, lago, rio, mar, floresta temperada, floresta tropical, etc.) (Lustig-Arecco, 1979:39-60 e 1985:45-73; Hesse e Wapnish, 1985:12).

A análise de restos de animais e vegetais encontrados em sítios arqueológicos requer tempo, paciência e visão crítica, além de uma boa coleção de espécimes recentes e bibliografia especializada. Há nove anos iniciamos esta tarefa e temos recebido o auxílio de muitos amigos e instituições. Gostaríamos de registrar aqui a gratidão ao Instituto Anchieta de Pesquisas, ao CNPq e à CAPES pelas bolsas concedidas. Ao professor Pedro Ignácio Schmitz pela orientação fornecida durante estes anos. Aos amigos que contribuíram para o crescimento de nosso trabalho, e principalmente àqueles que deram valiosas sugestões para a melhoria deste texto, cujo original foi escrito em 1986. Um agradecimento especial cabe ao amigo Werlei Leonel Mazouhy Gomes, que tão dignamente acolheu nossas sugestões enquanto elaborava meticulosamente as figuras que ilustram este texto. Agradecemos ao amigo Jairo Henrique Rogge que tão pacientemente legendou aquelas figuras.

1. Os Primeiros Povoadores

Como primeiros povoadores denominamos os grupos de caçadores-coletores que aqui viveram entre cerca de 11.000 e 6.500 anos antes de Cristo. Este intervalo de tempo corresponde ao final da última glaciação mundial e ao início do período interglacial que atualmente vivemos. Abordamos aqui os animais que conviveram com e que, possivelmente, foram caçados e coletados por aqueles grupos. São desconhecidos restos de animais e vegetais que indiquem o seu uso pelos primeiros povoadores do Estado.

Os animais que com eles conviveram são conhecidos através de fósseis, encontrados em sedimentos relativos àquele período. De concreto o que se conhece, são fósseis de moluscos e mamíferos, a maioria desses de grande porte, conhecidos como megamamíferos ou megafauna. Mesmo não sendo conhecidos fósseis, é certo que aqui viviam insetos, crustáceos, peixes,

anfíbios, répteis e aves semelhantes aos atuais, que poderiam ter sido utilizados pelos primeiros povoadores. A maioria dos mamíferos que hoje vivem no Estado, já existiam naquela época. Fósseis de puma, capivara, anta, porco-do-mato, lhama, cervo-do-pantanal, veado-campeiro foram encontrados em sedimentos correspondentes àquele período.

São conhecidas dezoito espécies de megamamíferos, muitas delas tendo sido abundantes no Estado. Possivelmente todas chegaram a conviver com os homens. Não se sabe a época de extinção de muitas delas em nosso território, mas a julgar pela sua presença em sítios arqueológicos da Argentina, datados de até seis mil anos antes de Cristo, acredita-se que também viveram no Rio Grande do Sul nesse período. Descreveremos, a partir dos dados publicados por Bombin (1975), Cartelle (1983), Cuisin (1979), Mendes (1977) e Paula Couto (1979), estas espécies de megamamíferos. As cinco figuras que ilustram o texto fornecem a visão da possível forma destes magníficos mamíferos extintos, baseada em seus esqueletos e na forma de espécies atuais aparentadas com aquelas. Nas figuras todos os animais foram desenhados na mesma escala, para apreciar seus tamanhos em relação ao homem, que foi representado como tendo 1,75 m, o que seria uma pessoa alta para os padrões da época.

Aqui existiram cinco espécies de preguiças-terrestres; eram semelhantes às preguiças atuais, de hábitos terrestres e atingiam comprimentos de dois a seis metros. O corpo era coberto de pelos grosseiros, como os das preguiças e tamanduás. Andavam sobre as quatro patas, que eram torcidas, apoiando-se no solo com a face externa dos pés e com o dorso das mãos. Disso resultava uma marcha pesada e lenta. Quando se erguiam para comer folhas de árvores se apoiavam nas patas traseiras e na cauda musculosa. O notrotério (Figura 1.2) tinha cerca de 2 m de comprimento, as mãos tinham três dedos e os pés cinco, com garras estreitas e compridas. Possivelmente treparia em árvores, para comer suas folhas. O selidotério (Figura 2.1) tinha aproximadamente 2,5 m de comprimento e 1 m de altura no garrote. A cabeça era alongada e as patas tinham quatro dedos. O glossotério (Figura 5.1) com cerca de 3,5 m de comprimento era semelhante ao notrotério e tinha três dedos em cada pata. Era uma espécie abundante no Estado. O lestodonte (Figura 1.4) com 4,5 m de comprimento tinha o focinho muito alargado e também era abundante aqui. O megatério (Figura 2.4) com cerca de 6 m de comprimento, tinha o crânio, a mandíbula e os dentes semelhantes aos de uma preguiça e a coluna vertebral e os membros semelhantes aos de um tamanduá. Alimentava-se de folhas, brotos, caules de gramíneas e ramos de árvores, bem como de raízes volumosas. Sua cauda era robusta e musculosa. As mãos tinham quatro dedos, três deles dotados de garras e os pés tinham três dedos, um deles com uma grande garra.

No Rio Grande do Sul viveram três espécies de gliptodontes, que eram animais semelhantes aos tatus, com comprimentos de dois a quatro metros e

André Jacobus

meio. Possuíam uma carapaça não articulável, a cauda e a cabeça também eram protegidas por placas rígidas. O gliptodonte (Figura 3.2) tinha cerca de 2 m de comprimento e 1,5 m de altura, com a carapaça muito espessa e bombeada. A cauda era protegida por uma série de anéis móveis, com diâmetros progressivamente menores, em direção à extremidade, terminando em um curto tubo. A mão tinha quatro dedos com garras longas e fortes, o pé tinha cinco dedos. O crânio era alto, largo e curto, a mandíbula alta. Alimentava-se de vegetais e possivelmente de pequenos animais. Era uma espécie abundante no Estado. O panocto (Figura 2.2) com aproximadamente 2,5 m de comprimento, tinha a carapaça bombeada, espessa e alongada, com prolongamentos laterais na parte anterior. A cabeça era protegida por um casquete convexo. A cauda tinha sete anéis de diâmetros decrescentes até a extremidade, terminada por um tubo robusto, longo e muito achatado lateralmente, provido de quatro grandes verrugas laterais, de cada lado. As patas tinham quatro dedos e o crânio era alto e estreito. O dedicuro (Figura 1.1) com cerca de 4,5 m de comprimento e 1,5 m de altura, tinha a carapaça hemisférica e alta. A cauda era longa, na base tinha sete anéis móveis e terminava por um tubo de 1,3 m de comprimento, muito achatado e engrossado na ponta por uma clava de espinhos córneos. A mão tinha três dedos e o pé quatro. Aqui também viveu uma espécie de tatu-gigante, o pampatério (Figura 4.4), semelhante ao tatu-canastra, mas bem maior. Tinha cerca de 3 m de comprimento.

A única espécie de carnívoro que aqui viveu, por nós conhecida, é um representante dos felídeos, o esmilodonte (Figura 5.2), também conhecido por tigre-dentes-de-sabre. Era bem maior do que um leão, atingindo 3,5 m de comprimento. Tinha os membros anteriores bem mais robustos que os posteriores, indicando um modo de captura das presas diferente do utilizado pelos grandes felídeos atuais. Os dentes caninos superiores eram arqueados e em forma de sabre bi-gume nos seus terços terminais. Tinham cerca de 20 cm de comprimento e seus rebordos eram afilados e finamente serrilhados. A mandíbula se abria até a vertical, de modo que os caninos superiores poderiam ser usados como punhais.

Uma espécie que atualmente não tem nenhum representante do mesmo grupo era a macrauquénia (Figura 3.1). Lembrando ao mesmo tempo um cavalo e uma anta, tinha 3,5 m de comprimento e 1,5 m de altura no garrote, sua cabeça apresentava uma pequena tromba. As patas tinham três dedos e eram adaptadas a uma vida em regiões pantanosas e margens de lagoas e mal adaptadas à corrida. Outra espécie que não tem representantes atuais era o toxodonte (Figura 4.3), que lembrava um rinoceronte na aparência e um hipopótamo nos hábitos. Tinha cerca de 4,5 m de comprimento e uma notável corcova dorsal. Seus membros eram curtos e maciços, colunares, os anteriores mais curtos que os posteriores e as patas tinham três dedos. Foi uma espécie abundante no Estado.

Aqui viveram duas espécies de mastodontes, animais semelhantes aos elefantes. O estegomastodonte (Figura 3.3) com cerca de 3,5 m de altura no garrote e defesas quase retilíneas com 1,5 m de comprimento. O haplomastodonte (Figura 4.2) tinha aproximadamente 2,5 m de altura no garrote e defesas curvadas para cima com 1,3 m de comprimento.

No Estado viveram duas espécies de cavalos, uma pequena, o hipídio (Figura 2.3), que era menor e mais pesado que um cavalo atual e provavelmente vivia em ambiente montanhoso, e uma maior, o cavalo americano (Figura 1.3), que era semelhante na forma e no tamanho ao cavalo atual.

Aqui viveu um antepassado da lhama, a paleo-lhama (Figura 5.3), que tinha cerca de 2.7 m de comprimento e 1,5 m de altura no garrote. Um cervídeo, o morenelafo (Figura 4.1), que era semelhante na forma e no tamanho a um cervo-do-pantanal, só que sua galhada era mais ramificada.

Em um sítio, pesquisado por Eurico T. Miller (1987), que indicaria a presença dos primeiros povoadores do Estado, foi encontrado um crânio extremamente fragmentado, atribuído ao glossotério, que forneceu uma data de radiocarbono de 10.820 anos a.C. Até o momento não ficou provado que este crânio estivesse associado aos vestígios arqueológicos desse sítio, o que possibilitaria a dedução da sua captura pelos ocupantes do mesmo. Apenas se sabe que estavam no mesmo nível. Outro detalhe que torna questionável a captura do glossotério, pelos fabricantes daqueles artefatos líticos, é o fato de ter sido encontrado somente o crânio, faltando a mandíbula e outros ossos de seu esqueleto. O crânio não apresenta inquestionáveis marcas de corte, produzidas por artefatos líticos, que apareceriam se o animal tivesse sido descarnado por aqueles homens que ocuparam o local. No entanto, podemos deduzir que houve a captura de animais, não necessariamente megamamíferos, pelos primeiros povoadores do Estado. Outros sítios pesquisados por Miller, situados nesse período, apresentam pontas-de-projétil líticas, que são indícios inquestionáveis da realização de caçadas.

2. As Culturas sem Cerâmica

A partir do quinto milênio antes de Cristo o Estado foi progressivamente ocupado por grupos de três culturas com tradições tecnológicas bem definidas, nenhuma delas possuindo artefatos de cerâmica. As mesmas são descritas no capítulo "O Mundo da caça, da pesca e da coleta", neste volume.

Da tradição Humaitá são desconhecidos, no Estado, restos de alimentos, o que impede que se tenha uma visão mais precisa dos padrões de alimentação dos portadores dessa cultura. Mas um sítio com vestígios arqueológicos dessa tradição, encontrado na Província de Misiones (República Argentina), forneceu restos de animais, que possibilitam a dedução de como os grupos Humaitá do Estado usavam os animais. Segundo Rizzo (1968:13-14)

foi constatada a captura de anta, veado-mateiro, de moluscos bivalves de água doce e de aruá-do-mato (o grande caramujo comum nas hortas).

Dos recursos para a alimentação os indivíduos dessa tradição dispõem de animais aquáticos e terrestres das mesmas espécies que ocorrem no Estado e daquelas que ocorriam até o final do século passado. Também dispõem de larvas de insetos, dos ovos de diversas aves e répteis, bem como do mel de abelhas nativas. Dos recursos vegetais dispõem, além de folhas e raízes, de cerca de setenta espécies de frutos nativos, que da listagem de Mattos (1978) podemos citar os seguintes: quaresma, jabuticaba, cereja, pitanga, guabioba, goiaba, maracujá, butiá, jerivá, tucum, pinhão, tuna ou figo-da-india e tarumã. Estes recursos animais e vegetais, distribuídos em diversos ambientes, também estariam à disposição dos grupos de outras tradições pré-cerâmicas, bem como aos das populações ceramistas.

Da tradição Umbu portadora de típicos artefatos para a caça, as pontas-de-projétil e as bolas-de-boleadeira, são relativamente abundantes os restos de alimentos encontrados nos sítios, principalmente naqueles situados em abrigos-sob-rocha e em aterros. Dos restos vegetais são escassos os materiais encontrados, quase sempre são coquinhos de jerivá ou butiá.

Antes de comentar a respeito dos restos de animais, por nós analisados, recuperados em sítios das tradições que ocorreram no Estado, devemos ressaltar algumas questões. Os percentuais dos restos de animais indicam sua proporção relativa porque estão baseados no número total de fragmentos identificáveis, e não no número de indivíduos capturados ou no total dos restos recuperados. Isto é, nos baseamos na quantificação daqueles fragmentos que possibilitaram a identificação do tipo de animal a que pertencem. Esta proporção torna-se relativa porque alguns animais podem ter seu esqueleto muito mais fragmentado do que outros, quer pela ação dos homens pré-históricos quer pela ação dos sedimentos do sítio. O cálculo do número de indivíduos capturados, pelos animais vertebrados, é muito complexo, pois que se consegue ter a certeza da espécie animal à qual, um fragmento pertence, quando esta faz parte de um gênero com mais de uma espécie. Normalmente é possível identificar até o nível de família. Isto ocorre devido ao escasso conhecimento do esqueleto dos animais que ocorrem no país, divulgado pelos zoólogos. A identificação dos restos de aves é ainda mais problemática, porque seus ossos são muito semelhantes entre os diferentes grupos e também porque não se conservam com a mesma facilidade do que os de outros vertebrados. Já para os invertebrados, no caso os moluscos e crustáceos, esse cálculo é facilitado pelo tipo de restos recuperados, conchas para os primeiros e pinças (dátilo móvel e fixo) para os segundos.

Ao analisarmos um amostra de restos de animais encontrados em um sítio de abrigo-sob-rocha, da tradição Umbu, localizado no vale do rio Maquiné em Osório, identificamos cerca de 400 ossos de mamíferos e algumas dezenas de outros animais. Quantitativamente os mamíferos estavam assim representados: 46% de tatus, 29% de cervídeos (veado-campeiro e veado-

mateiro), 13% de carnívoros (graxaim, gato-do-mato e lontra), 6% de roedores (preá, cutia, ratão-do-banhado e ouriço-cacheiro), 3% de porco-do-mato-cateto, 2% de anta, 2% de bugio e 0,5% de gambá. Também identificamos restos de cágados, lagartos, peixes, aves e moluscos (aruá-do-mato, um bivalve de água doce e seis espécies marinhas) (Jacobus, 1985:64-65 e 70). Certamente os mamíferos mais capturados foram os cervídeos, pois segundo os registros da escavação do sítio, (Miller, 1969), havia muitas tocas de tatus. Provavelmente esses animais também foram caçados pelos ocupantes do sítio, mas a maioria dos restos estavam inteiros, e não quebrados como acontece com restos de alimentação, indicando que morreram no próprio sítio.

Dessa tradição também foram analisados alguns restos de alimentação de um sítio em abrigo-sob-rocha, localizado no vale do rio Caí (Ribeiro, 1972). Foram identificados restos de anta, veados, porcos-do-mato, tatus, graxaim, jaguatirica, ovos de ema, lagartos e moluscos (uma espécie terrestre, o aruá-do-mato, quatro de água doce e três marinhas). Certamente serão identificadas muitas outras espécies quando os restos de alimentos, cerca de 53 quilos, recuperados nesse sítio sofrerem um real tratamento qualitativo e quantitativo.

De um sítio de aterro, da tradição Umbu, localizado junto ao arroio Chuí em Santa Vitória do Palmar, analisamos cerca de 130 restos de animais. Os mamíferos estavam assim distribuídos: 88% de cervídeos (veado-campeiro e veado-mateiro), 11% de roedores (preá e ratão-do-banhado), 1% de tatus e 1% de graxaim. Identificamos também alguns restos de miraguaia e de aves (Jacobus, 1-985:64-65 e 69; Jacobus e Gazzaneo 1988).

Em dois sítios de aterro, localizados em Rio Grande, foram identificados, por Maria Helena Abraão Schorr (1975:43-61), cerca de cinco mil e duzentos restos de alimentos. Este total estava assim distribuído: 96% de peixes (corvina, bagre, castanha e miraguaia), 1,5% de aves (espécies não identificadas), 1% de crustáceos (siri-azul e siri-da-areia), 1% de moluscos (espécies não identificáveis) e 0,5% de mamíferos (preá, ratão-do-banhado e outras espécies não identificadas). observamos que esta quantificação é de todos os restos de animais recuperados nos sítios, e não somente aqueles identificáveis. A proporção de aves na realidade é muito menor, pois a maioria dos restos são de répteis e outros de mamíferos (Jacobus e Gazzaneo, 1988).

Da tradição de caçadores-coletores litorâneos, os sambaquianos, são abundantes os restos de alimentação, mas pouco conhecidos, pois a maioria dos sítios pesquisados no Estado não tiveram seus dados publicados.

A equipe da PUC/RS realizou escavações em um grande sítio litorâneo localizado em Itapeva (Torres). Analisamos cerca de 1.540 restos de animais da primeira escavação, que totalizou 24 metros quadrados (Jacobus e Gil, 1987; Gazzaneo, Jacobus e Momberger, 1989). O sítio teve quatro ocupações, das quais apresentamos os resultados das análises da segunda e terceira ocupações. Do total de restos animais identificáveis da escavação, cerca de 980 (64%) pertenciam à segunda ocupação. os animais estavam assim

André Jacobus

distribuídos: 93% de moluscos (aruá-do-mato e doze espécies marinhas), 5,5% de peixes (miraguaia, corvina, bagre e castanha), 1% de mamíferos (veado-campeiro, cutia, lobo-marinho) e 0,5% de aves (pinguim-de-Magalhães e outras espécies não identificadas). A terceira ocupação forneceu cerca de 375 (24%) restos identificáveis, assim distribuídos: 47% de moluscos (nove espécies marinhas), 32% de peixes (miraguaia, corvina, bagre e castanha), 15% de mamíferos (anta, porco-do-mato-cateto, veado-campeiro, gambá, lobo-marinho e ratão-do-banhado), 5% de aves (pinguim-de-Magalhães) e 1% de répteis (cágado e lagarto). Note-se que considerando o peso dos animais capturados, os moluscos não apresentam tanta importância como a proporção faz parecer.

3. As Culturas com Cerâmica

A região meridional do Estado foi ocupada, desde há dois mil anos atrás, por uma cultura de tradição tecnológica possuidora de cerâmica, denominada de tradição Vieira. Nos sítios dessa tradição são relativamente abundantes os restos de animais, sendo raros os restos de vegetais.

Analizamos 83 restos de animais provenientes de quatro sítios de aterro, dessa tradição, localizados em Camaquã (Jacobus e Gazzaneo, 1988; Rüttschling, 1989). Os restos estavam assim distribuídos: 58% de cervídeos (veado-campeiro e cervo-do-pantanal), 31% de roedores (preá e ratão-do-banhado) e 11% de carnívoros (graxaim, lobo-guará, mão-pelada, lontra e gato-do-mato).

Também analisamos os restos de animais de um sítio de aterro, localizado junto ao arroio Provedores em Santa Vitória do Palmar. Foram identificados 64 restos de animais, assim distribuídos: 94% de cervídeos (veado-campeiro), 3% de gambá, 1,5% de graxaim e 1,5% de preá.

De três sítios de aterro, da tradição Vieira, localizados em Rio Grande, foram analisados cerca de 107 mil restos de animais (Schorr, 1975:62-90). Estes restos estavam assim distribuídos: 68% de peixes (corvina, bagre, castanha e miraguaia), 17% de crustáceos (siri-azul e siri-da-areia), 6% de aves, 5% de mamíferos (preá e ratão-do-banhado e outros não identificados) e 4% de Moluscos. As mesmas observações feitas para os sítios da tradição Umbu, analisados por esta pesquisadora, servem para estes sítios.

O Planalto e as regiões setentrionais da Depressão Central e da Planície Costeira foram ocupadas, desde há dois mil anos atrás, por grupos portadores de uma tradição tecnológica possuidora de cerâmica, denominada de tradição Taquara. Os restos de alimentos recuperados em seus sítios são muito escassos.

Em dois sítios dessa tradição, localizados no vale do rio das Antas, foram identificados restos de milho, pinhão e de porongos (Miller, 1971:45). Em outro sítio, localizado no vale do rio Caí, entre os restos de animais foram identificados os seguintes: anta, veados, porcos-do-mato, ratão-do-banhado, cutia, tatus, lagartos, aves e moluscos (Ribeiro, 1975:13). Em sítios localizados

no litoral, predominam os restos de moluscos bivalves de água doce (comunicação pessoal de Jussara Louzada Ferrari).

Em todo o Estado as regiões, com uma altitude de até 400 m, que ofereciam solos apropriados ao cultivo, foram ocupadas por populações com uma tradição tecnológica possuidora de cerâmica, denominada de tradição Tupiguarani. A grande maioria dos sítios são abertos, tornando quase impossível a conservação dos restos de alimentos, sendo muito raros aqueles que os apresentam.

Um sítio dessa tradição, localizado em Candelária, foi pesquisado pela equipe do Museu do Colégio Mauá (Santa Cruz do Sul) e forneceu restos de animais que totalizaram cerca de dez quilos, recuperados numa escavação de 353 metros quadrados. Os restos de mamíferos estão assim distribuídos: 42% de cervídeos (veado-campeiro e cervo-do-pantanal), 16% de roedores (capivara, paca, cutia, preá, ouriço-cacheiro e ratão-do-banhado), 13% de primatas (bugio e mico), 10% de gambá, 5% de anta, 5% de porco-do-mato-cateto, 5% de carnívoros (gato-do-mato, mão-pelada, lontra, zorrilho, graxaim), 3% de coelho selvagem (tapiti) e 1% de tatus. Também aparecem restos de peixes (corvina e bagre), de répteis (cágado, lagarto e jacaré), de aves, de rãs e de moluscos (aruá-do-mato, uma espécie de água doce e uma marinha) (Jacobus, 1985:64-65 e 70; Schmitz e outros, 1990:79-94).

Em outro sítio dessa tradição, localizado em Viamão, foram identificados, entre mais de três quilos de restos de animais recuperados, os seguintes mamíferos: veado-campeiro, cervo-do-pantanal, lontra, mão-pelada, gato-do-mato, gambá, mico, preá, paca e porco-do-mato-cateto. Também havia restos de aves, de lagartos e de bagre (Gazzaneo, 1990: 131-133).

Conclusão

Os grupos indígenas que ocuparam o Rio Grande do Sul, na pré-história, adquiriram as proteínas necessárias através de uma caça generalizada, onde havia certas preferências, como por exemplo, de veados ou de peixes. A captura de algumas espécies em vez de outras, poderia ser determinada são somente pelos hábitos alimentares (tabus) dos diversos grupos, mas também pelas disponibilidades e dificuldades de capturá-las.

Não havendo animais domesticados, que fornecessem proteínas regular e seguramente, tanto os grupos caçadores-coletores e os horticultores tinham uma economia predatória nesse sentido. O certo é que todas as populações pré-históricas tinham um sistema de relacionamento com o ambiente, que permitia a sua sobrevivência por dezenas de gerações, muito mais eficientes do que aquele que apresentamos hoje, destruindo a fauna e a flora do Estado.

Referências Bibliográficas

- BOMBIN, M. 1975. Afinidade paleoecológica, cronológica e estratigráfica do componente de megamamíferos na Biota do Quaternário terminal da Província de Buenos Aires (Argentina), Uruguai e Rio Grande do Sul (Brasil). *Comunicações do Museu de Ciências da PUC/RS* 9:1-28.
- CARTELLE, C. 1983. Tesouro fóssil no sertão bahiano. *Ciência Hoje* 5:36-43.
- CUISIN, M. 1979. *A vida secreta dos animais na pré-história*. 24 ed. Bertrand. Lisboa.
- GAZZANEO, M. 1990. Restos de alimentos no sítio de Itapoã. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 04:131-133.
- GAZZANEO, M.; JACOBUS, A. L. e MOMBERGER, S. 1989. O uso da fauna pelos ocupantes do sítio de Itapeva (Torres, RS). *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 03:123-144.
- HESSE, B. e WAPNISH, P. 1985. *Animal bones archaeology, from objectives to analysis*. Taraxacum. Washington.
- JACOBUS, A.L. 1985. Comparação dos vestígios faunísticos de alguns sítios arqueológicos (RS e GO). *Boletim do MARSUL* 3:61-76.
- JACOBUS, A. L. e GAZZANEO, M. 1988. *Contribuição da pesquisa zooarqueológica na área dos cerritos: problemas e perspectivas*. V Simpósio Sul-riograndense de Arqueologia. Rio Grande. Manuscrito.
- JACOBUS, A. L. e GIL, R. C. 1987. Primeira comunicação sobre os vestígios faunísticos recuperados no sítio de Itapeva (Torres, RS). *Veritas* 32 (125):115-119.
- LUSTIG-ARECCO, V. 1979. Recursos naturais e técnicas de caça. *Revista de Antropologia* 22:39-60.
- _____. 1985. Ecologia e cultura material: uma análise comparativa. *Pesquisas, Antropologia* 40:43-73.
- MATTOS, J. R. 1978. *Frutos comestíveis do Rio Grande do Sul*. 20 ed. IPRNRJSA. Porto Alegre.
- MENDES, J. C. 1977. *Vida pré-histórica*. INL/Melhoramentos/EDUSP. São Paulo.
- MILLER, E. T. 1969. Resultados preliminares das escavações no sítio pré-cerâmico RS-LN-1: Cerrito Dalpiaz (abrigo-sob-rocha). *Iheringia, Antropologia* 1:42-112.
- _____. 1971. Pesquisas arqueológicas efetuadas no Planalto meridional, Rio Grande do Sul (Rios Uruguai, Pelotas e das Antas). *Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas* 15:37-60.
- _____. 1987. Pesquisas arqueológicas paleoindígenas no Brasil ocidental. *Estudios Atacameños* 8:37-61.
- PAULA COUTO, C. de. 1979. *Tratado de Paleomastozoologia*. Acad. Bras. de Ciências. Rio de Janeiro.
- RIBEIRO, P. A. M. 1972. Sítio RS-C-14: Bom Jardim Velho (abrigo-sob-rocha). Nota prévia. *Iheringia, Antropologia* 2:15-58.

Alimentos Utilizados pelo Homem na Pré-História

_____. 1975. Os abrigos-sob-rocha do Virador, no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Nota prévia. *Revista do CEPA* 2:1-25.

RIZZO, A. 1968. Hallazgos arqueológicos efectuados en un yacimiento en gruta en Tres de Mayo, Provincia de Misiones. República Argentina. *Pesquisas, Antropologia* 18:11-19.

RÜTHSCHILLING, A. L. B. 1989. Pesquisas Arqueológicas no baixo rio Camaquã. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 03:07-106.

SCHMITZ, P. I. e outros. 1990. Uma aldeia Tupiguarani. Projeto Candelária, RS. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 04.

SCHORR, M. H. A. 1975. Abastecimento indígena na área alagadiça lacustre de Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cadernos da Assoc. Santanense pró Ens. Superior* 1:1-116.

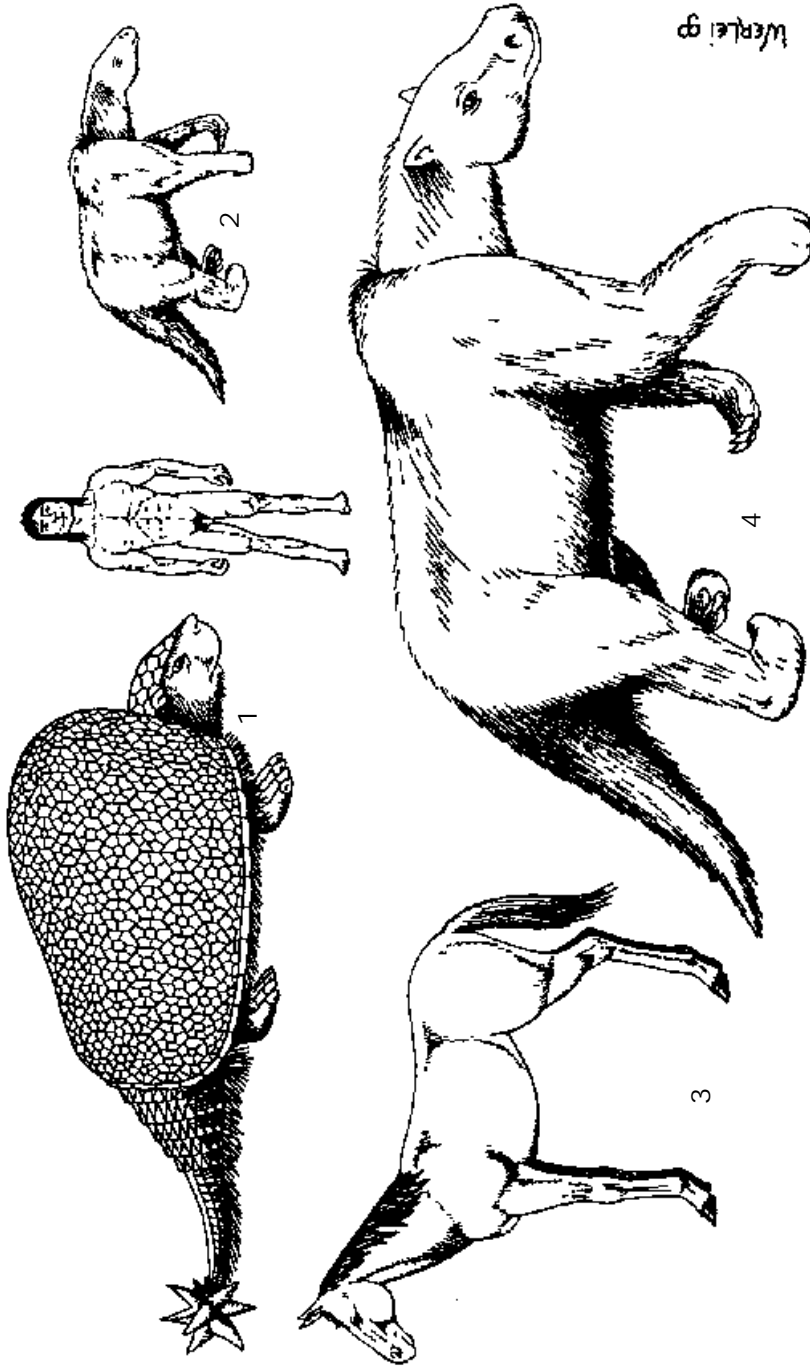


Figura 1: 1 - Dedlicuro; 2 - Notrotério; 3 - Cavallo Americano; 4 - Lestodonte



13 - Figura 2: 1 - Selidotério; 2 - Panocto; 3 - Hipídio; 4 - Megatério

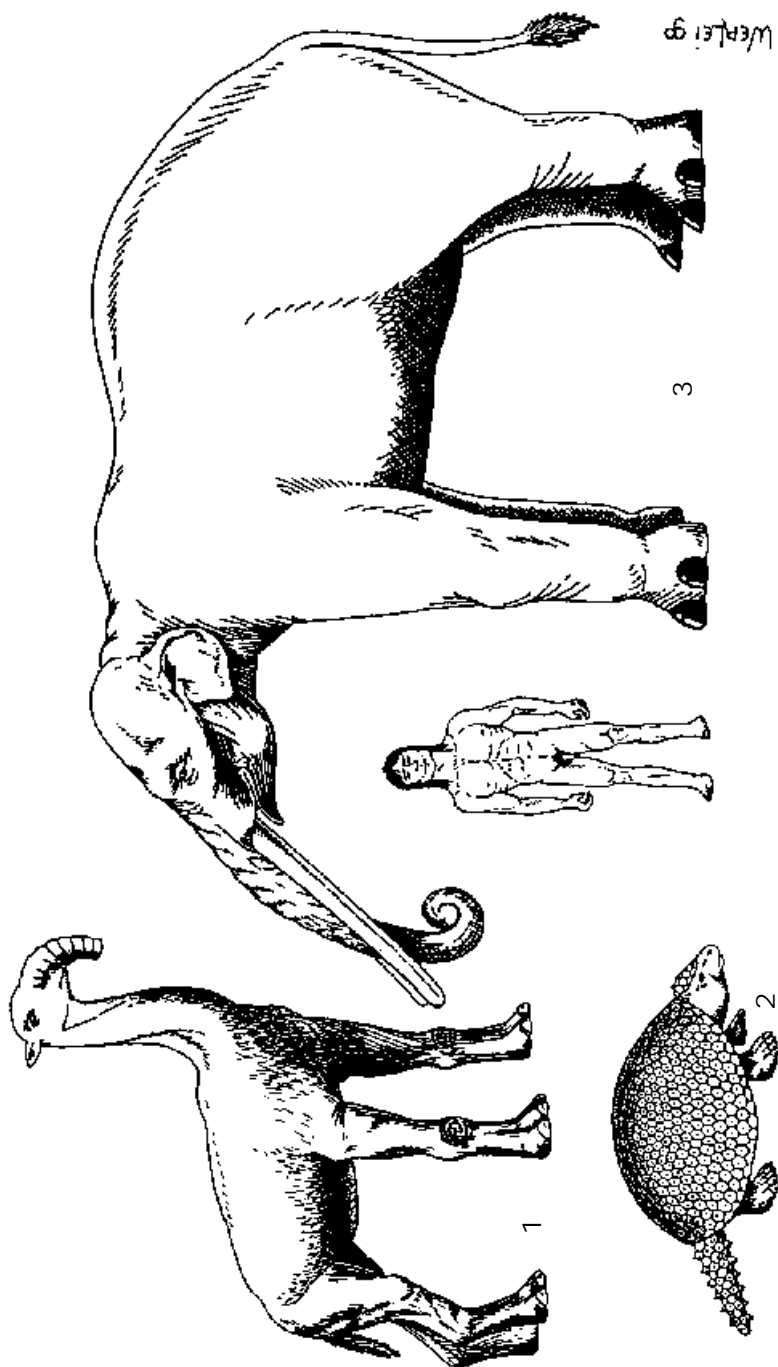


Figura 3: 1 - Macrauchenia; 2 - Gliptodonte; 3 - Estegomastodonte

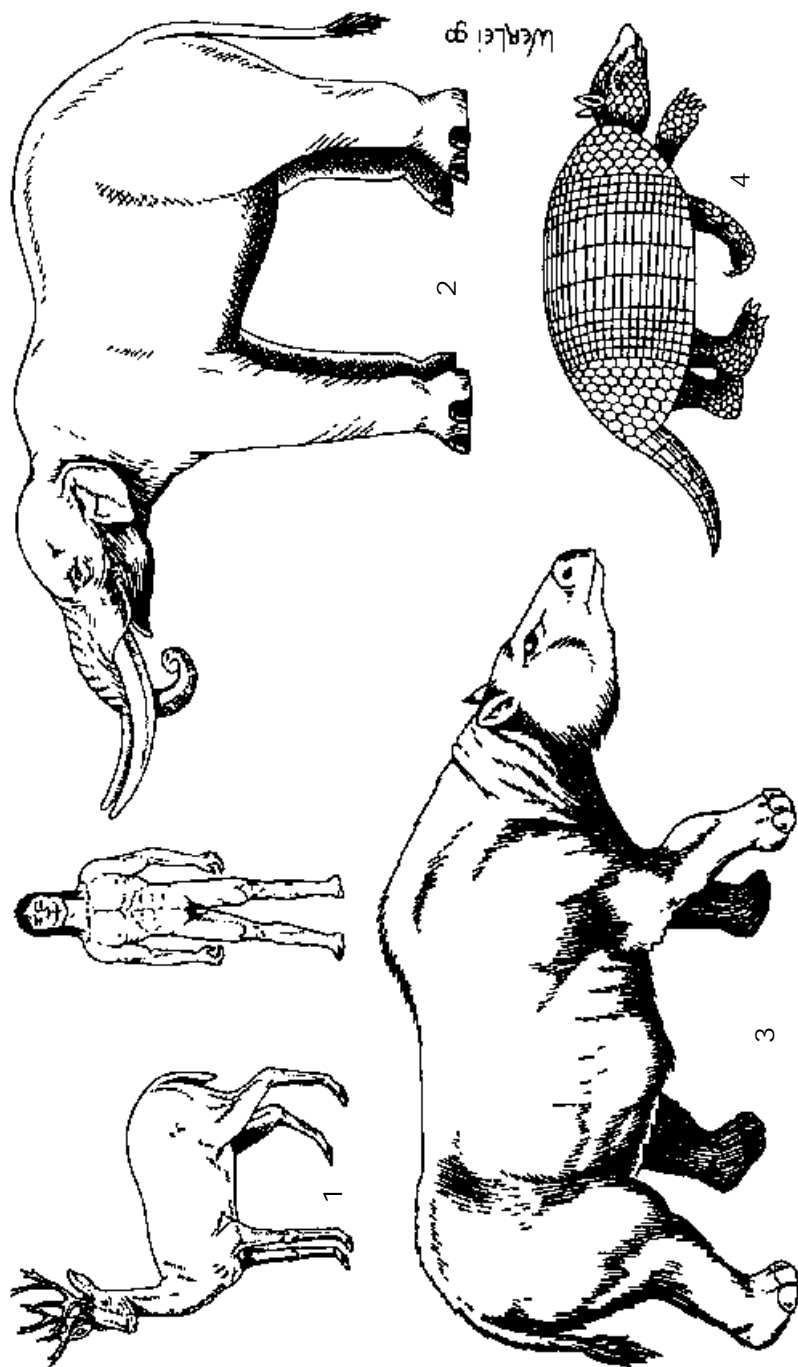


Figura 4: 1 - Morenelafo; 2 - Haplomastodonte; 3 - Toxodonte; 4 - Pampatério

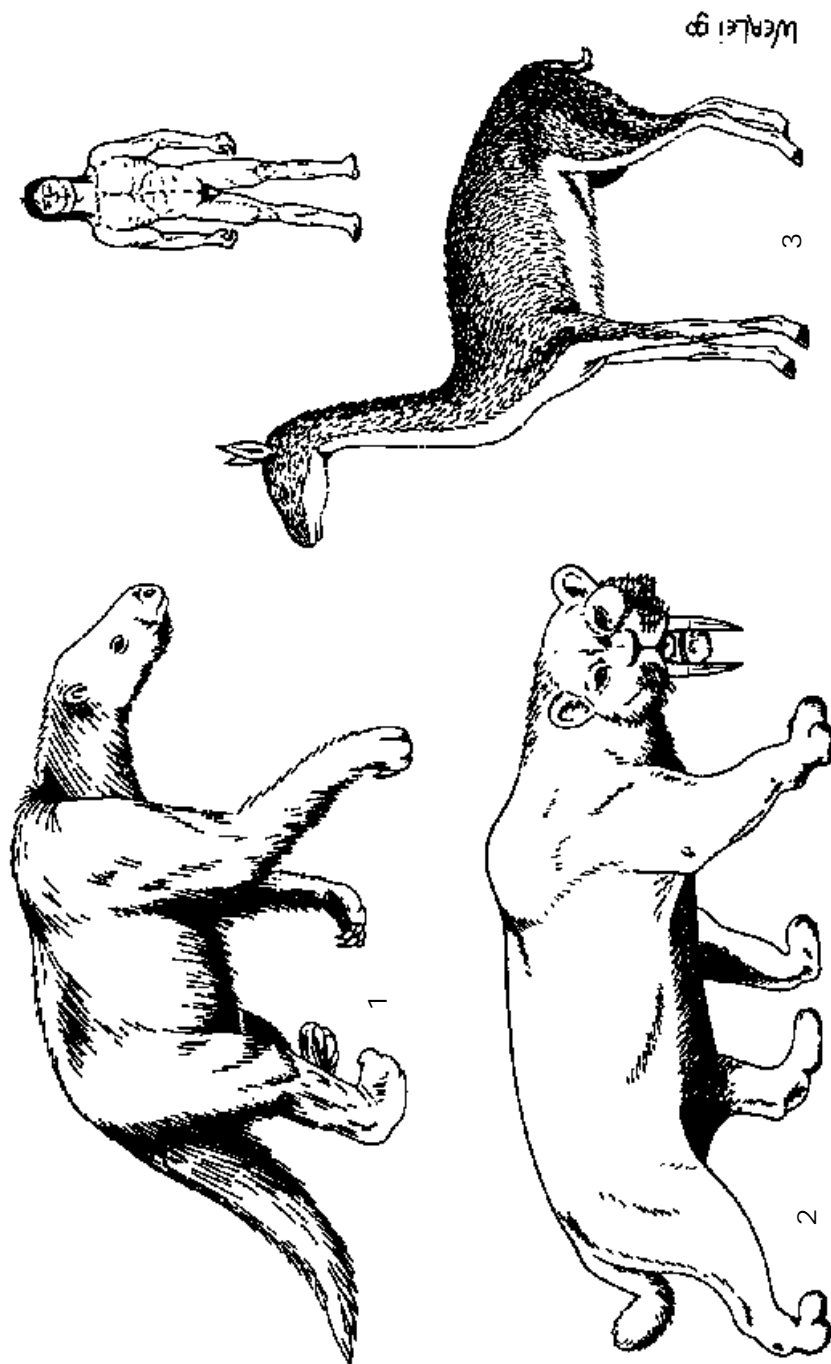


Figura 5: 1 - Glossotério; 2 - Esmilodonte; 3 - Paleolhama